

Cascata de Luz

Pelo Espírito **LUIZ SÉRGIO**
IRENE PACHECO MACHADO



CASCATA DE LUZ

Ditada pelo Espírito:

Luiz Sérgio

Psicografada por:

Irene Pacheco Machado

Digitalizada por:

L. Neilmoris

© 2008 – Brasil

www.luzespirita.org

Cascata de Luz

Ditada por:
LUIZ SÉRGIO

Psicografada por:
IRENE PACHECO MACHADO

ÍNDICE

Mensagem ao Leitor – **pág. 5**

- 1 – Alma e Espírito – **pág. 7**
- 2 – Espírito — Matéria — Fluido Vital – **pág. 12**
- 3 – As portas da Paz – **pág. 17**
- 4 – Evangelho querido – **pág. 22**
- 5 – Educação mediúnica – **pág. 24**
- 6 – O Orientador Espírita – **pág. 27**
- 7 – Obras Básicas, um curso superior – **pág. 35**
- 8 – Caridade: Deus no coração – **pág. 38**
- 9 – O trabalho de desobsessão – **pág. 40**
- 10 – A cidade do pântano – **pág. 51**
- 11 – Em busca do aprendizado – **pág. 63**
- 12 – Orientação doutrinária – **pág. 66**
- 13 – Evangelização infanto-juvenil – **pág. 74**
- 14 – Tratamento espiritual – **pág. 81**
- 15 – Pesquisando os Apóstolos do Espiritismo – **pág. 84**
- 16 – O estudo como alicerce – **pág. 87**
- 17 – Identidade dos Espíritos – Meu encontro com
Francisca Theresa – **pág. 97**
- 18 – Os pintores zombeteiros – Janice, uma discípula do Cristo – **pág. 102**
- 19 – A chegada do Consolador – **pág. 108**
- 20 – Evocação de Espíritos – **pág. 116**
- 21 – Juventude e família – **pág. 122**
- 22 – Obsessão: doença da atualidade – **pág. 126**
- 23 – A fonte cristalina do estudo – **pág. 134**
- 24 – A construção de templos – **pág. 140**
- 25 – Caridade – Moeda do mundo espiritual – **pág. 142**
- 26 – Aprendendo a desencarnar – **pág. 150**
- 27 – OCAJ, a enciclopédia do amor – **pág. 157**
- 28 – Linguagem, natureza e identidade dos Espíritos – **pág. 164**
- 29 – Mediunidade disciplinada – **pág. 168**
- 30 – A árvore do Espiritismo – **pág. 176**

Mensagem ao Leitor

Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás ao Senhor nosso Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, e com toda força. E estas palavras que hoje eu te ordeno estarão gravadas no teu coração; e tu as ensinarás a teus filhos, e as meditarás sentado em tua casa e andando pelo caminho, e estando no leito, e ao levantar-te. (Deuteronômio, Capítulo 6º, versículos 4 a 7).

Muitos livros do nosso irmão Luiz Sérgio já chegaram às suas mãos. Primeiro, foram suas emoções no novo mundo, pequenas mensagens para sua família carnal que, intuída, levou-as até a verdadeira família, a espiritual. Ao se deparar com os relatos do além-túmulo, alguns deslumbraram-se e fizeram de Luiz Sérgio um irmão, um amigo.

Todavia ele não parou aí, compreendeu que cada ser assume um compromisso com Deus, que não fomos criados para viver trancafiados nas quatro paredes dos nossos lares, que lá fora, como fez Jesus, devemos ajudar muitos irmãos em desespero.

Ciente de que é preciso desenvolver os talentos, porque do Pai os recebemos, o Luiz buscou os ensinamentos espirituais e recebeu a incumbência de relatar os acontecimentos que envolvem o submundo dos drogados. Certos espíritos ficaram assombrados: como poderia um espírito falar de sexo, drogas, enfim, de fatos tão tristes? Mas ele continuou sua escalada, trazendo até seus irmãos o alerta. Hoje o tóxico mata e aleija a juventude, e a sociedade ainda se encontra passiva, por temer aqueles que julga poderosos: os chefões do narcotráfico. Juntamente com as organizações do tóxico caminha o desrespeito ao sexo e os relacionamentos tomaram proporções alarmantes: basta um olhar do homem para a mulher, ou vice-versa, para julgarem-se no direito de brincar com algo muito sério: o mecanismo da vida física. Acumulando imprudência, desamor, desconhecimento espiritual, os casais vão fugindo dos compromissos morais. E aí, sem piedade, matam o fruto da relação inconsequente. Mas o mundo espiritual gritou por socorro e o Luiz cumpriu com seu dever. A espiritualidade, mais uma vez, através dos livros de Luiz Sérgio e de outros Espíritos, veio clamar para a sociedade: deixem-nos viver!

Muitos livros foram feitos, numa linguagem simples, é verdade, mas objetiva, que os jovens entendem, porque eles é que estão sofrendo mais, pois desde cedo aprendem a mentir, matando sonhos e ilusões. Diversas obras já trataram destes mesmos assuntos: sexo, tóxico, que atingem crianças e jovens, por isso achamos que já é tempo de buscarmos não as ovelhas que ficaram para trás, julgando que o que os Espíritos falam é um amontoado de inverdades, que drogar-se, prostituir-se, é viver a vida; mas neste livro queremos nos dirigir ao jovem são, aquele que está à procura

da verdade, aquele que almeja cumprir com o seu dever, o jovem que procura o livro espírita para se elucidar, porque deseja ter mente sã e corpo são.

Foi pensando nos leitores de Luiz Sérgio que o convidamos a escrever este livro, Cascata de Luz, para que ele, com seu jeito de menino-ancião, pudesse trazer até você um pouco dos ensinamentos dos Espíritos, uma matéria nada complicada, mas que fará com que da sua consciência sejam retiradas as asperezas da imperfeição, que não o deixam viver o Decálogo — código moral divino que nela foi gravado, para que cada um de nós se torne bom.

Esta a finalidade deste livro: levar até os leitores de Luiz Sérgio a chave do palácio dos conhecimentos doutrinários, que só encontramos nas obras básicas e nos livros dos grandes filósofos da Doutrina Espírita. O homem tem por dever encontrar a luz, pois somente ela irá clarear o caminho que nos leva a Deus. Se não nos tornarmos bons, jamais praticaremos boas ações. Cada ser tem de lutar para tornar-se um cumpridor de deveres e nem tanto cobrador de direitos.

Desejo, não só ao Luiz Sérgio, mas a todos os que lerem este livro, que banhem seus corações nesta Cascata de Luz, chamada Doutrina Espírita.

Lázaro José

1

ALMA E ESPÍRITO

Reunimo-nos no belo salão do Educandário de Luz onde Esdras, com sabedoria, ia falar sobre a tarefa de cada um de nós. Sentia-me emocionado, era uma nova fase da minha vida e lutava com todas as forças de meus sentimentos para bem aproveitá-la.

Esdras deixou-nos à vontade; poderíamos perguntar sobre todos os assuntos.

Permaneci calado, desejando apenas ouvir. Olhava ao meu redor, esperando rever alguém conhecido, mas naquele salão quase todos os rostos me pareciam estranhos. Não fiquei triste, ao contrário, encontrava-me feliz, naquele momento muito importante da minha vida. Recordei-me de todos os meus amigos leitores e por vocês cerrei os olhos e orei em silêncio.

Fomos divididos em grupos. O meu era composto de cinco pessoas: Arlene, Tomás, Siron, Luanda e eu. Cumprimentei-os, meio cabreiro. Arlene, loura, muito bonita, olhos azuis serenos e belos, deveria ter uns trinta anos. Tomás, muito alegre, disse-me que desencarnara com quarenta anos. Siron também possuía uma vibração muito boa. Olhei-o com tamanho carinho, que me sorriu, comentando:

— Meu nome é Siron, espero que tenhamos consciência da grande responsabilidade dos nossos Espíritos.

Nem velho nem novo, Siron era daquelas pessoas que você não imagina quantos anos tem. Luanda pareceu-me muito jovem. Era morena, de olhos negros, esguia e com uma voz aveludada. Este o meu novo grupo.

Esdras, pregador de palavras fluentes, um grande orador. Terminadas suas breves elucidações, saímos.

— Estou feliz em tê-lo como companheiro de grupo, falou-me Luanda aproximando-se de mim.

— Eu também, irmã.

Siron, Tomás e Arlene aproximaram-se e fomos batendo um papo gostoso. O pátio do Educandário de Luz é de difícil descrição: as cascatas e as flores dão aos nossos olhos um colorido divino. A tudo contemplava.

Outros grupos como o nosso, da mesma forma pareciam deslumbrados.

O grande Educandário, todo branco com portas de madeira, é composto de dois pavimentos: à sua frente, um belo lago adornado de gerânios, miosótis, angélicas, rosas, enfim, todo florido, separado, por uma pequena ponte, das casas dos alunos. Estas são igualmente branquinhas, muito confortáveis, e que jardim! Parecia o “céu”.

Ao chegarmos à casa fomos recebidos por Iná, que alojou cada um em seu quarto.

Gostaria de ter capacidade para narrar-lhes a beleza de cada cômodo. O meu era tão bonito que me joguei na cama e falei para Jesus:

— Mestre, não mereço tanto!...

Fazia parte do ambiente uma biblioteca tão espetacular que me pareceu irreal.

Enquanto me deslumbrava com ela, um friozinho banhou-me a espinha: “cara, agora você terá de estudar”. Sorri. Que bom, gosto mesmo de aprender.

Estava pensativo quando Iná me chamou para avisar que as aulas teriam início às quatorze horas, no Salão Azul. Agradei à irmã e logo me encontrava na sala de estar à espera de meus companheiros, que também não demoraram a chegar. Dali fomos para o referido salão do Educandário, que já se encontrava lotado. Foi feita apreço de abertura, após o que o instrutor Dídero falou sobre a importância da Doutrina Espírita:

— Irmãos, desde os primórdios da Terra os homens vêm recebendo de Deus os ensinamentos e deles fugindo. Por quê? Indagamos. Simplesmente, porque os ensinamentos do Senhor fazem com que nos esqueçamos de nós mesmos e comecemos a nos preocupar com o próximo. A Lei é uma só, seu nome: amor. Com o passar dos anos e dos séculos, os homens foram criando leis, algumas justas, outras sem razão de existir, mas a de Deus permanece intocável, porque a cada ser basta a sua consciência, que foi em cada um de nós plasmada no momento em que ganhamos o livre-arbítrio, chamado o “diadema da razão”. As leis dos homens modificam-se segundo os tempos, os lugares, os países; a de Deus não, porque está em nós. Hoje aqui estamos para estudar a Doutrina dos Espíritos, a Terceira Revelação. Vamos buscar a verdade doutrinária, saber por que é uma Doutrina de luz, o motivo pelo qual devemos estudá-la, enfim, saber o que é a Doutrina Espírita. Se buscarmos O Livro dos Espíritos, em sua Introdução, veremos que um espiritualista não pode dizer-se espírita. Com pesar, hoje constatamos que a palavra Espiritismo está distante da prática espírita, porque no espiritualismo falamos com os Espíritos, acreditamos neles, mas na Doutrina Espírita nós aprendemos que a reforma íntima está em primeiro lugar. Portanto, podemos conhecer os Espíritos e não ser espíritas. Essa está sendo a grande preocupação; hoje muitos se dizem espíritas, sem conhecimento, e o Espiritismo está sofrendo uma mutilação, como ocorreu com o protestantismo. Dele surgiram várias ramificações, difíceis de serem compreendidas. Se os espíritas não se unirem num elo de trabalho e amor, logo incorreremos nos mesmos erros das outras religiões. Com pesar, já percebemos em algumas Casas Espíritas essas divisões. O que está faltando para que o homem compreenda a Doutrina? Um estudo sério das obras básicas.

— Irmão, mas percebemos que poucos dirigentes de grupos se aprofundam suficientemente nos estudos para elucidar os iniciantes. Eles, às vezes, complicam por demais o ensino das obras básicas.

— Sabemos disso, este o motivo por que estamos preparando instrutores para levarem à crosta da Terra a luz da Doutrina.

— Por que o irmão Lázaro José pede que estudemos a Introdução de O Livro dos Espíritos muitas e muitas vezes? — perguntei.

— Simplesmente, porque nela está contida uma síntese da Doutrina. Um bom dirigente precisa elucidar o seu grupo sobre o valor da Introdução e não ter pressa em deixá-la para trás. Estudando-a, vamos pouco a pouco conhecendo os ensinamentos contidos no livro e nas demais obras básicas.

— Por que precisamos tanto estudar O Livro dos Espíritos? — indagou Luanda.

— Porque ele contém a Doutrina Espírita: luz que dissipa as trevas. É ela que modifica o homem, é nela que encontramos as instruções dos Espíritos que nos curam a doença das imperfeições. É na Doutrina Espírita que achamos as pegadas do Cristo e dos primeiros cristãos, por isso a chamamos de doutrina consoladora. No primeiro item da Introdução encontramos as seguintes ponderações: Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas ou, se quiserem, os espiritistas. Atualmente já estamos lutando com as divisões do Espiritismo. Nem todos os que crêem nele tornam-se espíritas. Por quê? Simplesmente, porque não buscam os ensinamentos dos Espíritos e longe desses acreditam que existem Espíritos, mas não nos reconhecem como Espíritos que também precisam evoluir. Este assunto está bem claro no item “um” da Introdução de O Livro dos Espíritos.

— E a alma? — perguntou Siron — Por que tanta discussão e controvérsias a seu respeito?

— No início da Codificação tornavam-se difíceis as explicações, e as discussões surgiram porque existiam várias opiniões. Mas as palavras dos Espíritos gritaram mais forte. Está na Introdução de O Livro dos Espíritos, item 2: (...) chamamos ALMA ao ser imaterial e individual que em nós reside e sobrevive ao corpo. Todavia, para um melhor estudo, busquemos a Parte 2ª, Capítulo 2º, questão 134: O que é a alma? “Um Espírito encarnado.” O estudioso tem de ler todo este capítulo.

— Depois da morte do corpo físico deixamos de ser alma? — perguntou um dos alunos.

— Irmão, veja a riqueza do item “a”, da pergunta 134: Que era a alma antes de se unir ao corpo? Resposta: “Espírito”. Portanto, somos almas quando nos encontramos presos ao corpo físico, e nos tornamos Espíritos à medida que vamos desprendendo-nos do físico, espíritos criados por Deus para sermos livres; e, quando no cárcere da carne, almas expiando suas culpas. Este assunto vai até a questão 146-a.

— Por que não podemos explicar cada pergunta e resposta sobre o assunto? — inquiri.

— Gostaríamos de fazê-lo, mas o irmão teria de grafá-las nos livros e estes ficariam imensos.

— Que pena...

O instrutor falou por muito tempo ainda, principalmente sobre o porquê de não colocarmos as explicações de cada pergunta. Este assunto também vamos buscar no livro O Céu e o Inferno, Primeira Parte, Capítulo 2º — Temor da Morte. No item 9: Demais, a crença vulgar coloca as almas em regiões apenas acessíveis ao pensamento, onde se tornam de alguma sorte estranhas aos vivos; a própria Igreja

põe entre umas e outras uma barreira insuperável, declarando rotas todas as relações e impossível qualquer comunicação.

Devemo-nos lembrar de que alma é o espírito encarnado. É prudente o aprendiz ler todo este capítulo de O Céu e o Inferno, assim como todo o Capítulo 2º da Parte Segunda de O Livro dos Espíritos.

— O aluno não irá confundir-se, quando verificar que no livro O Céu e o Inferno só se denomina alma aos desencarnados? — inquiriu Luanda.

— Não, se ele começar da Introdução de O Livro dos Espíritos o seu aprendizado. Usava-se a palavra alma para melhor memorizar o ensino, pois os encarnados até hoje chamam os Espíritos de almas.

— Um encarnado pode ser chamado de Espírito?

— Pode, se for uma alma espiritualizada.

Continuou o instrutor:

— Agora, vamos até o pequeno-grande livro O que é o Espiritismo. No Capítulo 3º iremos encontrar também um bom estudo sobre alma. Vejamos o item 108: Qual a sede da alma? Resposta: A alma não está como geralmente se crê, localizada num ponto particular do corpo; ela forma com o perispírito um conjunto fluídico, penetrável, assimilando-se ao corpo inteiro, com o qual ela constitui um ser complexo, do qual a morte não é, de alguma sorte, mais que um desdobramento. Podemos figuradamente supor dois corpos semelhantes na forma, um encaixado no outro, confundidos durante a vida e separados depois da morte. Nessa ocasião um deles é destruído, ao passo que o outro subsiste.

Tomás aduziu:

— O irmão poderia elucidar-nos sobre este trecho do livro O que é o Espiritismo? Acho-o confuso.

— Muitos julgam que o Espírito está trancafiado no corpo físico; sendo ele luz, irradia-se por todos os corpos, mas, como nos diz o livro, na hora da morte a alma (espírito) se liberta e o físico é destruído. Aconselhamos que leiam o Capítulo 3º.

Tomás aduziu:

— A questão 146 de O Livro dos Espíritos, Parte Segunda, Capítulo 2º, diz: A alma tem, no corpo, sede determinada e circunscrita? A resposta é: “Não; porém, nos grandes gênios, em todos os que pensam muito, ela reside mais particularmente na cabeça, ao passo que ocupa principalmente o coração naqueles que muito sentem e cujas ações têm todas por objeto a Humanidade.”

— Por isso é importante a leitura de todas as obras básicas. No livro O que é o Espiritismo aprendemos que a alma assimila-se ao corpo inteiro e em O Livro dos Espíritos é-nos explicado como isso se processa: se somos inteligentes e bons, ela se concentra mais no cérebro e no coração; agora, ela é que dá vida ao corpo físico.

Eu não piscava, de tão atento ao estudo, e com a grande responsabilidade de passar para você, leitor, tudo o que estávamos aprendendo.

Outra pergunta foi formulada:

— E agora, que já não temos o corpo físico?

— Irmão, volte ao livro O que é o Espiritismo, nele está a resposta da pergunta 108: (...) ela forma com o perispírito um conjunto fluídico. Portanto, hoje o

seu espírito irradia-se também por todo o seu corpo perispiritual, entretanto, temos por dever tornar mais etéreo este corpo que hoje nos serve. A medida que vamos evoluindo, ele vai ficando menos pesado.

A iluminação do recinto foi ficando diminuta e o instrutor fez a prece de encerramento, por sinal, lindíssima. Fomos saindo devagar e eu falei para Luanda:

— Já escrevi sobre inúmeros assuntos, mas este trabalho acho que vai ser o mais difícil: tentar passar para os meus leitores um pouco da Cascata de Luz, que são as obras básicas da Doutrina Espírita.

— Espero, Luiz, que tenha êxito, e que cada leitor possa sentir o que estamos vivendo neste pedacinho do céu, onde as estrelinhas, que são as letras de O Livro dos Espíritos, irão pouco a pouco clareando nossos Espíritos, para felicidade nossa e daqueles que de nós se aproximam.

Enlacei-a com carinho e fomos caminhando pelas alamedas daquele belo lugar.

2

ESPÍRITO – MATÉRIA – LVÍDO VITAL

No bosque do Educandário conversamos muito sobre a Doutrina Espírita e o perigo da divisão que nela vem ocorrendo. O medo de deturpá-la está levando alguns espíritas ao desequilíbrio, atacando companheiros e julgando-se os donos da verdade.

— Luiz, você não crê que poucas Casas Espíritas exercitam um intercâmbio entre si? Parece-me até que há uma certa rivalidade entre muitas, não acha? — indagou Luanda.

— Não sei, porque a tarefa da Casa Espírita é melhorar o homem, e quem vive atirando pedras não tem tempo de evoluir.

Arlene ponderou:

— Sim, mas se nos for permitido veremos muitos absurdos, principalmente no campo da psicografia.

— Certo! — falou Siron — O que nos preocupa é a falta de elucidação sobre a unificação das Casas Espíritas, porque a cada dia levanta-se uma por pessoas completamente despreparadas, apenas cheias de boas intenções. Isso não é tudo. A diretoria de uma Casa Espírita tem por obrigação conhecer a Doutrina para não levar seus frequentadores ao ridículo. Se não estão preparados ainda, devem esperar; nada como o tempo e, enquanto ele não vem, estudar as obras básicas para adotá-las na Casa.

— Também penso assim. O que me entristece é a falta de conhecimento em certos Centros. Neles encontramos pessoas completamente fanatizadas, medrosas ou doentes, vendo espírito pregado nas paredes, nas portas e no teto, e ainda dizendo: “sonhei, tenho sonhado... Quanta sabedoria em Jesus, quando falou: “acautelai-vos dos falsos profetas”!...

Naquele bosque falamos sobre os encarnados e pensativo me encontrava, porque ninguém mais do que eu vem acompanhando o desequilíbrio de alguns espíritas, que julgam até que o barulho do vento é obsessivo.

— Luiz — perguntou Luanda —, você, que convive mais com os encarnados, do que acha estar precisando acontecer em algumas Casas Espíritas?

— Realizar o estudo sistematizado das obras básicas e trabalhar para manter o Centro, porque se o homem não se tornar caridoso, jamais se espiritualizará. Frequentar a Casa tão-somente uma, dezenas ou mais vezes, nada acrescentará à sua alma, principalmente se for avara, egoísta e orgulhosa.

— Mas, Luiz, muitos são contra os trabalhos sociais.

— Será que essas pessoas nunca abriram O Evangelho Segundo o Espiritismo, onde os Espíritos dizem: “fora da caridade não há salvação”? Se o

homem não mudar seu comportamento dentro de uma Casa Espírita, jamais terá outra chance. E não sou eu quem está alertando, são todos os Espíritos do Senhor. Não precisamos ir muito longe, olhemos ao nosso redor e veremos quantas religiões estão perdendo adeptos pela falta de caridade.

Ainda ficamos algumas horas conversando sobre vários assuntos, até voltarmos à casa que nos abrigava. Ao adentrá-la, encontramos Iná sentada ao piano, tocando uma bela canção de amor, que dizia mais ou menos assim:

*Que saudade eu sinto de você amor que ficou tão longe de mim
Que saudade eu sinto de você
É uma saudade sem fim
Mas eu pergunto: por que
Eu vim e você não,
Amor do meu coração?*

Quando terminou, batemos palmas. Timidamente, desculpou-se:

— Perdoem-me, não os vi chegar. Esperava-os para fazermos o culto cristão no lar, o alimento das nossas almas, ou preferem antes um bom caldo?

— Engana-se, Iná, já estamos em outra, falei.

Todos riram, éramos uma bela família, trabalhando e estudando. Na casa de Iná sentiamo-nos como se estivéssemos em nossa própria casa. Cantamos e conversamos até tarde. Depois, cada um foi para seu quarto. Demorei-me a conciliar o sono. Tudo era novo para mim, como se de repente eu me visse em um novo mundo. Pela manhã, fui o último a chegar à sala, a turma já estava decidida a chamar-me no quarto. Meio sem jeito, desculpei-me. Iná, sorrindo, disse-me:

— Não importa, só atrasaste um minuto.

Creio ter ficado amarelo de vergonha, pois para a espiritualidade não existe nada pior do que a falta de disciplina, e quem não obedece a horário é um desequilibrado.

Serenei, logo depois, e ainda contei muitos casos, divertindo-os muito.

Chegada a hora, despedimo-nos de Iná e logo estávamos no auditório do Educandário. Ao ser proferida a prece senti como se flutuasse; era muito para meu espírito carente de conhecimentos. O instrutor voltou a falar sobre a alma, solicitando ao grupo que pesquisasse o livro *O que é o Espiritismo*.

— Por que se diz alma ao Espírito encarnado? — perguntei.

— A palavra alma é sinônimo de espírito, entretanto denominamos alma quando o Espírito está prisioneiro na carne. Um homem quando comete algum crime vai para a cadeia e fica preso. Passamos a chamá-lo prisioneiro. Tão somente pelo fato de estar preso, ele não deixou de ser homem. Portanto, ao espírito preso no corpo físico denominamos alma.

O painel apresentava a pergunta 136, item b, de *O Livro dos Espíritos*:

— Que seria o nosso corpo, se não tivesse alma? “Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, exceto um homem.”

— Irmão — solicitou Luanda —, fale-nos sobre o fluído vital.

— Encontramos em *A Gênese*, Capítulos 10º, 11º e 14º, um bom estudo sobre os fluídos, que muitos confundem com energia. Em *O Livro dos Espíritos*, Parte primeira, Capítulo 4º, encontramos Seres orgânicos e inorgânicos: “Os seres

orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima, que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas.” Para melhor entendermos, busquemos em A Gênese, Capítulo 14º, as explicações sobre os fluidos. Não devemos esquecer-nos de que fluido não é energia. Hoje estudaremos os fluidos. Estes partem do fluido cósmico universal, matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza. Portanto, o fluido universal é de pureza absoluta, mas sofre várias transformações quando compõe o que se pode chamar “a atmosfera espiritual da Terra”.

Uma pergunta foi feita:

— O princípio vital é o mesmo para todos os corpos que conhecemos?

— Sim, respondeu o instrutor, modificado segundo as espécies, de acordo com O Livro dos Espíritos, questão 66.

— No homem, como ele atua? Em O Livro dos Espíritos aprendemos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. E o princípio vital seria um terceiro?

— A resposta está na questão 64: “É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. É, para vós, um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso deriva de um só princípio.”

— Fluido vital é o mesmo que fluido espiritual?

— Não, O fluido espiritual é o que serve para o desenvolvimento da inteligência; envolve a matéria cerebral, tornando-a mais ou menos flexível. Portanto, o cérebro é o reservatório e a sede de impulsão e direção dos fluidos espiritual, nervoso e vital. No corpo físico, além do fluido vital que circula nas veias, misturado ao sangue, influenciando nas suas qualidades e, por conseguinte, na organização humana, o encarnado possui o fluido nervoso, que serve para imprimir elasticidade aos músculos, nervos e articulações, e o fluido espiritual, que envolve a matéria cerebral.

Apertei o botão das perguntas:

— Gostaria que o irmão explicasse mais sobre a mente.

— A mente é a orientadora desse universo microscópico, em que bilhões de fluidos e energias consagram-se a seu serviço.

— A célula nervosa é entidade de natureza elétrica?

— Sim, que diariamente se nutre de fluidos.

— Energia e fluidos trabalham juntos?

— Sim. No corpo humano esses dois elementos trabalham para que o espírito se mantenha no comando do corpo físico, eles é que dão vitalidade ao corpo físico. O espírito é o chefe; o fluido e a energia, instrumentos de que se serve o chefe para suas necessidades. Não nos esqueçamos de que o perispírito é composto de fluido cósmico universal e de que a energia se encontra no duplo etérico, nas chamadas rodas energéticas.

O instrutor ainda nos orientou sobre vários assuntos referentes a fluído e energia, após o que a aula foi encerrada e dali saímos com o espírito repleto de agradecimento.

Ganhamos o jardim e encontramos um irmão que nos informou de que éramos esperados na secretaria do Educandário. Gelei, pensando: “o que fizemos de errado?”

Logo lá estávamos, sendo informados de que deveríamos descer à crosta da Terra para ajudar alguém. Achei estranho, mas me calei, pedindo para dar uma chegada até meu novo lar. Os outros me olharam, como a indagar: “para quê?”

— Vou dar um beijo em Iná, só isso, um beijo de até logo.

E assim, nos pusemos a caminho até que chegamos à casa de Roberto. Encontramo-lo muito enfraquecido, sentado em uma cadeira. Orava a Deus, pedindo proteção. Ele e esposa haviam fundado uma Casa Espírita e agora, viúvo, via-se quase sozinho para levar a tarefa até o fim. Eram tantas as preocupações que Roberto pediu ajuda. Nós ali estávamos não só para auxiliá-lo, como para estudarmos a luta de um verdadeiro espírita. Parece que sentiu nossa presença, pois começou a falar:

— Não sei o que faço, meus amigos espirituais. Tento manter a pureza doutrinária da Casa, entretanto, alguns frequentadores vivem, nas horas vagas, atrás de ledores de cartas, enfim, misturando tudo com a Doutrina e, por mais que os convidemos ao estudo, eles relutam, pois acham mais fácil servir a outros senhores do que ao Centro.

Luanda segurou a mão de Roberto, que continuou:

— Gostaria que na Casa de Jesus as paredes reluzissem a caridade, mas os seus frequentadores longe se encontram dela.

Permanecemos algumas horas orando com Roberto e, à noite, visitamos o Centro Espírita. Os trabalhadores daquela Casa mais pareciam estar numa festa: vaivém nos corredores, mulheres muito bem vestidas, jovens muito alegres, dando gostosas gargalhadas, enfim, um verdadeiro acontecimento social.

— Todos os dias aqui é assim? perguntei a José, um dos Espíritos encarregados do Centro.

— Sim, a Casa está sempre cheia.

A imagem das senhoras bem vestidas, com os braços repletos de pulseiras, jóias e pintura exagerada no rosto, não combinava com a de uma casa de oração. Siron, vendo-me preocupado, falou:

— Luiz, não vejo mal em algumas pessoas fazerem do Centro Espírita uma casa de passeio. Certo não é, mas é preferível elas aqui, do que lá fora, no erro.

— Não sei, não, Siron. A Casa Espírita é um hospital de almas e devemos ter um comportamento adequado. Jóias e roupas caras podemos usar em festas; aqui, acho desrespeito às almas doentes que vêm em busca de orientação e consolo. Olhe o auditório: quantas pessoas humildes, vestidas simplesmente.

— O que é certo? Você acha que para ser espírita é preciso viver na miséria?

— Não, por favor, compreenda-me. Posso estar errado, vou até perguntar ao instrutor, mas não acho certo médiuns e orientadores estarem cobertos de jóias e enfeitados como se fossem árvores de Natal. Sei que a espiritualidade admira o

belo, mas sei também que para servirmos ao Senhor temos de arregaçar as mangas e pegar na enxada, e quem está todo enfeitado não tem condição de pegar na charrua.

Nisso, a palestrante da noite falava sobre caridade. Seu braço, repleto de jóias, fazia um barulho irritante. Depois, fomos convidados a acompanhar Terêncio, um dos irmãos que estava polemizando com Roberto, pois desejava mudar os planos de trabalho do Centro. Gostava da cultura oriental, das pirâmides, enfim, queria um Centro ecumênico, pois, dizia ele, os espíritas tinham de modernizar-se.

Acompanhamo-lo e a um colega seu, até sua casa.

O amigo Henrique, calado, ouvia-o falar do poder dos cristais, da energia dos corpos, da necessidade de buscar-se outros meios:

— É preciso modernizar a Doutrina, ela está ficando caduca.

O outro argumentava não achar certo, porque a Doutrina haveria de continuar cristalina, mas Terêncio dizia:

— Não, você não compreende o valor da energização dos corpos.

— Por favor — dizia Henrique —, só está faltando você trazer para a Casa os duendes, os gnomos...

— E por que não? A Doutrina tem de acompanhar a evolução da Terra e hoje foram feitas descobertas incríveis sobre os elementais.

— Por favor, não me venha com essa conversa fiada...

Depois, Henrique pensou e falou:

— Desculpe-me, não é que eu não acredite, apenas acho que quem acredita nessas coisas deve buscá-las nos locais apropriados, mas deixe a Doutrina caminhar como nos foi entregue por Kardec.

— Não estou entendendo, Henrique. Por que você hoje está contra minhas idéias? Não sabia ele que nós é que já estávamos iniciando um trabalho de doutrinação.

— E depois, continuou Terêncio, mal não faz, não é mesmo? Gostamos das pirâmides...

Henrique falou, sério:

— Sabe, irmão, não acho certo não termos firmeza na fé. Se não estamos satisfeitos com a beleza da Doutrina Espírita, retiremo-nos com dignidade e vamos em busca daquilo em que acreditamos. Contudo, desejar mudar algo tão belo, como os ensinamentos dos Espíritos, pela simples razão de não os compreendermos, é pobreza de sentimentos, porque a Doutrina tem um único objetivo: pregar a verdade, e ela se chama Jesus. Graças a Allan Kardec é fácil encontrar essa verdade, ela está brilhando nas obras básicas. Boa noite. — falou Henrique, batendo a porta do carro.

Nós ainda ficamos ao lado de Henrique, que não sabia por que falara tão duro com seu amigo. Depois, com ares importantes, disse para si mesmo:

— Deve ser o meu mentor. De hoje em diante defenderei a Doutrina com as forças do meu Espírito.

3

AS PORTAS DA PAZ

No Centro Espírita que frequentava, Terêncio abriu por acaso O Evangelho Segundo o Espiritismo e, meio cabreiro, leu o capítulo referente aos falsos profetas. Parou, com o amado livro nas mãos, dando a impressão de que ia ter um momento de lucidez, mas que nada! Falou, baixinho:

— Esses espíritos estão é malucos, cheiram a mofo, de tão antigos. Esperamos o nosso amigo se desprender através do sono e, junto ao seu mentor, tentamos dizer-lhe do perigo de buscarmos tudo o que nos aparece, principalmente se já temos um certo conhecimento. E depois, é desrespeito para com a Casa que frequentamos, pois qualquer Centro ou igreja possui um estatuto que precisa ser respeitado.

Terêncio não nos ouvia, achava tudo muito natural. Só paramos a doutrinação quando nos prometeu dedicar-se mais aos trabalhos da Casa, pois enquanto buscava outras crenças, o Centro necessitava de ombros fortes e mãos benditas. No dia seguinte, estávamos nós procurando ajudar Roberto, mas a luta desse irmão não era fácil, constantemente agredido por alguns dos componentes daquela Casa, como se fosse um irresponsável. Era a turma do “nada”, tão conhecida dos trabalhadores espíritas: apenas exigem, mas trabalho, que é bom, nada.

Estávamos ao lado de Roberto quando um irmão de seus quarenta anos aproximou-se. Faixa etária difícil, essa dos trinta aos quarenta e cinco anos! Pouquíssimos se interessam em cooperar; alegam família, emprego, obrigações sociais, mas sabem exigir. Jorge era só reclamação: reclamava do jornal mal escrito, dos médiuns desequilibrados, de alguns livros espíritas, e em tudo a culpa era de Roberto, presidente do Centro. Jorge alterava tanto a voz que julgamos fosse agredi-lo.

Aproximei-me e lhe disse algumas verdades, o que fez com que parasse e pedisse desculpas, mas era demais o desrespeito daquele falso espírita! Se não se concebe um homem sem conhecimento doutrinário agredir alguém, imagine quem já está em uma Casa Espírita. Coitado do Roberto! Nos seus sessenta e cinco anos, podendo viajar e se divertir, ali estava, por amor ao seu ideal, e sempre tão mal compreendido e desrespeitado! Jorge acalmou-se, mas Roberto encontrava-se nervoso e aproveitamos para ministrar-lhe um passe. Quem cuidou dele foi Arlene. Sentado em uma cadeira, Roberto pensava: “vou deixar a presidência e descansar. Jorge tem razão, tenho muita complacência e não estou sendo um bom presidente”. Fizemo-lo ver o quanto era útil àquela Casa, que antes era um elefante branco, apenas mais um prédio, sem frequência alguma. Agora, não, a Casa era um riacho de luz.

— Por que esses Centros, onde há desavenças, nada fazem pelo próximo? — perguntei a Tomás.

— Porque são viveiros da vaidade, mas esperamos que um belo dia o homem se conscientize de que a Doutrina Espírita é a água que nos limpa das imperfeições. A medida que vamos estudando as obras básicas, adestramos o animal que ainda somos.

Agora, chegar à Doutrina e desejar apenas educar o colega é ser apenas um envelope vazio, sem valor algum. Bom seria fazer uma reflexão e constatar que já deixamos para trás muitos velhos hábitos, vícios que nos tornavam seres enfermos. A Casa Espírita, Luiz Sérgio, é um hospital de almas e ninguém visita um hospital em busca de divertimento ou prazer. Só vamos até ele em busca da saúde. Assim é a Casa Espírita, devemos procurá-la, encarnados e desencarnados, para a saúde de nossos Espíritos, porque em um Centro bem alicerçado encontraremos o remédio que nos proporcionará a cura. Para isso, entretanto, teremos de renunciar a muita coisa, principalmente ao nosso amor-próprio; este é o nosso grande inimigo, que dificulta nossa evolução.

— Tomás, muitos apenas freqüentam uma Casa Espírita, como fazem em algumas igrejas. É certo isso? Diz o nosso irmão Lázaro que é preferível sermos um bom protestante a um mau espírita.

— Também acho, O homem, quando adentra uma Casa Espírita, tem acesso a um verdadeiro tesouro, que são as obras básicas. Lendo-as, não pode alegar ignorância, pois nesses livros encontramos toda a diretriz da nossa renovação. Chegar a uma Casa Espírita e querer modificá-la é falta de humildade e, principalmente, de conhecimento da Doutrina.

— Isso é algo que hoje preocupa os Espíritos, não é mesmo, Tomás?

— Sim, é verdade. Se os espíritas não se unirem, dificilmente conterão os vendavais que irão surgir. Enquanto isso, outras seitas aumentam o número de adeptos.

— Mas diz Lázaro, também, que necessitamos realmente é de qualidade e não de quantidade.

— Sim, mas se a Doutrina for bem explicada, brilhará como uma estrela, e quem não ama a luz?

Ficamos naquela Casa vários dias, tentando ajudar Roberto, mas o desentendimento entre eles era grande. Ninguém imagina o quanto sofre um apóstolo do Cristo! Convidados fomos, então, a visitar outra Casa Espírita, e nos assustamos com o marasmo naquele prédio enorme. Os trabalhos sociais eram combatidos, pois muitos dos seus frequentadores diziam que ao trabalharmos para os pobres esquecemo-nos de estudar a Doutrina. O presidente chamava-se Erasto. Acercamo-nos dele e tentamos falar-lhe sobre a caridade, mas ele dizia duramente: “prefiro ver o Centro vazio a trabalhar com maus espíritas”. Percebemos que aqueles irmãos nada faziam pela Doutrina, viviam num casulo. Falavam de Jesus, mas não Lhe seguiam as pegadas.

— Eles aqui apenas oram? Quem eles foram? — perguntei.

Ninguém me respondeu, mas confesso que me sentia inquieto. Aqueles irmãos desconheciam a carência material ou espiritual do seu próximo. Jamais haviam saído daquelas quatro paredes, enquanto Jesus caminhou quilômetros e mais

quilômetros, sem ter onde reclinar Sua cabeça, porque os carentes eram Sua família. Ele não ficou somente defendendo a Lei de Deus, viveu-a em toda a sua grandeza. Naquela Casa, com um terreno enorme, tudo parecia abandonado. Ali habitava o orgulho. Se conversássemos com um de seus frequentadores, logo perceberíamos como eram apegados à letra.

— Um dia isso vai mudar? — perguntei a Arlene.

— Sim, logo estarão cansados da ociosidade.

— Ainda bem. Por que não fundam grupos de trabalhos manuais como terapia? E depois, de que vale apenas falar, e nada realizarem? Como, é possível, mesmo tendo tanto conhecimento, estarem tão apegados à letra? — perguntei a Tomás.

— Lembre-se, Luiz Sérgio, de que existem várias religiões nas quais os homens se apresentam como verdadeiras enciclopédias, mas com os corações vazios. Não podemos esquecer, entretanto, que inúmeras pessoas vivenciam a Doutrina, sendo verdadeiros apóstolos do Cristo.

Impressionado, olhei novamente o pátio: chão batido, terreno com ares de abandono.

— Por que não fazem um mutirão para cuidar do jardim? Simplicidade não significa desleixo. Esta seria uma boa oportunidade para unir seus integrantes. Mas acho que é pedir muito deles...

Naquele dia a diretoria estava reunida. Poucos minutos ficamos, era um verdadeiro ringue de ofensas, brigas e mais brigas, todos desejando mandar. Quando saímos, pedimos perdão a Jesus por todos os homens que recebem o talento do amor mas o mantém enterrado num coração orgulhoso.

— Amigos, vamos agora até uma Casa onde Deus, Cristo e Caridade resplandecem luz em cada gesto. Vamos, irmãos, até o Centro Espírita Recanto da Fé.

Quando chegamos, algumas pessoas cantavam alegremente: era o grupo das abnegadas senhoras da costurinha. De vinte máquinas, todas ocupadas, saíam, por ano, dois mil enxovais para crianças pobres. Também das mãos daquelas irmãs surgiam os mais belos trabalhos de artesanato, vendidos para a compra de todo o material para a confecção dos enxovais.

Com entusiasmo constatávamos que todas aquelas senhoras, irmãs até em avançada idade, estudavam a Doutrina, possuindo um excelente conhecimento doutrinário.

— Irmã Arlene, elas frequentam os grupos de estudo da Casa?

— Sim, por isso são tão desprendidas. Estudam e trabalham, porque sabem que a fé sem obras é como um riacho seco.

Permanecemos no Recanto da Fé e percebemos que aquele grupo espírita vivia como encarnado, mas já bastante espiritualizado. A preocupação daqueles irmãos era com o seu próximo e para isso não tinham receio de privar-se de muitas coisas. Até as crianças e jovens achavam natural desembolsar alguma importância para melhoria do seu semelhante.

— Percebo que eles trabalham contentes, não é mesmo? — comentei.

— Sim, iguais a este existem no Brasil vários outros grupos que já se conscientizaram de que é dando que se recebe e de que outras religiões ficaram

caducas porque os seus homens viraram peças de museu, não saíram às ruas lutando contra a fome e a miséria, como fez Jesus Cristo.

Queria ficar naquela Casa e narrar para vocês a força de uma fé raciocinada, de uma fé gigante. Como é firme aquele que conhece a Doutrina e acredita que estamos encarnados para evoluir! Se não tirarmos do coração o egoísmo e o orgulho não seremos dignos do chamado do Cristo. Aquele Recanto era a palavra viva de Jesus; seus jardins, muito bem cuidados, louvavam a natureza e as flores e os pássaros nos convidavam à oração.

— Por que todos os Centros não são assim?

— Porque muitos ainda julgam que só dizer-se espírita isenta-os da reforma íntima. Por julgarem-se donos da verdade, vão apenas frequentando Centros e querendo doutrinar espíritos. A Doutrina é o remédio da alma, é o farol guiando os homens pela longa estrada da evolução. Aquele que não procurar tornar-se bom não será digno do chamado do Cristo.

— Sabe, Tomás, gosto muito de uma passagem de O Evangelho Segundo o Espiritismo, no Capítulo 25º, Buscai e Achareis, item oito. No último parágrafo está escrito: A caridade e a fraternidade não se decretam em leis. Se uma e outra não estiverem no coração, o egoísmo aí sempre imperará. Cabe ao Espiritismo fazê-las penetrar nele. É lindo este parágrafo, onde se mostra aos espíritas a grande responsabilidade de cada um. Todos somos mestres e queira Deus só ensinemos coisas dignas aos que caminham ao nosso lado.

— Você tem razão, Luiz. De que valem as palavras, quando estão longe dos exemplos?

Olhei mais uma vez o Recanto da Fé e pedi a Deus por aquele acolhedor local; que os seus frequentadores tenham sempre no coração o Evangelho, só assim a Casa crescerá em bênçãos.

Permanecemos naquele local mais alguns dias, quando foi criado um grupo de estudos.

— Por que aqui só se estudam as obras básicas? — perguntei.

— Por serem elas as mais completas. Estudando-as, vamos pesquisando outros livros, porque tudo o que veio depois de Kardec apenas complementa as verdades doutrinárias, por isso não é conveniente ficarmos estudando este ou aquele livro; o certo é fazermos de O Livro dos Espíritos a nossa cascata de luz. Os outros livros são gotas de luzes que precisam do discernimento de cada um para compor a vasta bibliografia espírita. Por isso, antes de devorarmos livros e mais livros, aprendamos com as obras da Codificação.

— E quanto aos livros dos grandes filósofos da Doutrina?

— São ótimos para pesquisarmos quando estamos nos esclarecendo com as obras básicas.

— Amigo, mas muitos acham difícil estudá-las.

— Falta de hábito. Se o espírita iniciante buscasse nas obras básicas a resposta às suas indagações, não estaria tão mal informado. O mal dos novatos é buscar apenas os médiuns, muitos dos quais sem preparo algum, com teorias próprias, distantes das verdades.

— Aí reside o perigo, e como tem neguinho vaidoso por aí... Coitados, na hora “H” queremos ver a cara deles. Gosto muito também do Capítulo 18º de O

Evangelho Segundo o Espiritismo: “Muitos os chamados e poucos os escolhidos”, item seis: “Nem todo o que diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas sim o que faz a vontade de meu pai, que está nos céus, esse entrará no reino dos céus. Muitos me dirão, naquele dia: Senhor, Senhor, não é assim que profetizamos em teu nome, e em teu nome expulsamos os demônios, e em teu nome obramos muitos prodígios?” Esta parábola é muito séria e os espíritas têm de refletir sobre o seu significado. De que vale vivermos fazendo profecias e falando do futuro para o nosso próximo, se nada estamos fazendo pela melhoria íntima, se não damos bons exemplos? De que vale expulsarmos obsessores, se em nossos lares somos tiranos domésticos, se ainda somos obsessores dos nossos colegas de trabalho, das pessoas que vivem ao nosso lado? O certo é nos tornarmos bons e caridosos, antes de batermos à porta do Senhor e Ele nos responder: “Eu nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que obrais a iniquidade” (Mateus, Capítulo 7º, versículos 21 ao 23). Eu sempre aconselho: vamos mudar, ser bons, pacientes, caridosos e amigos; vamos jogar fora a avareza, o dinheiro é da terra, não nos pertence, para que lutar tanto por ele? Vamos ofertar, enquanto podemos fazê-lo, o pão, o agasalho, o amor, principalmente se nos dizemos espíritas. Por que o apego aos bens terrenos, onde o ladrão vai-nos roubar e a traça destruir, pois nada material é eterno? Cuidado, amigo, não brinque com algo sério, abra seu coração para que Deus abra as portas da paz para você.

4

EVANGELHO QUERIDO

Conversando sobre a beleza da Doutrina, concluímos que poucos a compreendem e até brincam com ela.

— Acho, comentou Luanda, que está faltando a alguns ditos espíritas um maior conhecimento das obras básicas, principalmente de O Evangelho Segundo o Espiritismo. Existem nele várias passagens de alerta aos falsos profetas. Se o homem fizer deste livro bendito o seu companheiro, pouco a pouco irá transformando-se em um novo ser. No Capítulo 15º — Fora da caridade não há salvação, há no item nove uma excelente advertência: “Fora da verdade não há salvação equivaleria ao Fora da Igreja não há salvação e seria igualmente exclusivo, porquanto nenhuma seita existe que não pretenda ter o privilégio da verdade. Que homem se pode vangloriar de a possuir integral, quando o âmbito dos conhecimentos incessantemente se alarga e todos os dias se retificam as idéias? A verdade absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos da categoria mais elevada e a Humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento.” Como pode um homem violento, principalmente que ataca os companheiros de ideal, considerar-se um bom espírita ou dizer-se cristão?

— Tem razão, irmã, não se concebem as desavenças que presenciamos hoje entre os confrades. Gosto, nesse capítulo também, do último parágrafo do item dez: Meus amigos, agradecei a Deus o haver permitido que pudésseis gozar a luz do Espiritismo. Não é que os que a possuem hajam de ser salvos; é que, ajudando a compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Esforçai-vos, pois, para que vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, dado que todos quanto praticam a caridade são discípulos de Jesus, sem embargo da seita a que pertençam.

— O que está precisando — falei —, é o homem, seja de que religião for, colocar no seu coração o Evangelho.

Com carinho e respeito, dedilhei no meu violão a bela canção de Francisca Theresa, “Evangelho Querido”:

*Quando estou tão triste,
Sem vontade de sorrir,
Só tu, meu amigo,
Podes me ajudar.
Cada vez que te pego,
Conquistas meu coração,*

*Dás brilho aos meus olhos,
Faze-me amar os meus irmãos.
És o remédio que preciso,
Para deixar de sofrer,
És o meu paraíso,
Razão do meu viver.
Quando estou tão triste,
Sempre te busco,
E quando te leio,
Sempre medito.
És meu amigo
És meu irmão
Evangelho querido
Perfume do meu coração.*

Quando terminamos, estávamos todos muito emocionados.

— É linda esta música de Francisca Theresa, só uma grande alma pode amar o Evangelho com tamanha fê.

Cantamos ainda belas canções sobre o Evangelho, depois voltamos para o Educandário e com emoção eu olhava o belo jardim, cujas flores pareciam cumprimentar-nos. Ao adentrarmos o salão, notamos que já estava quase lotado.

Aquitei-me na minha cadeira, desejando ansiosamente o início da aula, e esta não demorou. O irmão palestrante, refletindo luminosidade intensa, falou sobre fluídos e mandou-nos procurar em O Livro dos Médiuns, Segunda Parte, Capítulo 4º, item 74: Será o fluído universal uma emanção da divindade? “Não.” Será uma criação da divindade? “Tudo é criado, exceto Deus.” O fluído universal será ao mesmo tempo o elemento universal? “Sim, é o princípio elementar de todas as coisas.”

Depois, o instrutor falou-nos sobre o fluído vital, que reside no fluído cósmico universal; o espírito tira deste fluído o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito e é ainda por meio do fluído cósmico universal que ele atua sobre a matéria inerte. É bom o leitor ler todo o Capítulo 4º de O Livro dos Médiuns.

— Irmão, tudo no universo é fluído? — perguntei.

— Sim, pois tudo provém do fluído cósmico universal.

A aula terminara e eu fiquei meditando: “deve um espírita ir buscar outras seitas, se na Doutrina temos tantas coisas para aprender? Nas obras básicas encontramos verdadeiro manancial de conhecimentos; basta conscientizar-nos do valor do estudo para não darmos tantas cabeçadas na rocha da ignorância”.

Permaneci no salão, estudando O Livro dos Médiuns. Por que buscar outros, se nele está o perfume da mediunidade com Jesus?

5

EDUCAÇÃO MEDIÚNICA

Terminada a aula sobre fluidos, deslocamo-nos para um segundo auditório, onde outro instrutor iniciou uma palestra sobre o item 3 da Introdução de O Livro dos Espíritos. Falou sobre as primeiras manifestações espíritas, as mesas girantes, ou dança das mesas — ponto de partida da Doutrina Espírita.

Aconselhou-nos a ler O Livro dos Médiuns, Segunda Parte, Capítulo 4º — Da Teoria das Manifestações Físicas. O palestrante mostrou-nos que o espírito comunicante tirava uma porção do seu perispírito e com ela impregnava a mesa, que ganhava vida por alguns instantes: — Mesmo sendo uma vida factícia, a mesa se movimentava; cessado o fenômeno, voltava à condição inerte de matéria. Quando o espírito está encarnado, ele é quem dá vida ao seu corpo, por meio de seu perispírito; quando o espírito se retira, o corpo morre. Impregnada de fluidos, não só uma mesa se movimenta, toda e qualquer matéria pode deslocar-se, para isso precisa apenas de médiuns. Portanto, os Espíritos podem movimentar mesas e também outros objetos. Utilizavam a mesa, por ser mobiliário comum em qualquer casa. Entretanto, tornam-se mais intensas essas manifestações quando encontramos médiuns de efeitos físicos, possuidores de grande emissão de fluidos, porém não se esqueçam de que todos nós os possuímos, mas em diversos graus.

Sendo o médium de efeitos físicos portador de grande força fluidica, ele exterioriza essa força em abundância, quando ocorrem os fenômenos, nada possuindo de miraculosos. A mediunidade só veio a ser disciplinada com Allan Kardec, através do estudo profundo que realizou. Sem isso, voltaríamos à era primitiva. Seu interesse foi despertado pelas mesas girantes, onde os médiuns, com sua força magnética, juntamente com os Espíritos, faziam-nas movimentar-se; depois foram-se aperfeiçoando os fenômenos, até chegarem às inúmeras manifestações mediúnicas que conhecemos. Mas vamos voltar ao Antigo Testamento, em 1 Samuel, Capítulo 28º, versículos 8 a 15, quando Saul vai em busca de uma médium: Saul, pois, disfarçou-se, tomou outras vestimentas e partiu com dois homens. Chegara de noite à casa da mulher e disse-lhe: Adivinha-me pelo Espírito de necromante e faze-me aparecer quem eu te disser. A mulher respondeu-lhe: Tu bem sabes o que fez Saul, como exterminou do país os magos e os adivinhos; por que armas, pois, ciladas à minha vida, para me matarem? Saul jurou-lhe pelo Senhor, dizendo: Viva o Senhor, que disto não te virá mal algum. E a mulher disse-lhe: Quem queres tu que te apareça? Saul disse: Faze-me aparecer Samuel. A mulher, tendo visto aparecer Samuel, deu um grande grito e disse a Saul: Por que me enganaste? Tu, pois, és Saul. E o rei lhe disse: Não temas, que viste tu? E disse a mulher a Saul. vi um deus que subia da terra. Saul disse-lhe: Como é a sua

figura? Ela respondeu: Subiu um homem ancião, envolvido numa capa. Saul compreendeu que era Samuel, fez-lhe uma profunda reverência e prostrou-se por terra. Samuel disse a Saul: Por que me inquietas, fazendo-me vir cá? Saul responde u. Eu me acho no último aperto...

Nesta passagem do Antigo Testamento defrontamos com uma manifestação espírita. Até hoje aqueles que não estudam a Doutrina Espírita procuram conversar com os Espíritos somente na hora da tribulação, como fez Saul, buscando a médium de Endor. Por que precisou Saul consultar alguém? Ele não era possuidor de mediunidade? — perguntamos.

— Estas questões só têm uma resposta: Saul buscou alguém possuidor de grande força gerada pelo seu corpo físico. Vemos aqui que não foi Allan Kardec quem inventou o Espírito nem foi ele quem criou os médiuns. Ele foi, sim, o escolhido para dar aos homens a chave do cofre do tesouro espiritual que se encontrava trancafiado no mistério, nos dogmas e no fanatismo. Com Kardec aprendemos a valorizar a mediunidade, dando-lhe polimento, pois um médium evangelizado não procede como a consultada por Saul. Mas voltemos ao modo através do qual ela entrou em contato com o espírito de Samuel, no versículo 12: A mulher, tendo visto Samuel, deu um grande grito. Hoje, algumas religiões que combatem os Espíritos apegam-se a este trecho, dizendo que de acordo com a maioria dos exegetas, Samuel apareceu realmente, não, porém, por força das palavras da necromante, a qual ficou aterrorizada, mas por obra de Deus, que quis anunciar pela boca de Samuel o grande castigo.

— Allan Kardec — continuou o palestrante —, através de O Livro dos Médiuns, segurou bem forte a mão de todos aqueles que têm por tarefa a mediunidade. Por que, entretanto, este importante livro é negligenciado por muitas Casas Espíritas, onde se estudam obras aquém da bela Doutrina regeneradora? O médium espírita tem por dever estudar todos os dias O Livro dos Médiuns. A educação mediúcnica é um alicerce firme para todos aqueles que recebem a tarefa de ligar e desligar o mundo físico com o mundo espiritual. Dessa passagem do Antigo Testamento retiramos várias lições, propícias ao nosso aprendizado. Nele a Doutrina Espírita está presente por ser ela uma das manifestações de Deus. Ignorar a Bíblia é temê-la, e um verdadeiro espírita busca a verdade sem nada temer. No Levítico, Capítulo 19º, versículo 31, encontramos a proibição: Não vos dirijais aos magos nem interrogueis os adivinhos, para que vos não contamineis por meio deles, mas também a Doutrina Espírita recomenda que rejeitemos dez verdades a aceitar uma única mentira. Quem estuda não se preocupa com fenômenos, luta pela sua elevação espiritual, tornando-se humilde e bom, caridoso e amigo. Enquanto corremos atrás dos fenômenos, deixamos de estender a mão ao próximo. Um adepto da Doutrina Espírita não consulta cartomantes, magos ou adivinhos. A proibição é válida, pois se hoje existem abusos, imaginem no passado. Espero que todos tenhamos aprendido alguma coisa e queira Deus estejamos sempre lutando pela evolução do nosso Planeta. Um dia ainda estudaremos a pluralidade dos mundos e veremos por que temos de lutar pela nossa evolução. Que Deus nos abençoe.

Terminada a aula, fiquei pensativo: “como pode alguém dizer-se espírita e viver na ignorância? Os livros doutrinários são verdadeiros cursos superiores. Quando os buscamos, compreendemos que não existe pessoa má, existem, sim,

26 – Irene Pacheco Machado

criaturas sem evolução, e que todos estão em alto mar, uns nadando contra as ondas, outros buscando o barco de Jesus, onde Ele, pacientemente, vive pescando almas e ensinando-lhes o caminho do Pai.”

Cerrei os olhos e orei: “Meu Deus, perdoa-nos, não porque não sabemos o que fazemos, mas sim porque ainda somos muito avaros de amor.”

6

O ORIENTADOR ESPÍRITA

Terminou a aula no Educandário de Luz. Saímos devagar, batendo um bom papo.

Siron falava-nos sobre o perigo de vivermos buscando fatos miraculosos na Doutrina e fazermos uma verdadeira mistura de crenças. Caminhamos até o auditório sete, onde estávamos sendo aguardados. Encontramo-lo vazio, mas logo ficou completamente lotado e um irmão iniciou a prece de abertura, convidando-nos a assistir a um filme. Confesso que minha curiosidade ultrapassava a linha do equilíbrio. O irmão instrutor repetiu esta frase de Hegel: “A matéria não é senão espírito; e espírito não é senão matéria. Logo, são um e outro a mesma coisa!” Falou, logo em seguida, do fluído cósmico universal, matéria elementar primitiva, cujas transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza. Portanto, o ponto de partida para tudo é o fluído universal, que se vai transformando. E continuou:

— Hoje vamos conhecer uma das imensas e muitas moradas da Casa do Pai. Primeiro, vamos aos mundos primitivos.

A enorme tela dava-nos a impressão de estarmos no local apresentado.

As pessoas, em seu estado primitivo, não possuem beleza, andam com dificuldade e têm os gestos grosseiros. Notamos que no mundo que estávamos ora estudando os seres lutavam com dificuldade para se alimentar. Era um mundo primitivo que aqueles Espíritos tinham por tarefa fazer progredir, pois acima de seus corpos grosseiros havia uma inteligência latente, O mundo não possuía ainda indústrias nem invenções, mas os Espíritos contavam com o auxílio divino para deixarem de ser crianças espirituais e crescerem junto ao seu planeta. Logo vimos na tela espíritos de outra morada. Andavam tão levemente que pareciam flutuar. Eram muito bonitos, lindos mesmo, seus corpos nada tinham da matéria física. Foi-nos informado que ali ninguém adoecia, como também não conheciam as guerras, pois os povos se respeitavam. Seus corpos não se decompunham porque, não adoecendo, não existia morte, e sim desmaterialização. Não havia desnível social, apenas a superioridade moral e a intelectual. Naquele mundo era quase nulo o período da infância e as pessoas viviam mais. Não se constituindo os corpos de matéria compacta, os Espíritos gozavam de ampla lucidez dos sentidos que os deixava livres. Não temiam a morte, porque conheciam o futuro. Lutavam pela perfeição, nunca procurando elevar-se sobre o seu semelhante. Os mais fortes ajudavam os mais fracos e suas posses correspondiam às possibilidades de aquisição das suas inteligências, mas ali não havia miséria, porque ninguém estava em prova ou expiação. Habitavam um mundo feliz, mas ainda sujeito às leis da evolução. A tela

focalizou uma família que dialogava; até a voz daqueles Espíritos era diferente. Pareceu-me que não tinham pressa. A casa era toda florida.

Estava diante de nós a vida em um mundo superior. Os espíritos sabiam usar os fluídos, que partiam da vontade de cada um. Diante daquela família, fiquei imaginando que futuramente também poderemos ter uma igual, sem morte nem separação. O filme continuou mostrando-nos as moradas da Casa do Pai. Surgiu à nossa frente, então, um mundo regenerador, nele o Espírito encontra a paz e o descanso, mas ainda está sujeito às leis que regem a matéria. Todos ali amavam a Deus e tudo faziam para evoluir.

Amavam-se e procuravam viver em paz. Nesses mundos, porém, não existe a perfeita felicidade, porque o homem ainda é prisioneiro da carne e ainda tem provas a sofrer. Se não aproveitar a atual encarnação, o espírito pode cair e voltar a viver novamente em mundos de expiação e provas, e aí terá mais sofrimento.

Reparando os Espíritos naquele mundo regenerador, parecia estar vendo uma colônia de férias, um descanso necessário, e pensei: “logo o nosso Planeta estará também regenerando-se, para felicidade de todos nós”.

Diante de nós, em imensa tela, desfilavam as diversas moradas da Casa do Pai, o seu progresso, as suas fases, desde o instante em que se aglomeram os primeiros átomos de sua formação. À medida que o espírito avança na senda do progresso, tudo ao seu redor também progride: os animais, os vegetais, as habitações. Depende de todos nós a evolução da Terra; agora, aí daqueles que não descobrirem Deus e não lutarem pela regeneração do Planeta. Aparecia, para todos nós, a morada da regeneração, onde os Espíritos encontram a paz, o descanso e se purificam, embora ainda sofrendo as leis da matéria. Diz O Evangelho Segundo o Espiritismo no Capítulo 3º, item 17: (...) A Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as frentes vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis. (...) O homem lá é ainda de carne.

Depois do filme, começaram as perguntas.

— Em O Evangelho segundo o Espiritismo, Capítulo 3º, item 9, está escrito: “Como por toda a parte, aí a forma corpórea é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada”. Em O Livro dos Espíritos, questão 56 do Capítulo 3º, lemos: “A constituição dos diferentes globos é a mesma?” Resposta: “Não, eles não se assemelham de modo algum.” Na pergunta 57: “A constituição física dos mundos, não sendo a mesma para todos, seguir-se-á tenham organizações diferentes os seres que os habitam?” Resposta: “Sem dúvida, como para vós os peixes são feitos para viverem na água e os pássaros no ar. Se prestarmos atenção no estudo das obras básicas, veremos que um livro complementa o outro. O Evangelho Segundo o Espiritismo, no capítulo 3º, item 9, diz: “Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições de vida moral e material são muitíssimo diversas das da vida na Terra. Como por toda a parte, a forma corpórea aí é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada”. A resposta de O Livro dos Espíritos se refere aos corpos físicos na longa estrada da evolução. Se lermos com atenção, concluiremos que o princípio inteligente, vivendo

no reino animal, não possui ainda um corpo humano, e feliz desse espírito que está seguindo a lei natural da evolução, passando pelos três reinos da natureza. Agora, os Espíritos culpados, deportados para mundos inferiores, terão seus corpos perispirituais deformados de tal modo que será difícil dizer que ali se encontra um ser humano. Por isso a resposta de O Livro dos Espíritos, questão 56: “Não, eles não se assemelham de modo algum”. Seria pretensão se um Espírito inferior tivesse o corpo belo e esplendoroso de um Espírito puro.

Outras perguntas foram feitas, até o momento em que a aula foi encerrada.

Retirei-me sem pressa, pensando: “bendita seja a Doutrina Espírita, que abre não só os nossos corações, porém ainda mais os nossos olhos”. Há o que chega ao Espiritismo só acreditando nos fenômenos e não se torna um espírita verdadeiro. O verdadeiro espírita rejeita dez verdades para não aceitar uma só mentira. O verdadeiro espírita ocupa sempre os últimos lugares, mas é o primeiro em humildade e amor. Feliz do seguidor de Kardec que já se desapegou da veste da vaidade e está construindo em seu coração a casa de Jesus, onde é um pastor de almas pelo perfume da Doutrina que exala ao seu redor, mesmo sem a pretensão de desejar educar e transformar os que o cercam. Os livros da Codificação não representam armas apontadas para os outros, usadas em debates, em confrontos de irmãos ainda despreparados para viver em espírito e verdade, como discípulos que devem ser da Doutrina regeneradora. Cristo em momento algum colocou-Se na posição de Mestre, e como ensinou pelo exemplo! De nada adianta brigarmos com as pessoas, atacando-as por nelas encontrarmos falhas, se ainda não possuímos condição de lhes apresentar a Doutrina da renovação. Só as obras básicas darão ao homem condição de compreender por que está encarnado e o quanto a carne é frágil. Mas não adianta obrigarmos as pessoas a lerem as obras básicas, precisamos, sim, estudá-las e vivê-las a cada minuto e tudo fazer para que os frequentadores da nossa Casa aprendam a manuseá-las, ajudados pelo nosso conhecimento e ainda mais pela nossa humildade. Os nomes dos doutores da lei da época de Jesus, apagaram-nos da História a terra e o vento do tempo, mas o representante de Deus na Terra, Jesus, apenas deixou gravado na lembrança de cada um de nós o perfume do exemplo e da verdade. A arrogância e os ares de sabedoria, ao invés de ajudarem o próximo, apenas os espantam e os revoltam, e hoje o que mais falta nas Casas Espíritas é o perfume da humildade.

— Luiz, a falta de humildade nos Centros o deixa preocupado? — perguntou Arlene.

— Sim, irmã. Dia após dia, depois que me encontro no Educandário, vejo como os homens ainda estão longe da evolução. Basta decorar alguns livros e já se julgam os donos do mundo. Cheios de orgulho, vão levantando bandeiras e trincheiras em defesa da Doutrina, quando o que se faz necessário é uma campanha, com bons oradores indo de Centro em Centro, incentivando e ensinando os seus frequentadores a manusearem as obras básicas. Muitos não estudam, porque não sabem como fazê-lo. Ao invés de discutirem em defesa da Doutrina, devem os estudiosos dos livros doutrinários fazerem como os apóstolos de Jesus: saírem para pregar, não com arrogância, mas com amor e humildade. Em muitas Casas estuda-se esse ou aquele livro, e ninguém conhece o conteúdo de O Livro dos Espíritos. Sem ele, juntamente com O Livro dos Médiuns, O que é o Espiritismo, O Céu e o

Inferno, Á Gênese, O Evangelho Segundo o Espiritismo e Obras Póstumas, dificilmente o espírita vai compreender a Doutrina e, sem entendê-la, continuará buscando outras crenças, casando-se nas igrejas, batizando seus filhos, buscando cartomantes, adivinhos, enfim, ele chegou à Doutrina mas nada sabe sobre ela. Portanto, coloquemos os pés na estrada do Mestre, procurando ajudar o nosso próximo com exemplos, amor e respeito. Vem bem a propósito esta passagem de O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo 25º, item 9: Não possuiais ouro nem prata, nem leveis dinheiro nos vossos cintos, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas nem calçado nem bordão, porque digno é o trabalhador do seu alimento. E em qualquer cidade ou aldeia que entrardes, informai-vos quem há nela digno, e ficai ali, até que vos retireis. Esta parábola de Jesus pede aos que recebem o dom da palavra que saiam vestidos com a túnica da humildade, ensinando com paciência, porque há muitos que desejam aprender, mas não contam em seus Centros com grupos de estudo sistematizado da Doutrina e por isso vivem comprando livros aquém dos ensinamentos doutrinários; estão na Doutrina, mas acendem velas e seguem rituais de outras religiões, não por maldade, mas porque ainda não lhes abriram a porta do esclarecimento e da sabedoria. Ao invés de ficarmos brigando uns com os outros, vamos nos colocar a caminho, indo de Centro em Centro ensinando seus frequentadores a manusear as obras básicas, porque conhecemos espíritas que jamais leram um livro sequer da Codificação.

— Você tem razão, quem vive lendo qualquer livro jamais será um bom espírita.

— É isso mesmo.

Ficamos conversando, até que os outros juntaram-se a nós e convidados fomos a visitar algumas Casas Espíritas. Confesso que, nesses anos todos, muitas delas eu jamais conhecera. Logo na primeira, deparamos com algumas senhoras e senhores simpáticos e que aparentavam possuir muito conhecimento. A direção da Casa estava reunida.

Atentos a tudo e com a permissão do mentor do Centro, ficamos ouvindo as ponderações de cada um. Falaram, falaram e não chegaram a conclusão alguma, ou melhor, um deles levantou-se e referiu-se a outras Casas. Tomás, Arlene, Siron, Luanda e eu olhamos uns para os outros, sem compreender o porquê daquela reunião.

— Será que esses irmãos têm conhecimento da doutrina do Cristo, onde Ele nos ensina não só a emprestar a capa, mas a andar cem passos além? — indagou Siron. Será que este grupo conhece a parábola do óbulo da viúva e a do bom samaritano?

Muitos pediam a palavra e se exaltavam, dizendo-se preocupados com a Doutrina, onde muitos adeptos estão buscando as chamadas “terapias alternativas”, dizendo-se espíritas e admirando apometria, cristaloterapia e outras mais. Ficamos até o final. Estava louco para perguntar o que viéramos ali fazer, mas logo estávamos em outra Casa, pequena e simples, onde os frequentadores estudavam todas as obras básicas. Ficamos junto a um grupo que durante quatro anos vinha estudando a Introdução de O Livro dos Espíritos, mas buscando em cada item outros livros da Codificação e dos grandes filósofos do Espiritismo.

— Como essa gente estuda! — falei a Arlene.

Se não bastasse a consulta às obras básicas, ainda buscavam na Bíblia a confirmação dos ensinamentos doutrinários. Os grupos daquela Casa levavam a sério o estudo e qual não foi a nossa alegria quando visitamos outros grupos de estudo e percebemos que os seus frequentadores também viviam o lado prático da Doutrina, sem ficarem apegados à letra! Daquela Casa partiam caravanas de auxílio aos necessitados, visitas aos pobres debaixo de pontes e casebres humildes, além do abraço a crianças necessitadas e doentes. Os frequentadores daquele Centro Espírita elucidavam a alma e engrandeciam o espírito através da Caridade. Acompanhamos os caravaneiros, que com alegria eram recebidos nos casebres humildes. Eles levavam as palavras de Cristo e engrandeciam a Doutrina codificada por Allan Kardec. Talvez estas Casas nem sejam conhecidas por alguns espíritas de renome, mas seus nomes estão escritos no coração de Jesus. Observando todos os seus frequentadores trabalhando para os pobres, para os doentes e estudando a Doutrina, sentimo-nos repletos de esperança, porque nada mais decepcionante para nós, espíritas, do que defrontarmos com brigas e polêmicas entre os confrades. Os adeptos daquele Centro falavam em Bezerra e em Eurípedes e não ficavam somente trancafiados em gabinetes, anfiteatros, congressos ou simpósios; eles faziam o que Jesus fez: saíam em busca dos doentes do corpo e da alma. Jesus disse, em Mateus, Capítulo 19º, versículo 29: E todo o que deixar, por amor do meu nome, a casa, ou os irmãos, ou as irmãs, ou o pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por um e possuirá a vida eterna. Depois Ele ainda diz, em Lucas, Capítulo 9º, versículos 61 e 62: Nenhum que mete a sua mão ao arado, e olha para trás, é apto para o reino de Deus. Portanto, o espírita que só deseja evangelizar o seu próximo está longe da verdade, é orgulhoso, avaro e egoísta, porque o verdadeiro trabalhador é aquele que prega pelo exemplo, indo até os necessitados, convivendo com a miséria e a dor, só assim terá condição de compreender a Doutrina renovadora.

Se ficarmos aguilhoados no orgulho das nossas almas, poderemos ser excelentes explanadores do Evangelho, grandes conhecedores da Doutrina, mas com uma fé sem obras. Se os espíritas, principalmente os homens espíritas, ficarem fechados nas salas e escritórios dos Centros, logo a Doutrina cometerá os mesmos erros de outras igrejas: muito sermão, mas pouco exemplo. Falam alguns que se ficarmos indo atrás dos pobres esqueceremos a parte doutrinária. Grande erro. Só compreenderemos a magnitude da obra doutrinária se abraçarmos a caridade; sem ela não existe doutrina alguma, e quem diz isso é Paulo de Tarso: 1ª Epístola aos Coríntios, Capítulo 13º, versículo 1: Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que soa, ou como o sino que tine. Veja bem: o espírita pode viver em congressos, simpósios e encontros, mas se não praticar a caridade será apenas um sino que tine. Paulo ainda diz, no versículo 2: E se eu tiver o dom da profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber e se tiver toda fé, até no ponto de transportar montes, e não tiver caridade, não sou nada. Que importa devorarmos todos os livros, se deixarmos os erros arraigados em nós, um deles o orgulho? Como nos dizer bons espíritas? A caridade nunca vai acabar ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas ou seja abolida a ciência. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três virtudes, porém a maior delas é a caridade (versículo 13).

Hoje os Centros Espíritas estão repletos, mas poucos buscam uma mudança em seus hábitos. Mesmo aprendendo na Doutrina, o ser continua maledicente, avaro, egoísta e orgulhoso, nunca tendo complacência de ninguém; diz-se espírita, mas no trabalho, em casa, no trânsito ou na rua é um verdadeiro fariseu hipócrita, que prega a moral e a perfeição, mas longe se encontra do dever. Se abordado por um faminto, vira-lhe as costas e ignora a fome, num país onde a mortalidade infantil é assustadora. E ainda dizem que o espírita não deve preocupar-se com os pobres, assim ele não terá tempo de se auto-evangelizar. Meu Deus, os cardeais e os padres até hoje estudam Teologia e são grandes conhecedores dos Evangelhos, mas olhem para suas mãos, algumas estão vazias, porque eles não têm tempo de socorrer aquele que sofre. Mas não só as mãos estão vazias, as igrejas também. Se a Doutrina não voltar à época dos apóstolos do Espiritismo, veremos a nossa igreja íntima — o nosso coração — repleto de erros e dogmas, e vazio de sentimentos. A Doutrina Espírita é a chave que abre a porta da espiritualidade para que não vivamos na ignorância.

Todavia, se abrimos a porta e permanecemos de fora, é porque não temos condição de adentrá-la, sentimos dificuldade em ultrapassá-la, pois estamos cheios de bagagens e por essa porta só passam os pobres de espírito, aqueles que, mesmo no corpo físico, já se despojaram das coisas temporais. Por essa porta passam os que respeitam para serem respeitados, os que não atacam nem ferem nem matam as esperanças alheias. Os que divisam essa porta são todos aqueles que estão trabalhando por um mundo sem fome, sem lágrima, sem desespero, aqueles que já esqueceram de si mesmos para que outros sejam respeitados pela sociedade ainda materialista.

O espírita não vive para causar a separação nem para fazer intrigas, porque o seu tempo é diminuto: ora estuda, ora faz a caridade. Se somos o Cristianismo redivivo, como esquecer as pregações de Jesus com Seus apóstolos, a multiplicação dos pães para o povo faminto? Como esquecer as andanças dos apóstolos nos casebres de Nazaré, Jericó, Cafarnaum, Betsaida e Genesaré?

Como permanecer orgulhoso se a Doutrina nos ensina a divisar o mundo espiritual, onde a traça corrói os bens temporais e tudo apodrece? Como se dizer espírita e viver azedo de ódio e críticas? Que saudade de Anália Franco, de Eurípedes, de Bezerra e de tantos outros apóstolos da Doutrina Espírita!

— Mas muitas vezes eles têm razão, comentou Siron, captando meu pensamento. Muitos espíritas andam misturando de tudo, até pirâmides existem em certos Centros.

— É verdade, Siron. Esses dias fomos em um Centro, dito Espírita, que tinha de tudo. Isso é o que nos assusta!

— Por que muitos chegam ao Centro Espírita, mas ainda buscam as antigas religiões e gostam da terapia através das pirâmides, a cristalterapia, cultuam os duendes, gnomos, enfim, fazem uma salada difícil de se compreender?

— Isso acontece porque o presidente e seus grupos de trabalhadores não elucidam essas pessoas. A Casa não dispõe de pessoas competentes, para ensinar a Doutrina como encontramos há pouco, com vários grupos de ensino das obras básicas e não de qualquer livro que é editado. Desde o momento em que os irmãos

descobrem as verdades espirituais vão usando o discernimento, e daí deixando os antigos hábitos.

— Não sei, não. Já vi Casas que fazem de tudo para os frequentadores estudarem e estes só vão tomar passes e ouvir palestras. Trabalhar, que é bom, nada.

— Você tem razão, Luiz, ainda existem companheiros que se dizem espíritas, porque vão a uma Casa Espírita só para tomar passes ou ministrá-los, uma vez por semana.

— Não só frequentadores, interferiu Luanda. Muitos, que fazem parte da diretoria, apenas frequentam o Centro, dão passes, fazem palestra e nada mais, dizem até que já se aposentaram. Essas pessoas são culpadas pelos fatos desagradáveis que vêm ocorrendo nos Centros espíritas: médiuns desequilibrados, querendo aparecer, repletos de vaidade. Quem já tem conhecimento deve pegar a charrua, e não ficar descansando nos louros do aprendizado. Se cada irmão, com vários anos de Doutrina, arregaçar a camisa e puser mãos à obra, levará consigo vários companheiros que hoje ainda têm dificuldade em diferenciar espiritualismo de Doutrina Espírita. Poderemos dizer que a culpa é dos fundadores, dos diretores da Casa que só a frequentam uma vez por semana e quando chegam, com seus ares de doutores da lei, gostam de ser bajulados e tudo fazem pelos aplausos daqueles que só desejam aprender, enquanto o Maior dos mestres Se fez o menor para nos deixar a palavra do Pai. São essas pessoas humildes, vindas de outras religiões, que não são bem orientadas, porque a Casa coloca pessoas sem conhecimento da Doutrina para recomendar livros e orientá-las para os seus trabalhos. Muitas vezes esses livros são de procedência duvidosa, O certo é só recomendar as obras básicas, porque são o alicerce da vida de um espírita.

— Vamos até o salão, propôs Siron.

E assim o fizemos, chegando perto de um irmão que dava orientação. Ele dizia a uma jovem senhora, que vivia momentos amargos com o marido alcoólatra, que ela sofria porque estava sendo assediada por obsessores. A causa era ela ser médium e precisar desenvolver a mediunidade. A senhora, assustada, mais desesperada ainda ficou quando o orientador lhe narrou sua vidência, dizendo que junto a ela se encontravam dez terríveis espíritos das trevas!...

— Meu Deus! — falei — Este não é um orientador, e sim o próprio obsessor encarnado!

A jovem saiu dali e teve de buscar um terapeuta, tal o pânico de que ficou possuída. É certo isso? — perguntamos. Será que cada Centro Espírita que faz este trabalho não teria de criar cursos baseados nos livros da Codificação, para bem orientar os que chegam à Casa? Será certo escolher alguém, baseado apenas em relação de amizade, para fazer tal trabalho? Claro que não. Se os dirigentes não criarem cursos de orientadores espirituais, veremos cada vez mais o que vem ocorrendo: muitas pessoas brigando e atacando a Doutrina, por não conhecê-la como realmente ela é: pura, verdadeira e consoladora.

Cada Centro deve criar, primeiro, um grupo de orientadores com pessoas capacitadas, e nunca escolhidas pelos diretores da Casa tão-somente por serem seus amigos ou conhecidos. O que é preciso para ser um bom orientador?

1º — Humildade. Não se julgar dono da verdade.

2º — Ter conhecimento da Doutrina Espírita. Conhecer O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns e, baseado neles, dar a orientação.

3º — Não emitir opinião própria, e sim o que está nas obras básicas.

4º — Jamais dizer a outra pessoa que ela está obsediada. Sugerir o passe para um fortalecimento espiritual.

5º — Nunca dizer que seus problemas pessoais são decorrentes da falta de desenvolvimento mediúnico. Mediunidade não se desenvolve, educa-se, e só estudando O Livro dos Espíritos e o Livro dos Médiuns faremos com que ela seja disciplinada. Indicar para leitura livros que sejam da Codificação.

6º — Nunca deixar transparecer a vaidade em suas palavras. Quem busca orientação está em desespero, querendo um amigo, um ombro irmão e não um crítico.

7º — O orientador tem por obrigação apresentar os trabalhos sociais da Casa e convidar o irmão a participar deles;

8º — Não é prudente o orientador fazer premonições, deixando transparecer que é médium de excelentes faculdades. Ele tem de deixar o irmão à vontade, pois este é alguém doente, que está em busca da cura.

9º — Nunca esquecer que o orientador de uma Casa espírita tem de ser uma carta viva de Cristo, falando somente a verdade, nunca traíndo a voz dos Espíritos do Senhor.

10º — Um bom orientador é aquele que coloca na mão do iniciante espírita a chave do tesouro, que vem a ser as obras básicas, incentivando-o a tomar gosto pelo estudo, fazendo-o ver que sem o estudo o homem pode tornar-se prisioneiro do fanatismo e da mentira, e que a Doutrina veio para salvar almas, e não para aprisionar ninguém. Quem estuda encontra a verdade sobre a vida e a “morte”, por isso, feliz do homem que tem por dever levar o seu semelhante até Deus.

Saímos, levando na alma o perfume de Jesus e nos passos a força e a vontade de trilhar o Seu caminho.

7

OBRAS BÁSICAS, UM CURSO SUPERIOR

Visitamos outra Casa Espírita, bem bonita, com tudo muito limpo.

Enquanto aguardávamos o início dos trabalhos, o mentor daquele Centro foi-nos mostrando suas dependências. O local era não só uma escola onde as pessoas se instruíam, educavam-se e trabalhavam, como também representava um hospital, onde a criatura encontrava o remédio para haurir forças para enfrentar o mundo atual. Se todos buscassem uma casa religiosa, hoje não teríamos uma sociedade doente. Há os templos espirituais para curar a alma, fortalecê-la e instruí-la, mas o homem foge das coisas do espírito, porque sempre nos pedem renúncia. Um Centro Espírita que não procura instruir e curar o doente precisa mudar o seu modo de agir.

O presidente daquela Casa ensinava todos os dirigentes a se comportarem diante de um grupo. Estes, por sua vez, se colocavam no lugar de cada aprendiz do Evangelho, sem ares de professores nem de donos da verdade. Gostei muito do local. É ridículo ver uma pessoa que se diz espírita repleta de orgulho, tratando seus colegas como se estes fossem débeis mentais. O verdadeiro sábio é aquele que ensina pelo exemplo; o orgulho não elucida ninguém. Os diretores daquela Casa Espírita tinham por dever não deixar o Centro sem orientação doutrinária e, atentos, visitavam os diversos grupos de trabalho, não permitindo que a vaidade tomasse conta daqueles que receberam a incumbência de orientar almas.

— Por que as Casas Espíritas não tomam por base a humildade? — perguntou Arlene a Siron — Algumas até adotam doutrinas diferentes.

— Irmã, a Casa que se diz Espírita é regida por um estatuto e este tem de ser bem explícito, quando se trata de Doutrina Espírita, entretanto, os homens são falíveis, O único meio de controlar os abusos é ter uma diretoria atuante, com pessoas que não se sintam velhas nem aposentadas. Em todos os grupos daquela Casa eram estudados O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns e os livros de André Luiz, assim como os de Paul Gibier, Dellane, Flammarion e outros clássicos da Doutrina.

— Dizem que quem estuda os livros doutrinários com afinco está-se graduando em um curso superior — falei para Luanda. Nesta Casa não só se estuda, como também os trabalhos sociais são bastante edificantes. Estes, no mundo atual, agem como terapia. Mães que se separaram dos filhos pela desencarnação costuram, felizes, enxovais para crianças, filhos de mães pobres, assim como fazem peças de artesanato cuja renda reverte em prol da instituição, sem precisar sobrecarregar seus frequentadores. Quem possui talento não pode deixá-lo enterrado, e por que não elucidar senhores, senhoras e jovens a usar o talento da arte para ajudar o próximo?

— É mesmo, fico triste em presenciar tantas Casas que nada realizam de bom para o próximo...

— Você tem razão, muitos julgam que o Centro Espírita é um clube onde se vai uma vez por semana para o lazer, nada além disso.

Ainda fizemos outras visitas, para depois voltarmos ao Educandário de Luz. Olhei mais uma vez aquele belo lugar onde abnegados Espíritos, preocupados com a evolução da Terra, pacientemente, vêm esclarecendo os encarregados da difusão doutrinária. Quantos dirigentes espíritas, presidentes de Centro, recebem do Alto elucidações preciosas, mas deixam o orgulho e suas opiniões próprias dirigirem a Casa onde trabalham! As flores ornamentavam as pracinhas e as fontes de águas cristalinas davam vida ao Educandário. Senti-me tão feliz que olhei para cima e falei:

— Pai, não sou digno de conhecer as Vossas verdades, mas fazei de mim um operário das Vossas obras.

Fui o último a entrar, o que deixou o meu grupo apreensivo. Fitaram-me, preocupados, e fui sentando devagar, dizendo:

— Calma gente, eu não sou de fugir.

— Sabemos disso, sendo essa a causa da nossa preocupação, falou-me Luanda.

Nisso, o instrutor continuou a aula sobre a Introdução de O Livro dos Espíritos, o valor inestimável de bem estudá-la:

— Sem uma leitura apropriada da Introdução, jamais compreenderemos a beleza deste livro. Vamo-nos lembrar mais uma vez do episódio das mesas girantes e de como tudo se passou: elas se movimentavam perante inteligências privilegiadas, e não fanáticos religiosos. Diante dos primeiros fenômenos houve muita celeuma, pois nem todos a tudo aceitavam, principalmente Allan Kardec; sendo o “bom senso encarnado”, estava atento a tudo o que se passava à sua frente, principalmente aos fatos espirituais. Estudando a Introdução, podemos acrescentar ao estudo toda a obra básica, dinamizando-o com pesquisas. No item 3 da Introdução podemos consultar todas as obras que falam das primeiras manifestações espíritas: as mesas girantes e os fenômenos físicos que se apresentavam de várias formas. Encontramos as explicações para tais fatos em várias obras de Paul Gibier, William Crooks, Cesar Lombroso, Camille Flammarion e outros estudiosos. Contudo, dizer que não compreendemos O Livro dos Espíritos é sinal de que ainda não aprendemos a folheá-lo. Desde o momento em que nos familiarizamos com ele, tudo se torna mais fácil, e vamos encontrando respostas certas para nossas indagações. Por isso, todas as Casas Espíritas precisam estudar os livros da Codificação, assim como os dos grandes filósofos da Doutrina. O perigo do iniciante é buscar em qualquer livro que se diga espírita o alicerce para a sua fé e negligenciar a semente, que são as obras básicas.

Passamos para o item 4 da Introdução, e o palestrante continuou:

— Não foi o homem quem inventou o Espiritismo, ele surgiu através dos Espíritos que no início usavam os objetos para assinalarem sua presença. Ninguém, por mais inteligente que fosse, iria preocupar-se em mistificar através de batidas ou de movimentos de mesas, ou imaginar que ali estava um Espírito querendo fazer-se ouvir. Foram os próprios Espíritos que encontraram um meio, ainda que primário, de

dizer: “estamos aqui, não morremos”, e eles próprios foram melhorando as formas de se comunicarem. Primeiro ocorreram as pancadas, depois o movimento das mesas, para logo após darem o conselho da adaptação de um lápis a uma cesta ou a um outro objeto. Essa cesta, pousada sobre uma folha de papel, punha-se em movimento pela mesma força oculta que também fazia mover as mesas. Entretanto, ao invés de um simples movimento regular, o lápis traçava por ele mesmo palavras, frases e discursos inteiros, de várias páginas, tratando de questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia etc., e isto com tamanha rapidez, como se fosse escrito com a mão. Esse fato ocorreu em vários países, ao mesmo tempo, dando a certeza de que chegara a hora do intercâmbio entre o mundo físico e o mundo espiritual. O conselho de adaptar um lápis a uma cesta ou a outro objeto foi dado por um espírito, em Paris, a 10 de junho de 1853, mas os Espíritos já vinham-se manifestando desde 1849. Também no item 4 da introdução podemos perceber que os Espíritos foram orientando os encarnados sobre o valor dos médiuns; eles precisavam de homens ou mulheres com “força” suficiente para ajudá-los. Essas pessoas foram designadas “médiuns”, que quer dizer medianeiros ou intermediários dos Espíritos junto aos encarnados. As condições que dão essa força especial prendem-se a causas ao mesmo tempo físicas e morais. Encontramos médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Pouco a pouco foram percebendo que o médium, tomando diretamente o lápis, escrevia mais rapidamente. Assim, as comunicações tornaram-se mais rápidas, mais fáceis e mais completas. O mediunismo sempre existiu, mas com a Doutrina Espírita surgiram os médiuns, meio encontrado pelos Espíritos para se comunicarem com os encarnados. Para nos tornarmos bons médiuns temos de nos instruir e nos amar; com o amor, tornamo-los dóceis, humildes e verdadeiros. Com o estudo sistematizado da Doutrina o médium não será presa da vaidade, defeito este que leva qualquer médium a fracassar em sua tarefa sob o ponto de vista espiritual. As obras básicas são o alicerce de que necessitamos para erguer qualquer Casa e dar início ao longo caminho da mediunidade com Jesus. O médium que ignora O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Que é o Espiritismo e O Evangelho Segundo o Espiritismo pode ser vítima da mistificação. Portanto, quem levantar as paredes de uma Casa Espírita terá de fazê-lo com um bom alicerce e uma boa cobertura, e isso só se dará se a sua diretoria conscientizar os seus companheiros de que devem amar uns aos outros e se instruírem. E isto quer dizer, trabalhar, desprender-se e conhecer a verdade. Todo estudo antagônico à Doutrina leva o médium ao desequilíbrio, sendo responsabilidade da Casa o que ocorrer nela. Estudar é mergulhar no mar de oportunidades oferecido pela Codificação. Que Deus nos abençoe!

Permaneci na minha cadeira, recordando-me de cada Casa Espírita que já visitei, da falta de caridade de algumas para com os médiuns iniciantes, onde orientadores sem base doutrinária os levam a uma mesa mediúnica, a uma cabine de passes, sem o preparo necessário. Há dias presenciei um dirigente convidar um irmão portador de uma séria doença para ministrar passes.

— Vamos, amigo — disse-me Tomás.

Levantei-me e Tomás acrescentou, interpretando meus pensamentos:

— Luiz, se esse despreparo existe no meio espírita, por mercê de Deus temos mais, muito mais verdades.

8

CARIDADE: DEUS NO CORAÇÃO

Andando pelas praças do Educandário de Luz, deslumbrava-me cada vez mais com a beleza da paisagem. Há, na Praça das Acácias, um chafariz cujas águas coloridas lembram um arco-íris, onde vários Espíritos ficam a conversar e a admirar aquele lugar repleto de bons fluidos. Sentei-me em um dos bancos; comigo estava Tomás que, falando pausadamente, ia-me orientando sobre o Educandário. Os casarões que circundam a praça me pareceram irrealis, de tão belos.

— Tomás, como podem os encarnados julgar que aqui, no plano espiritual, não existe vida? Os chamados mortos estão mais vivos do que nunca.

— Luiz, o homem encarnado, por ser ainda pecador, foge da luz, porque a luminosidade o incomoda e faz com que fiquem visíveis as suas imperfeições. Se em cada lar existisse o esclarecimento sobre a continuação da vida, os homens estariam conscientes de que seus atos são tapetes no caminho até Deus. Se hoje brincam com a vida física, muito terão de sofrer amanhã.

— Mas o mundo físico convida aos prazeres, o que faz o homem não pensar na morte, Tomás.

— Tem razão, o “morrer” é algo que lutamos para não lembrar. Tanto o encarne como o desencarne são, para o espírito, horas muito difíceis, porque temos de deixar para trás aquele momento de vida e iniciarmos uma nova etapa. E ninguém gosta de começar tudo de novo. Da fase adulta, voltamos à condição de crianças, pedindo ajuda e esclarecimento, e o espírito vaidoso reluta em reiniciar um novo aprendizado. Por isso, Luiz, muitos homens correm do Espiritismo, do estudo sistematizado da Doutrina Espírita, porque o esclarecimento o convida a mudar seu modo errado de vida. A Doutrina Espírita nos diz: fora da caridade não há salvação, ensinando que toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade. E quem deseja estender a mão ao desvalido, ao infeliz maltrapilho que nos pede esmola, ao desesperado que nos bate à porta, ao faminto de amor que nos pede consolo? Quem deseja ser humilde, quando se julga importante, dono da verdade, bajulado, endeusado, rico de bens terrenos, aplaudido por muitos? Como buscar uma Doutrina que diz: bem-aventurados os pobres de espírito? O orgulhoso se diverte com esta máxima, porque para ele ser pobre de espírito é ser ignorante, é ser inculto, por isso não compreende o significado da humildade. Quando alguém fala sobre ela recordando Francisco de Assis, sempre diz: “mas ele é ele, eu sou culto, inteligente, quero ficar distante desses malucos”. São pessoas preocupadas com elas mesmas, por isso consideram os ensinamentos do Cristo como indignos da sua atenção. A Doutrina Espírita faz o homem descer do seu pedestal, ensina-o a buscar a verdade, dando a cada um a certeza de que a vida física é rápida como um relâmpago, sem deixar de

ser uma obra de Deus, e por isso temos obrigações para com ela. Renegar a caridade e a humildade é abandonar o remédio que salva o homem, que o cura da lepra do orgulho.

— Mas, digam o que quiserem, um dia terão de desencarnar e entrar nesse mundo invisível que tanto criticam e menosprezam.

— E a caridade, Luiz Sérgio, é o caminho da felicidade eterna. Jesus sempre pregou a humildade e a caridade, não só pregou como nos deu exemplo. Quem pratica a caridade é manso e pacífico, puro de coração e pobre de espírito, porque o caridoso muitas vezes está preocupado mais com o seu semelhante do que com ele próprio. Caridade e humildade são as virtudes que o homem tem de lutar para possuir e na Doutrina Espírita é o lema do bem viver, tanto que na fachada de muitas Casas Espíritas está escrito: Deus, Cristo e Caridade. Deus é o Pai onipresente, justo, que nos perdoa infinitamente através da lei da reencarnação. Cristo é a humildade atuante, é o exemplo de vida; mesmo sendo o Governador do Planeta, não se disse professor nem sábio, dando o maior exemplo de humildade. Caridade é o pão que o homem precisa multiplicar para conquistar a salvação. Sem a caridade continuamos egoístas, orgulhosos e falsos. Sem a caridade no coração, continuamos contra o nosso próximo, lutando contra ele e cada vez que o fazemos estamos indo contra Deus, porque não podemos amar a Deus desprezando um só de Seus filhos, O caridoso tem Deus no coração, portanto, Luiz, se o espírita não luta para praticar a caridade é porque ele ainda não conhece as obras doutrinárias. Nelas estão todo o perfume que deve espargir ao seu redor. Sem a caridade não ocorre a reforma íntima e a Doutrina é a consolação, é o batismo de fogo que temos de buscar para nos sentirmos renovados. Correr de um ato de caridade, ignorá-la, é como fechar o coração aos ensinamentos doutrinários, é expulsar Jesus de perto de nós, porque Ele veio à Crosta para nos ensinar o caminho da salvação. Seu nome: humildade e caridade.

Quando Tomás terminou, confesso que me encontrava boquiaberto.

Conversando com o querido amigo, em nenhum instante ele desejou transparecer todo o seu conhecimento doutrinário. E ali o meu companheiro, o meu irmão, acabava de me dar uma bela lição sobre caridade e humildade.

Enlacei seu ombro, dizendo:

— Obrigado, muito obrigado.

Ele se levantou, convidando-me a voltarmos à sala de aula. Percebi que os grandes homens não gostam de ser admirados e louvados, só os que têm no coração a vaidade, o orgulho e o egoísmo. Ainda olhei os campos floridos e a fonte, que parecia um arco-íris, beijando o rosto de cada um que ali se encontrava. Cumprimentei-a:

— Obrigado, irmã água, pela bela lição de humildade que nos oferece a cada instante da nossa vida. Até breve.

9

O TRABALHO DE DESOBSESSÃO

Após breves instruções, convidados fomos a conhecer outras Casas Espíritas. Arlene e Siron, Luanda e Tomás eram os meus companheiros amigos.

Logo estávamos em um Centro onde os dirigentes nem pareciam espíritas, faziam-nos recordar da época da Inquisição, quando os homens da Igreja condenavam e matavam em nome de Deus, onde o fanatismo religioso se mascarava em nome da defesa do Cristianismo. Aqueles ditos espíritas nada faziam além de acusar e tentar desmoralizar os próprios espíritas. Apesar de falarem muito sobre a Doutrina, esta bem longe se encontrava de seus corações. Chamou-me a atenção a mesa forrada com uma toalha branca e alguns vasos com rosas de pano.

— Vê se pode... — comentou Luanda.

Ficamos naquele local algumas horas e com alegria constatamos que Doutrina Espírita é muito mais do que espiritualismo, que aquele que a pratica já olha o seu semelhante com outros olhos; não é um juiz implacável, mas respeitador das leis de Deus. Tivemos oportunidade de fazer vários apontamentos para serem levados ao Educandário. Vimos de tudo, desde bingo beneficente até jantares regados com a famosa cervejinha. “Mas, deixemos pra lá”, pensei.

Nisso, Tomás serviu-se de um médium da Casa e falou sobre a responsabilidade dos Centros Espíritas, que devem respeitar a pureza doutrinária. Recordou que para nós, que cremos na imortalidade da alma, as coisas materiais são passageiras; que a Casa Espírita deve ter suas paredes nuas para que cada frequentador, com suas atitudes, as enfeitem. Muitos de nós, espíritas, somos ex-católicos, ex-protestantes ou outros “ex”, por isso às vezes queremos adornar a Casa, como se para embelezá-la fossem necessários panos, incenso, velas e flores. Os Centros só precisam que cada um se torne a cada minuto um espírito cristão. Tomás falou também do perigo de formarmos grupos mediúnicos de ajuda aos toxicômanos sem uma preparação dos médiuns. Quando encerrou, todos daquele grupo olharam o médium de uma maneira estranha, não tinham gostado. Uns diziam que havia sido um obsessor quem falara, outros que era animismo.

Tomás fora muito severo para com aqueles irmãos, que julgavam ser os donos da verdade. Quando dali saímos, perguntei-lhe:

— Você acha que eles vão mudar?

— Creio que alguns deles compreenderão as minhas palavras.

— Tomás, já visitamos várias Casas Espíritas e constatamos que em algumas delas, até no passe, o médium estala dedos, geme e se diz incorporado.

— Se o dirigente de uma Casa Espírita não segurar bem forte o leme da responsabilidade para com a Doutrina, Luiz Sérgio, teremos tais fatos e muitos outros. Agora, quem estuda as obras básicas jamais incorre nesses erros.

Logo estávamos em outro Centro, onde alguns médiuns pintavam obras mediúnicas, e também, com espanto, constatamos que essas obras eram vendidas, de acordo com a necessidade de quem as comprava. Dizia o encarregado de vender as obras:

— Este é o quadro que irá curá-lo; este outro vai curar seu filho; este outro vai curar seu marido.

Com assombro, vimos que aqueles pintores eram “médicos”, pois receitavam o remédio para várias dores. Recordamos de uma passagem de O Livro dos Médiuns, que não podemos deixar de aqui transcrever: Segunda Parte, Capítulo XVI: Médiuns pintores ou desenhistas; os que pintam ou desenharam sob a influência dos Espíritos. Falamos dos que obtêm trabalhos sérios, visto não se poder dar esse nome a certos médiuns que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que desabonariam o mais atrasado estudante.

— Como é triste presenciarmos tais fatos! — comentou Arlene. É inacreditável que numa Casa que se diz Espírita consintam que associem pintura mediúnica à cura física.

— Por que assim procedem? — indaguei.

— Falta de conhecimento doutrinário. Em uma Casa onde se estuda as obras básicas jamais ocorrerá o que acabamos de ver. No livro Chama Eterna¹, Pierre Lambret falou sobre a pintura mediúnica, o perigo do ridículo.

Anotamos vários fatos desagradáveis, mas logo estávamos em uma bela Casa, onde a limpeza era o seu cartão de visita. A tudo examinávamos, era um lugar lindo, repleto de folhagens, flores e rosas, um jardim muito bem cuidado.

Adentramos um salão muito grande, onde um palestrante falava sobre a Doutrina, O público, atento às suas palavras, dava ao ambiente uma atmosfera de paz. Logo visitamos a Casa, que podemos chamar de modelo. Ali estudava-se O Livro dos Espíritos, assim como todas as obras da Codificação. O mais importante, entretanto, era que, quanto mais estudavam, mais humildes iam-se tornando. Não eram os donos da verdade nem doutores da lei, mas criaturas que, através do conhecimento doutrinário, modificavam-se, esforçando-se para se tornarem melhores; eram almas vivendo junto ao consumismo, mas recordando-se de Jesus e Lhe seguindo os passos, fazendo jus ao lema da Doutrina: Deus, Cristo e Caridade, o momento supremo da renovação pela fé raciocinada, onde o homem se conhece e se respeita e, por conhecer a si mesmo, procura conhecer e respeitar o seu próximo.

Deus nos concedeu a vida e a consciência, onde está registrada Sua lei.

Jesus nos ensinou a viver seguindo as leis de Deus; nos indicou também o caminho e a vida, e a Doutrina Espírita nos revelou as coisas tidas como misteriosas, tirando do túmulo o morto e fazendo com que todos sejamos irmãos, ensinando-nos que o pobre de ontem pode ser o rico de hoje e que ninguém leva a riqueza material para o mundo dos Espíritos. A Doutrina Espírita revela a verdade. O que no passado não conhecíamos, hoje encontramos a chave do cofre, só precisamos abri-lo, e isso

¹ 11º livro da série Luiz Sérgio, Capítulo 15, No Departamento da Arte – (Nota da Editora).

só acontecerá quando retirarmos do cofre as pérolas, que são as obras básicas da Codificação kardequiana. Como podemos considerar-nos espíritas, se ainda não sabemos dessa verdade e não a temos por companheira? A responsabilidade de alguém que se considera espírita é muito grande, principalmente se tem sob a sua guarda crianças, jovens e companheiros que nele buscam o conhecimento.

Naquela Casa, muito bonita, a Doutrina era bem assimilada. Buscando todos os grupos e frequentadores daquele núcleo espírita, constatamos que se amavam muito e que o estudo era o seu alicerce. Não presenciamos qualquer conversa “cavernosa”, de medo, ameaça, enfim, tão comum em grupos sem conhecimento. Ao sair, aqueles irmãos levavam consigo a mensagem viva da Doutrina, tomando conhecimento de que não é em todos os lugares ou momentos que devemos falar sobre espíritos e mediunidade. Siron parou para admirar a mocidade e, com carinho, constatamos que não eram separados os jovens dos velhos, pois bem sabemos que existem jovens com capacidade de um homem de quarenta anos e sabedoria de um de noventa, e pessoas idosas com espírito jovem e dinâmico. No salão, crianças, jovens e idosos riam e trabalhavam para manter a Casa longe das rifas, dos bingos e dos jantares regados a vinho e cerveja. Aproximei-me de uma jovem senhora de seus setenta anos que bordava e alegremente contava casos. Bendita Doutrina, que leva as pessoas a se respeitarem, porque é bem comum ver-se jovens correndo dos idosos, sem querer ouvi-los e ainda mais participar junto a eles de seus afazeres. Depois, vimos as crianças ensaiando peças de teatro, todas elas tiradas de O Evangelho Segundo o Espiritismo: era a evangelização infantil. Elas não só eram evangelizadas, como também estavam aprendendo a trabalhar em artesanato. Pareciam-me muito felizes.

— Luiz — falou-me Siron —, que bênção para esses piás, recebendo desde pequenos os ensinamentos doutrinários. Já imaginou uma criança que desde tenra idade aprende a fazer a caridade, que pessoa boa e feliz não será?

Deixamos aquela Casa Espírita, onde a caridade era o perfume para todas aquelas almas. Luanda falou com Tomás, que logo nos convidou a irmos até outro Centro. No trajeto, encontramos uma caravana de pacificadores, que nos cumprimentou pelo trabalho. Tomás aproveitou para tomar algumas informações e Changin, o instrutor do grupo, informou-nos de que a Espiritualidade Maior vem-se preocupando com a desunião dos espíritas, dizendo até uma frase de cunho popular: “em reino que se divide, o rei é deposto”. Portanto, antes da crítica cultivemos o amor, O trabalho dos pacificadores é fazer com que as federações abram seus braços para todos os Centros que desejem aprender, e ensinar o que é a Doutrina Espírita. Atirar pedras em árvore, sem conhecer o sabor de seus frutos, é falta de caridade, e bem sabemos que várias Casas pecam por ignorância.

— Qual a instituição humana, mesmo religiosa, que não enfrenta obstáculos, contra os quais é preciso lutar? — indagou o instrutor. A Casa Espírita precisa pedir orientação às suas federações sobre a maneira certa de bem conduzir os seus confrades.

A árvore espírita tem raízes profundas e cada Casa é um ramo que desabrochará se a seiva da verdade a tornar mais forte. A raiz é a Doutrina e cabe partir de cada federação a orientação segura, caridosa e amiga, sem muito discurso, mas com muita obra pelo exemplo, só assim acabaremos com as brigas e ataques de

uns para com os outros. Nós, os pacificadores, tudo fazemos pela união dos espíritas.

Permanecemos conversando por algumas horas. Despedimo-nos e nos dirigimos para outra Casa Espírita, onde recebidos fomos por Nestor que, carinhosamente, colocou-nos a par dos trabalhos, levando-nos à câmara de passes, onde assistimos ao trabalho de um grupo de desobsessão. Em seguida, visitamos a casa de Eliane, uma jovem cujo caso teríamos de estudar.

A casa era muito bonita, seu quarto, bem decorado, tinha até computador. Filha única de Gervásio e Tatiana, gozava do carinho e proteção dos pais, mas ultimamente vivia triste, evitando qualquer reunião social. Estávamos em um lar confortável, mas onde ninguém orava ou possuía religião.

— O que vimos fazer aqui? — perguntei a Luanda.

— Conhecer este lar e tentar fazê-lo cristão.

Ficamos intuindo o casal a buscar uma religiosidade, que o pudesse ajudar. Mas eles só pensavam em dólar, aplicação financeira, enfim, na vida material, e só agora se achavam preocupados com a filha. Por mais que fizéssemos, não se lembravam do Cristo. Da Casa Espírita também receberam ajuda. Um grupo espírita fez com que uma amiga da mãe de Eliane viesse à sua casa lhes falar da Doutrina, mas Tatiana mudou logo de assunto, “tinha pavor dessas coisas”, como ela mesmo dissera. Não obtendo êxito na nossa missão, Tomás nos levou de volta ao mundo espiritual. Já no Educandário, fomos preparados para ir até uma região umbralina, conhecida como zona noventa e nove, e nesse preparo levamos vários dias. Nosso instrutor chamava-se Ubiratan. Gostei muito dele. Devidamente preparados, fomos conduzidos a um estranho lugar, ou melhor, a uma pequena cidade trevosa, onde uma poderosa organização obsessiva traçava seus planos. Conseguimos varar ruas lodacentas e chegar ao prédio da organização trevosa. Eusébio, o chefe do grupo, preparava uma falange para destruir o lar de Gervásio e Tatiana. Diante de nós, foram passadas na tela daquela organização várias encarnações de Tatiana, Eliane e Gervásio. Espantados, ficamos sabendo que o líder da falange trevosa — Iran — era inimigo de Gervásio e que este, no passado, causara-lhe muita dor. Com o coração repleto de rancor, aliou-se a Eusébio para localizar suas vítimas e vingar-se delas, O Educandário de Luz, que não só forma grupos de estudos, mas também procura ajudar os encarnados através das Casas Espíritas bem dirigidas, colocou-nos ali para conhecermos um pouco do terrível mundo dos obsessores.

— Para melhor chegarmos à vitória, dizia Eusébio, precisamos fazer Eliane sentir-se sozinha e criar na sua casa mental um cansaço capaz de levá-la a uma profunda apatia.

— E os irmãos do Cordeiro não irão atrapalhar? — perguntou um deles.

— Nunca. A casa de Gervásio é um campo propício, lá ninguém fala em Deus, a moeda corrente é o materialismo.

— E a garota não tem méritos?

— Eliane é presa tão fácil, que nem precisamos elaborar um plano mais complicado, como acontece quando o encarnado tem méritos.

Deram boas gargalhadas e nós ficamos, depois que saíram, analisando os filmes e alguns papéis onde aquele casal dava margem a tanto ódio.

Pensando em tanta maldade, orei o Salmo 101, versículos 2 e 3: “Senhor, ouve a minha oração e chegue a ti o meu clamor. Não apartes de mim o teu rosto. Em qualquer dia que me achar atribulado, inclina para mim o teu ouvido. Em qualquer dia que eu te invocar, ouve-me prontamente”.

Retornando à casa de Gervásio e Tatiana, encontramos Eliane. Já não falava coisa com coisa. Os pais, desesperados, consultaram psicanalistas e remédios fortes foram ingeridos. Tentamos fazer aquele casal orar a Jesus. A jovem piorava cada vez mais; a mãe só queria levá-la para o exterior, o pai consultava os médicos amigos e estes falavam que a cura era mesmo demorada. Eliane, linda jovem de dezoito anos, era presa fácil daquelas mentes perversas. Luanda e Siron emitiram fluídos nos três Espíritos que se haviam alojado no cérebro da jovem e estes olhavam, buscando saber o porquê daquela sensação diferente, mas logo dominavam novamente a cabeça da moça. Tomás e Arlene foram até a Casa Espírita e trouxeram um casal com bastante conhecimento doutrinário, que pôs Gervásio e Tatiana a par do que vem a ser a obsessão. Os dois encontravam-se amedrontados e não queriam buscar ajuda no Centro. Atentos, ouvíamos a conversa:

— Gervásio, nada de mal irá acontecer com Eliane se ela for ao Centro tomar uns passes. Não que ela tenha de tornar-se espírita, mas no momento só encontramos o remédio na Doutrina.

— Eu nunca soube que vocês dois fossem espíritas, jogamos tênis há tantos anos... — retrucou Gervásio.

— Amigo, somos espíritas de coração e alma, não sendo necessário contar para ninguém. A fé é como o fluído vital: sabemos que dá vida ao corpo físico, ninguém o vê, mas não vivemos sem ele.

A mãe de Eliane era mais inflexível:

— Desculpe, mas acho que Espiritismo é coisa de louco e ignorante.

— Os espíritas são considerados loucos, pois mesmo convivendo com as coisas materiais, paulatinamente terão de ir-se desapegando delas, porque vão adquirindo conhecimento de que daqui nada se leva. De que valem as grandes fortunas, quando não nos trazem felicidade? A dor não pertence somente aos pobres, todos os seres, pobres ou ricos, choram e riem, nascem e morrem. Agora, o espírita busca a explicação da vida e da morte, por isso é considerado louco. E não deixa de ser verdade. Para uma pessoa materialista é de difícil compreensão o desprendimento dos bens terrenos, o fato de vivermos longe dos vícios, quando eles são um convite fácil à nossa frente.

O marido olhou a esposa, que falava sem parar sobre a Doutrina, aprovando-a com carinho. Nisso, os companheiros de Eliane a levaram ao máximo da irritação e ela quebrava tudo. Cercamos Eliane e com ajuda do casal tentamos acalmá-la, mas como demorou! Mas não só aqueles três espíritos dominavam a mente de Eliane; Tomás percebeu, alojado em seu cérebro, um pequeno aparelho que a atormentava, e nos colocou a par do fato.

Siron tentou desmaterializá-lo, mas sofreu um impacto que quase o derrubou. Não sei se por nervosismo, comecei a rir sem parar. Luanda segurou minha mão com carinho e logo me recompus, não deixando de indagar o porquê do choque que Siron levava. Das minhas risadas eu nem quis saber, porque sou assim mesmo; quando começa a rir, custo a parar. Luanda explicou-me que a organização

das trevas fora a responsável pela intervenção no cérebro de Eliane e não era simples a operação de retirada do aparelho, sendo necessário levá-la a um bom trabalho de desobsessão.

A jovem havia-se acalmado, mas os pais encontravam-se desolados.

Soraia, a amiga espírita, convenceu a mãe de Eliane a levá-la ao Centro. O pai, homem rico e vaidoso, era a expressão da derrota e indagava:

— Por que isso aconteceu comigo? Sou rico, tenho poder, e nada pode curar minha única filha?

— Só Deus pode curar sua filha, falou Soraia. Peça a Ele que, como bom Pai, irá escutá-lo.

— Deus? Que Deus, Soraia? Para mim Ele é mau, pois se fosse bom não matava e não deixava acontecer fatos tão tristes. Como pode dizer que Ele é bom, quando faz nascer seres deformados e deixa tantos doentes sofrerem nos leitos dos hospitais? Veja o que está acontecendo com minha filha: uma jovem de dezoito anos, ficando louca.

— E você acha que a culpa é de Deus? — indagou Soraia.

— Minha é que não é!...

O marido de Soraia retrucou:

— O mal, Gervásio, não provém de Deus, e sim dos homens, que só aplicam sua inteligência na procura dos bens terrenos, esquecidos de buscar o remédio para suas almas, e estas, convivendo apenas com coisas materiais, vão adoecendo. Assim como temos necessidade do alimento material, também necessitamos do alimento espiritual. E depois, amigo, por isso somos espíritas, só a Doutrina nos dá respostas para todas as perguntas que fazemos sobre os tormentos que assolam a humanidade. Deus não criou a Terra nem os homens para o sofrimento, nós é que nos esquecemos de fortalecer nossa alma, pois damos mais importância aos bens materiais do que aos espirituais. Se deseja saber, Gervásio, o porquê de tudo, busque a verdade; ela está nas obras doutrinárias. O homem que deseja saber de onde veio e para onde vai tem de buscar a verdade, ela é a única luz que nos tira das trevas da ignorância. A Doutrina Espírita é rica em revelações, mas para isso temos de deixar alguns hábitos, como ficar à frente da televisão e outras coisas mais, e nos afundar no mar do esclarecimento, que são os livros da Codificação kardequiana e os dos grandes filósofos do Espiritismo. Se depois de tudo isso ainda acharmos que Deus é mau... que Ele tenha piedade de nossa alma.

Enquanto conversavam, Eliane dormia, bem mais calma, sob o efeito de tranquilizantes. Arlene, aproximando-se de Tatiana, tentava convencê-la a deixar Soraia levar a filha ao Centro, e com prazer ouvimos o seu consentimento.

Gervásio, esquecendo-se de que seu maior amigo era espírita, falou, rispidamente:

— Deixem-me fora disso! Não me misturo com essa gente!

Nós a tudo presenciávamos e confesso que indagava a mim mesmo: e nosso estudo no Educandário? Por que agora estávamos na casa de Eliane?

Tomás logo me respondeu:

— Luiz, estamos estudando um caso de obsessão, muito proveitoso para melhor compreendermos a Doutrina Espírita. De que adianta chegarmos à fonte e só

nós saciarmos a sede? Temos de tomar da água da vida e saber como oferecê-la a outrem.

— Obrigado, muito obrigado.

Voltamos ao Centro, para esperar Soraia e Eliane, e quando esta foi chegando, aí sim, a coisa ficou preta: a menina gritava, com a mão na cabeça, desesperada. Mas logo na sala de passe iniciou-se o tratamento. Técnicos tentavam desmaterializar o aparelho, conseguindo muito pouco naquele dia.

Quando Eliane voltou para casa parecia pior, chorava e gritava. Seus pais enfureceram-se com Soraia, dizendo que a filha piorara, proibindo-a de levá-la novamente. Tudo fazíamos, mas pouco sucesso obtivemos. Lá estávamos apenas estudando a obsessão, e não como conhecedores do assunto. Assim, a jovem Eliane foi proibida de voltar ao Centro, pois seus pais queriam que ela fosse curada com apenas um dia de tratamento.

César, o marido de Soraia, falou:

— Você é que sabem. Não existe milagre no Espiritismo, tudo obedece a uma lei natural, e o caso de Eliane é um exemplo da lei de ação e reação, só com um tratamento sério tudo voltará ao normal.

— César, deixem-nos em paz, nada queremos com os seus Espíritos! — falou Gervásio.

Soraia e César dali saíram como se nada tivesse acontecido, serenos e gentis como de hábito.

— Agora é que “a vaca vai pro brejo” — falei para Siron.

Todos riram, acho que de nervoso, pois não tinha graça alguma Eliane não ser tratada numa Casa espírita. Tomás convidou-nos a voltar ao Educandário.

— E Eliane, vai ficar sem tratamento? — perguntei.

— Não, seus pais irão dar-lhe tratamento psiquiátrico, mas ela ficará a vida toda presa de fortes remédios.

Já no Educandário fomos para a sala trinta e três, onde modernos computadores forneciam-nos os dados das vidas pretéritas de Eliane, que fora uma dama poderosa e forte. Muito autoritária, tinha uma filha e seu marido, homem poderoso, era mau e vingativo. Um dia a filha da grande senhora, hoje Soraia, sua amiga, apaixonou-se pelo jovem Marcelo. Todos foram contra a moça e tudo fizeram para separá-la do namorado.

A velha senhora e o marido, tão preocupados estavam com o namoro, que envenenaram o jovem namorado, e este até hoje odiava aquele casal, encarnado como Eliane e seu pai Gervásio. A mãe de hoje, reencarnada como Tatiana, fora a governanta do passado que, sem escrúpulo, ajudara a matar pouco a pouco o jovem Marcelo. Hoje ele era o vingador, pois jamais as perdoara.

— Sendo Soraia a filha prejudicada de ontem, por que não tenta mudar o comportamento da família? — perguntei.

— Isso é o que tentamos, mas as reminiscências são tão fortes que eles rejeitam o remédio. E Eliane, a mulher autoritária de ontem, hoje sofre o que fez de mal para com o seu próximo.

— Não sei, não, Tomás, mas se me der consentimento, vou levar Eliane ao Centro Espírita, nem que seja à força.

— Pensarei no caso, até lá vamos orar por essa família sem fê e sem amor.

Dali partimos para a sala de estudo sobre obsessão, mas antes abri meu livro amado e caiu o Salmo 81: Deus está presente na assembléia divina no meio dos deuses profere o seu julgamento. Até quando julgareis injustamente e tereis respeito humano a favor dos pecadores? Fazei justiça ao humilde e ao órfão, atendei à razão do aflito e do pobre. Tirai o pobre e livrai o desvalido da mão do pecador. Não souberam nem atenderam, andam nas trevas, abalam-se os fundamentos da terra. Eu disse: Sois deuses, e todos filhos do Excelso. Mas vós como homens morrereis e caireis como um príncipe qualquer. Levanta-te, ó Deus, julga a terra porque todas as nações são tua herança.

Caminhando com leveza, o instrutor adentrou o auditório. Que figura majestosa aquela! Pensei: “a obsessão é um assunto tão sério que quem trabalha com ela tem de possuir um espírito nobre”. Não adianta improvisar, precisamos é nos conscientizar de que até os apóstolos, que eram os apóstolos, tiveram dificuldade em expulsar os trevosos, precisando Jesus dizer: até quando, geração incrédula e perversa, até quando hei de estar convosco, até quando vos hei de sofrer? (Mateus, Capítulo 17º, versículos 14 a 20).

O instrutor iniciou a aula explicando que quando o Cristo nos pediu para orar e vigiar, desejava evitar que os encarnados sofressem com a obsessão.

— Mas a Terra está repleta de beleza que os olhos deslumbrados buscam cada vez mais e distantes ficam das coisas que não vêem, os valores morais, porque o sentimento é diamante bruto que o homem tem de lapidar minuto após minuto, para sua libertação. Um homem de sentimentos nobres jamais será vítima da obsessão, dentro dele existe a chama do amor que, como perfume, exala sua fragrância por onde passa, e os maus fogem da luz.

— O que precisamos fazer para bem orientar um irmão, vítima do desequilíbrio espiritual? — perguntou um dos alunos.

— Jamais dizer-lhe que existem mentes perversas maltratando-o. Devemos, com cuidado, convidá-lo a buscar uma Casa Espírita séria, onde seja feito tratamento desobsessivo, com dias certos e com médiuns preparados, porque não devemos colocar iniciantes da Doutrina diante de tamanha responsabilidade; é o mesmo que colocar nas mãos de crianças um brinquedo perigoso.

— Em um grupo de desenvolvimento mediúnico não se deve fazer trabalho de desobsessão? — perguntei.

— Não, quem deseja realizar tal trabalho tem de criar na Casa um dia específico, com médiuns capacitados. Não se entrega um doente em estado grave a um médico residente.

— Obrigado, irmão.

Outro aluno indagou:

— Mas em O Livro dos Médiuns, na Segunda Parte, Capítulo 17º, item 211, está escrito: “O escolho com que topa a maioria dos médiuns principiantes é o de terem de haver-se com Espíritos inferiores e devem dar-se por felizes quando não são Espíritos levianos”.

O instrutor respondeu:

— Se o irmão for além, nesse mesmo parágrafo, encontrará: “Toda atenção precisam pôr em que tais Espíritos não assumam predomínio, porquanto, em acontecendo isso, nem sempre lhes será fácil desembaraçar-se deles. É ponto este de

tal modo capital, sobretudo em começo, que, não sendo tomadas as precauções necessárias, podem perder-se os frutos das mais belas faculdades”, O iniciante tem de primeiro possuir fé e humildade para buscar o estudo sério. Errado é, em vez de nos elucidarmos, pretendermos de imediato um contato com o mundo que muitos encarnados desejam conhecer, mas não querem se esforçar para adquirir os méritos necessários. Aconselho aos queridos irmãos que estudem todo o item 211. Na Primeira Parte de O Livro dos Médiuns, Capítulo 3º, também encontramos um belo estudo para o médium iniciante.

Fiz outra pergunta:

— É certo alguns orientadores dizerem às pessoas que tudo que lhes acontece de mau é decorrente da mediunidade não desenvolvida e que por isso devem desenvolvê-la?

— Um estudioso da Doutrina jamais falará tal coisa, O primeiro passo para qualquer um que adentra uma Casa Espírita é conhecer a verdade e só a encontraremos se conseguirmos deixar a carcaça velha e enveredarmos por uma nova vida, de estudo, amor e trabalho. Ai daqueles que brincarem com o Espírito Santo!

— Existem médiuns que só desejam receber Espíritos de nomes respeitadas. Isso é obsessão? — perguntou outro irmão.

— Não, é falta de conhecimento doutrinário, porque o médium que estuda sistematicamente a Doutrina jamais cai nesse ridículo.

— O iniciante não deve trabalhar com obsessão?

— O iniciante, antes de tudo, tem de estudar, reformular sua vida, buscando na Doutrina o remédio para sua alma. A Casa Espírita é um hospital e quem a busca precisa de remédio, e esse remédio é o conhecimento. Colocar um médium iniciante para curar obsessão de terceiros é falta de caridade, pois em vez de um doente, teremos vários. Voltamos a dizer: é necessário o estudo da mediunidade para os médiuns iniciantes. Para os trabalhos de desobsessão torna-se preciso uma boa orientação da Casa, com médiuns sérios e de grande conhecimento doutrinário. Quando os apóstolos de Jesus não souberam expulsar o Espírito que perturbava o lunático, perguntaram ao Mestre: Por que não pudemos nós lançá-lo fora? Jesus lhes respondeu: Por causa da vossa pouca fé. Só fortalecemos nossa fé à medida que nos dedicamos ao estudo, ao trabalho e à caridade. Quando nos tornamos operários de Jesus, fortalecemos a nossa fé e nos interessamos pelo estudo, para melhor compreender a Sua vida. Não temos medo, pois o amor que vive em nós nos fortifica.

— Irmão Policarpo, há muito trabalho no livro espírita e sempre procurei dar aos meus leitores alguns esclarecimentos sobre mediunidade com Jesus. Gostaria que me orientasse: o que posso fazer pelos iniciantes e pelos médiuns?

— Orientá-los, Luiz Sérgio, no sentido de que mediunidade não se desenvolve, educa-se; que um médium educado é um operário do Senhor; que nada exige, ao contrário, é um doador de amor e de exemplos. Um bom médium não precisa de propaganda nem de defensores, suas ações são raios de luz que mostram o clarão de sua alma para todas as criaturas. Um bom médium pode ser ultrajado por pessoas desequilibradas, mas jamais se defenderá, pois a sua consciência vai sempre dar-lhe paz. Os Espíritos precisam dos médiuns, mas os médiuns devem tudo fazer

para que os Espíritos encontrem neles um amigo e que juntos possam crescer em conhecimento e amor. Cada médium que busca ajudar o seu semelhante é uma noite escura que abriga as estrelas e, mesmo assim, fica feliz por servir. Entretanto, o médium que desejar ser estrela ficará perdido no mundo da vaidade, do orgulho e do egoísmo. Por outro lado, a Casa Espírita que não ajuda os iniciantes, dando-lhes elucidações doutrinárias, incorre em erro imperdoável. Não são os fenômenos que nos levam até Deus, mas aquilo que aprendemos e armazenamos de bom em nós. Espero que cada um de vocês leve ao plano físico a paz e a esperança.

Fizemos uma prece e nos retiramos. Lá fora, olhei o Educandário de Luz e pensei: “como Jesus Se preocupa com Seus irmãos!...” Ele não só veio ao plano físico, fazendo da Sua vida um exemplo de amor, como depois nos ofertou o Consolador, a mão amiga que seca as lágrimas e levanta o caído. E ainda vemos aqueles que julgam que a Doutrina é brincadeira, deixando passar a oportunidade de aprender e servir, O ser age desse modo por ignorância, ou porque não deseja que lhe peçam renúncia? — pergunto.

Não sei por quê, mas todas as vezes que busco o Educandário fico apreensivo por aqueles que julgam que o Espiritismo é uma tenda de milagres e que quando o buscam só desejam usufruir benefícios, quando o que aprendemos aqui é que cada ser tem de cumprir com o plano de Deus. Ele é muito claro e se chama evolução. Ninguém evolui se não buscar o trabalho junto aos pobres, junto aos irmãos difíceis, tornando úteis os seus momentos. Não basta chorar e pedir aos Espíritos consolação, quando existem milhares de criaturas famintas, doentes do corpo e da alma, esperando por nós, principalmente se nos dizemos espíritas. Quando estudamos a Doutrina vamos percebendo que a vida física é passageira e que o Cristo, o Consolador, espera que cada um de nós faça alguma coisa pelo próximo. Ficar orando, pedindo, pedindo, é proveitoso, porque disse Jesus: buscai e achareis, mas para buscar a paz da consciência precisamos nos unir num só abraço fraterno.

— Meu Deus, meditando?... — perguntou Tomás.

— Sim, meu amigo, estou a meditar: que posso fazer pelos meus leitores?

— Muito simples: apenas lhes transmita, através de seus livros, a beleza da vida com Jesus, fazendo com que busquem a cada dia praticar a caridade, pois muito recebe quem doa. O que nega ao pobre nega a Deus, porque tudo o que temos nos foi dado por acréscimo. Feliz daquele que já divisou o caminho de Jesus com Suas verdades e faz dessas verdades o alicerce para a vida eterna.

Abraçei Tomás e fomos caminhando, cantando esta canção:

*Doutrina Espírita,
Força de Deus,
Doutrina Espírita,
Força de Deus,
Quero buscar-te,
És o meu lar,
Quero buscar-te,
Para doar,
Em tia luz*

*Vive a brilhar,
Sempre nos conduz,
Doutrina Espírita,
És meu farol,
Ensinando que o Sol,
Vem clarear,
A nossa mente,
Para aprender,
A ensinar,
A muita gente,
Doutrina Espírita.*

10

A CIDADE DO PÂNTANO

Tomás e eu saímos em busca dos outros e logo os encontramos. Siron, Arlene e Luanda estavam na praça das Acácias, sentados na relva, orando.

Esperamos em silêncio; quando terminaram, uniram-se a nós.

— Precisamos procurar socorro para Eliane, instruiu-nos Tomás.

— Mas já não estivemos lá? Os pais rejeitaram o socorro espiritual.

— Mesmo assim temos de ajudá-la. Vamos até o pântano dos vingadores.

— Quê? — interoguei.

— Oh, querido, está com medo? — perguntou-me Luanda.

— Sim, querida, proteja-me, anjo da minha vida.

— Jesus e Maria estarão ao nosso lado; ore e terá força para tudo enfrentar com coragem.

— Calma, irmã, estou brincando.

Nada disseram e o papai aqui se mancou, meio sem jeito. Arlene, aproximando-se de mim, olhou-me com tanto carinho que, contendo a emoção, segurei seu ombro, agradecido.

Fomos caminhando, vagarosamente. À medida que íamos deixando o Educandário de Luz a atmosfera ia ficando cinzenta, como se ameaçasse uma imensa tempestade. O ar estava pesado e o vento uivava, juntamente aos gemidos de animais estranhos que cruzavam o nosso caminho. Quando tudo parecia sem vida, avistamos um ponto luminoso: era uma estrela em noite escura. Ceifei meus olhos e orei, agradecido, não demorando a chegar ao Lar de Maria, onde fomos recebidos por Constância, Anicia, José Tadeu, Aristides e Joselito. Para entrarmos foi preciso Aristides e Joselito segurarem a porta, tal era a força do vento. Adentramos e demos graças a Deus. No seu interior tudo era tranquilidade. Constância carinhosamente nos acolheu, mandando-nos servir algo. Antes, oramos, após o que José Tadeu colocou Tomás a par dos perigos do pântano e que se aproximava a época em que ele ficava mais fortalecido.

— Que época é essa? — indaguei.

— Quando as festas mundanas, regadas a álcool, sexo e droga, mandam até ele suas emanções negativas.

— E vocês nada fazem?

— Luiz, se não fosse esta Casa de Maria eles cresceriam muito mais em número, respondeu-me Siron.

Estava louco para perguntar se ali havia doentes, mas logo Constância nos levou para o pequeno salão da prece e ali, junto aos irmãos, compreendi que aquela pequena casa era o coração de Jesus junto aos sofredores.

Projetou-se à nossa frente o pântano da vingança, um lugar onde o ódio é a lei. José Tadeu nos esclareceu:

— Vejam como se organizam. Agem de tal modo que, se os trabalhadores do Senhor não tomam precauções, são ludibriados.

— Por que pântano? — perguntei —. Eu vejo uma cidadezinha, até bonitinha.

— Irmão Luiz Sérgio, se você olhar melhor vai perceber que o solo é composto de uma gosma, assim como tudo o que os cerca.

— Por que isso, irmão?

— É o miasma do ódio.

Ficamos naquele dia, aprendendo tudo sobre o lugar. Quando dali saímos, cumprimentei aqueles espíritos abnegados, mas confesso que estava curioso para saber se eles só oravam. Joselito, aproximando-se de mim, falou:

— Quando voltarem, darei maiores detalhes sobre a nossa casa.

— Desculpe, amigo, mas sou mesmo muito curioso, falei, meio sem jeito.

Ele sorriu e Lhe dei continência:

— Até mais ver.

— Até mais tarde, falou.

O vento continuava soprando forte e parecia que afundávamos, tão baixa era a vibração do lugar. Ao chegarmos, vimos dois irmãos de guarda, mas não sabia se deles ou nossos.

Tomás, aproximando-se, saudou:

— Deus seja louvado nos nossos atos.

— Que assim seja, responderam.

Que alívio! Cumprimentei-os também, com o coração repleto de amor. Os dois não sorriram. Recordei-me de Jacó, que diz: “como sorrir, quando tantos choram junto a mim?”

— Podemos entrar? — perguntou Tomás.

— Não, ainda não. Antes, vamos esperar os outros, respondeu um guarda.

Olhei de lado e não vi ninguém, mas sem demora chegaram mais dois guardas, que substituíram Foyar e Jafé, e estes nos levaram por outro caminho. O ar ia ficando cada vez mais gelado, como se estivéssemos penetrando num pântano. Sentia-me engolido pelas famosas areias movediças.

Os outros caminhavam tranquilos, mas o papai aqui encontrava-se nervoso. Foi quando Jafé segurou minha mão e nada mais eu vi, só despertando quando já nos encontrávamos no pântano trevoso. O lugar, com suas casas de pedra, era muito estranho, como se houvessem construído a cidade aproveitando as rochas do lugar.

— Acho que este local poderia ser chamado de cidade do ódio — comentei com Luanda.

— Tem razão, aqui se encontram os vingadores.

— Como é possível, Luanda, um ser humano deixar de viver no céu e preferir o inferno? Isto aqui é o inferno.

— É, Luiz, infelizmente o homem adora cometer iniquidades e foge do respeito às leis.

Nos planos superiores temos de obedecer à lei do amor, mas para eles o amor não existe.

— Por que odeiam tanto?

— Porque foram maltratados, lesados.

— E só por isso alimentam o ódio?

— Luiz, se não nos educarmos através do Evangelho, sempre consideraremos as pequenas faltas como grandes e teremos dificuldade em desculpar, ainda mais em perdoar.

— E como eles saem daqui para irem ao plano físico buscar os seus inimigos?

— Para nós torna-se difícil descer aqui, mas para eles é um caminho normal.

— Normal? — espantei-me —. Aqui é o inferno. Tudo é muito estranho.

Olhamos aquelas casas de pedra, cujas heras as cobriam devido à umidade do lugar. As ruas também eram de pedras, cobertas de limo verde. Passamos por alguns transeuntes, porém não nos perturbaram.

— Não somos diferentes deles? — indaguei, Jafê sorriu.

— Éramos. Neste momento, estamos iguais.

Reparei o guardião e tive vontade de rir: éramos um amontoado de lodo.

— O que estamos fazendo aqui? Buscando os obsessores de Eliane?

— Não, respondeu Tomás. Vimos aqui falar com Tibério, um dos chefes das trevas.

— Quê, Tomás? Você vai falar com ele?

— Não, Luiz, eu sozinho não. Todos nós iremos.

— E você acha que vai dar certo?

— A fé remove montanhas, disse-nos Jesus.

A aparência da casa de Tibério era bem melhor que as outras. Até os cactos que enfeitavam o jardim me pareceram ter flores. Mesmo assim, a vibração era péssima. Na porta, um guarda barrou nossos passos, mas logo resolveu deixar-nos entrar. E quando o fizemos, vimo-nos numa sala. Defrontamo-nos com libério, que disse:

— Sejam bem-vindos, desde ontem nós os esperávamos. O que desejam agora? Por que Anícia e Aristides não me deixam em paz?

— Porque eles amam você, concluiu Tomás.

Tibério levantou-se, furioso.

— Amam? Que é o amor para vocês? A submissão constante? Tornamo-nos capachos dos fortes, lesados, traídos, humilhados? Isso é amor? Não. Quero que nos deixem em paz, somos felizes e muitos encarnados estão felizes com a nossa companhia.

— Calma, libério. Só estamos aqui para saber por que a vingança com Eliane. Não é mais fácil o perdão?

— Não sou eu que a odeio, mas nada posso fazer se ela plantou ódio no coração daqueles que hoje pedem justiça.

— Sabemos que Eliane e seus pais erraram, mas enquanto ela sofre no corpo físico, seus amigos continuam neste pântano que não é um bom lugar para se viver.

— Engana-se, ultimamente o pântano tem recebido tantas vibrações dos encarnados, que estamos crescendo cada vez mais.

Estava louco para perguntar o que dificultava a vida naquele lugar. Arlene, captando meu pensamento, sussurrou-me:

— E quando a humanidade ora e se une em gestos de solidariedade de uns para com os outros. Como atualmente estamos vivendo a ira, o sexo livre, onde crianças se prostituem e se drogam em cada esquina, essas aberrações são o fermento, o oxigênio deste lugar.

Enquanto Tibério falava com Tomás e os guardas, eu tentava receber as elucidações sobre a estranha cidade.

— Quem é Tibério? É o chefe deste lugar? E por que ele nos recebe?

Nisso, sua voz atingiu-me, rispidamente:

— Menino, você é muito curioso, aprenda a falar só quando for chamado.

— Desculpe, amigo.

— Não o conheço e peço que cale sua boca.

Foyar olhou-me com carinho, pedindo-me calma. Inteiramo-nos, então, do que eles conversavam: pediam para que ele tomasse cuidado, pois assim o plano superior iria tomar drásticas decisões.

— Você sabe, Tibério, que nós queríamos que você e seus companheiros descobrissem o caminho de Jesus, mas desde o momento em que não respeitam o seu próximo, terão de arcar com as consequências, e o plano superior vai dar um basta nesta situação.

— E o meu livre-arbítrio?

— Existe um determinado momento em que o Senhor interfere. O livre-arbítrio é como a vida, nos pertence, entretanto o Senhor pode mudar-nos de morada. E este pântano poderá tornar-se apenas um pântano.

— O que vocês querem? Mandar somente que recebamos os emissários de Jesus? Mas eu sempre os recebo...

— Mente, Tibério. Há poucos dias uma caravana quase foi aprisionada por você. Só se viu livre graças a sabedoria dos guardiões.

Tibério começou a dar gargalhadas e foram surgindo muitos e muitos trevosos. Ia entrar em pânico, quando me recordei de Francisca Theresa: “Quando temos Jesus plasmado em nosso coração ninguém é contra nós, somos o vento que sopra lá fora, o sol que ilumina, a estrela que brilha, a flor que perfuma, o riacho que corre, a sombra que abriga, enfim, um filho de Deus”.

— Estou farto de vocês! — gritou Tibério —. É pena, mas não poderão levar para Constância e os outros notícias nossas, porque serão nossos prisioneiros. O plano físico está junto a nós, veja como cresce nossa organização e eu sou o chefe. Lá as obsessões estão cada vez mais intensas; em quase todos os lares existe um ser em desequilíbrio, graças à mente dos encarnados ligados a nós. Enquanto vocês pedem caridade e humildade, nós oferecemos divertimento, nada proibimos; para nós, o sexo, a droga, o álcool e o cigarro são o elixir do bem viver. Seus cordeiros sem pêlo, agora irão conhecer as delícias da vida — falou, segurando Tomás e Arlene.

Nisso, fez-se um estrondo, como se fosse cair uma tempestade.

Tibério correu à janela.

— O que está acontecendo? — gritou para a guarda.

— Não sabemos, parece que é um terremoto.

Quando disse isso, percebemos que aquele lugar começou a afundar e nós, abraçados uns aos outros, nos vimos em uma plataforma de socorro, enquanto eles se debatiam numa torrente de lama que tomava conta de tudo. Só conseguíamos ver suas cabeças. Tibério invocava os seus superiores, mas ninguém, nem mesmo nós, poderíamos algo fazer. Firmei-me na plataforma da paz e chorei como se fosse um bebê, quando vi os meus companheiros. Todos eles oravam, agradecidos. A plataforma permaneceu pairando sobre a cidade destruída, enquanto ouvíamos aqueles espíritos doentes gritarem por socorro.

— Vamos ajudá-los? — perguntei à Arlene.

— Não, não temos gabarito para tal. Agora terão de ficar prisioneiros, pois não souberam viver em liberdade.

— Os miasmas da droga, do sexo, dos vícios, enfim, não irão ajudá-los?

— Não, porque entre os encarnados uma onda de amor cresce e está unindo a muitos. E foi aproveitada esta vibração para destruir a cidade do pântano.

— E eles ficarão presos no pântano, sem casa?

— Sim, até o pedido de socorro.

Vimos os rostos daqueles homens, se podemos assim chamá-los, deformados não pela dor e sim pelo ódio, e pensamos: “como e bom amar, somos felizes quando amamos”. Assim ficaram: Retiramo-nos, levando na mente a degradação do espírito sem Deus e nos sentimos protegidos pelas mãos de Jesus, que não decepciona aqueles que praticam a caridade do trabalho ao próximo. Orava baixinho, com o rosto banhado em lágrimas, quando ouvi a voz de Francisca Theresa, que cantava esta canção:

*Meu bem amado,
Para seduzir-Te me farei pequena,
Esquecerei de mim mesma,
Para alegrar Teu coração,
Agradar-Te é minha meta.
Minha felicidade és Tu, Jesus,
Quero voar para Ti,
Ser Tua prisioneira,
Esconder-me sob a terra,
Esquecer de mim mesma,
Para conquistar Teu coração,
Minha felicidade és Tu, Jesus,
Minha paz é lutar sem descanso,
Para levar almas para os céus,
E com ternura repito tanto:
Minha felicidade és Tu, Jesus.*

Todos nós cantávamos bem alto e tive a certeza de que naquele momento os irmãos do pântano do ódio seriam socorridos, porque Jesus é amor e prometeu a Deus nos levar até Ele.

Estávamos de volta ao Lar de Maria, onde fomos recebidos por Constância, e nos vimos naquele lar onde a limpeza e as flores davam-nos as boas vindas e uma música suave trazia tranquilidade.

— Sei que estão curiosos para saber por que nos servimos de vocês para dar um basta no pântano, falou Aristides.

— É isso mesmo o que estou pensando, falei. Acho que Tomás e meus outros irmãos não estão curiosos, mas eu confesso que não estou entendendo nada.

— Primeiro vamos fazer uma prece de agradecimento e depois conversaremos.

E assim aconteceu. Logo depois, estávamos bem instalados na bela sala onde nos foi projetada a organização de Tibério: dali ele enviava suas equipes de obsessores que se juntavam às criaturas sem Deus, sem amor e sem respeito familiar, levando-as à degradação. Quanto mais no plano físico elas se afundavam na orgia, mais cresciam no plano espiritual as zonas trevosas.

— O encarnado julga que é dono de sua vida — elucidou-nos Aristides — dá-se o mesmo com um jovem que o pai coloca numa ótima escola e ele negligencia as lições, preferindo fugir do aprendizado para “aproveitar a vida”, como dizem. Só que um dia ele terá de sair da escola — ninguém fica a vida inteira no colégio ou na universidade — e aí, como vai viver? Não tem um curso, nada aprendeu; ou procura um trabalho humilde ou parte para a marginalidade. Hoje vocês estiveram junto àqueles que não aproveitaram a universidade da Terra e preferiram a marginalidade, só fazendo o mal. Deus é culpado? Não. Nós somos culpados? Não. Eles é que tornaram o próprio caminho um pântano de dor. Sodoma e Gomorra ficariam assustadas diante da depravação de alguns encarnados, onde o sexo é praticado mais ferozmente do que entre os animais. A falta de respeito é tamanha que hoje os meios de comunicação incitam os jovens a se iniciarem na vida sexual aos nove, dez anos, quando essas crianças ainda têm os seus órgãos prematuros. Mas o “inteligente”, o “pra frente”, como dizem, tudo faz para que não mais exista a moral. Só lembra do Pai na hora em que seu corpo se vê impossibilitado de praticar atos contrários à lei de Deus.

— Por que apenas hoje vocês destruíram o pântano?

— Temos de aproveitar quando os encarnados se lembram da família, as datas comemorativas, como, por exemplo, a Páscoa; recordam-se de Jesus no Calvário, de Maria, como a mãe que sofre ao ver o filho “morto”, a traição de Judas, enfim, são dias de louvor a Jesus. Só por essas vibrações o plano superior pode resgatar os irmãozinhos do pântano.

— Então eles foram socorridos?

— Sim, Luiz, ninguém é abandonado por Deus.

— Para onde foram levados, posso saber?

— Para uma colônia correcional, onde irão aprender a ter disciplina e não poderão fazer o mal.

— Correcional? Então não poderão sair de lá, não é mesmo?

— Eles estarão sendo tratados. Para os mais violentos é uma prisão, para os que já divisam a luz, uma escola.

— Eu, hem? Prefiro a Universidade Maria de Nazaré.

— Esteja certo, Luiz, de que um dia eles chegam lá também.

— Irmão, como o homem é burro! Se pode caminhar sem peias, por que prefere o caminho tortuoso?

Muita coisa ali se falou e a Doutrina Espírita surgiu à nossa frente límpida, radiante de luz. Muitos julgam que o espírita só estuda ou só pratica a caridade, e buscam outras crenças. Não sabem eles que o Consolador prometido por Jesus é um remédio que limpa o nosso perispírito, é a “água sanitária” que alveja a veste nupcial para que nós possamos participar do banquete divino. A Doutrina Espírita ensina o homem a ser digno, a não praticar injustiça. Quem chega à Doutrina tem por dever se curar, buscando no estudo a orientação dos grandes espíritos que nos esclarecem que o único caminho que leva a Deus é a caridade e que Jesus é que está à frente, nos ensinando a vencer os obstáculos. Por que ainda descuidam da Doutrina, achando que ela não nos ajuda a vencer as dificuldades financeiras, as lutas do dia-a-dia, buscando amuletos, talismãs, fazendo feitiçaria? Enfim, o que queremos nós? Uma vida de paz. E por que não a encontramos na Doutrina? Simplesmente, porque estamos sujos de egoísmo, vaidade, orgulho, avareza, maledicência, ódio, preguiça. Mas com a graça divina um dia Deus vai dar um basta no pântano onde estamos atolados e peça-mos a Ele que nos dê forças para que, antes disso, nós mesmos busquemos o caminho, a verdade e a vida.

Acho que muitos julgam difícil entender a Doutrina Espírita. Têm dificuldade de compreender como pode uma pessoa não se cobrir, ao contrário, despir-se, para vestir outrem e onde todos têm de doar amor ao próximo? Diz Francisca Theresa: “Poucas pessoas sabem encontrar a Doutrina Espírita, porque ela está escondida na humildade e o mundo gosta do que brilha”. Ainda diz Francisca Theresa: “Ah! Se a Doutrina tivesse querido mostrar-se a todas as almas com todo o seu brilho e sabedoria, sem dúvida nem uma só pessoa a teria repellido; mas ela não quer que a amemos pelo seu brilho e sabedoria, ela deseja que cada um se esforce para ser digno das promessas do Cristo”.

* * *

O caminho do Educandário nos pareceu uma alameda de luz, onde, de mãos dadas, cantamos o Hino do Amor, com o coração repleto de agradecimento ao Senhor do Céu e da Terra, nosso Pai amado, uno, indivisível, infinitamente bom e justo: Deus.

Iná nos recebeu com todo o seu carinho. Logo tivemos de buscar a sala de aula, onde o irmão Lázaro José iniciou a palestra sobre a influencição dos Espíritos desencarnados junto aos encarnados, a razão por que o encarnado precisa orar e vigiar, principalmente se está à procura do conhecimento espiritual.

— Quem deseja abraçar a Doutrina Espírita tem de deixar as coisas temporais, que ao mundo físico pertencem, porque ao nos encontrarmos em seu interior estamos em busca das verdades espirituais. Diante delas, temos de nos conscientizar de que o mundo físico é um empréstimo de Deus, uma escola onde tentamos aprender a conviver uns com os outros. Entretanto, quem buscar o hospital de Deus e desejar somente resolver seus problemas pessoais é muito mais culpado, porque aquele que longe se encontra da verdade tem menos culpa, ainda não divisou a luz. Agora nós, que abrimos o portão do mistério, que temos acesso a toda a literatura espírita e continuamos apegados aos bens terrenos e à pequenez das coisas terráqueas, não queremos progredir, estamos apenas nos aproximando da Doutrina

por curiosidade ou porque recebemos dela algum benefício. Mas não, isso não. A Doutrina é o barco que faz com que nossos Espíritos tenham condição de despir a indumentária carnal com dignidade. Deus colocou Jesus na Terra e Ele, através do exemplo, nos ensinou sobre a vida eterna. Quando os judeus e fariseus tentaram tirar-Lhe a vida, Ele nos mostrou que ninguém morre, porque o amor é vida e feliz daquele que ama a Deus e ao próximo. E esse mesmo Jesus, que maltratamos com os nossos erros, prometeu-nos o Consolador, para nos dizer tudo o que Ele não teve tempo de dizer. E o Consolador, que vem a ser a Doutrina Espírita, esclarece o homem sobre a vida. Feliz daquele que chegou ao poço da verdade — a Doutrina — e se dessedentou com perseverança e amor. Infeliz daquele que, junto à cisterna, jogou fora o precioso líquido, porque é um escravo da vaidade, do egoísmo, do orgulho e da avareza. Muitos estudam a Doutrina mas não a colocam no coração, e ela só germina com o adubo da caridade. Somente visitar os templos nada acrescenta à nossa evolução. O homem precisa tirar a venda dos olhos e divisar a vida espiritual, a morada verdadeira dos Espíritos. E a Doutrina é a irmã amiga que nos esclarece e nos dá a mão. No item 7 da Introdução de O Livro dos Espíritos há uma frase muito bonita: O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Sabemos que o homem orgulhoso, chegando à Doutrina, deseja adorná-la com suas idéias, esquecendo de buscar nas obras básicas a verdade. Se todos os que se dizem espíritas estudassem a Doutrina e a colocassem em prática, não estaríamos hoje aqui tentando dizer àqueles que dirigem uma Casa, que têm a direção de um grupo, que psicografam livros, enfim, que levam o esclarecimento a outrem: cuidado! O homem passa, mas a Doutrina permanece, porque as coisas de Deus são eternas. Se fomos chamados para o trabalho espírita, temos de procurar a verdade e ela não nos aponta erros, mas é tão real que, como um espelho, mostra-nos as nossas deformações e feliz seremos se, ao percebê-las, nem que sejam algumas, nos esforçarmos para ficar livres delas. Na Casa Espírita todos somos iguais, o Mestre é Jesus; agora, se desejamos o aplauso, os elogios, as admirações, estamos em lugar errado, O espírita não é um artista, é um operário de Cristo tentando construir na Terra o edifício chamado fraternidade. No item 8, da Introdução de O Livro dos Espíritos, está escrito: Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não sabemos como dar esses qualificativos aos que julgam a priori, levianamente, sem tudo ter visto; que não imprimem a seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento indispensáveis. Esta passagem é muito propícia também aos falsos espíritas que brincam de adivinhos, querendo colocar suas idéias como adereços à inatingível Doutrina Espírita. É só buscarmos as respostas nas obras básicas e nas dos grandes filósofos que encontraremos a chave da porta através da qual estamos tentando entrar, ou arrombá-la, por achar mais fácil, não querendo comprometer-nos com o estudo sério, porque ele vai-nos apontar as falhas do nosso caráter. Percebemos que hoje muitos dos que se dizem espíritas estão brincando com os Espíritos superiores como se estes fossem uns desocupados, atendendo ao chamado de pessoas inescrupulosas que só desejam brincar com os Espíritos; mas estes fogem dos ociosos e dos vaidosos. Uma pessoa séria, ao chegar à Doutrina, deve buscar a

verdade para não cair no ridículo. E o pior é que estas pessoas que se dizem espíritas estão aumentando cada vez mais, porque as Casas, ditas espíritas, não estão oferecendo uma orientação segura. Basta sair um livro novo para logo ser adotado no Centro, quando o presidente de uma Casa Espírita tem de colocar nas mãos do iniciante O Livro dos Espíritos e fazer do estudo da sua Introdução o mapa da mina; só vamos adentrando no estudo, através de todos os livros da Codificação. Por exemplo: estamos no item 8, da Introdução. Vamos buscar na Parte Segunda, Capítulo 1. Diferentes ordens de Espíritos, questão 96. São iguais os Espíritos, ou há entre eles qualquer hierarquia? “São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.”

O dirigente do grupo deve ler e reler todo este capítulo sem pressa; não adianta dizer que já estudou toda a Codificação. O que precisamos salientar é que não paramos de estudar a Codificação, a cada dia esses ensinamentos divinos mais adornam o nosso intelecto e nossos corações. Estudando introdução, item 8, vamos também buscar, em O Livro dos Médiuns, Segunda Parte, Capítulo 24º — Da identidade dos Espíritos, Segunda Parte, item 266. O dirigente deve estudar todo este Capítulo, que será muito proveitoso para quem deseja bem servir a Doutrina. E também devemos buscar no pequeno e maravilhoso livro O que é o Espiritismo, o Capítulo 1º, Diversidade dos Espíritos, e o Capítulo 2º — Charlatanismo, item 89: Certas manifestações espíritas facilmente se prestam a imitação; porém, apesar de as terem explorado os prestidigitadores e charlatães, do mesmo modo que o fazem com tantos outros fenômenos, é absurdo crer-se que elas não existam e sejam sempre produto do charlatanismo. Prestem atenção neste parágrafo que se segue: Quem estudou e conhece as condições normais em que elas se dão distingue facilmente a imitação da realidade; além disso, aquela nunca pode ser completa e só ilude o ignorante, incapaz de distinguir as diferenciações características do fenômeno verdadeiro. Inteirando-se do conteúdo filosófico da Doutrina e o colocando em prática, o homem não cairá no ridículo. É muito triste ser um falso profeta e hoje, infelizmente, estamos encontrando na árvore espírita muitos frutos corroidos pelo orgulho e pela falta de conhecimento cristão. Agora estamos tratando da necessidade de uma mudança no homem que busca a Doutrina. Allan Kardec colocou em O Evangelho Segundo o Espiritismo que a caridade é o único caminho da salvação e quem tem caridade no coração não é vaidoso; a vaidade é que leva o homem a mistificar, a tornar-se um falso profeta. Ele se considera o dono da verdade, não só da verdade como da Doutrina, e faz do riacho de águas cristalinas um mar morto, infecto na profundidade e com a aparência de um mar tranquilo. Mas a Doutrina é como o fluído vital: ninguém o vê, mas dele precisa para viver. A Doutrina é Jesus novamente nos recitando o Sermão da Montanha: bem-aventurados os pobres de espírito, bem-aventurados os misericordiosos, bem-aventurados os mansos e pacíficos. Enfim, se aqueles que se dizem espíritas são orgulhosos, ásperos, briguentos e faltam com a misericórdia para com seus irmãos, estão brincando com o Espírito Santo, e aí de quem o fizer. Desejo a todos um bom aprendizado e que cada um leve para o plano físico a mensagem de que aos espíritas não é dado o direito de se distanciar da caridade, porque ela é que os torna mansos e pacíficos, misericordiosos e pobres de espírito, mas ricos de amor. Só ela levanta do túmulo o orgulhoso e faz dele um novo homem. Sem a Doutrina somos o vento que sopra, a

chuva que cai, a terra que treme. Com ela somos a árvore cuja raiz suporta a tempestade, a semente que germina, a terra renovada. Deus nos proteja. Lázaro José. Fomos saindo devagar. Segurei o braço de Arlene e ela endereçou um olhar de carinho, porque somos irmãos que precisam uns dos outros para o crescimento necessário. Dalí fui até minha casa, onde vovó muito preocupada se encontrava com a família física. Cezinha e Júlio não andavam bem de saúde, assim como outras pessoas da família. Disse a ela que o corpo físico é uma matéria sujeita ao desgaste e que juntos iríamos orar pela paz de todos.

— Luiz Sérgio — disse-me vovó —, às vezes eu quero ir até a casa da Zilda, mas fico com medo de atrapalhar. Quero saber se posso ir sempre vê-la.

— Vovó querida, poder a senhora pode, mas não é certo, deixe que os encarnados cuidem deles.

— Fico preocupada, você sabe, não é?

Tirei o dia para visitar amigos e parentes. Vovó Artur trabalhava no receiptuário mediúnico no plano físico, vovó Jucundino esforçava-se por acompanhar os grupos de assistência social, vovó Josefa ainda se recuperava, mas procurava ajudar seus irmãos em sofrimento. Outros ainda precisavam muito da caridade dos encarnados, todos nós devemos saber que sem ela não existe salvação; que quando alimentamos um faminto é a nós que o estamos fazendo. Ao nos preocuparmos com aqueles que tiritam de frio, é o nosso espírito que estamos agasalhando.

— Luiz Sérgio — chamou vovó —, você está triste, o que está acontecendo?

— Nada, meu amor eterno — falei, levantando-a nos braços.

Ela, dando gostosa risada, dizia-me:

— Coloque-me no chão, assim eu fico tonta.

Com que carinho eu não só a descí como lhe beijei os cabelos! Ali fiquei uns três dias, aproveitando para estudar mais um pouco. Logo encontrava-me junto aos outros, que já me esperavam no jardim das hortênsias. Olhando aquele campo florido, recordei de uma irmã que adora hortênsias.

— Este campo deveria chamar-se “Recanto da Caridade” — falei para Arlene.

— Por quê?

— Conheço uma irmã em Cristo que adora hortênsias e que fez da sua vida um hino de amor aos pobres. Corta por ano uma média de onze mil casaquinhos, além de fraldas e cueiros, e ainda mais, leva avante um belo trabalho de bazar. Pelas suas mãos passam mais de mil enxovais para os recém-nascidos.

— Luiz, que belo trabalho! É tão bom saber que existem na Terra aqueles que lutam contra a miséria. Por que as pessoas que possuem talento não se propõem a trabalhar para o próximo, fazendo enxovais, bordando, pintando? E veja bem, desde a época de Kardec os Espíritos já chamam para o trabalho da caridade. No capítulo 13º de O Evangelho Segundo o Espiritismo, item 4, encontramos: (...) Aprende afazer obras úteis e confeccionarás roupas para essas criancinhas. Desse modo, darás alguma coisa que vem de ti. Neste mesmo capítulo, item 11, há um chamado para aqueles que estão se sentindo os mais infelizes da terra: Que os meus amigos encarnados creiam na palavra do amigo que lhes fala, dizendo-lhes: É na

caridade que deveis procurar a paz do coração, o contentamento da alma, o remédio para as aflições da vida.

Nisso, chegou Siron e falou:

— Gosto também do item 16 desse Capítulo de O Evangelho Segundo o Espiritismo: Os pobres são os seus filhos bem-amados; trabalhar para eles é glorificá-lo. Todos vós, que podeis produzir, dai; dai o vosso gênio, dai as vossas inspirações, dai o vosso coração, que Deus vos abençoará. Poetas, literatos, que só pela gente mundana sois lidos!... satisfazei-lhes aos lazes, mas consagrai o produto de algumas de vossas obras a socorro aos desgraçados. Pintores, escultores, artistas de todos os gêneros!... venha também a vossa inteligência em auxílio dos vossos irmãos; não será por isso menor a vossa glória e alguns sofrimentos haverá de menos. Todos vós podeis dar. Qualquer que seja a classe a que pertenceis, de alguma coisa dispodes que podeis dividir.

— Sabe, Siron, muita gente nem lê O Evangelho Segundo o Espiritismo.

— Se lesse, seria menos avara, — disse Luanda.

— Acho certos encarnados muito ingênuos, porque a cada dia as provas da imortalidade da alma se concretizam diante deles e mesmo assim fogem do único caminho da salvação. Sempre estão dando uma desculpa, enquanto diante dos nossos olhos divisamos pessoas pobres, quase mendigas, doando o que podem e nem assim julgando que estão fazendo a caridade.

— Há alguns espíritas que são contra a caridade...

— Sim, mas eles são contra não só a caridade, como também a Codificação. Não são os Espíritos hoje conhecidos que dizem: fora da caridade não há salvação. Quem afirmou isso foi o Codificador do Espiritismo: Allan Kardec. Alguém intitular-se espírita e atacar a caridade, perdoe-me, mas, ou é cego ou finge ser. Nos livros doutrinários a caridade é o vento que levanta o véu da ignorância, quando, no capítulo 13º, diz Cáritas: Chamo-me Caridade; sigo o caminho principal que conduz a Deus. Acompanhai-me, pois conheço a meta a que deveis todos visar.

— Luiz — disse Tomás —, não foram os espíritas que instituíram a caridade nem as campanhas Auta de Souza, foi Deus, e Jesus exemplificou-a para todos nós. Quando o Doutor da Lei perguntou a Jesus qual o maior mandamento, Ele respondeu: amar a Deus e ao próximo. Portanto, quem não deseja ajudar o próximo não pode amar a Deus. Se desejarmos conhecer mais a caridade, vamos buscar o Antigo Testamento e nele constatar o chamado para a caridade, e até hoje tentamos dizer aos encarnados o valor do amor ao próximo. Ao contar a parábola do samaritano, Jesus quis dizer aos sacerdotes e aos levitas que não ficassem apegados à letra, que saíssem em busca dos famintos e estropiados do caminho. Bem, a conversa está boa, mas está na hora de descermos à terra. Uma nova tarefa nos espera.

Devo ter feito uma cara de tal desapontamento que Tomás indagou:

— O que foi, Luiz?

— Pensei que fôssemos estudar...

— Ah! Pensou? Que bom que você gosta dos estudos!

— Adoro!

— Vamos estudar também, só que no livro da vida física.

Tomás fez uma prece e todos nós, contritos, o acompanhamos, buscando Deus:

“Senhor, Criador de todo o Universo, neste instante, quando uma nova tarefa foi-nos confiada, cerramos os olhos em busca do Teu poder e da Tua bondade. Conhecemos as nossas limitações, mas também sabemos que sempre estás onde o amor impera. Portanto, Senhor, contamos com a Tua ajuda para nos sentirmos fortalecidos junto àqueles que tanto precisam. Se for a Tua vontade, faze de cada um de nós um instrumento de paz, de amor, de esclarecimento e de consolo. Não deitaremos em prados verdejantes nem entraremos no vale da “morte”, mas estamos dispostos a entregar os nossos Espíritos para que eles busquem o trabalho junto a todos os que precisam. Ajuda-nos, Senhor, hoje e sempre. Assim seja.”

* * *

E, assim, fomos buscando a crosta da Terra. A medida que se aproximava o plano físico, sentíamos quão grande é o poder de Deus, que não mata Seus filhos, transporta-os para uma nova vida de aprendizado. Uma lágrima caiu dos meus olhos, não a lágrima da dor nem a da saudade, como diz irmão Jacó, mas uma lágrima que logo se transforma em pérola e junto a outras lágrimas vão formando um colar de amor ao próximo. Olhei os dois planos e amei o nosso planeta Terra, envolto por uma camada de fluídos azuis que faz com que o homem, que tem o privilégio de o contemplar, sinta quão imenso é o poder de Deus. Ele tem a força de amar tão grande que conquistou o direito de criar, e ao criar o Universo não esqueceu do infinitamente pequeno até o infinitamente grande, e graças à Sua bondade há vida perfeita em tudo e ninguém tem o Seu poder, porque Ele é uno, é nosso Pai todo poderoso, Criador do Céu e da Terra.

— Eu Te amo, Senhor! — gritei bem alto.

11

EM BUSCA DO APRENDIZADO

Após realizarmos algumas tarefas na Crosta, voltamos ao Educandário, onde continuaríamos nosso aprendizado. Sentei na minha cadeira, enquanto esperava o início das aulas. Fiquei pensando nas minhas primeiras mensagens através das mãos abençoadas e amigas de Alayde, a emoção da Zildinha, a mexida na cabeça do meu pai, o chamamento de Deus, o Cezinha curioso e feliz porque o irmão estava de volta, os primeiros degraus na escala da evolução. Quantas mãos seguraram as minhas!...

Às vezes escuto pessoas dizendo que não gostam dos meus livros. Não me importo, um dia nos encontraremos e com prazer lhes mostrarei os cenários de tudo o que vivi e vivo até hoje. Até lá, vocês vão-me aguentando; não foi sem razão que os meus amigos me apelidaram de metralha: é porque eu “detesto” falar... Iniciou-se a aula: Do livro O que é o Espiritismo, Capítulo 1º, Médiuns e Feiticeiros: Longe de fazer reviver a feitiçaria, o Espiritismo a aniquila, despojando-a do seu pretensão poder sobrenatural, de suas fórmulas, engrimanços, amuletos e talismãs, e reduzindo a seu justo valor os fenômenos possíveis, sem sair das leis naturais.

Se prestarmos atenção nesses ensinamentos, poderemos bem orientar aqueles que temem o contato com os Espíritos. Continuou o estudo do livro O que é o Espiritismo: “A semelhança que certas pessoas pretendem estabelecer provém do erro em que estão, julgando que os Espíritos estão às ordens dos médiuns; repugna à sua razão crer que um indivíduo qualquer possa, à vontade, fazer comparecer o Espírito de tal ou tal personagem, mais ou menos ilustre; nisto eles estão perfeitamente com a verdade, e, se antes de apedrejarem o Espiritismo, se tivessem dado ao trabalho de estudá-lo, veriam que ele diz positivamente que os Espíritos não estão sujeitos aos caprichos de ninguém, que ninguém pode, à vontade, constrangê-los a responder ao seu chamado; do que se conclui que os médiuns não são feiticeiros.”

— Para um melhor estudo devemos buscar em O Livro dos Espíritos, Parte Segunda, Capítulo 9º, Da intervenção dos Espíritos no mundo corporal. O espírita que não buscar nas obras básicas o seu aprendizado poderá cometer sérios riscos; um deles: o do ridículo. Não é raro vermos médiuns apossando-se de nomes respeitados na Doutrina para tornarem-se conhecidos. Se observarmos as obras básicas, veremos que nelas não estão contidos os nomes dos médiuns que as receberam. Este Capítulo 9º de O Livro dos Espíritos é muito rico em aprendizado. Quem desejar adquirir conhecimento não pode deixar de lê-lo, assim como o livro O que é o Espiritismo, na parte Médiuns interesseiros. Pousemos os nossos olhos também no Antigo Testamento, Deuteronômio, Capítulo 18º, versículos 20 a 22. A

Doutrina ensina o homem a conviver com os Espíritos, e não a ser prisioneiro deles. Com o estudo aprendemos a discernir a respeito de tudo o que recebemos. Contudo, chegar a uma Casa Espírita e nada acrescentar ao seu conhecimento torna-se uma prática perigosa, porque os talismãs existem, os feiticeiros também e os Espíritos mentirosos são inúmeros, O que precisamos fazer para levar nossa fé mais além? Somente “amar-nos e instruir-nos”.

O instrutor prosseguiu na explanação:

— Muitos de vocês poderão estar perguntando por que razão estamos estudando algo destinado aos encarnados. Simplesmente, porque vocês têm a incumbência de levar até eles o convite ao estudo. Muitos espíritas estão em busca de revelações novas, esquecendo que os três chamados já foram feitos, O que hoje é levado ao plano físico é apenas complemento, mas a base firme, o alicerce da Doutrina, está nas obras básicas da Codificação. A Casa Espírita que não estuda com afincamento essas obras terá nas suas dependências uma salada indigesta de crenças e os seus médiuns também não terão o equilíbrio que só a Doutrina proporciona. Muitos iniciantes comumente têm dificuldade em assimilar os ensinamentos de O Livro dos Espíritos. O que se faz preciso é que a Casa escolha alguém com real capacidade para dissecar item por item essa jóia de incalculável valor que é o conhecimento nele contido. Não importa se vamos levar dez anos estudando sua Introdução. Irão perguntar: mas não vai-se tornar enfadonho o estudo? Não, se o orientador usar não só os livros básicos, como todos os dos grandes filósofos. Porém o estudo tem de se tornar interessante; não só o orientador deve evitar opinião própria, como tem de pedir ajuda nas participações do seu grupo.

Apertei o botão da minha cadeira. Apareceu no painel: Poderia, mais uma vez, nos ensinar o manuseio de O Livro dos Espíritos para um grupo iniciante?

— Já falamos sobre o assunto, mas voltaremos à orientação. Divide-se o livro em sete partes e orienta-se o aprendiz a fazer sete marcadores de livros, com os títulos: Introdução, Prolegômenos, Parte Primeira, Parte Segunda, Parte Terceira, Parte Quarta, Conclusão. Quando o orientador citar: “vamos para a Introdução, item 8, o estudante abre o livro no marcador correspondente. O orientador jamais poderá dizer que a Introdução está na página tal, porque cada livro tem paginação diferente, conforme a edição. Localizado o item 8 da Introdução, vamos ler: Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Este trecho da Introdução é muito rico e cada dirigente deve lê-lo várias vezes, só assim irá compreender o porquê de ter sido designado para estudar O Livro dos Espíritos. Aqui o dirigente deve falar sobre perseverança, continuidade, assiduidade e pontualidade no estudo. Depois ele e o grupo encontrarão a Parte Segunda, com facilidade, porque lá estará o seu respectivo marcador, só sendo necessário procurar as perguntas. Vamos agora buscar na Parte Segunda, Capítulo 1º — Origem e natureza dos Espíritos. Leiamos todo o capítulo. Quando atingirmos o item referente ao perispírito, retiraremos complementos deste estudo nos livros de Léon Denis e também em O Livro dos Médiuns, Primeira Parte, Capítulo 4º, *in fine*.

Outra cadeira acendeu: Como podemos ensinar um grupo iniciante a estudar O Livro dos Espíritos de uma maneira mais fácil, com explicações menos elaboradas?

— No Capítulo 2º, Parte Primeira, de O Livro dos Espíritos —Dos elementos gerais do Universo — Conhecimento do princípio das coisas, questão 17: É dado ao homem conhecer o princípio das coisas? “Não, Deus não permite que ao homem tudo seja revelado neste mundo.” Parece-me, dirão, que a resposta está incompleta, mas, se continuarmos a leitura, vamos encontrar na pergunta 18: Penetrará o homem um dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas? “O véu se levanta a seus olhos, à medida que ele se depura; mas, para compreender certas coisas, são-lhe precisas faculdades que ainda não possui.”

O bom orientador irá dizer que Deus não permite que ao homem tudo seja revelado neste mundo porque, não estando ele ainda depurado, não terá capacidade de compreender a grandeza da vida, e o que o homem ainda considera misterioso ser-lhe-á revelado à medida que se for depurando e sua sensibilidade abrindo-se à condição de descobrir as coisas divinas. O homem que se eleva até Deus é o homem que procura buscar a verdade. No dia em que ele tornar-se puro nada lhe será oculto, já terá compreendido todos os mistérios, antes ocultos pela sua imperfeição, e não porque Deus não lhe quis revelá-los.

Neste ponto encerrou-se a aula.

A cada dia sinto Deus mais vivo dentro de mim e graças a Ele posso dizer a você, leitor amigo, que ler é bom, mas o que mais precisamos é buscar o aprendizado, só ele, junto à transformação do nosso espírito, fará com que alcancemos o Pai.

12

ORIENTAÇÃO DOCTRINÁRIA

— Luiz, vejo-o pensativo — observou Tomás.

— Irmão, durante esse tempo que venho estudando no Educandário de Luz muito tenho aprendido, o que aumenta a minha responsabilidade para com o livro espírita. Sei, também, que muitos não-espíritas procuram os meus livros por considerá-los de fácil compreensão. Não desejo de maneira alguma trair a confiança daqueles que acreditam em mim.

— Tem razão, Luiz, isto porque seus livros tratam de vários assuntos.

Eles chegam às mãos de muitas pessoas que não são espíritas, mas que gostam de você.

— Fico preocupado, Tomás: será que sou digno de tanto carinho e respeito?

— Consulte sua consciência, é ela quem vai responder-lhe — acrescentou Luanda, que nos ouvia.

— É mesmo, querida, a consciência é o nosso maior juiz — anuí, carinhosamente.

Estávamos todos juntos quando fomos informados de que teríamos de descer ao plano físico para uma aula prática. Preparamo-nos e sem demora estávamos numa Casa Espírita onde se realizavam muitos trabalhos de desobsessão. Presenciamos o vaivém das pessoas e percebemos que ainda existem muitas delas que buscam o Centro como se este fosse um simples templo. Enfeitam-se tanto que mais parecem ir a uma festa. Interessado naquela movimentação, pensei: “que bom será quando todos vestirem a túnica da humildade, só assim todas as Casas Espíritas serão transformadas em hospitais de Deus”. Aproximei-me de um grupo que só comentava sobre os trevosos: os filhos de alguns daqueles senhores estavam dando trabalho, e os Espíritos — diziam — eram os culpados; outro era o marido que estava aprontando: os culpados, os Espíritos. Fui ouvindo tanto absurdo que nem acreditava. Como se pode compreender que alguém frequente uma Casa alicerçada no Evangelho do Senhor Jesus, tenha por pilar a Doutrina Espírita e ainda se encontre muito distante dos estudos? Tudo o apavora, porque o medo é uma doença terrível que aniquila o bom senso do homem, principalmente se está brincando com algo tão sério: os Espíritos. Não pensem os encarnados que os desencarnados não sentem o desrespeito para com eles. Quem se diz espírita tem por obrigação estudar, e não foi escrito ainda nenhum livro mais completo sobre a Doutrina do que O Livro dos Espíritos, enfim, toda a Codificação. Mas queremos frequentar a Casa Espírita e nada fazer: nem trabalhar ou fazer caridade, tampouco estudar. Sem conhecer a parte científica, a filosófica e a religiosa, vamos cada vez mais ficando prisioneiros do fanatismo. Pensamos que cremos, mas no fundo estamos em um poço profundo e

não fazemos força para sair dele. Como pode alguém chegar à Doutrina Espírita e não buscar os livros doutrinários? Eles são lindos.

— Luiz — chamou-me Siron —, sonhando acordado?

— Não, amigo, estou acordado sonhando.

Todos riram, e assim buscamos a sala de estudos daquela Casa. O orientador encarnado ministrava sua aula, mas a frequência era mínima, se contássemos umas cinco pessoas seria muito. Falava sobre obsessão.

— Como podemos perceber quando alguém está obsidiado? — inquiriram.

— Quem está sofrendo obsessão tem uma alteração no comportamento físico, mental e emocional. Mas, para um melhor estudo, devemos consultar O Livro dos Médiuns, Segunda Parte, Capítulo 23º, itens 242 até 244.

Atentamente, ficamos ouvindo o irmão espiritual orientar sobre obsessão e falar sobre o perigo do médium obsidiado. Notando a pouca frequência, indaguei ao orientador quantas pessoas faziam parte daquele grupo.

— Vinte — respondeu.

— Mas por que só compareceram cinco?

— Irmão Luiz Sérgio, é muito difícil o médium sem humildade receber orientação doutrinária. Geralmente, quem chega a uma Casa Espírita está vivendo algum drama e julgando que a causa é o não exercício da mediunidade. Encaminhado para uma sala de estudo, vai escutando o que não deseja. É quase corriqueiro o médium iniciante desejar uma mediunidade que lhe permita um contato imediato com os Espíritos. Estudando a Doutrina, vai assimilando os princípios doutrinários e, pouco a pouco, compreendendo que a mediunidade não é tudo, ela é apenas o meio que os Espíritos encontram para se comunicar; mas eles se acercam de médiuns simples, humildes e verdadeiros. Não adianta nos julgarmos os melhores, quando conhecemos a precariedade da nossa mediunidade. O médium que vive em busca de aplausos e que deseja ser louvado pelos companheiros não gosta de estudo, foge dos livros doutrinários; é luz demais para seus olhos vendados pela vaidade.

— São válidos os cursos nas Casas Espíritas?

— Luiz, a Casa deve criar departamentos doutrinários, sem eles o Centro ruirá e não terá continuadores, pois os seus frequentadores serão sempre “turistas”. Torna-se necessário o estudo da Doutrina. Mas para que esse estudo seja bem orientado, não devemos sair à procura de livros novos, devemos buscar na primeira revelação, o Antigo Testamento; na segunda, o Novo Testamento; nas obras básicas e nas dos filósofos, a terceira revelação. Nessa trilogia, encontraremos o esclarecimento, o equilíbrio, a base para uma mediunidade com Jesus. Ao criar cursos de mediunidade sem base doutrinária estaremos plantando a semente sem adubo. Atualmente, deparamos com irmãos completamente desequilibrados, dizendo-se possuidores de vários tipos de mediunidade. Quando isso acontece, sabemos que é uma pedra de tropeço, não só no caminho do médium, mas ainda mais no bom nome da Doutrina Espírita. Está-se tornando comum a comunicação psicofônica dos recém-desencarnados; mal o espírito acaba de deixar o corpo físico, já está dando mensagens à família desesperada. Esses médiuns não têm a mínima compaixão com o próximo; muitas dessas mensagens, ao invés de consolar, desesperam ainda mais aqueles que ficaram. Muitas vezes esses médiuns doentes

entregam mensagens ou as enviam até mesmo pelo correio para pessoas que professam outras crenças e que têm verdadeiro pavor do Espiritismo e estas cartas, contendo inverdades, são o fermento que os não simpatizantes da Doutrina encontram para atacar a Doutrina dos Espíritos. Os espíritos estão preocupados com o rumo do barco da Doutrina, por desejarem que as águas de Jesus o levem para a terra firme do bom senso. Só conteremos os impostores, os falsos profetas, fazendo da Casa que frequentamos um farol de luz divina; só ela tem o poder de espantar as trevas do egoísmo, da vaidade, do orgulho, da maledicência e do ódio. Se cada Centro Espírita tornar-se uma Casa de Deus, com Jesus como Mestre e Kardec como orientador, dificilmente verá desaparecer os seus ideais. Brigas, ataques de uma Casa para com outra, somente aumentarão os falsos profetas, pois os vaidosos, pseudo-sábios, adoram polêmicas. É mais fácil criar um caso do que estender as mãos em direção aos que sofrem. Infelizmente, ainda existem muitas Casas, ditas Espíritas, onde o misticismo, os rituais, o medo dos irmãos menos esclarecidos, o pavor da feitiçaria ainda são assuntos comuns. Por quê? Irão perguntar. Pela falta de estudo; o homem cultiva a superstição quando o seu espírito está fraco de fé e de conhecimento. Temos medo do desconhecido e o mundo dos Espíritos deixa de ser um mundo apavorante à medida que o descobrimos. Vamos achando tão natural o intercâmbio, que não complicamos absolutamente nada. A falta de conhecimento é que leva um espírito ao desconforto do medo, coisas que só pratica quem não tem conhecimento doutrinário, tornando-se presas fáceis de superstições.

— Ao chegar a uma Casa Espírita temos de ser médiuns atuantes? — perguntou Siron.

— Sim. Devemos buscar trabalho na Casa Espírita. Como necessitam de obreiros! Todavia, não é obrigatório tornar-se médium de psicografia, psicofonia, vidência, enfim, ser porta-voz dos Espíritos. Ninguém tem o direito de forçar uma mediunidade nem está apto a tocar nas rodas energéticas, tentando coagir alguém a “receber” espíritos. As mediunidades são naturais, o homem não possui poder para desenvolver em outro homem a sensibilidade espiritual. O que podem fazer os dirigentes de grupos? Conscientizar o médium a ir pouco a pouco educando sua mediunidade. Aconselhar alguém que chega sofrendo, que as suas dores vão desaparecer desde que “desenvolva” sua mediunidade, estamos indo contra a lei de Deus, pois Ele não obriga o homem a nada. Como é que o homem, repleto de erros, deseja forçar alguém a se tornar espírita ou a receber espíritos? A Doutrina é sublime e não precisa de fanáticos; o homem passa, como já passaram tantos, mas ela continuará intocável, porque é dos Espíritos.

— Mas, irmão — falou Luanda —, muitas vezes o médium está sendo presa de espíritos obsessores e julgamos necessário um tratamento na Casa Espírita. Como fazer?

— Muito justo que levemos alguém obsidiado ao tratamento; agora, dizer que ele é um excelente médium, sendo esta a causa da sua doença, é errado. Muitas vezes a obsessão é decorrente de faltas pretéritas ou atuais, e em uma casa mental limpa não atuam espíritos trevosos. O doente primeiro terá de tratar-se e o melhor remédio são as obras básicas. Seguramente elas agirão como homeopatia que devagar irá limpando a casa mental para que ele venha, com o tempo, a se tornar útil aos Espíritos esclarecidos. Nunca se pode colocar um doente em uma mesa

mediúncia, pois não terá condição de trabalho. Primeiro ele terá de curar-se, para depois curar os outros.

— O orientador de uma Casa Espírita tem de estudar muito, não? — perguntou Tomás.

— Um médico só se torna um bom profissional se procura atualizar os seus estudos, fazendo cursos e estudando bastante. Um orientador sem conhecimento vai é atrapalhar aqueles que buscam a Doutrina, porque, torno a dizer, a Doutrina é simples, como tudo o que vem de Deus, no entanto, ela tem como sustentáculo a ciência, a filosofia e a parte religiosa; se não consultarmos os livros orientadores, não teremos capacidade de explicar a beleza da vida. Quem busca a Casa Espírita tem de descobrir a Doutrina, conhecê-la, porque se apenas apresentarmos o homem, ou seja, os médiuns da Casa, o iniciante já vai começar errado, transformar-se-á em um dependente, e nada fará sem consultá-los. Errado. Os livros estão aí, belos, radiantes, esclarecedores, é só buscá-los e obterão respostas precisas. Os médiuns de uma Casa Espírita são trabalhadores como outros quaisquer, só que porta-vozes dos Espíritos; mas não vamos fazer deles super-heróis, para não ficarmos presos à idolatria, que a Doutrina reprova. Portanto, sejamos bons espíritas, estudiosos e preocupados em não nos tornarmos falsos profetas; vamos estudar, analisar e procurar viver os ensinamentos doutrinários e veremos a mudança que ocorrerá em nós.

— Amigo, o dirigente de uma Casa Espírita tem de acompanhar o crescimento dela, não é mesmo? — quis saber Luanda.

— Sem dúvida. O dirigente de uma Casa Espírita não pode “aposentar-se”, ele tem de estar atento a tudo o que acontece em suas dependências, inclusive nas salas mediúnicas. Deve acompanhar o estudo de cada grupo, analisando os livros estudados, porque não se pode admitir que uma Casa se diga espírita mas adote livros contrários à Doutrina.

— Existem muitos espíritas que não gostam deste ou daquele livro, como encarmos isso?

— Muito fácil, Luiz Sérgio. As Casas devem adotar em todos os seus grupos as obras básicas, elas são completas, assim como as dos filósofos do Espiritismo.

— Então os outros livros não devem ser estudados? — perguntou Tomás.

— Não em um grupo de estudo para iniciantes, porque o espírita tem de aprender primeiro a manusear as obras básicas; depois que tiver capacidade de discernir, aí, sim, deve buscar outras leituras. Vemos vários iniciantes lendo de tudo, e não tendo capacidade de assimilar nada do que estudam.

— Irmão, não estamos sendo muito radicais adotando somente as obras básicas? — indagou Arlene.

— Não, não estamos. Essa orientação é para o iniciante, porque se este buscar todos os livros espíritas que estão em circulação, logo não saberá qual direção tomar. Temos de tudo, por isso a Casa Espírita deve levar o neófito ao estudo sistematizado da Doutrina. Ultimamente vimos constatando que muitas Casas Espíritas estão divulgando a mediunidade psicopictográfica e médiuns sem conhecimento doutrinário assinam os seus quadros com nomes de grandes mestres da Pintura. Entretanto, quando analisados por um conhecedor de arte, fica

constatado que não pertencem aos Espíritos cujos nomes se encontram nas telas. Se a Casa tem por base os livros da Codificação, dificilmente o médium irá cometer tal disparate, porque já aprendeu em O Livro dos Médiuns e está na Segunda Parte, Capítulo 16º, item 190 — Médiuns pintores ou desenhistas. É bom que frisemos o que diz O Livro dos Médiuns: Médiuns pintores ou desenhistas: os que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos. Falamos dos que obtêm trabalhos sérios, visto não se poder dar esse nome a certos médiuns que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que desabonariam o mais atrasado estudante. Vejam bem como as obras básicas não envelhecem: hoje nada mais desalentador do que depararmos com a pintura mediúnica medíocre. Muitas vezes até a grafia do nome do pintor está errada, como o de Picasso e outros mais. Ainda continua: Os Espíritos levianos se comprazem em imitar. Agora, se o médium desenhista estuda e possui algum conhecimento de arte, foge desses embusteiros e a Casa séria não permite que estas ditas obras sejam levadas a público, obras estas que levam a Doutrina ao descrédito, graças a médiuns orgulhosos e sem conhecimento doutrinário. Como vêm, não somos radicais, procuramos levar a Doutrina às Casas bem orientadas, onde o médium é um operário como outro qualquer, necessitando de orientação doutrinária.

— Nesta Casa há um grupo de pintura mediúnica? — perguntou Luanda.

— Sim. Mas nenhum médium assina os quadros; não é o nome que valoriza a pintura, mas os traços harmoniosos.

— O irmão é o mentor desta Casa Espírita? — indaguei.

— Mentor, não, apenas um amigo espiritual.

— Nosso abraço.

Aproximei-me e ele me apertou em seus braços.

— Obrigado, que Deus o abençoe.

Tomás também o cumprimentou. Ainda olhei o coitado do dirigente encarnado do grupo de estudo: falava, falava e os médiuns nem prestavam atenção, mas ele cumpria com o seu dever de orientador da Doutrina. Dali saindo, fomos até o grupo de desobsessão, onde o médium passista faz a sua parte, em uma mediunidade simples e humilde, sem alarde, mas ajudando o próximo. Antes do trabalho, assistimos a uma aula sobre a obsessão. O mentor espiritual tratou de elucidar, através do dirigente, a conduta de um médium que trabalha na desobsessão e percebemos que naquela Casa Espírita eles estavam preocupados com os médiuns e os dirigentes. Falou também sobre os médiuns subjugados. Ninguém pode imaginar como existe médium que se sente compelido a escrever sempre, em qualquer lugar ou momento. Por isso, qualquer um que sentir as primeiras manifestações mediúnicas deve buscar um Centro respeitado, para educar a mediunidade e não ficar em casa dizendo: “recebi fulano ou cicrano”, sem achar que é necessário ir ao Centro. Isso porque sabe que terá de começar a estudar, para uma melhor compreensão do fenômeno que está ocorrendo com ele. Um médium consciente da sua tarefa não se importa de deixar para o momento certo o início de suas manifestações espíritas. Ele deve tomar ciência de que para se tornar um bom médium terá de estar em paz com sua consciência e ela sempre nos aponta como agir acertadamente. Todos os médiuns têm de buscar uma Casa Espírita bem orientada para não se tornarem vítimas de espíritos enganadores.

Ficamos assistindo à orientação do dirigente daquele grupo de desobsessão para com seus médiuns e o público, depois fomos conversar com o mentor espiritual daquela turma. Relatou-nos que o caso mais sério que estavam tratando era de um senhor muito rico e feliz no casamento que, de um momento para outro, estava sofrendo com as atitudes da esposa. Mãe de dois filhos adolescentes, a mulher, Lianne, tornara-se indiferente, deixando de ser esposa amável e mãe extremosa. Ele não compreendia o porquê de tanta indiferença. Começou a chegar cedo à casa e jamais encontrava a mulher, que sempre estava fora. Inquirida sobre o assunto, ela se revoltou e falou que logo deixaria o lar. Desesperado, ele contratou um detetive, que descobriu que ela estava frequentando uma igreja. Laerte, o marido, ficou feliz. Ainda bem que sua mulher estava buscando a fé. Mas o caso foi ficando cada vez mais sério: ele notou que ela estava gastando além do normal. Novamente pediu-lhe explicação e ela o esbofeteou; também descontrolado, ele a agrediu. Os filhos, desesperados, não sabiam a quem defender. Alguém falou para Laerte sobre a Doutrina e ele ali estava buscando-a. Mas queria porque queria milagre, que de um momento para outro a mulher voltasse a ser a esposa amiga e companheira. Por mais que os orientadores daquela casa conversassem com ele, não aceitava a demora do tratamento. Por isso o mentor pedia para o nosso grupo que, se pudessemos ajudá-los, seria extremamente proveitosa a nossa cooperação. Aprenderíamos um pouco sobre obsessão e ajudaríamos aquela família. Pensei: “estava muito bom para ser verdade”. Tomás prontificou-se a ajudar.

Esperamos Laerte tomar o passe e à sua saída, o acompanhamos. Verificamos que sua casa era um palacete luxuosíssimo, composto de várias obras de arte. No jardim, a senhora conversava sozinha, citando passagens evangélicas.

— Ela não está tão ruim, não é mesmo, Tomás? — comentei.

— Olhe melhor e veja os seus acompanhantes.

Reparamos o corpo espiritual da irmã. Era uma colmeia repleta de Espíritos sugando-a sem piedade.

— Meu Deus! — exclamei — Onde foi que ela achou tanto obsessores!

— São companheiros de longa data, que agora a encontraram.

— E a igreja que ela frequenta, os cultos, cânticos? Isso não a ajuda?

— Luiz Sérgio, Cristo é o Sábio dos sábios. Quando Ele nos alertou para que nos acautelássemos porque teríamos vários falsos profetas, com que sapiência isso falou! Hoje temos várias seitas ceifando sonhos e vidas, tudo para aumentar suas contas bancárias. Alguns templos estão precisando que Jesus os reformule, porque estão profanando as palavras do Senhor. Usam o Evangelho para praticar atos indignos.

— Mas se ela lê tanto a Bíblia, por que não é ajudada?

— Lê, mas não vive os seus ensinamentos, porque os seus companheiros não deixam. Veja bem, eles são donos da casa mental da irmã.

— O que vamos fazer? — indagou Luanda.

Tomás olhou para Siron. Este sacudiu a cabeça e logo se aproximou da irmã.

Pouco a pouco foi-lhe emitindo vibrações de amor, chamando-a à responsabilidade. Naquele momento lembrou-se do marido. Há quanto tempo ele nem mais a tocava! “Era pecado”, assim pensava. Sorriu e tentou levantar-se.

Os trevosos perceberam que algo estava acontecendo, cercaram-na e Siron teve de voltar para junto de nós. Tomás fixou o olhar na jovem senhora e ela começou a chorar. Chegando o marido àquele local, ela correu para seus braços, dizendo:

— Leve-me a um médico, estou tão doente! — e desmaiou.

— Irmão, e agora, aonde irão levá-la? Ao Centro? — perguntei a Tomás.

— Não, a uma clínica, onde receberá tratamento psiquiátrico.

— Psiquiátrico?

— Sim. E nós vamos ajudá-la.

Assim falando, Tomás saiu na nossa frente. O marido chamou os empregados e os filhos, colocou a mulher no carro e ela foi internada em uma ótima clínica de tratamento. Chegamos junto com eles e Tomás já conversava com o doutor Maximiliano; este, com sua equipe espiritual, ali prestava assistência. Lianne, quase desacordada, foi prontamente socorrida. Seus subjugadores estavam desesperados, tudo fazendo para dominar de novo a mente da sua vítima, mas o doutor Maximiliano e sua equipe tinham tanto conhecimento do caso que envolveram de imediato a mente de Lianne e ela, como se anestesiada, não recebia a orientação do chefe dos obsessores. Olhei a cara deles e não pude conter o riso. Arlene me alertou:

— Sérgio, cuidado, eles são terríveis, você pode ser a nova vítima.

— Cruz, credo, esconjuro três vezes! — falei, batendo na mesa.

Tomás sacudiu a cabeça e fazia força para não sorrir. Lianne tinha a fisionomia ainda em desequilíbrio, mas logo que os encarregados daquele trabalho foram-se aproximando dos obsessores, um deles, de nome Rômulo, ainda quis argumentar:

— Quero saber onde está o livre-arbítrio da irmã, ela é uma das nossas cooperadoras, é uma irmã caridosa, ajuda a nossa igreja, é tão dedicada!

O chefe dos Lanceiros ali presentes retrucou:

— Qualquer religião ou instituição que aprisiona não é de Deus.

— Mas ela não é nossa prisioneira, e sim, dos ensinamentos do Cristo.

— O Cristo de Deus ensina ao homem o amor. A mulher ou o homem que deixa os seus na orfandade não está com Cristo, está longe d'Ele.

— O marido e os filhos só desprezavam a irmã. Na nossa igreja ela encontrou o amor verdadeiro.

— Não, ela não encontrou o amor, porque não existe amor onde a verdade está longe. E a seita de vocês faz vítimas e não planta a paz no coração dos homens.

— Como podemos manter nossa igreja sem dinheiro?

— A moeda da caridade não derruba lares nem destrói a família. A moeda da caridade transforma os lares em jardins floridos de alegria e paz.

— Palavras, palavras... E depois, a irmã gosta da nossa casa.

— Está bem, vamo-nos comprometer um com o outro: se a irmã, depois de tratada, escolher a igreja de vocês, nós jamais nos intrometeremos; agora, se depois de tratada, não desejar segui-los, vocês a deixarão em paz. Combinado?

O chefe olhou contente para o outro e falou:

— Está bem, mas vocês não terão êxito, porque a nossa organização é perfeita, temos no mundo inteiro igrejas dominando o homem, fazendo dele um operário de Osiris.

— Osiris? — perguntei a Siron.

— Sim. Deve ser o chefe dessas seitas loucas que estão dominando o mundo.

— É a aproximação da besta do Apocalipse, não é mesmo?

— Siron tem razão — falou Tomás —, hoje nós estamos aqui, mas quantas vítimas existem neste mundo afora. Esposas deixam os lares, filhos abandonam estudo, tudo, enfim, até o próprio corpo.

— Tomás, na Universidade Maria de Nazaré há três alas de orientadores. A Espiritualidade Maior não está alheia a esses falsos profetas — falou Arlene.

— Eu sabia... — comentei.

— O nosso trabalho de hoje foi porque os dois têm uma tarefa bonita na Doutrina Espírita, eles terão de construir um lar de crianças.

— Ela ficará boa?

— Já está muito bem — disse Luanda —. Este hospital espírita tem psicólogos aptos a orientar aqueles que o procuram.

Nisso, Maximiliano veio até nós novamente, dirigindo-se a Tomás:

— Logo a irmã estará melhor. Posteriormente, terá de submeter-se a um tratamento de passes reequilibrantes.

Pensei: “passes reequilibrantes? Quantos instrutores sem piedade falam para uma pessoa doente fisicamente: “você precisa tomar passe, pois está obsidiado”. E a pessoa, em vez de melhorar, piora.”

Fitei o médico e o envolvi em um sorriso de carinho e gratidão. Assim fui saindo devagar, deixando os outros para trás.

13

EVANGELIZAÇÃO INFANTO-JUVENIL

Quantas coisas acontecem que o encarnado nem imagina!

São poucos os que se preocupam com a dor do seu próximo. Estava no estacionamento da clínica quando os outros me alcançaram.

— Que pressa! Está com medo de ficar preso aí dentro? — perguntou-me Luanda.

— Não, minha querida, medo eu tenho do mundo aqui fora, onde existem mais doentes mentais do que se supõe, e o pior, sem qualquer tratamento.

— Tem razão, Luiz. Hoje a Humanidade enfrenta momentos muito difíceis e a mente sem equilíbrio, para nós, é a pior doença.

Tomás convidou-nos a visitar outra Casa Espírita, onde fomos recebidos com muito respeito. Ela era enorme e muito bonita. A limpeza chamava nossa atenção. Um sistema de som dava ao visitante condições de uma maior concentração. Admirei o belo salão e pensei: “como é bonita a simplicidade de uma Casa Espírita”. Sobre a mesa, as obras básicas, incluindo o Evangelho querido, como e chamado por alguém. Olhei-o com respeito e o ao acaso, caindo no Capítulo 10º, Bem-aventurados os misericordiosos, item 11: Não julgueis para não serdes julgados. Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra. Com tristeza, cheguei à conclusão que por isso poucos seguem, como deveriam seguir, os ensinamentos dos Espíritos. O homem está na terra de passagem, mas os orgulhosos não querem crer nisso, julgam loucos ou ignorantes os que se preocupam com os valores espirituais.

Chamaram-me e logo me encontrava junto aos outros. Tomás conversava com Jacinto, um dos guardiães daquela Casa, perguntando como estava a frequência.

— Ótima, estamos com todas as salas lotadas. As reuniões públicas também estão com uma frequência muito boa.

— Que bom, irmão, que nesta Casa tudo está seguindo de acordo com os ensinamentos do Cristo.

Jacinto sorriu, meio sem graça.

— Tudo não, irmão, está faltando uma preocupação maior com a família.

— Aqui não funciona o Departamento de Infância e Juventude?

— Infância, sim, juventude, não, O presidente acha que os jovens dão muito trabalho e só vêm aqui para namorar.

— Irmão, se uma Casa Espírita não se preocupar com a sua juventude, logo ficará vazia.

— Eles acham difícil fazer o jovem participar com afinco do movimento espírita.

Enquanto conversávamos, chegou a irmã Margarete, que deslizava, de tão graciosa. Parecia uma rosa de beleza e simpatia.

— Sejam bem-vindos à nossa Casa, temos muito prazer em recebê-los.

— Estamos aqui porque logo será trazida para este Centro uma irmã que tem uma bela tarefa a ser cumprida — falou Arlene.

— Já estamos cientes do caso e felizes ficamos pela confiança nos nossos trabalhadores.

— Ficamos sabendo que este Centro não deseja mais trabalhar com os jovens. A Mocidade é o sorriso da Casa Espírita.

— Sem dúvida, irmão. Temos lutado com a diretoria encarnada para que ela volte a confiar nos jovens.

— Por que suspenderam esse movimento com os jovens?

— Porque não tinha boa orientação. Para levarmos a juventude à Doutrina é necessário educá-la de maneira tal que não seja vítima do fanatismo. O jovem tem de sentir-se útil e não pode ficar preso à letra, O seu campo energético está transbordando e pede trabalho à Casa. Se os deixarmos sentados, apenas estudando, irão buscar outros meios para dispersar o que têm em demasia: energia. Mocidade sem tarefas causa desinteresse ou atritos com a diretoria. Alguns jovens desejam modificar a Casa, outros apenas namorar, gerando fanatismo e criando falsos profetas. Os encarnados vêem-se impotentes diante de tantos problemas ligados à mocidade. Estamos de acordo que a árvore, quando não está dando bons frutos, precisa ser tratada, e não arrancada. O que será necessário para termos uma Mocidade disciplinada e evangelizada? Primeiro: ela precisa contar com a experiência dos mais velhos. Todas as semanas a Mocidade deve receber os mais experientes da Casa, principalmente em conhecimentos doutrinários, para conversar com os jovens. Mocidade isolada tende a se perder, porque se sente marginalizada pelo Centro. O dirigente da Mocidade deve estudar junto aos seus irmãos as obras básicas e as dos grandes filósofos da Doutrina; criar grupos de trabalhos artesanais, marcenaria, bordado, crochê, costura, pintura, que serão vendidos para ajudar a manter a Casa; promover o interesse pela música, formando corais e até grupos instrumentais. O jovem aprendiz da Doutrina não somente assimilará os ensinamentos doutrinários, como exercitará a caridade, atuando como artesão. Esse grupo jovem poderá ainda montar peças de teatro baseando as histórias nas parábolas de Jesus, como está acontecendo na Casa de Maria. Na evangelização infantil as crianças estão estudando O Evangelho Segundo o Espiritismo através do teatro, onde elas também participam como atores. Isso incentiva o jovem a gostar da Casa Espírita. Interligando a parte artística e os trabalhos manuais com o estudo da Doutrina, dificilmente o jovem terá tempo de criar confusão no Centro. Todavia, os dirigentes da Casa têm de estar presentes para orientá-los, seja através de palestras ou contando suas experiências. A juventude tem de sentir que pertence à Casa e que tem compromisso para com ela. Alguns jovens frequentam Mocidades completamente desequilibrados: dizem que recebem espíritos, que os ouvem, que psicografam, morrem de medo de obsessão, como antigamente morriamos de medo do inferno. Conversando com alguns desses jovens sentimos que lhes falta conhecimento, eles são presas de um mundo deficiente. O espírita não pode viver temendo obsessores e o jovem que inicia sua caminhada erradamente dificilmente

torna-se um bom médium ou um verdadeiro espírita. Também o dirigente de uma Mocidade Espírita não pode ser vaidoso, orgulhoso ou pseudo-sábio, pois se assim for ele fará tudo para ser ídolo, e é muito ruim nos tornarmos ídolos, principalmente se não possuímos valores morais. Caso não haja no Centro alguém com aptidão para orientar os trabalhos artesanais, que sejam convidados artistas ou professores de arte. Por ocasião das reuniões públicas, poderá ser lançado o pedido de ajuda à Mocidade e logo a Casa, tão grande e bonita, acolherá grandes trabalhadores, que irão manter suas despesas sem precisar de rifas e jogos, que tanto mal fazem à Doutrina.

— Gostei de ver o seu entusiasmo sobre Mocidade Espírita, falou Luanda.

— Desculpe se falei demais, mas sinto muita tristeza em presenciar jovens sem qualquer orientação doutrinária, cheios de superstições, medos e de vontade de tornar-se médiuns conhecidos, quando o jovem possui a maior das mediunidades: a juventude, que lhe dá condição de cedo iniciar-se nos trabalhos. Sabemos, Luanda, que há Casas Espíritas que desenvolvem trabalho de artesanato entrelaçado com o estudo sistematizado da Doutrina Espírita e que qualquer jovem ou criança dessa Casa não tem a preocupação de tornar-se médium, eles tudo fazem para serem bons espíritas. A maioria dos componentes pode representar a Casa, tal o conhecimento que já possui das obras básicas. Gostaria de trazer para cá esse trabalho, estamos até tentando, mas o presidente acha muito problemático para a diretoria administrar mais essa responsabilidade.

— Seria muito bom — falei —. Onde se realizam essas atividades, presidente e diretoria, todos arregaçam as mangas e pegam na enxada, como o Cristo, que não escolheu trabalho, era o trabalho em ação. Centro Espírita no qual a diretoria está sentada no trono da inércia dificilmente pode ter uma Mocidade bem orientada, porque se olharmos os jovens como inexperientes e diferentes de nós, eles irão apenas compor a Mocidade. Entretanto, devemos fazer como Jesus, que ao chamar os apóstolos para integrar o Seu grupo de auxiliares não vacilou em chamar João Evangelista, quase uma criança. Jesus foi o primeiro a confiar nos jovens e nenhum deles O decepcionou. Para os jovens bem aproveitarem os ensinamentos, Ele, Jesus, é que deve ser o Mestre. Criar Mocidade para não respeitá-la, é melhor mesmo não tê-la. Não nos esqueçamos do que diz Francisca Theresa: “não existem jovens nem velhos. Espírito não tem idade, tem responsabilidade”. Feliz do presidente e da diretoria que acreditam na infância e na juventude espíritas, levando até elas a Codificação e o exemplo dos grandes Espíritos.

Tomás argumentou:

— Muitos julgam que o jovem na Doutrina só deve cantar e fazer a Campanha Auta de Souza. O jovem é uma semente que precisa do solo fértil para se tornar uma bela árvore, onde amanhã encontraremos abrigo, e cujos frutos, graças à água que hoje lhes ofertamos, serão saborosos e verdadeiros. A Casa que se preocupa com a família faz das suas crianças e jovens as flores do amanhã. O difícil é trazer o jovem para a Casa Espírita, quando lá fora o mundo material oferece uma “vida fácil”, onde tudo lhe é permitido. Não que a Doutrina proíba algo, mas ela faz brilhar nas consciências o Decálogo, e aí é doloroso constatarmos o quanto somos errados ainda.

— Concordo, acrescentou Luanda. Lá fora o jovem não tem compromisso com a Lei de Deus. Ele se considera o dono da Terra, tanto é que brinca de viver, por isso qualquer Casa Espírita precisa dar ao jovem motivação, caso contrário ele fugirá dela. Hoje, com pesar, percebemos que poucas senhoras e senhores espíritas têm os seus filhos na Doutrina. Causa-nos assombro esses mesmos senhores e senhoras dizerem que o tóxico não é assunto para ser tratado pelos espíritas. Ao mesmo tempo, levantam campanhas contra o suicídio. E o que é a droga? E o que vem ceifando vidas dos jovens do mundo inteiro. Os espíritas que são contra falar de tóxico nos Centros deveriam visitar as cadeias e os hospitais. Façam um levantamento das causas dos desencarnes de jovens devido a problemas respiratórios e paradas cardíacas. A família esconde muitos casos, para que no atestado não conste o verdadeiro motivo do óbito: o suicídio por overdose. Feliz do Centro Espírita que oferece estudo e trabalho.

— E esse estudo, como deve ser? — perguntei.

— Orientado pelos mais experientes, que devem proferir palestras e aulas sobre a Doutrina. Também os jovens devem ser preparados para apresentar seus trabalhos, mas neles a pesquisa só deve ser aceita se baseada nos livros doutrinários. Para se ter uma boa base não adianta buscar em qualquer livro o aprendizado. Tanto a criança, como o jovem, deve começar por O Livro dos Espíritos.

— A criança também?

— Sim. A Casa da qual falamos apresenta a vida de Jesus e o Seu Evangelho não só através do teatro, como de fantoches, e retrata a Doutrina com belos efeitos visuais. Os médiuns psicógrafos podem receber as orientações para este importante trabalho de evangelização.

— Mas será que eles terão capacidade?

— Os Espíritos encarregados da educação espírita para as crianças e jovens estão com um programa muito bonito, basta os médiuns psicógrafos ligarem-se a eles.

— Irmão, não é perigoso qualquer médium receber peças espíritas dirigidas às crianças e aos jovens? Será que alguns espíritos não vão aproveitar-se desse trabalho para mandar mensagens antidoutrinárias?

— É muito fácil: a diretoria deve analisar as obras que seus médiuns recebem. Vamos dar um exemplo do que já assistimos e aprovamos:

Primeira Aula: Introdução:

1 item: Doutrina Espírita.

Narrador: A palavra “Espiritismo” foi dada a Kardec pelos Espíritos e quer dizer o contato dos chamados “mortos” com os vivos. Mas nem todos os que gostam do Espiritismo são espíritas. Hoje, vamos conhecer a diferença. Também nem todos aqueles que se dizem espiritualistas são espíritas. Para nos tornarmos espíritas temos de possuir atitudes espíritas.

Primeira cena: A dona da casa arruma a sala e coloca uma rosa branca na mesa. Vai atrás da porta e coloca uma ferradura. Depois, pega incenso e acende. Entra o filho André.

André: Que cheiro ruim!

A mãe: Filhinho, deixe de bobagem, esse incenso é para nos livrarmos dos maus

Espíritos.

André: E essa ferradura?

A mãe: É para nos dar sorte.

André: Que bom! A gente vai ficar rico, não é mesmo?

A mãe: Claro! Os Espíritos vão nos ajudar.

Segunda cena: A mesma sala, bem arrumada, florida. A mãe lê O Evangelho Segundo o Espiritismo. O filho entra.

Filho: Mamãe, por que você não coloca ferradura atrás da porta, não acende vela e não queima incenso? Na casa do André eles fazem isso, nós não somos espíritas também?

Mãe: Sim, meu filho, somos, mas a nossa ferradura são os nossos defeitos, a vela são os ensinamentos evangélicos a clarear os nossos caminhos e o incenso deve ser as nossas atitudes, o perfume da nossa alma.

Filho: Não entendo, mamãe, por que a diferença?

Mãe: Muito fácil. Veja: estes são os livros que nos ensinam a nos tornar espíritas (mostra as obras básicas). O espírita não é supersticioso, não tem medo de feitiçaria, enfim, o espírita crê em Deus e a cada dia mais se aproxima de Jesus.

Filho: Mamãe, eu quero me tornar espírita!

Mãe: Então ame e estude.

Filho: Quero conhecer os livros espíritas. — A mãe mostra cada um, chamando crianças da Evangelização previamente ensaiadas. Elas apresentam:

Criança 1: Este é O Livro dos Espíritos, que foi editado em 18 de abril de 1857.

Criança 2: O Livro dos Médiuns foi editado em 15 de janeiro de 1861.

Criança 3: Este é O Evangelho Segundo o Espiritismo, ele foi editado em abril de 1864.

Criança 4: Este é o livro O Céu e o Inferno, editado em 1º de agosto de 1865.

Criança 5: Este é Á Gênese. Ele foi editado em Paris, em 6 de janeiro de 1868.

Criança 6: Estes livros são considerados o Pentateuco Espírita, as cinco obras básicas. Temos também as obras complementares: O que é o Espiritismo, editada em julho de 1859, e Obras Póstumas, Paris, janeiro de 1890.

— Por que as crianças é que devem apresentar os livros?

— A criança gosta de ser respeitada, e ao ver um colega trabalhando e com conhecimento, sente-se no dever de também aprender.

— Gostamos muito da elucidação sobre a evangelização infanto-juvenil.

Nós, que convivemos com a juventude, ficamos assombrados com o materialismo em que ora vivem as crianças e os jovens. Antigamente, os pais, ou melhor, a mãe, orava junto aos filhos. Hoje as crianças estão esperando ficar adultas para buscar o conhecimento religioso, mas muitas delas nem chegam a dar os primeiros passos.

— O que mais a criança e o jovem necessitam é serem educados. Depois de educá-los, vamos instruí-los. Temos de fazer crianças e jovens amarem a Doutrina e a Casa onde trabalham e nada melhor que torná-los responsáveis. Devemos manter a obra e para isso temos de tornar a entidade autossustentável com suas oficinas de trabalho.

Fala-se tanto contra rifas, bingos, enfim, jogos em Casas Espíritas, mas ninguém orienta de que maneira as Casas podem prover seu sustento. Os donativos são bem-vindos, mas nunca são suficientes para levar uma obra adiante.

— Atualmente a criança e o jovem não têm o mesmo modo de pensar de tempos atrás. O que fazer para tornar agradável a evangelização, a fim de ser melhor aproveitada por todos?

— Evitar a lição longa e entediante, e embelezar as lições práticas com encenações de palco, onde o aluno também participa, e depois a descoberta das aptidões. Dificilmente sentirão enfado e sono.

— É verdade. O jovem tem lá fora o que a vida Lhe dá; o atrativo é muito forte. Se nós, os Espíritos, não nos unirmos com os encarnados em prol da família, veremos o que mais acontece hoje: meninas e meninos brincando de sexo. Devemos combater o aborto, sim, mas também levantar campanhas em prol da família e da felicidade, trazendo a criança e o jovem para os ambientes espíritas. Um Centro bem orientado é a “arca de Noé”, o recanto que irá salvar aquele que o buscar.

- Queira Deus consigamos trazer os jovens para uma Casa assim.
- Tem razão, Casa Espírita sem jovens é o mesmo que jardim sem flores.
- E os namoros, o que fazer para contê-los?
- Muito fácil — disse Arlene —, manter o jovem ocupado.

Levantei o dedo e foi-me dada a palavra:

— Também conheço cada jovem que, pelo amor de Deus, só tem fanatismo na cabeça! Pior que o namoro é jovem fanático, pseudo-sábio, querendo mudar o mundo, intragável mesmo. Acho que aprender, estudar, trabalhar, tudo é necessário, agora, o que mais o jovem precisa é tornar-se humilde; se ele não vestir a túnica da humildade sairá da Casa Espírita ainda mais orgulhoso, porque agora ele vai desejar doutrinar os outros. Só compreendemos a Doutrina quando ela nos mostra o quanto somos errados ainda e o que precisamos fazer para nos livrarmos das imperfeições.

— É verdade, Luiz Sérgio. Há pouco tempo fomos visitar uma Mocidade e com pesar sentimos naqueles jovens “cheiro de mofo”, eles nos pareciam os antigos cardeais do Vaticano, até a voz era cavernosa. A Mocidade não pode abafar a juventude, o viço da idade; as elucidações espíritas despertam os valores da alma encarnada. Contudo, o jovem tornar-se velho para ser respeitado como espírita é querer ultrapassar todas as barreiras antes do tempo.

— Como é desagradável conversarmos com um jovem fanático! E quando ele começa a narrar as vidências, os dons mediúnicos? Desculpe-me o jovem que está passando por isso, mas dou-lhe um conselho de amigo: saia da Mocidade e busque urgentemente um grupo mediúnico. Nas Mocidades evita-se o mediunismo através do estudo e da fé raciocinada. Dizer: pertenço a tal Mocidade, mas viver tendo trique-trique é por demais constrangedor, é falta de orientação doutrinária.

— Mas isso acontece porque eles desejam também falar com os Espíritos.

— Pois que o presidente traga, vez por outra, um bom médium psicofônico para dar uma mensagem aos jovens. Quem sabe é isso o que está faltando na vida desses jovens portadores de desequilíbrio?

— Há dias — comentei — visitei uma Mocidade juntamente com Enoque e Samita e fiquei desolado: os jovens atacavam outras instituições, achando-se os donos da verdade, extremamente fanáticos. Não encontrei no olhar de qualquer um deles a beleza da Doutrina. Morrem de medo de obsessor, vivem nas cabines de passes, só usufruindo, e ainda mais: sonham em tornar-se médiuns de renome, não querendo ser o médium do equilíbrio e da caridade na Casa que frequentam.

— Por isso esta Casa está sem Mocidade — falou-nos Margarete —. Pretendo reativá-la, porém com um trabalho mais maduro, mais bem orientado. Queremos que os nossos jovens sejam grandes homens e que cada um descubra a verdade, porque só ela nos liberta da ignorância. E quem não reformular o seu modo de vida permanecerá no erro e sofrerá o ranger de dentes.

Tomás despediu-se dos amigos daquela Casa. Ao passar por Margarete, ela me sorriu:

— Quando aqui voltarem estaremos com uma bela Mocidade, onde uniremos a teoria com a prática e veremos como os jovens trabalharão com afínco e amor.

— Tenho certeza disso, irmã. Nada me entristece mais do que presenciar jovens dizendo me receber e desejando ardentemente publicar mensagens que dizem serem minhas. Felicidades, amigos, felicidades.

Assim, despedimo-nos daquela Casa Espírita tão querida. Ganhamos a rua e falei para Tomás:

— Muitos jovens desejam tornar-se médiuns. Sempre dizem que Kardec trabalhou com jovens, muitos jovens. Dizem também que eles não precisam estudar o perigo que há na mediunidade mal orientada e citam as irmãs Fox. Será que eles conhecem as dificuldades enfrentadas por elas? Que a falta de conhecimento quase as levou à loucura, tais as tristezas que aconteceriam depois?

— O homem que não buscar a melhoria do seu espírito, Luiz, afundar-se-á cada vez mais num mundo fantasioso, do qual dificilmente sairá sem sequelas. Precisamos, e muito, criar em nossas Casas a evangelização infanto-juvenil para tentar segurar bem forte essas frágeis mãozinhas, que tanto precisam de nós.

14

TRATAMENTO ESPIRITUAL

Visitamos outros núcleos espíritistas, constatando como é difícil o homem deixar para trás suas antigas crenças.

— A Doutrina, de tão simples, leva alguns homens a julgá-la incapaz de torná-los felizes. Bobinhos! Ainda julgam que a Terra é a morada eterna — falei a Luanda.

— Sabe, Sérgio, às vezes fico a pensar como as pessoas ficam abobadas quando estão no corpo físico. Jamais julgam que é preciso buscar algo que as fortaleça.

— É mesmo. Vemos várias pessoas dizendo que no momento elas querem é aproveitar a vida, que só mais tarde irão dedicar-se à causa espírita. Mas quem conhece o amanhã? Será que ainda estarão no corpo físico? Talvez se considerem médiuns de premonição, que sabem até a hora exata que irão começar a trabalhar...

— Coitados! Queira Deus não seja tarde.

Chegamos à Casa Espírita onde estavam sendo realizados trabalhos de desobsessão. Tomás nos apontou Cenira e nos aproximamos. Estava muito triste, em estado depressivo.

— O que lhe aconteceu? — perguntei.

— Um dia acordou assim. Não fala, fica totalmente isolada. Tudo abandonou, até o trabalho.

— Já consultaram um médico?

— A família já fez de tudo, a única esperança é o tratamento espiritual.

Ficamos ao lado da jovem, que não demorou a entrar na sala dos trabalhos desobsessivos. Quando olhamos, era difícil acreditar: uma legião de Espíritos trevosos tomava conta da vida de Cenira.

— Por que tanto ódio? — perguntei.

— A jovem de hoje foi a tirana de ontem e seus algozes pedem vingança.

— Ficaré curada na Casa Espírita?

— Sim, se desejar ser submetida ao tratamento.

— Noto, Tomás, que nesta Casa eles dedicam um dia para o tratamento das obsessões. Por que existe Casa que faz este trabalho em grupos de educação mediúnica?

— Não sabemos por que acontece tal fato. Mas conhecemos no Brasil várias Casas Espíritas fazendo com maestria o tratamento da obsessão; e como é importante o doente seguir a orientação espiritual!

— De que maneira o doente deve agir?

— Orar todos os dias, tornar-se leitor assíduo de O Evangelho Segundo o Espiritismo, assistir às reuniões públicas da Casa e não faltar ao tratamento espiritual nos dias determinados.

— Por quantas semanas deve o doente comparecer a esse trabalho?

— Depende do caso. Para obsessão simples, ao menos dois meses; o doente não pode ter pressa, quanto mais tempo for tratado, melhor para o seu equilíbrio.

— É fácil encontrar médiuns para esse tipo de atendimento?

— Não, porque é uma mediunidade sem aplausos. Hoje a maioria dos médiuns deseja psicografar ou ter vidência. O trabalho humilde realizado dentro de uma cabine de passes muitas vezes não atrai esses médiuns. Mesmo assim, felizmente, existem abnegados servidores que tudo fazem para aliviar a dor do seu próximo.

Continuávamos junto à irmã doente. Quando ela entrou na sala notamos que os médiuns, em total silêncio, iam recebendo os obsessores que a assediavam. Era um hospital de Jesus em serviço, um trabalho bonito e equilibrado, sem barulho nem donos da verdade. Aquela sala de desobsessão era uma verdadeira UTI, tratando almas atormentadas. E os médiuns? Observando-os, senti vontade de beijar seus pés. São os grandes alicerces da Doutrina, que na sua tarefa humilde vão curando as chagas doloridas da obsessão. Notando a serenidade do atendimento, perguntei a Tomás:

— Os irmãos encarregados deste tratamento têm muito conhecimento da Doutrina, não é mesmo?

— É evidente que sim. Um trabalho de desobsessão não deve ser dirigido por iniciantes.

Acompanhamos o procedimento daquele grupo: os pacientes foram reunidos em uma ante-sala, onde ouviram com atenção a prece de abertura. Um bom expositor falou sobre o Evangelho e também da necessidade de buscarmos a melhoria íntima. Em seguida, cada doente fez sua preparação interior, com prece e recolhimento. Logo após foram encaminhados, em fila silenciosa, para a sala onde estavam reunidos os médiuns. Depois foi permitida a passagem espírito-médium, com obreiros preparados para esse difícil trabalho. Voltaram à ante-sala e novamente foram elucidados sobre o comportamento diário. Feita a prece de encerramento, retiraram-se. É um tratamento sério, útil e necessário para todos aqueles que necessitam fortalecer-se espiritualmente. Para essa tarefa devem ser convocados médiuns experientes e de moral ilibada.

Não se faz tratamento da obsessão em residências nem em Centros Espíritas que funcionam nos lares, Os interessados em ajudar nesse setor devem levantar uma Casa Espírita e determinar um ou dois dias da semana para esse tipo de tratamento.

Constatamos que existe Casa Espírita que usa seus grupos de estudo mediúnico somente para fazer desobsessão. Isso está errado. O tratamento da obsessão conta com a proteção de espíritos da mais alta moralidade, e qual o homem que se julga no direito de tê-los ao seu lado todas as horas? É muito sério lidar com gente sofrida e desequilibrada, precisando muito da disciplina, do amor e do equilíbrio daqueles que se propuserem a ajudar. Alertamos as Casas sem preparo e os Centros sem pessoas capacitadas que desejam fazer este trabalho nos grupos de

estudo e de educação mediúnica: cuidado, é muito perigoso. Além disso, lembrem-se de que espírito sofredor não é obsessivo.

Pode ser sofredor um recém-desencarnado, o que tenha cometido o suicídio ou o perturbado pela desencarnação violenta. Os obsessores pertencem a legiões, aos grupos de perturbadores, aos vingadores, enfim, quem for trabalhar no tratamento da obsessão tem de estudar muito o assunto. A Casa que a isso se propuser precisará de pessoas dignas em suas fileiras. Vimos a nossa amiga Cenira afastando-se e divisamos um certo sorriso em seus lábios. Por certo era de agradecimento àqueles pequenos-gigantes servos de Jesus.

15

PESQUISANDO OS APÓSTOLOS DO ESPIRITISMO

Em outra Casa, fomos recebidos com respeito por sua mentora espiritual, a irmã Dorotéia, que nos colocou a par dos tristes acontecimentos que ali estavam ocorrendo.

O seu presidente era o que podemos chamar de missionário, entretanto alguns membros da diretoria só desejavam desmoralizá-lo. Presenciamos uma de suas reuniões.

O presidente foi tão atacado por três irmãos da Doutrina, que até dava vontade de me manifestar e lhes perguntar onde ficava o Evangelho. Mas o presidente, com a dignidade de um grande espírita, portou-se com tanto equilíbrio que os enfureceu mais ainda.

— O que eles querem? — perguntei a Siron.

— Brigar. São aqueles que só sabem brigar e vivem na Doutrina para criar caso.

— Não estudam?

— Estudam, mas interpretam os ensinamentos da maneira deles. O pior é que eles brigam de cá e outros, de outras Casas Espíritas, brigam de lá. Não bastasse tanta celeuma na Doutrina, ainda existem esses desacertos internos.

— Meu Deus, enquanto isso outras religiões estão-se harmonizando entre si e se expandindo!

— É verdade, mas foi o próprio Jesus quem disse que os nossos maiores inimigos seriam os nossos domésticos. Não só as famílias atrapalham, como também alguns irmãos que frequentam a Casa Espírita.

— Por que estão descontentes com o presidente?

— Porque o presidente é um verdadeiro espírita e eles são os irmãos menores que vieram atrás da luz mas, cegos de orgulho e egoísmo, relutam em aceitá-la, por isso vivem criando polêmica.

— O que podemos fazer por esses irmãos?

— Orar, pedindo a Deus que os torne mais mansos e pacíficos, porque no Reino de Deus só darão entrada aqueles cuja bagagem não está pesada pelo orgulho. Pensei: “como pode um espírita viver criando caso, ofender o seu semelhante, desrespeitar os cabelos brancos dos mais velhos?” Falava comigo mesmo, quando recordei de outro presidente de uma Casa Espírita, que enfrentava sérios problemas com uma irmã. Ela queria que ele renunciasse, pois julgava-o muito manso. Nisso, Luanda chamou-me à realidade:

— No que pensas, Sérgio?

— No ser humano. Como ele é complicado! Lembra-se do irmão José, aquele presidente querido, que vem passando por sérias dificuldades com a irmã Sônia? Ela deseja que ele renuncie à presidência somente porque o considera muito complacente com os outros Centros.

— É, Luiz, a vinha é a mesma, assim como todos os chamados. Agora, tornar-se digno trabalhador do Cristo requer uma transformação de vida, infelizmente ainda difícil para os orgulhosos.

Nisso, chegou a turma e logo estávamos de volta ao Educandário. Admirei os montes, os rios, a bela floresta, tudo enfim. A música inebriante acariciava os nossos Espíritos, elevando-nos até Deus e fazendo de cada um de nós um irmão em Cristo. O sol forte que brilhava sobre a montanha lançava seu reflexo sobre as cascatas, os jardins floridos, e estes, extasiados, perfumavam nossa passagem. Quando avistamos o Educandário de Luz, sentimo-nos gratos ao Senhor pelo chamado. Tudo nos encantava.

Fomos pisando devagarinho, queríamos gravar não só na mente, porém ainda mais no coração, a imagem daquele lugar de onde partem para a Crosta os grupos de trabalhadores da Doutrina. Ao adentrarmos o prédio principal do Educandário, oramos querendo agradecer por tudo o que temos recebido. O Educandário, de braços abertos, nos acolhia como filhos de Deus em busca de conhecimento. No salão de recepção, Tomás despediu-se, assim como os outros. Fiquei sozinho. Não fui com eles, precisava consultar sobre alguns fatos que me estavam preocupando. Com a devida permissão, dirigi-me à biblioteca, e agora ali me encontrava, extasiado com tanta beleza e seu incalculável tamanho. No centro, várias mesas compostas de modernos computadores, cujos botões, ao serem tocados, davam-me as respostas com uma rapidez impressionante. No mesmo momento o assunto aparecia na tela; o escritor era projetado fazendo a sua obra, assim como seus colaboradores. Não só consultei os livros básicos como as obras dos grandes espíritas. Busquei Paul Gibier, pois sei que ele é muito amado pelos espíritas e logo o vi na tela; pesquisei toda a sua obra. Assim fui fazendo com todos os apóstolos do Espiritismo, até chegar a Léon Denis. As frases de seus livros eram projetadas na tela; no início do meu trabalho com o livro espírita eu falava em painel, e agora, na era da informática, vocês podem melhor compreender como se dá a projeção. Em particular, eu adoro Léon Denis; li a Introdução do livro Cristianismo e Espiritismo e o admirei muito mais neste trecho inicial: Não foi um sentimento de hostilidade ou de malevolência que ditou estas páginas. Malevolência não a temos por nenhuma idéia, por pessoa alguma. Quaisquer que sejam os erros ou asfaltas dos que se acobertam com o nome de Jesus e sua doutrina, o pensamento do Cristo em nós não desperta senão um sentimento de profundo respeito e de sincera admiração.

Que homem, Léon Denis! Todos os espíritas têm por dever ler a sua obra: Depois da Morte; O Problema do Ser, do Destino e da Dor, O Porquê da Vida, No Invisível; Joana D'Arc, Médium; O Grande Enigma; O Mundo Invisível e a Guerra; O Além e a Sobrevivência do Ser. Todos estes livros eu consultava ali na biblioteca do Educandário e parei com a imagem na tela onde estava escrito este trecho de Cristianismo e Espiritismo, item 8 — Decadência do Cristianismo: A sociedade está afetada de profundos males. O espetáculo das corrupções, do impudor, que em torno de nós se ostentam, a febre das riquezas, o luxo insolente, o frenesi da especulação

que, em sua avidez, chega a esgotar, a estancar as fontes naturais da produção, tudo isso enche de tristeza o pensador.

Como é atual o livro de um apóstolo do Senhor! Léon Denis, um grande espírita! Gostaria de permanecer o dia inteiro em contato com as obras de outros grandes espíritas. Mas depois de consultar parte do que escreveu Léon Denis tive de me retirar.

Fitei todos aqueles livros e pensei comigo mesmo: “e ainda chamam os espíritas de ignorantes! Se um espírita passar a vida encarnada, dos vinte aos setenta anos, estudando, ele não vai completar a leitura das obras espíritas, tantas são”. Quando digo obras espíritas estou-me referindo ao alicerce da Doutrina, e não aos adornos, que são os livros que vieram depois. Sei que vocês estão curiosos para saber se eu era o único na biblioteca. Não, havia muitos outros alunos. A biblioteca é em formato redondo; difícil dizer quantas obras a compõem. Incontáveis! Este era o seu formato: Ao sair, o encarregado da biblioteca me sorriu. Penso que demorei demais lá dentro.

— Como vai, irmão Tertulliano? — cumprimentei-o.

— Muito bem, graças ao Senhor, Pai de todos nós.

— Um abraço e até outro dia.

— Será sempre bem-vindo. O livro tem acentuado papel nas diversas fases da nossa vida, mas aqui eles representam uma cascata de luz clareando-nos o caminho, tirando a venda dos nossos olhos e fazendo com que se descortine diante de nós um mundo novo, repleto de cores, cuja beleza vai pouco a pouco nos inebriando o espírito. Mas o estudante só vai compreender de fato a beleza desta biblioteca no dia em que o amor verdadeiro invadir seu espírito e se sentir livre como um pássaro; nesse estado de inocência e simplicidade, os livros irão embalá-lo numa sinfonia de real beleza, dando-lhe uma nova visão de Deus e do próximo.

— Tertulliano, eu amo você, muito, muito e muito!

— Eu também, Luiz Sérgio, o amo muito. Não só o amo como o respeito.

Abracei-o, e as lágrimas molharam os nossos rostos. Éramos dois amigos que se reencontravam.

16

O ESTUDO COMO ALICERCE

Deixei a biblioteca, mas os livros, como gotas de orvalho banhadas de luz, permaneciam no meu espírito. Quando ganhei o pátio, Luanda, sorrindo, veio ao meu encontro:

— Irmão, como gostas dos livros!

— Adoro. Se pudesse, lá ficaria o tempo todo.

— E nós, o que faríamos sem ti?

— Morreriam de saudade.

— Luiz, o grupo nos espera no auditório oito, onde teremos mais uma conferência.

Enlacei seus ombros e para lá fomos. O auditório estava lotado. Aguardamos alguns minutos e logo o irmão conferencista fez a prece de abertura. Gostei dele, muito simpático e humilde.

— Irmãos em aprendizado, estamos hoje aqui para tratar de um assunto muito sério na nossa Doutrina: a evangelização infanto-juvenil. Sabemos que a Terra enfrenta momentos difíceis com suas crianças e jovens. O desamor, a falta de moral e o desrespeito de uns para com os outros estão embarçando o caminho das crianças e dos jovens até Jesus. E estes, inebriados pelo consumismo, partem em busca das coisas perecíveis, deixando de viver em família dentro dos padrões morais. Como trazer o jovem para Cristo? Devemos ou não fazê-lo? Claro que cada trabalhador do Senhor tem de colocar a isca no anzol e esperar pacientemente a hora de alimentar os peixes que nadam no mar da vida, muitos deles saciados pelos apetites da carne. Sair à rua batendo tambores, anunciando a chegada de Cristo? Dizer em alta voz que os espíritas são os trabalhadores da última hora? É evidente que não. Precisamos, sim, preparar-nos para segurar uma criança e um jovem em nossas mãos experientes. Como fazê-lo, se são em número cada vez maior e muitos não têm capacidade para tanto? O jovem moderno não quer se preocupar com a “morte”, se nem a vida lhe é importante. Tudo isso sabemos, as dificuldades são inúmeras e os obreiros muito poucos, mas mesmo assim temos de ir à luta. Não temos braços para abraçar a Humanidade, mas possuímos sentimentos bastantes para abraçar o que mais próximo de nós se encontra. Desse modo, devemos ir às Casas Espíritas e fazer com que elas se preocupem com os jovens e com as crianças, não lhes levando o temor, mas mostrando o lado alegre da Doutrina. Daí, então, a criança e o jovem, familiarizados com os ensinamentos espíritas, não serão atacados pelo medo nem pelo ridículo. Mas para isso temos de fazer com que eles gostem da evangelização, e não que sejam obrigados a ir ao Centro. Como fazer, entretanto,

para que se interessem pela Casa Espírita? Dando-lhes a importância que dispensamos aos adultos. Todos devem ser respeitados.

— A Espiritualidade Maior, continuou o conferencista, encontrava-se apreensiva com as crianças e os jovens. Muitos espíritas não conseguem transmitir para seus filhos o amor à Doutrina. E a família sofre com isso, O que está errado? Por que não conseguimos trazer nossos filhos e netos para a Doutrina? Porque apresentamos uma Doutrina difícil de ser compreendida, matamos os dogmas mas ainda não destruimos o medo, e muitos espíritas apresentam a obsessão como se ela fosse o inferno de ontem: “quem erra é jogado aos obsessores”, e não é assim, bem o sabemos. Temos de levar à criança e ao jovem a esperança e lhes dar lições de moral cristã. Para tanto, temos de tirá-los um pouco da frente da televisão e do vídeo-game e criar em cada Casa Espírita, nos grupos de evangelização, a equipe de teatro. Para concorrermos com o mundo, temos de apresentar passagens do Evangelho vivo no teatro. A criança tem de aprender a Doutrina divertindo-se, porque, se a sentarmos a uma mesa só para desenhar e estudar, dificilmente gostará. Voltamos a dizer: lá fora um mundo violento aprisiona o jovem e a criança, sem piedade. Qualquer religião que oferecer à criança somente a teoria não conseguirá que ela fique nem na letra, quanto mais encontrar Jesus! Hoje estamos aqui para orientá-los sobre o valor da evangelização infanto-juvenil. Alguém deseja perguntar algo?

Acendi minha cadeira e perguntei:

— Como podemos atuar nas Casas Espíritas, pois muitas não aceitam mudanças, chegando a dizer que nem artesanato devem fazer.

— Irmãos, a idéia do trabalho de artesão não é nossa, desde a época do Cristo os apóstolos já o faziam para não se tornarem um peso para a sociedade. Eles não recebiam esmolas, trabalhavam, O apóstolo Paulo foi um excelente artesão e vivia disso. Agora, por que nós, os espíritas de hoje, achamos que o artesanato desinteressa aos estudos doutrinários? Ao contrário, eles se completam. A criança ou o jovem adorarão ver suas obras ganhando vida graças à sua habilidade. Anália Franco também foi combatida por criar grupos de trabalho. Mas hoje, se a Casa Espírita não se empenhar em criar esses grupos, terá de lançar mão de rifas e jogos para poder se manter. Não é melhor darmos às crianças e aos jovens, enfim, a todos os frequentadores de uma Casa a oportunidade do trabalho? Ele age como terapia, lixando nossas arestas, O homem que trabalha para o próximo vai pouco a pouco tornando-se melhor.

— O irmão pode nos ensinar como realizar um trabalho com crianças e jovens? — inquiriu Luanda.

— Na época do Cristo, na pequena Nazaré, havia um ditado popular que dizia: “aquele que não ensina um ofício ao seu filho prepara-o para ser salteador de estrada”. Paulo de Tarso era tecelão, Nicodemos, barbeiro, Judas, oleiro, José, carpinteiro, e Jesus trabalhou também como carpinteiro para sustentar Maria. Desconhecer os trabalhos sociais é ignorar a Doutrina do Cristo. Ele, o Governador do Planeta, trabalhou a madeira, dando-nos o grande exemplo da labuta diária. A irmã Luanda pergunta-nos como levar até a criança e o jovem o artesanato, sem negligenciar a Doutrina. Primeiro a Casa tem de conscientizar a sua diretoria de que não existe velhice entre os trabalhadores do Cristo; que todos têm de se unir em prol do crescimento doutrinário, porque, se na Casa Espírita só trabalharem os jovens e

as crianças, eles irão perguntar: por que só nós temos de angariar dinheiro para o Centro? Diretoria “aposentada”, trabalho estacionário. Se buscarmos os grandes exemplos, lembraremos de irmã Dulce batalhando junto aos desvalidos; Teresa de Calcutá ativa ao lado dos sofrendores; Chico Xavier lutando junto àqueles que precisam. Agora, porque os anos maltrataram nosso corpo, nem por isso temos o direito de parar.

— O irmão acha, então, que o que prende uma criança ou um jovem a uma Casa religiosa é ele se sentir útil? — perguntou Arlene.

— Sim. Só a teoria não muda o interior das criaturas, como apenas as aulas práticas também não. As crianças e os jovens têm de orar e trabalhar.

— E as campanhas Auta de Souza?

— Muito bonitas, dignas do nosso respeito e da nossa colaboração. Enquanto alguns presidentes de Centro batem à porta do próximo em busca de alimento, presenciamos muitos indo contra este trabalho criado pela Espiritualidade Maior. Digo ainda mais: se os espíritas não se unirem urgentemente, logo estaremos distantes da sociedade, porque o fanatismo de uma religião que está crescendo assustadoramente no Brasil fará tudo para nos desmoralizar. Eles estão envolvendo crianças e jovens, atacando Casas Espíritas memoráveis através da televisão e do rádio. Enquanto isso, alguns espíritas, trancafiados em uma diretoria, espionam colegas de fé; e muitos tentando tomar-lhes os lugares de destaque, alegando que o presidente não tem capacidade espiritual.

— Por isso vocês estão elaborando um ensino com teatro, fantoche, música e artesanato para as crianças e os jovens?

— Sim. Gostaríamos que todas as Casas Espíritas dessem às suas crianças e aos seus jovens lições visuais do Evangelho e das obras básicas da Doutrina, através de fantoches e do teatro.

— Pode nos orientar? — perguntei.

— Sim. Primeira parte: numa semana peça de fantoche psicografada ou retirada dos livros espíritas, algum assunto sobre o comportamento das crianças, revelado previamente pelos pais através de fichas. Noutra semana, o teatro escrito sobre o Evangelho e os livros da Codificação. Depois dos teatros e das músicas, entra o trabalho artesanal. Um Centro grande pode pedir ajuda a quem tenha dons artísticos, e as crianças irão fabricar peças de artesanato que serão vendidas em um bazar, bazar este que deve ajudar nas despesas do Centro. Os jovens terão um dia da semana para estudar a Doutrina e também fazer artesanato. No dia das crianças, é importante que os jovens atuem no fantoche e no teatro. Também o presidente, todos do Centro, enfim, podem participar do trabalho infanto-juvenil. Nossa preocupação é enorme. O Brasil foi escolhido para tornar-se a Pátria do Evangelho, mas não uma pátria onde aqueles que se dizem evangelizados e seguidores do Cristo possuam ódio para com aqueles que professem outras crenças. Se nós, espíritas, olharmos em volta, veremos como estão nos combatendo novamente, e o pior, hoje aqueles que atacam o Espiritismo por causa do contato com os Espíritos estão levando os Espíritos para as igrejas, só que os Espíritos das Casas Espíritas são os demônios e os deles, os santos, e confundem Jesus com Deus. Em quase todas as igrejas, hoje ditas evangélicas, os seus adeptos estão recebendo o Espírito Santo e falando línguas estrangeiras. Isso está sendo uma isca muito bem preparada para lotar suas igrejas.

Enquanto a Doutrina Espírita esclarece o homem, fazendo-o buscar a sua melhoria interior, amar o seu próximo e renunciar em prol dos desvalidos, muitas religiões só pedem ajuda para o templo. Infelizmente, muitos acham mais cômodo servir a Deus sem fazer força. Ao dar às crianças e aos jovens o estudo doutrinário, estamos alertando-os para ficarem atentos às investidas dos falsos profetas. Uma criança ou um jovem com conhecimentos doutrinários dificilmente serão iludidos. Eles têm de amar a Casa onde trabalham e isso só acontece quando se sentem úteis. O estudo e o trabalho fazem com que cada um se sinta responsável pela Casa que o abriga.

O conferencista falou ainda muitas coisas e depois fez a prece, retirando-se.

— Meu Deus, eu nunca poderia imaginar que existisse religião que luta tanto contra aqueles que não pensam como eles!... — comentei.

— É, Luiz, eles estão aí, se o Cristo, que foi o Cristo, foi tido como quem conversava com os demônios, imagine nós, os espíritas.

— Tomás, se cada um que acredita na vida além vida tornar-se um verdadeiro espírita, doutrina nenhuma irá abafar as vozes dos mensageiros celestes.

— Os falsos profetas estarão aí, mas aí daqueles que brincarem com o “Espírito Santo”. Agora, vamos até a Crosta visitar algumas das nossas Casas de trabalho.

* * *

No Centro Espírita, encontrava-se a irmã Laurinda, que havia pedido ajuda a Tomás para seu filho William, que estava bebendo muito. Fomos até a Casa consultar a ficha dos frequentadores, pois William precisava ser levado lá. Aquele havia sido o escolhido pela Espiritualidade Maior, pois faz um belo trabalho de desobsessão. Foi encontrada a irmã Fany, espírita praticante, vizinha da casa de William. Acompanhei a irmã, fazendo-a recordar-se de Laurinda, mas ela pensava: “pobre do William, agora vive embriagado! Dona Laurinda era tão religiosa! Quando estava encarnada, os filhos não faziam o que estão fazendo hoje. As filhas vivem aprontando e agora o jovem William tornou-se alcoólatra”. Estávamos chegando à casa de Fany, quando vimos William caído na calçada e ela, com todo o carinho, recolheu-o em seu lar. Ele não falava coisa com coisa. Preparou-lhe um forte café e, ajudada pela mãe do jovem, foi-lhe dando conselhos, enquanto nós formamos um grupo de oração.

Aquele jovem era a garrafa de bebida que saciava o vício de vários Espíritos muito desequilibrados. Estes, quando viram que William estava sendo tratado, investiram contra Laurinda, mas ela, fixando-os firmemente, dado o seu grau evolutivo, espantou-os, fazendo com que abandonassem o recinto.

Depois desse início de tratamento, William foi para sua casa e Fany, perplexa, não entendia porque estava cuidando de um alcoólatra. Logo após à prece que dedicou ao seu mentor, viu Laurinda e prometeu àquela mãe sofrida que tudo faria para ajudar seu filho. E assim foi feito. No dia seguinte, William foi-lhe agradecer e ela lhe narrou que era espírita e que o espírito de sua mãe, Laurinda, havia pedido por ele. Ofereceu-se para levá-lo ao Centro, mas ele relutou, dizendo que não gostava de Espiritismo. Ela, entretanto, insistiu:

— Vamos, sua mãe deseja falar com você.

Diante desse argumento, ele resolveu dar uma chegada àquela Casa Espírita e Fany — com a nossa ajuda — levou-o a um grupo onde ele pôde conversar com Laurinda. Com que emoção William reencontrou a mãe, que a chamada “morte” havia levado! Ela revelou fatos tão reais da vida dele que não havia como duvidar, implorando-lhe que buscasse uma associação especializada no tratamento de alcoólatras. Com que alegria constatamos que aquela Casa possuía um departamento de ajuda aos viciados! Dele faziam parte psicólogos, médicos, enfim, pessoas capacitadas.

Não era um grupo mediúnico de ajuda a desencarnados e sim um pronto-socorro à família e aos doentes.

— Toda dependência tem uma causa psíquica, às vezes até trazida da infância — disse Tomás.

Aquele grupo, ajudado por espíritos amigos, iniciou em William o processo desobsessivo e o reequilíbrio psicológico. Mais tarde conversamos com o Espírito encarregado daquele trabalho.

— Como vocês procedem para que o doente se interesse pelo tratamento? — perguntei.

— Muito fácil: tratamo-lo como uma pessoa sadia, não o olhamos como doente, e jamais dizemos que ele está sendo obsidiado. Foi Jesus quem nos advertiu a não chamarmos ninguém de louco, em Mateus, Capítulo 5º, versículos 21 e 22: O que disser: és louco, merecerá a condenação do fogo do inferno. Naquela Casa, a terapia ocupacional era aplicada na ajuda a viciados e seus familiares, que também eram convidados a lixar peças de madeira, pintar e trabalhar na marcenaria. Enfim, eles também seriam úteis à Casa Espírita.

— E a parte doutrinária? — perguntei.

— Estuda-se a Doutrina antes do trabalho artesanal. E note bem, só assimilam os seus ensinamentos aqueles que trabalham para o próximo.

Falamos ainda de vários assuntos e quando saímos um aclave de flores dava-nos passagem, era uma Casa de Deus.

— Aonde vamos agora? — perguntei a Tomás.

— Voltar ao Educandário, precisamos continuar nossos estudos.

— Vimos aqui somente ajudar Laurinda?

Assustei-me:

— Sim, ela e seu filho. E por que não dizer também a Fany, que levava uma vida sem muita expectativa. Ela só ia do Centro para casa, e agora tem William para se preocupar. E depois, há uma dívida do passado, ligando-a a William e Laurinda.

Assustei-me:

— Verdade? Conte-nos, Tomás — e ele relatou:

— No século passado, Fany levou William à loucura, ele era apaixonado por ela, que o desprezava, vindo William a se casar com Laurinda. Mas ele suicidou-se de paixão por Fany.

— Meu Deus, que complicado!

— Por isso devemos ocultar o passado, se ele vier à tona, quantas complicações!

— Será que William não irá apaixonar-se de novo por Fany? — perguntei ainda.

- Sim, irá, e Fany tem de ajudá-lo.
- Mas ela é mais velha do que ele.
- Poucos anos somente, e sendo solteira, nada os impede de casar.
- Mas ela é tão recatada!...
- O casamento é uma bênção divina e eles são espíritos devedores.
- Desculpe, Tomás, mas Fany é muito feia.
- Somente seu corpo físico, por dentro ela é linda. E William precisa dela.
- Por que ela veio tão feia?
- Sérgio, Fany abusou de sua beleza.
- E o coitado do William? Quando ela era linda não o quis, e agora, que é muito feia, o que será dele?
- Ela veio feia porque pediu, só assim ficaria solteira esperando William.
- E o alcoolismo, também é carma?
- Não existe carma, e sim ação e reação. O vício de William foi um estado obsessivo, nada tinha de dívidas do passado. Fany e William têm uma tarefa muito bonita na Doutrina.

Fiquei calado, mas pensei muitas coisas. Voltamos para casa. Quando íamos chegando ao Educandário, meditei: “como é lindo este farol da Doutrina Espírita, onde adquirimos o conhecimento da vida! A Doutrina é um mapa iluminado que nos mostra as moradas da Casa do Pai, só ela esclarece o homem sobre a verdadeira vida. O Educandário de Luz, a faculdade espírita, é onde o homem aprende o que é a Doutrina dos Espíritos e faz com que cada um de nós se sinta cada vez mais perto de Deus. Querida Casa, agradeço a Deus por aqui me encontrar, aprendendo um pouco sobre a Doutrina Espírita.”

E assim, fui adentrando o Educandário amado, luz a nos iluminar o Espírito. Depois de ter dado uma chegada até meu quarto e cumprimentado Iná, estava de novo na minha cadeira aguardando a aula. Quando esta iniciou feliz fiquei, porque voltamos a estudar O Livro dos Espíritos, item 8 da Introdução: Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado.

O instrutor comentou sobre a atualidade desta advertência. Quando chegamos à Doutrina, deslumbrados, buscamos todos os livros, numa sede de saber. Feliz daquele que inicia o seu esclarecimento através das obras básicas, fazendo delas o seu companheiro de aprendizado. O Livro dos Médiuns é uma leitura mais que obrigatória para todos aqueles que procuram uma Casa Espírita e desejam educar sua mediunidade, porque, se ele não fizer deste livro o seu dicionário de fatos mediúnicos, estará propício a cair no ridículo. O Livro dos Médiuns ensina a beleza das comunicações mundo físico-mundo espiritual, comunicações estas com equilíbrio e disciplina. Ignorar O Livro dos Médiuns é retroceder ao tempo em que a mediunidade era apenas fenômeno. Este início de parágrafo diz que o estudo só pode ser feito por homens sérios, perseverantes e livres de prevenções. Muito certo. Aqueles que estão em busca de fenômenos não os encontrarão em uma Casa Espírita. Somente estudando eles serão perseverantes na Doutrina que, por ser simples demais, às vezes assusta aqueles que estão atrás de algo sobrenatural.

É muito atual também esta passagem da Introdução de O Livro dos Espíritos, ainda no item 8: Abstenham-se, portanto, os que entendem não serem dignos de sua atenção os fatos. Ninguém pensa em lhes violentar a crença; concordem, pois, em respeitar a dos outros. A Doutrina Espírita não precisa que forcemos ninguém a aceitá-la através de argumentos. Cada espírita é um representante da Doutrina, seja no corpo físico, seja no perispiritual. Todos os que se dizem espíritas têm de viver os preceitos espíritas, que representam a lei de Deus explicada. Ninguém pode chegar à Doutrina e continuar incorrendo nos erros do passado, pois ela é o remédio dado por Deus para que nos limpemos da lepra da imperfeição. Quem se diz espírita e continua praticando iniquidades está brincando com algo muito sério e infeliz daquele que o fizer. Vem muito a propósito esta frase do item 8, da Introdução de O Livro dos Espíritos: Quem deseje tornar-se versado numa ciência tem que a estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das idéias, O mal de alguns que chegam à Doutrina, por trazerem hábitos de outras religiões, é julgar tudo saber e querer negligenciar os estudos doutrinários. Adotam livros ainda distantes da Doutrina e querem modificar as Casas, achando que o espírita tem de aceitar tudo. Não é bem assim. Aceitar, aceitamos e respeitamos, mas longe da nossa Casa. Como diz o mesmo item 8 da Introdução: Quem quiser com eles instruir-se tem que com eles fazer um curso; mas, exatamente como se procede entre nós, deverá escolher seus professores e trabalhar com assiduidade. Erram também aqueles que aportam à Casa Espírita em busca de ídolos, e os bons médiuns devem fugir da idolatria, porque o que o iniciante precisa é estudar e fazer de O Livro dos Espíritos, de O Livro dos Médiuns, de A Gênese e do pequeno e lindo livro O que é o Espiritismo companheiros de todos os momentos, principalmente O Evangelho Segundo o Espiritismo, obra que ninguém, dentro da Doutrina, deve ignorar.

A aula continuou:

Dissemos que os Espíritos superiores somente às sessões sérias acorrem, sobretudo às em que reina perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem. Muitos grupos espíritas estão-se formando no culto do Evangelho no Lar. Não é certo. O culto é o encontro da família com Jesus, sendo errado transformá-lo em uma reunião mediúnica. Quem desejar uma reunião mediúnica não a faça no culto do Evangelho. Depois, há o perigo do médium trabalhar isolado. A mediunidade disciplinada é conseguida em um Centro Espírita bem orientado, onde existe condição de serem analisados os nossos dons mediúnicos. O que faz com que o médium se retraia é a vontade, de início, de receber comunicação de espíritos conhecidos. Se isso estiver acontecendo, ainda mais o médium estará necessitado de uma Casa Espírita. O item 8 ainda continua: A leviandade e as questões ociosas os afastam, como, entre os homens, afastam as pessoas criteriosas; o campo fica, então, livre à turba dos Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espreita de ocasiões propícias para zombarem de nós e se divertirem à nossa custa.

Quem gosta de fazer umas reuniõezinhas em casa, justo quando aparecem espíritos dando nomes memoráveis, deve urgentemente ler este item. Quem diz que é perigoso é O Livro dos Espíritos, o passaporte para o aprendizado espiritual, a bússola do caminho, a semente do conhecimento. Muitos espíritas gostam de dizer: “detesto estudar!” Como podem detestar a luz, o perfume, a vida? Sem estudo não

compreendemos a Doutrina, e ninguém ama o que não compreende. Torna-se obrigatório, quando iniciamos o aprendizado, apoiarmo-nos nas obras básicas, pois sem elas somos barco sem leme e sem direção. O estudo faz com que amemos e respeitemos os Espíritos e as almas encarnadas, O que brinca de receber comunicação é um doente, precisando do remédio do esclarecimento.

Depois, a aula passou para o item 9, da Introdução, onde mais uma vez é tratado o assunto fraude. Só existe fraude quando não há estudo. Em todas as religiões a mediunidade está presente, não foi a Doutrina quem a inventou. Hoje o que mais se vê são as religiões que combatem o Espiritismo fazendo médiuns em suas igrejas, porém o fanatismo ultrapassa o bom senso e essas religiões dizem que seus adeptos estão recebendo o Espírito Santo, falando línguas estranhas. Muitas vezes o médium está enrolando a língua e quem não entende de idioma algum diz que é língua estrangeira, sendo por isso o alerta dos Espíritos: o estudo não leva o médium ao ridículo, e se ele confia na sua mediunidade não teme trabalhar em uma Casa séria.

O instrutor passou a explicar sobre o item 10: Às pessoas sensatas incumbe separar o bom do mau. Indubitavelmente, os que desse fato deduzem que só se comunicam conosco seres malfazejos, cuja única ocupação consista em nos mistificar, não conhecem as comunicações que se recebem nas reuniões onde só se manifestam Espíritos superiores; do contrário, assim não pensariam. Algumas religiões recebem o Espírito Santo e dizem que os espíritas recebem os demônios. Quando dizemos da necessidade do estudo é porque não queremos que o médium espírita seja ridicularizado por falta de conhecimento. É triste lermos mensagens psicografadas, assinadas por Jesus, Maria, Bezerra, André Luiz. E muitos desses médiuns nunca frequentaram uma Casa Espírita, dizem que não gostam. E os médiuns das Casas Espíritas que não analisam as comunicações que recebem precisam também buscar o equilíbrio e a disciplina nas obras básicas. Não é a assinatura de um Espírito que valoriza sua mensagem, e sim o conteúdo. Fiquem alerta, médiuns, a tarefa é linda, mais linda ainda é a força interior que o médium com Jesus conquista junto aos livros da Doutrina, força esta que o torna uma pedra angular, onde os Espíritos levantam o edifício da fraternidade e da fé. O estudo é a luz da vida e feliz daquele que ainda no corpo físico está buscando o conhecimento das coisas espirituais. Continuamos a dizer: não é a quantidade de livros lidos que dá ao espírita o conhecimento, e sim a qualidade da leitura. Na Casa onde o estudo sistematizado da Doutrina está presente dificilmente deparamos com médiuns doentes, desiludidos com a própria mediunidade e nada fazendo por ela. Este item 10 de O Livro dos Espíritos é muito importante e deve ser lido parágrafo por parágrafo.

Foram permitidas perguntas. Cadeira oitenta: As outras religiões dizem que os espíritas só recebem os maus espíritos, e alguns espíritas também dizem isso. Resposta: Não, os espíritas não dizem que os médiuns somente recebem espíritos doentes e sim que para termos contato com os Espíritos bons temos de nos preparar. Um médium, para ter constantemente bons espíritos ao seu lado, tem de viver o Evangelho. A atração magnética é uma realidade. Cadeira vinte e dois: E quem desce nessas igrejas: Maria, Jesus ou o Espírito Santo? Resposta: Jesus não “desce”, Ele está junto de nós, dirigindo-nos até Deus. Maria, Mãe amorosa, coordenadora

das caravanas de socorro, não dispõe de tempo para ficar dando comunicação para médiuns. Ela é uma estrela que brilha nas zonas de sofrimento. Sabemos que Ela também está presente junto àqueles que sofrem. Agora, o médium que se julga com o privilégio de tê-la ao seu dispor, ditando livros e dando conselhos, é muito pretensioso, é um doente necessitando de evangelização. Quanto aos outros nomes memoráveis, está ficando repetitivo o nosso alerta: o médium iniciante tem de se cuidar e procurar, dentro do possível, evitar os nomes conhecidos da Doutrina. O médium com Jesus é como um bom perfume: inebria os que dele se aproximam, não sendo necessário dizer: estou perfumado. As pessoas sentem sua aproximação. Se alguns médiuns gritam em praça pública e precisam de publicidade, é porque a pequenez do seu sentimento não chega até o próximo.

Cadeira noventa: Imaginemos uma situação em que um médium iniciante chega até uma Casa Espírita que não estuda as obras básicas e onde os dirigentes de grupo colocam suas opiniões longe das bases doutrinárias. Que culpa tem esse médium? Resposta: Culpa de buscar ídolos. O iniciante que encontra dirigentes orgulhosos tem de pesquisar as obras básicas; se ele estuda O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns não aceita opiniões contrárias à Doutrina. Por isso recomendamos esse estudo. Queremos pensar que são poucas as Casas Espíritas onde não se estuda a Doutrina e que são raros os casos em que o iniciante erra por confiar naqueles que ele julga conhecedores do Espiritismo. Depois desta resposta foi feita a prece e logo em seguida estávamos nos retirando. Voltei a olhar o Educandário de Luz, os seus jardins, as suas imensas árvores. Abracei-as, pensando: “como Deus, Força do Universo, é bom, cria a cada instante”, e sorri, porque senti que sob meus pés a grama humilde não estava sendo louvada por mim. Abaixei-me e lhe fiz carinho, pensando: “a natureza nos oferece preciosas lições. Temos o rochedo, mas temos também a areinha da estrada. Tudo compõe a tela divina, tudo é respeitado por Deus. Na mediunidade também deve ser assim: não importa que sejamos uma graminha, mas que tenhamos vida e amor por Deus e todas as Suas criaturas. Muitas vezes não temos capacidade para aguentar o sol inclemente e os fortes ventos que fustigam as grandes árvores”.

— Filosofando, Sérgio? — inquiriu-me Luanda.

— Sim, dando uma de irmão João, que nos diz: “Não queira ser um belo brilhante nas garras de um anel de luxo, enfeitando a mão da mulher de posses, mas lute para se tornar o belo edifício da fraternidade, que Deus espera seja construído na Terra”.

— Lindo pensamento do João, não é mesmo, Luiz Sérgio?

— Sim, Luanda. Irmão João é um grande Espírito, ele constrói a cada minuto o alicerce da fé em terras brasileiras.

— Aonde vamos?

— Irei ao meu quarto, quero estudar um pouco. E você, aonde vai?

Darei uma chegada até minha colônia. Um grande amigo vai reencarnar, quero vê-lo e desejar boa sorte.

— É o seu antigo noivo?

— Sim, Luiz Sérgio, Roberto volta à terra.

— Terá saudades, Luanda?

— Não, Luiz. Não terei saudades, pois o ajudei na sua volta.

— Mas você também irá reencarnar?

— Sim, daqui a três anos.

— E fala com tanta tranquilidade?

— O reencarne para mim é como o até logo, um fato natural.

Fiquei quieto. Quando não temos o que falar não devemos jogar palavras fora, assim dizem os sábios. Abracei-a forte. Ela sorriu.

— Só daqui a três anos é que vou partir...

— Mas já estou com saudade do seu olhar e da sua voz aveludada.

— Obrigada, Luiz. Eu te amo.

17

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS: MEU ENCONTRO COM FRANCISCA THERESA

Minha janela era emoldurada por uma trepadeira. As flores azuis davam-lhe uma beleza difícil de ser relatada. Acariciei-as, pois pareciam sorrir para mim. Pensei: “que felicidade passar pelos reinos mineral, vegetal e animal em uma morada onde o conhecimento do homem já está mais apurado”. Mas logo, quando abri um dos inúmeros livros da minha biblioteca, veio-me a resposta: Em qualquer lugar do Universo os reinos da natureza são respeitados e resguardados. Desejei questionar o livro, pensando: “mas na Terra os animais são sacrificados para saciar o apetite dos homens”. Abrindo outra página, encontrei: Os homens terráqueos pouco a pouco estão deixando a carne vermelha e logo, quando o Planeta atingir a evolução necessária, não mais os homens sacrificarão os animais. Continuou: Os animais que hoje alimentam os seres da Terra são animais que vieram à terra para esse fim. Por isso, à medida que o homem se espiritualiza, vai deixando de sacrificar seus irmãos menores.

Aquele livro só tratava dos reinos da natureza e, mais uma vez, reverenciei Deus por tanta bondade, Os reinos da natureza são utilizados de acordo com as necessidades do homem, sem dano a qualquer espécie. Portanto, a pedra, a planta, o animal e o homem, cada um está desempenhando sua função como componente da natureza e Deus ficará feliz no dia em que o homem respeitar o seu próximo como a si mesmo e também a natureza, irmã querida, ainda ignorada por muitos.

Fiquei estudando ainda muito tempo, depois retornei ao Educandário e, passando por seus imensos corredores, alcancei uma galeria redonda, com quadros belíssimos enfeitando suas paredes. Contemplei-os e, à medida que os olhava, fui percebendo que muitos daqueles personagens eram uma só pessoa, em encarnações diferentes. Fitava-os, atentamente, quando uma irmã, aproximando-se, perguntou:

— Que deseja, irmão?

— Como vai? — falei —. Estou admirando esses retratos belíssimos, não conhecia essa galeria.

— É a Sala das Lembranças.

— Irmã, percebi que vários retratos pertencem a uma só pessoa.

— É verdade. Aquele ali possui vinte encarnações conhecidas na Terra.

Aproximei-me da tela e o olhar daquele espírito, reproduzido por um grande pintor, fez com que meu coração batesse mais forte. A irmã olhava-me com carinho.

— Desculpe, é proibido chegar aqui?

— Não, claro que não, pode ficar tranquilo. Um irmão, quando adentra por esta porta, já possui a discrição no espírito e o respeito nos gestos.

Admirava as telas e através delas compreendi ainda mais o amor de Deus por Suas criaturas. Observei o nosso irmão João, querido e amado por todos os estudiosos da Universidade Maria de Nazaré, e compreendi por que ele ama tanto a João Batista, o Elias em outra vida, o precursor de Jesus: simplesmente porque foi seu discípulo. Olhei-o naquelas telas e o reverenciei com respeito. Agradei à irmã Oana e fui saindo devagar. Mirando o chão que acariciava meus passos, dirigi-me à sala de aula.

— Onde estava, Luiz? — perguntou Arlene.

— Na Sala das Lembranças.

— E vai narrar em seu livro a reencarnação de todos eles?

Fitei-a, sorrindo.

— O assunto daria para mil livros, mas esse não é o meu trabalho; fui lá apenas para estudar, essas curiosidades não me atraem. Não importa o que o homem foi ontem e sim o que está fazendo hoje.

Ela me abraçou e assim entramos na sala de aula. Estava em estudo novamente o item 9 da Introdução de O Livro dos Espíritos: Dizem então que, se não há fraude, pode haver ilusão de ambos os lados. Em boa lógica, a qualidade das testemunhas é de alguma importância. Ora, é aqui o caso de perguntarmos se a Doutrina Espírita, que já conta milhões de adeptos, só os recruta entre os ignorantes? Os fenômenos em que ela se baseia são tão extraordinários que concebemos a existência da dúvida. O que, porém, não podemos admitir é a pretensão de alguns incrédulos, a de terem o monopólio do bom-senso e que, sem guardarem as conveniências e respeitarem o valor moral de seus adversários, tachem, com desprazer, de ineptos os que lhes não seguem o parecer. Aos olhos de qualquer pessoa judiciosa, a opinião das que, esclarecidas, observaram durante muito tempo, estudaram e meditaram uma coisa, constituirá sempre, quando não uma prova, uma presunção, no mínimo, a seu favor, visto ter logrado prender a atenção de homens respeitáveis, que não tinham interesse algum em propagar erros nem tempo a perder com futilidades.

Este último parágrafo do item 9 da Introdução deve ser estudado atentamente.

A cadeira treze acendeu, pedindo uma explicação para este trecho. Resposta: a explicação está no próprio parágrafo. Refere-se ao homem respeitável, sem “interesse algum em propagar erros nem tempo a perder com futilidades”. O estudioso busca a verdade, não faz da Doutrina uma seita de fenômenos; se ele busca os fenômenos, ainda descobre nos livros doutrinários como proceder diante deles. O homem sério, se for levado às primeiras manifestações de sua mediunidade, irá buscar em O Livro dos Médiuns a resposta aos fenômenos que estiverem ocorrendo com ele. Aquele que não gosta de estudar e não procura a verdade, ao receber as primeiras mensagens, sentirá orgulho e as aceitará sem qualquer análise, e ficará zangado ao defrontar com um estudioso e este lhe alertar para o perigo da mediunidade sem Jesus.

O homem sério não está atrás da admiração de outrem, está procurando na Doutrina o que ela pode oferecer-lhe de bom: o esclarecimento das coisas espirituais

que ontem, sob o véu da letra, ocultas estavam para o homem. Mas hoje não se concebe alguém chegar à Casa Espírita e ficar distante das obras básicas, saindo às vezes à procura de livros que pouco irão elucidá-lo. Outros lêem O Evangelho Segundo o Espiritismo como se este fosse obrigatório para todos os que se dizem espíritas. E não é assim, O Evangelho Segundo o Espiritismo é um elixir de humildade que devemos tomar diariamente para nos tornarmos humildes. Ele veio para dar ao estudioso espírita o pão de Deus, o alimento para aqueles que o buscam. O iniciante necessita da humildade.

Passemos agora para o item 11 da Introdução de O Livro dos Espíritos. Esquisito é, acrescentam, que só se fale dos Espíritos de personagens conhecidas e perguntam por que são eles os únicos a se manifestarem. Há ainda aqui um erro, oriundo, como tantos outros, de superficial observação. Dentre os Espíritos que vêm espontaneamente, muito maior é, para nós, o número dos desconhecidos do que o dos ilustres, designando-se aqueles por um nome qualquer, muitas vezes por um nome alegórico ou característico. Quanto aos que se evocam, desde que não se trate de parente ou amigo, é muito natural nos dirijamos aos que conhecemos, de preferência a chamar pelos que nos são desconhecidos. O nome das personagens ilustres atrai mais a atenção, por isso é que são notadas.

Para o estudioso compreender este item, ele tem de buscar em O Livro dos Médiuns, Segunda Parte, Capítulo 24º — Da identidade dos Espíritos, item 255: A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. E que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real. Este capítulo deve ser lido por todos os médiuns. Não é o nome do espírito que torna a mensagem apreciável, e sim o que ela contém. Com o nome de Jesus, muitos encarnados homenageiam o Mestre dando aos filhos Seu nome. E Maria. Quantas Marias existem na Terra? Ao receber uma mensagem assinada com esse nome, acreditem que ela é simplesmente Maria, e não Maria, a Mãe da Humanidade. O médium que estuda não comete esse erro, porque ora e vigia. Este capítulo é de uma sapiência linda e digno de ser estudado cuidadosamente, por todos os que chegam à Doutrina, Os livros da Codificação não envelhecem, têm o perfume do hoje e do amanhã, e a responsabilidade do ontem. Vamos buscá-los, iniciantes espíritas, para desfrutar a paz de Espírito.

Encerraram a aula, depois de uma linda prece. Deixando meus amigos para trás, ganhei o pátio do Educandário. Difícil narrar o esplendor da natureza naquele lugar.

Sentei-me junto ao Lago dos Sonhos, cujas águas cristalinas exalavam perfume de violetas. Ali fiquei orando a Deus, com o coração repleto de paz e agradecimento, pedindo por todos os meus irmãos, principalmente aqueles que sofrem no plano físico.

— Luiz Sérgio, como está?

Procurei quem me chamava, colocando-me de pé. Meu coração parecia querer sair do peito, tal era a minha emoção.

— Irmã, quanta alegria em vê-la!

— Jesus, o amado Mestre, nos abençoe hoje e sempre, falou.

Minha voz ficou presa na garganta, pela emoção de estar tão perto de Francisca Theresa.

— Luiz Sérgio, como pode o meu espírito imperfeito aspirar à posse da plenitude do Amor? Mas Jesus, nosso grande Amigo, me diz: “Em que consiste este mistério?...” Busco o amor, porque só ele cobre a multidão de pecados do meu espírito. Busco o amor, porque sou fraco passarinho, revestido apenas de leve penugem, que pede refúgio no coração de Jesus. Quando Ele me abraça, transformo-me em uma águia cujas forças estão concentradas no coração, e com garras fortes parto em busca dos pedaços da minha alma que ainda permanecem nos lugares de sofrimento.

— Irmã, o que a traz aqui ao Educandário de Luz?

— O Educandário foi criado para unir corações que se amam em Jesus; é uma árvore maravilhosa, cuja raiz encontra-se no mais Alto. É um lugar que podemos buscar de coração aberto; amor é o nome dessa árvore inefável e os seus frutos deliciosos chamam-se humildade. Somente a humildade e o amor colocamos no caminho de Jesus. Aqui aprendemos a crescerem amor, só ele nos leva a Deus. O Educandário faz com que o aprendiz não ambicione o primeiro lugar, mas o último. Em vez de adiantar-se, como o fariseu, repete, cheio de confiança, a humilde oração do publicano. Unindo a oração ao trabalho, vai caminhando pela via estreita da renovação, esforçando-se a cada passo para plantar o amor, O servidor da Doutrina dos Espíritos burila-se no exemplo de Jesus, na Sua simplicidade; o Mestre jamais desprezou o ignorante; Governador, jamais usou do Seu poder para oprimir os fracos. Quando amamos Jesus procuramos tornar-nos pequenos para agradá-Lo, vamo-nos esquecendo de nós mesmos para que Sua obra seja lembrada. Queremos ficar pequenos porque Jesus disse: Venham a mim os pequeninos. Os que se consideram grandes distanciam-se do Mestre amado. Agradar a Jesus deve ser a nossa única ambição, porque a nossa felicidade é Ele, o Mestre, que nos elucidar. Mas, como devemos nos preparar para chegar até o Pai? Não basta apenas conhecer nossa Doutrina, é necessário amarmos uns aos outros. Jesus é o amor de Deus manifestando-se em Seus ensinamentos.

Olhava Francisca Theresa com os olhos marejados de lágrimas.

— Luiz Sérgio, Ele nos dá muito, mas deseja a nossa humildade de coração.

— Irmã, os irmãos do plano físico sentem dificuldade em se desprender das coisas materiais e acham difícil praticar a caridade.

— As imperfeições serão afugentadas pela oração e pelo trabalho; só a oração e o trabalho lhes facultarão a passagem pela porta estreita. O homem ocioso será senhor e escravo dos instintos da carne. O homem que procura renovar-se encontrará Deus através do longo e estreito caminho de Jesus.

A claridade do sol dava luminosidade surpreendente a Francisca Theresa, como se as flores do jardim a saudassem como a florzinha branca de Jesus que ela é.

— Põe o teu coração firmemente no Senhor, Luiz Sérgio, e não temas o juízo dos homens quando a tua consciência der testemunho da tua caridade e da tua humildade. Alguns renunciam, mas com reservas, porque não confiam totalmente

em Deus. A princípio oferecem tudo, mas, levados pela tentação, voltam à estrada do egoísmo. Agradeço a Deus o trabalho tão nosso nos livros espíritas — pequenos lenços brancos que chegam até nossos irmãos. Pegando-os, vemos que são folhas de papel; para nós, entretanto, cada página de um livro espírita é o esclarecimento, é o consolo que chega às mãos de quem necessita. Feliz o trabalhador do Senhor que através da renúncia e do amor dá consolo a quem sofre.

— Irmã, o seu amor por Jesus é imenso, não é?

Ela sorriu, respondendo:

— Por mais que O ame, ainda é diminuto o meu amor por Ele, dado à imperfeição da minha alma. Por mais que O ame, Ele me ama muito mais, porque é puro. Em busca dessa pureza é que faço do meu caminho o caminho do amor, que se estreita cada vez mais. Procuo almas irmãs para me ajudar nessa caminhada.

— Irmã Francisca, não se esqueça de mim, quero servir a Jesus na humildade.

— Jesus, Luiz Sérgio, falou para todos nós: Vinde, benditos de meu Pai, porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, não tinha onde dormir e me destes asilo, estive preso e doente e me socorrestes. Se Jesus pronunciou estas palavras, como ignorá-las?

Nisso, apareceu Leocádio:

— Francisca, te esperam no auditório noventa para a conferência.

— Estou indo, Leocádio.

O irmão cumprimentou-me, sorrindo:

— Que a paz esteja contigo.

Francisca falou-me ainda:

— Oro ao meu Deus a cada dia pelos teus trabalhos, e me sinto animada a oferecer o meu pranto e minha alegria. Lembra-te, Luiz Sérgio, de que os seguidores de Jesus têm de transformar os espinhos em flores.

Fez reverência e afastou-se, levitando, deixando para trás o seu perfume de amor. Segui-a com o olhar até desaparecer naquele belo jardim. As lágrimas caíam pelo meu rosto, quando senti tocarem meu ombro. Era Tomás, que carinhosamente falou-me:

— Vamos até o plano físico, o trabalho nos espera.

Abracei-o, chorando, e ele, por mais que lutasse contra, também chorou comigo.

A emoção era imensa.

18

OS PINTORES ZOMBETEIROS: JANICE, UMA DISCÍPULA DO CRISTO

— Aonde vamos? — perguntei.

— Até um grupo que está construindo uma Casa Espírita.

Já no local, verificamos que seus adeptos se reuniam em uma casa humilde, alugada para os trabalhos. O salão era amplo, composto de uma mesa e vários bancos. Tudo muito simples. Eu estava curioso. Iniciou-se o movimento, com os grupos de estudo. Aquele Centro tinha uma responsabilidade muito grande para com a Doutrina. Todos os seus poucos frequentadores ansiavam pela melhoria íntima. Muito bem distribuídos os serviços, cada grupo era responsável pelo crescimento doutrinário da Casa. Havia os trabalhos sociais, como também o estudo acurado da Doutrina. As obras básicas eram o alicerce, ministradas desde a evangelização infanto-juvenil.

Convidados, comparecemos ao grupo de pintura mediúnica. Antes do início do trabalho prático foi estudado O Livro dos Espíritos e este livro, consultado pelo dirigente, os levou até O Livro dos Médiuns. Neste precioso tesouro mediúnico eles leram o item 190 — Médiuns pintores ou desenhistas. Com atenção o grupo estudou todo o Capítulo 16º da Segunda Parte. Como o aprendizado é importante para os médiuns iniciantes, ou melhor, para todos os que se interessam pela Doutrina!

Difícilmente um médium que estuda O Livro dos Médiuns assinará uma tela repleta de rabiscos e dirá que pertence a um grande mestre da pintura. Mas, como em todo grupo que se preza há sempre alguém do contra, o Jonas não aceitou a advertência de O Livro dos Médiuns. Julgava ele receber os grandes nomes da pintura e desejava sair do grupo onde não podia deixar os Espíritos zombeteiros brincarem de desenhar e pintar. Ficamos sabendo que ele desenhava mediunicamente em casa e estava querendo sair do grupo para fundar um Centro onde os seus amigos espirituais iriam manifestar-se. A discussão não foi adiante, porque o dirigente era um fiel seguidor da Doutrina e trabalhava com seriedade. Jonas se encontrava indignado com o excesso de vigilância da Casa. Olhei os Espíritos que ele julgava serem os grandes mestres da pintura e não pude deixar de rir, pois dois deles estavam fantasiados de pintores, tinham até as paletas na mão e os cavaletes. Era cômica a encenação daqueles espíritos zombeteiros.

— Há quanto tempo eles estão vindo aqui? — perguntei a Arlene.

— Eles frequentam esta Casa há um mês apenas, juntamente com Jonas.

Por que pergunta?

— Como é possível esses Espíritos ouvirem o Evangelho, esclarecimentos doutrinários e continuarem ainda zombando dos encarnados?

— É muito simples. A vaidade e o orgulho dos encarnados são o fermento que alimenta esses nossos irmãos. Eles se comprazem em usar nomes veneráveis

para serem admirados pelos próprios encarnados, mesmo sabendo que o mal que fazem irá dificultar seus passos no caminho da evolução.

Jonas estava descontente com o dirigente e, para esclarecer a situação, um dos encarregados do Departamento da Arte da Universidade Maria de Nazaré manifestou-se através do responsável pelo grupo:

— Boa noite, amigos e companheiros. Que a paz do grande Pintor de almas, Jesus Cristo, possa perdoar nossas imperfeições. O Mestre cobre, com os tons da verdade e do amor, os Espíritos que desejam trilhar o Seu caminho. Os ensinamentos de Jesus são nuances que pouco a pouco vão-nos embelezando o espírito. Os vaidosos, orgulhosos e egoístas distanciam-se do grande Amigo, não O deixando aproximar-Se, porque percebem que ao menor contato com Sua luz irão sofrer uma mudança, e esta mudança muitas vezes não os agrada. Quando buscamos um grupo mediúnic, ou melhor, uma Casa Espírita, propomo-nos a aprender o que a Casa ensina. Ninguém procura uma universidade para ensinar ao seu reitor ou ao seu grupo de professores. Porque, então, na Doutrina Espírita alguns irmãos sem conhecimento, ao adentrarem um Centro, desejam que este aceite seus pontos de vista, os mais absurdos possíveis? Eles não aceitam, porque o estudo sistematizado da Doutrina iguala os homens, tornando-os irmãos em Jesus e, como irmãos, amam-se e se respeitam. São livres para opinar, mas jamais para querer impor suas convicções. O artista tem por dever possuir a mansuetude e o respeito à obra de Deus. O verdadeiro artista é um amigo, porque conquistar amigos é uma arte. Quem provoca celeuma nos grupos mediúnicos, principalmente nos grupos de arte, longe se encontra de estar trabalhando com um grande mestre da pintura, porque eles já atingiram o Departamento da Arte, e mesmo que tenham sido no ontem de difícil relacionamento, hoje, para atuar em uma Casa Espírita bem orientada, têm de obedecer à disciplina doutrinária. Engana-se quem julga que, passados vários anos, o pintor de ontem continua desequilibrado; e mesmo se isto acontecer, o médium evangelizado tem por dever ajudá-lo, e não desequilibrá-lo ainda mais, O certo é não aceitarmos as assinaturas nos quadros mediúnicos para não acontecer o que vem ocorrendo: quadros grotescos, “que desabonariam o mais atrasado estudante”, levando assinatura de grandes mestres.

O Espírito encarregado fez ligeira pausa, para logo depois continuar:

— Todo mundo tem mediunidade natural; contudo, os ditos médiuns somente são aquelas pessoas em que a mediunidade é ostensiva. Quem diz isso é Allan Kardec; entretanto, julgar que mediunidade ostensiva é aquela em que só se manifestam espíritos famosos, além de ser um grande engano demonstra falta de conhecimento e de humildade. É preferível nos tornarmos um trabalhador da Doutrina do que um médium que dá trabalho à Casa que frequenta, por indisciplina. Desejamos que todos deste grupo se conscientizem de que a caridade é que cobre a multidão de pecados e de que não existe caridade maior do que aquela que começa em casa. A casa à qual nos referimos somos nós mesmos. Se não nos respeitarmos, não seremos respeitados. Tenhamos caridade para conosco mesmos, porque à medida que vamos tendo contato com nossos próprios erros e acertos vamo-nos conhecendo melhor; somos mais severos com as nossas faltas e brandos com as do próximo. O humilde não deseja ser aplaudido, e dificilmente um médium humilde apresenta uma mediunidade desequilibrada. Que cada um busque nos livros

doutrinários a sua bússola para não se perder nessa floresta imensa que é a mediunidade. Boa noite, e muita paz. Irmão Antônio.

Jonas, olhando para o irmão ao seu lado, falou:

— Antônio?...

Querendo dizer: “Coitado, não sabe de nada, esse Espírito é um Antônio qualquer”. Mal sabia ele que quem falara havia sido um dos mestres da pintura, que não quis identificar-se por humildade.

O grupo encerrou seus trabalhos. Os outros médiuns estavam satisfeitos, Jonas não; ele julgava que recebia Leonardo da Vinci, Renoir e outros grandes nomes, e não era um Antônio qualquer que iria ensiná-lo a conhecer a mediunidade com Jesus.

— Difícil, não? O cara adora ser enganado — falei para Tomás.

Um dos Espíritos zombeteiros começou a me retratar. Olhei-o com “aquele” olhar e ele me falou:

— Luiz Sérgio, sente aí, vou fazer um belo quadro seu e o Jonas logo passará para a tela.

— Obrigado, meu amigo, mas não tenho tempo para posar como modelo, sou um espírito que sopra somente nos livros espíritas.

— Que pena, um quadro seu iria fazer tanto sucesso!...

— Luiz, se você desejar pode ficar posando para ele — brincou Siron.

— Então fique comigo, vamos fazer um sucessão! — falei, rindo.

Retiramo-nos, deixando um grupo de pintores fantasiados e prontos para iludir o médium vaidoso.

— O dirigente espiritual não pode impedir a entrada deles na sala de trabalhos? — perguntei a Tomás.

— Não, eles são convidados do Jonas, só ele poderá desvencilhar-se desses zombeteiros, mas a sua vaidade não deixa.

— Pobre Jonas! Iguais a ele existem muitos.

— Por falar nisso, e você? Tem dado mensagens por todo o Brasil, sabemos que em quase todos os Centros Espíritas recebem mensagens suas. O que nos diz?

— Sem palavras...

— Luiz, a Doutrina deve esclarecer os médiuns iniciantes que Espírito em tarefa não fica de Centro em Centro desenvolvendo médiuns.

— É, e quem defende os Espíritos?

— Somente as obras básicas.

— Mas quantos não as estudam e ficam por aí, obsidiando os Espíritos que trabalham em prol do seu semelhante!...

Aquela Casa era pequena, porém as obras de Kardec eram conhecidas até das crianças. Quase todos as estudavam, os que não o faziam davam trabalho, como Jonas.

Fomos convidados a chegar até o auditório onde estava sendo realizada uma reunião dos mentores espirituais. O assunto, como sempre, era o perigo que hoje enfrenta a Doutrina, pois muitos de seus seguidores não desejam estudar, e sem estudo dificilmente a Doutrina será compreendida. Falaram também que enquanto o espírita ficar dentro do Centro esperando o povo vir até ele em busca dos Espíritos, as outras religiões se expandirão. Hoje quase todas elas trabalham também com os

Espíritos. O que se torna preciso, o que está faltando na Doutrina? Um dos Espíritos presentes respondeu: exemplos.

Ao passo que existem pessoas que saem em busca dos pobres e estropiados, como fazia Jesus, muitos espíritas estão indo ao Centro somente aos domingos, por obrigação. Comentaram sobre as atividades das Casas Espíritas brasileiras e sobre a obrigação de todos os que se dizem espíritas.

Levados pelo assunto que foi tratado, fomos conhecer uma senhora espírita que dava assistência a aidéticos. Quando chegamos ao lar da referida senhora, ela estava tomando o seu café junto à família, pronta para sair. A casa era belíssima, com todo o conforto. Pensei: “Onde irá Janice, a discípula do Cristo?” Juntamente com uma das suas seguidoras saiu em busca dos seus doentes. Iriam a muitos lugares prestar assistência aos necessitados. Visitaram duas casas onde ministravam noções de higiene e distribuíam remédios e alimentos. Foi ao encontro de um jovem de seus vinte anos, portador do vírus da AIDS, que se encontrava sem abrigo debaixo de uma ponte. Quem o visse não diria ser doente. Ela o alertou para a gravidade do sexo sem responsabilidade, pois ele, revoltado, estava transmitindo a doença para seus inúmeros parceiros. Ele a escutava, chegando a chorar. Convidou-o a ir até sua casa; estava construindo um albergue, mas antes que ficasse pronto abrigava todos os doentes e alcoólatras em um barracão em seu quintal.

Acompanhamos aquela extraordinária mulher de volta ao lar e vimos o carinho que dedicava àquelas almas sofredoras! No lindo palacete de Janice alguns doentes da droga, do álcool e da AIDS tinham uma mãe amiga que lhes estendia as mãos.

— E seu marido, como aceita tal atitude? — perguntei.

— Ele não é espírita, mas apóia a mulher em tudo o que ela faz.

Janice, uma linda mulher, charmosa e elegante, tomava-se mais bonita à medida que exalava o perfume de seu coração caridoso.

— O marido é um homem muito importante — contou-nos Tomás.

— Político? — perguntei.

— Não, não é político, é jurista.

— Se todos os que lidam com a justiça, com a política, com a saúde ou com a educação procedessem como Janice e seu marido, cuidando dos sofredores, no mundo a dor seria diminuta.

O jovem Paulo olhava toda a casa e chorou baixinho, lembrando-se de que sua família não o queria junto deles. Janice entrou no quarto, pegou sua mão e disse:

— Querido, não chore. Antes a ponte era sua casa, hoje minha casa é a ponte que o conduzirá a dias melhores. A AIDS não leva rápido à morte, quando ajudamos com nossa casa mental.

— Estou no fim, dona Janice, encontrei-a muito tarde.

— Engana-se, Paulo, nunca é tarde para lutar. Se eu me julgasse velha para ajudar o próximo, logo me sentiria inválida. Enxugue as lágrimas e vamos conhecer o meu pomar. Logo quero vê-lo cuidando das nossas plantas.

— Nossas?...

— Sim, tudo o que tenho é dos que são abrigados neste lar. Quando os trago para casa, um motivo existe, sabe seu nome? Amor e respeito à dor de cada um.

— A senhora é muito rica, não é?

— Sim, de fé, de coragem e da presença de Jesus em mim.

— Dona Janice, eu nunca pensei que existisse alguém igual à senhora.

— Paulo, chama-me só de Janice. Sabe, eu somente trago para casa os meus irmãos necessitados quando os albergues se encontram lotados. São poucos os que vêm para cá. No momento estão aqui dez pessoas. Pouco, não?

— Não, Janice, não acho pouco. E o seu marido e filhos, o que acham?

— Meus filhos foram criados junto aos sofredores, desde pequenos eles me acompanham onde jaz um sofredor. O marido foi a mão amiga, a justiça divina que, como uma luz, ilumina os meus sonhos, transformando-os em realidade. É o companheiro sonhado por muitas mulheres, um grande homem. Apesar da sua posição social ele tem grandeza moral suficiente para não ficar cego diante do poder. Deus nos criou e nos uniu para que cada um desempenhasse suas tarefas, desde que elas se juntassem num só ideal: o amor.

Foram saindo do quarto. A bela piscina, muito bem decorada, era circulada por lindíssimo jardim. As flores atapetavam o chão. Paulo parecia estar sonhando. Logo ganharam o pomar. Janice ia colhendo os frutos e os dando a Paulo, como se ele fosse o filho pequeno necessitando cuidados.

— Que grande mulher! É tão bom conhecer gente assim! — falei para Siron.

Paulo pediu para sentar-se e ali foi contando sua vida: filho de família da classe média, desde pequeno adorava meninos e seus primos maiores é que o levaram à preferência masculina, sendo esta a brincadeira preferida quando Paulo, ainda pequeno, era levado à casa dos tios para dormir ou passar fins de semana. Atingindo a adolescência, era no colégio o garoto que mais parceiros tinha, por ser muito bonito, e nessa vida quase não estudou. O sexo desabrochou tão forte que ele se julgava o tal, não se envergonhando em ser sustentado por parceiros, até o dia em que, morando com um colega, este, ao saber do seu estado de saúde, o esbafeteou tanto que o levou ao hospital e de lá não pôde mais voltar à antiga casa. Seu companheiro não o quis mais. Sem ter onde morar, recorreu a todos os parentes e amigos, mas ele era soropositivo HIV e as portas se fecharam. A ponte é o refúgio dos pobres e desvalidos por não ter porta, e ele a buscou. Aí o ódio tomou conta de seu coração. Sem piedade, entregava-se aos parceiros sem lhes contar o seu verdadeiro estado de saúde. Paulo continuou sua narrativa:

— Queria que todos também conhecessem a dor desta doença maldita que mata primeiro os sonhos, porque quando descobrimos que contraímos o vírus parece que caímos num precipício. O medo e o pavor da opinião dos outros faz com que nos sintamos os seres mais infelizes do mundo. Depois, veio a peregrinação pelos hospitais, o preconceito da sociedade por medo do contágio.

— Paulo — obtemperou Janice — quantos portadores do vírus da AIDS vivem por vários anos, enquanto pessoas jovens e fortes desencarnam prematuramente! Ninguém sabe quando irá desencarnar. A AIDS pede prudência, quem tem o vírus precisa cuidar-se, aumentando a resistência física. Não podemos julgar que a “morte” está ao nosso lado somente porque temos uma doença. Ninguém sabe quando parte, o importante é preparar-se para viver na terra o tempo que Deus nos concedeu e aprontar uma bagagem de bênçãos para partir em paz.

Olhei para os meus amigos e falei:

— Que mulher! Ainda bem que existem apóstolos do Cristo encarnados na Terra. Não só os maus caminham na estrada da evolução, os bons Espíritos estão junto a nós, ensinando ao homem o que é ser nobre. Janice é uma estrela brilhando no pântano da dor e do desespero.

19

A CHEGADA DO CONSOLADOR

Grande mulher é Janice. Gostaria de conhecer um pouco mais seu marido e seus filhos, porque às vezes, quando a mulher ou o marido desejam ajudar o próximo, chegam as cobranças de um ou de outro. Tenho dó de certas mulheres que atormentam a vida dos maridos, porque estes se dedicam à Doutrina do Cristo. Será que elas prefeririam que os maridos vivessem sentados numa mesa de bar ou buscassem aventuras fora do casamento? Por outro lado, há certos maridos que preferem ver as mulheres nos fúteis chás das cinco ou olhando as vitrines do que costurando, bordando, estudando ou visitando casebres pobres. Chegam ao exagero de se dizerem com ciúme das esposas e fazem até chantagem. Jesus disse: Não embarceis as minhas crianças. Somos crianças de Cristo, quando estamos tentando caminhar pelo Seu caminho.

Quantas Janices teríamos se não existissem maridos ignorantes das coisas de Deus ou mulheres possessivas, ciumentas e ociosas que não acompanham os maridos nas suas tarefas de caridade, O palacete de Janice — quando saíamos — abria as portas para receber José Tadeu, garoto de quatorze anos, que contraíra AIDS.

— Seja bem-vindo, esta casa é de Jesus — falou Janice, sorrindo.

José adentrou-a, levando no coração a flor da esperança de que no amanhã vários lares abrirão suas portas para abrigar os sem-teto.

Finalmente, ganhamos o caminho de volta ao Educandário. A medida que ele ia surgindo, os raios de sol davam àquele lugar um colorido inesquecível. Os pássaros beijavam as flores e as cascatas de águas cristalinas suavizavam todo o belo jardim. Parei para louvar a beleza do lugar. Meus companheiros sentaram na hera e, de braços abertos, olhei para o alto e orei:

— Sê bendito, Senhor, por teres criado este cenário de esplendor que se manifesta ao nosso redor. Deste-nos a sensibilidade para apreciá-lo e agradecer por estares ao nosso lado em todo o nosso caminho evolutivo.

Contemplando cada tenra plantinha, cada pedra, cada flor, os animais, os rochedos, as ondas bravias, a placidez dos lagos, damos graças ao Senhor, que a tudo cria. Obrigado, meu Deus!

Todos, sentados, cantaram esta canção:

*Obrigado, meu Deus,
Por nos ter criado,
Simples e inocentes,
E nos ter ensinado,
A nos tornar gente,*

*Com o coração humanizado.
Obrigado, meu Deus,
Pelas estradas da vida,
As vitórias alcançadas,
As pessoas queridas.
Obrigado, meu Deus,
Pelo campo florido,
Pelo vento que sopra,
No balançar das flores.
Obrigado, meu Deus,
Pelas nuvens carregadas,
Que nos trazem a chuva,
Até as sementes.
Obrigado, meu Deus,
Pela árvore frondosa,
Que na primavera,
Dá a fruta saborosa,
Os rochedos amigos,
Que ficam comigo,
Elevando minha fê,
As ondas do mar,
Bravias ou serenas,
Vêm me embalar,
Os sonhos terrenos.
Obrigado, meu Deus,
Por tudo o que tenho,
A família, o lar,
Por Seu desempenho,
Na Terra querida,
Que é nosso lar,
Minha alma sofrida,
Só deseja Lhe amar,
Obrigado, meu Deus.*

Batemos palmas e, abraçados, entramos no Educandário, cientes de que a mão de Deus estava a nos amparar. Diante daqueles corredores senti-me muito feliz por ter chegado até ali. Siron avisou-nos de que teríamos aula no auditório sete e fomos para lá.

O auditório, com seu palco giratório, continha imensos painéis luminosos com o estudo doutrinário: toda a vida de Kardec, sua luta, o início junto aos seus colaboradores, a equipe espiritual, enfim, era o teatro vivo da Codificação. Hoje, muitos confrades sequer imaginam a luta do Codificador, as dificuldades por ele enfrentadas. Ainda bem que sua esposa Amélie foi o esteio que Deus colocou para ajudá-lo. Ao seu lado, nada exigia, ao contrário, extasiada, junto a ele ia pouco a pouco descobrindo o mundo maravilhoso da Doutrina que despontava. Allan Kardec passava horas e horas atento às inúmeras comunicações dos Espíritos. As senhoritas

Caroline e Julie Baudin foram as médiuns que mais concorreram para concretizar a profecia de Jesus de trazer até os homens o Consolador. A senhorita Ruth Céline Japhet foi outra grande colaboradora de Allan Kardec, mas ninguém imagina quantas e quantas horas de dedicação foram exigidas a este grande homem e somadas à sua luta para editar o primeiro livro, não só na revisão feita pelos Espíritos superiores, como depois para colocar na rua, para o povo, a voz dos Espíritos. Quantas pessoas dignas e conscientes da Doutrina ajudaram Kardec! No dia 18 de abril de 1857 a luz do mais Alto fez com que Paris amanhecesse diferente: era a Espiritualidade Maior que fazia da cidade-luz uma cidade cintilante de esclarecimentos doutrinários. Uma nova era iniciava-se. A nossa frente, presenciávamos o livreiro Edouard Dentu levando até a tipografia a primeira obra espírita: O Livro dos Espíritos.

Assistindo ao teatro vivo, pensei: “quantos ditos espíritas hoje a nada desejam renunciar, apegados às birras das esposas, ou vice-versa, e vão-se distanciando da responsabilidade para com a Doutrina. Para ela chegar até nossas mãos, para que o Consolador estivesse hoje entre nós, vários homens renunciaram até à sua posição social”. Todos os trabalhadores da Tipografia de Beau, em Saint-Germainen-Laye, receberam do Alto as bênçãos como operários de Jesus. A nossa frente víamos a primeira edição de O Livro dos Espíritos — 18 de abril de 1857. Apresentava-se em formato grande, com quinhentas e uma perguntas e respectivas respostas, contidas nas três partes em que então se dividia a obra. Quando Kardec colocou o seu pseudônimo no primeiro livro, orientado pelos Espíritos, deixava gravado na História do Espiritismo um grande gesto de humildade. Hoje os médiuns que psicografam tornam-se cada vez mais conhecidos, mas perguntamos: quantos conhecem os médiuns que ajudaram Kardec? Pensei: “como seria bom se hoje também fosse assim”.

A Codificação estava à nossa frente, juntamente com os primeiros simpatizantes do Espiritismo, que lá estavam junto a Kardec para pesquisar as causas ocultas do fenômeno das mesas girantes. Muitos livros abordando esse assunto começaram a aparecer e os leitores aumentaram por demais. Viamos Kardec a tudo examinando, tendo muito cuidado para não se deixar envolver pelo fanatismo. Não foi ele, Kardec, o inventor das mesas girantes; todos os estudiosos do Espiritismo sabem que Kardec somente o codificou. Os estudos de Allan Kardec, sua luta para preservar os Espíritos da curiosidade do homem, passavam à nossa frente. As mesas, antes personagens insubstituíveis nas rodas elegantes, com Kardec e outros estudiosos, levaram-nos a um estudo mais profundo e Caroline Baudin cooperou para que os Espíritos melhor se comunicassem. Mas nada foi fácil para eles. Lutaram contra o materialismo e diante dos fatos espíritas certificaram-se da veracidade das comunicações.

Graças à fé desses irmãos, hoje temos a Doutrina Espírita. Ninguém pode esmorecer no meio do caminho, principalmente quando acredita que logo mais Cristo nos espera.

Quantos são chamados para pequenas tarefas e as negligenciam por orgulho, desejando as grandes missões! Kardec primeiro buscou a verdade e diante dela curvou-se humildemente, deixando para trás o próprio nome e assumindo a responsabilidade de trazer até os homens a voz dos Espíritos. E o fez com tanta

dignidade que até hoje ela dá ao homem condição de não ser enganado. Quantas horas Kardec leu atentamente os cadernos de mensagens, quanta prudência usou, não aceitando a mensagem apenas pela assinatura de homens famosos, mas sim pelo seu conteúdo. Era tanta a fé de Allan Kardec que ele não diferenciava os Espíritos dos homens encarnados, por isso não endeusava os Espíritos e lhes mostrava suas divergências, não aceitando tudo o que deles chegasse. Ele amava muito os Espíritos, deles fazendo seus amigos, por isso seus adversários não encontravam nada que desmoralizasse a obra que lhe foi confiada por Deus. Junto a Kardec, uma plêiade de espíritos missionários o ajudavam. Mas se ele fosse escravo da vaidade teria parado à beira do caminho, porque o fardo do egoísmo e do orgulho pesam por demais.

À nossa frente, desfilava a vida de Allan Kardec, ou melhor, um exemplo de vida a ser seguido pelos espíritas. O Livro dos Espíritos encontrava-se todo iluminado, suas letras brilhavam como diamantes. Os princípios da Doutrina estão contidos nesse livro, que os Espíritos chamam de passaporte para a vida eterna. É uma obra filosófica, acessível a todas as inteligências. Os instrutores nos explicaram por que muitos dos que se dizem espíritas não gostam de O Livro dos Espíritos: simplesmente, porque esta jóia da Doutrina nos convida à reforma íntima. Tendo-a como livro de cabeceira, veremos o mundo mais belo e compreenderemos melhor o nosso próximo. Agora, não é livro para ser lido almejando chegar logo ao fim, devemos lê-lo meditando e retendo-o no coração, como um remédio divino. Ele é a mão de Deus pairando sobre nós.

O orientador ainda nos falou da necessidade das Casas Espíritas adotarem os livros da Doutrina, pois somente eles podem dar aos homens as respostas verdadeiras. Também aprendemos que, antes de Kardec, vários outros precursores existiram, chegando a publicar obras sobre o intercâmbio com o mundo espiritual, mas ele, Kardec, foi o escolhido para a missão de escrever no livro da vida o seu nome, como o Codificador do Espiritismo. Por isso, é errado dizermos que Kardec fundou o Espiritismo; antes dele, mesmo no Antigo Testamento, o Espiritismo já existia e muitas vezes deparamos com fatos mediúnicos relatados em seus diversos livros. Todavia Kardec foi quem adotou os termos “Espírita” e “Espiritismo” e, através da Doutrina Espírita, explicou os fatos que os Espíritos apresentavam ao mundo. A mediunidade tornou-se não um fardo, mas uma tarefa que pode tornar-se até gloriosa, desde que o médium estude as obras básicas. Kardec, analisando os ditados dos Espíritos, foi construindo o edifício do amor, que hoje abriga muitas almas, edifício este que são as Casas Espíritas com bases sólidas na Codificação. Foi ele que, com simplicidade, nos forneceu os livros que deram ao homem condição de conhecer o mundo dos Espíritos sem ir contra as leis de Deus, cuja proibição desse intercâmbio se encontra no Levítico. Allan Kardec nos ensinou a procurarmos a verdade e, diante dela, o respeito às coisas espirituais. Se ontem era proibido o contato com os mortos, o Codificador buscou em Jesus a verdade e, estudando com afinco, viu ser possível a comunicação sem desprezar as leis divinas, pois Jesus, o grande precursor da Doutrina, expulsava os trevosos sem rituais nem palavreado decorado; com amor e conhecimento do mundo espiritual Ele os elucidava. Kardec recebeu do Espírito da Verdade toda a orientação de como devemos entrelaçar os dois mundos. Sendo Jesus também Aquele que levou os apóstolos para o Monte

Tabor, ali realizou a primeira reunião mediúnica disciplinada, ao conversar com Moisés e Elias. Ao recordar este fato, vemos que Jesus não só anunciou o Consolador, como também viveu uma vida espírita.

Continuamos presenciando a difícil tarefa de Allan Kardec, que muitas vezes se viu desiludido, mas mesmo assim lutou como um gigante da fé para cumprir a sua missão de deixar para os homens, prisioneiros num corpo físico, a visão da vida espiritual.

Muito se falou ainda naquele belo lugar, onde o meu Espírito engrandecia-se pelos inúmeros ensinamentos. Depois da prece, foi encerrada a aula. Demorei a sair e quando o fiz, Luanda me esperava, junto a Siron, Arlene e Tomás.

— Que beleza! — comentei — Hoje muitos dos que se julgam injustiçados não podem avaliar o que Kardec enfrentou.

— É mesmo — falou Luanda —. Todos os missionários lutam com dificuldades. E mais fácil dizer que não se crê em nada, do que lutar por um ideal.

O Educandário é uma fonte de luz, parece que de suas paredes brotam os livros espíritas. Tomás comentou:

— Muitos dos que se dizem espíritas, Luiz, param ao se defrontar com o primeiro obstáculo, sem saber quanto lutaram os pioneiros da Doutrina. Se hoje ainda existem preconceitos contra o Espiritismo, imaginemos no ontem as dificuldades que tiveram de enfrentar. Algumas pessoas chegam à Casa Espírita e não desejam seguir os seus ensinamentos. Estudar a Doutrina? Julgam perda de tempo, o que desejam é participar logo de grupos mediúnicos, mas ninguém pode participar deles sem uma boa base doutrinária. Precisa haver uma mudança radical no modo de pensar dessas pessoas.

— Como assim? — perguntei.

— Os adultos, ao chegarem ao Centro, têm de ser tratados como fazemos com as crianças: evangelizá-los. Sem evangelização eles não deixarão a capa do orgulho, capa esta que pode levá-los a vexames.

— Tomás, e as casas de família que estão formando grupos mediúnicos?

— Deus as ajude, que a proteção d’Ele as cubra das bênçãos do bom senso. Os espíritos sopram onde querem, todos ouvem a sua voz, entretanto, para nos tornarmos seus porta-vozes, temos de lutar para possuir a dignidade. O Evangelho do Senhor Jesus ainda é o único caminho que nos leva a Deus.

Nisso, falou Luanda:

— Tomás, Cirilo nos espera no Parque das Acácias.

— Conversava com o Sérgio sobre a necessidade da evangelização dos adultos.

— Tem razão, espírita evangelizado é trabalhador consciente da Doutrina.

Assim, dirigimo-nos ao parque, onde grupos de músicos tocavam e cantavam. Executavam tão belas coreografias que parecíamos estar no “céu”. Eles formavam os nomes dos livros da Codificação e, quando banhados de luz, apareciam aos nossos olhos brilhantes, luminosos e coloridos. Estavam festejando o início da jornada dos livros espíritas: 18 de abril. No final do espetáculo, várias crianças, tendo a fronte adornada de minúsculas rosas cor-de-rosa, formavam a frase: “Consolador prometido por Jesus: Doutrina Espírita”. As lágrimas afloraram em

nossos olhos e o coração bateu mais forte, principalmente quando todos cantaram esta música:

*Doutrina Espírita,
É Jesus em ação,
Doutrina Espírita,
É evangelização,
O homem lutando,
Para tornar-se irmão,
Doutrina Espírita,
É ação,
Doutrina Espírita,
É coração.
E logo iniciaram outra canção:
Eu sei quem sou,
De onde eu vim,
Para onde vou,
Não existe fim,
O caminho espírita,
É de Jesus,
Que nos ensina,
A carregar a cruz,
O espírita,
Tem de ser cristão,
Que se despe,
Para vestir um irmão,
O espírita,
Tem de saber calar,
Escutando o aflito,
Sempre a ajudar,
O espírita,
Humilde é,
Ele tem Jesus,
Na sua fê,
O espírita,
É um aprendiz,
Sempre lutando,
Pelo infeliz,
O espírita,
Deve fazer caridade,
Em todo lugar,
Ele prega a verdade,
O espírita,
É Jesus em ação,
Levantando o caído,
Abraçando o irmão.*

Ao término do espetáculo foi feita uma prece lindíssima pelo mentor do Educandário. Sua voz, melodiosa e de grande poder magnético, soava por todos os lugares, como se tivesse um microfone; sua figura, majestosa e querida, era uma estrela brilhante à nossa frente:

— Irmãos em Jesus. A Doutrina Espírita ainda é mal compreendida, porque alguns espíritas se satisfazem apenas com os fenômenos mediúnicos e só desejam frequentar os trabalhos práticos. Todavia, os fenômenos nos convidam a uma análise dos fatos e, constatando a existência da vida espiritual, inicia-se a responsabilidade moral da criatura. À medida que nos tornamos amigos da leitura, a fé vai tomando conta da nossa alma, não como uma fé cega, imposta pelo mundo, mas como uma fé raciocinada, capaz de “encarar a razão em qualquer época da humanidade”. Parte daí o princípio de que todo espírita precisa estudar e compreender os três aspectos da Doutrina: o filosófico, o científico e o religioso, para não se tornar presa do fanatismo, inerente aos fiéis cuja cegueira do misticismo os leva a buscar os milagres. Mas na Doutrina o homem procura respeitar o homem e, nesse respeito, vai nascendo a força interior que leva a mudanças no seu caráter, antes impregnado de falhas adquiridas no pretérito. É tarefa nossa levar até o plano físico os esclarecimentos da vida espiritual. O nosso contato está hoje, neste século, bem mais próximo um do outro. O plano espiritual e o físico estão quase se fundindo em um só, pela aproximação que breve se dará. Não podemos mais perder tempo, precisamos elucidar o encarnado. Esse trabalho não está sendo só dos espíritas, está sendo realizado também em quase todas as igrejas que se dizem cristãs. Porque os obreiros são poucos, as vozes dos Espíritos estão indo em busca de cooperadores em toda parte onde se encontre quem deseje ouvi-los, sem importar a que religião pertença. Devemos, para melhor compreensão das nossas palavras, buscar a parábola das bodas. Por que a nós, espíritas, será cobrado muito mais? Simplesmente, porque a nós foi feito o chamado e chegamos até a fonte da vida eterna; depois de saciada a sede, não é justo negligenciar a fonte e relegá-la ao abandono. Feliz do homem que encontrou a Doutrina e dela fez o seu ideal de vida e por ela luta, porque crê verdadeiramente nas suas verdades, sabendo ele que a Doutrina bem compreendida modifica o homem e lhe dá liberdade. É na Doutrina Espírita que aprendemos que a Terra não é a única morada do Pai; ela representa apenas um ínfimo detalhe no ilimitado da vida, região de amargura e provação, mas nem por isso os homens devem renegar esse educandário redentor, onde o espírito se regenera para se glorificar em outras moradas.

— Nós, os Espíritos hoje empenhados em levar até o plano físico o chamado do Senhor para as “bodas”, temos de nos unir a fim de que os encarnados nos compreendam as palavras, fazê-los entender que no mundo espiritual a vida continua com as mesmas lutas do dia-a-dia. Que eles não julguem que no plano espiritual os Espíritos vivem em contemplação, sem nada fazerem, ou que outros estão no “inferno” eterno. Cabe a nós, trabalhadores de outra dimensão, entrelaçar as nossas mãos às dos amigos que ainda se encontram no corpo físico e lhes entregar os informes da vida que vivemos além da morte, não melhores que eles, apenas vivendo em outro plano, onde, por mercê de Deus, pertencemos ao redil do Seu filho, Jesus Cristo; que no mundo onde vivemos trabalhamos, estudamos e também nos esforçamos para bem viver, porque muitos irmãos encarnados ainda julgam que,

ao deixarem o corpo físico, seu espírito torna-se incapaz, e não é verdade. O plano espiritual é o gerador da vida na Terra, aqui lutamos também pelo sustento dos nossos Espíritos, todavia com mais justiça. Espero que cada um de vocês que aqui chegaram faça acender a luzerna em cada consciência que ainda distante se encontre das coisas espirituais. Os que trabalham no livro espírita devem evitar os aplausos pessoais, pois o verdadeiro obreiro é aquele que serve em silêncio ao seu Senhor. Que Ele, o querido Mestre, seja hoje e sempre o nosso caminho de verdade.

Terminada a prece, o orientador retirou-se.

— Luiz, tive vontade de aplaudir — comentou Siron.

— E eu, o que digo? Quase me levantei para dizer a ele: beijo teus pés, não porque sou humilde, mas porque te amo.

— A quem amas? — perguntou Arlene.

— A você, querida, a você.

Todos riram. Estávamos felizes. Como é bom a gente ouvir coisas boas e elucidativas! Quantas palavras lindas e proveitosas! E ainda existe quem brigue nos Centros Espíritas, julgando-se o dono da verdade. Só quero ver a cara desse irmão na hora da chegada aqui.

— Cara de susto — falou Luanda —, porque o orgulho o fez pensar que era o melhor de todos, e desde que pensamos assim mostramos a pequenez do nosso caráter.

— É mesmo, Luanda. É muito triste defrontarmo-nos com espíritas vaidosos que se julgam os donos da Doutrina, e cada vez mais ela se distancia deles, porque por melhor que seja o perfume, não consegue abafar o odor infecto do orgulho e do egoísmo, e o perfume da Doutrina não fica em corações repletos de intrigas e calúnias. Que os doutores da lei se cuidem, os umbrais estão lotados de falsos profetas!

20

EVOCÇÃO DE ESPÍRITOS

Depois de tudo o que relatei, resolvi dar uma chegada a minha casa, estava com saudade da vovó Margarida e da tia Ana. Não via a hora de abraçá-las. Muitos encarnados julgam que vivemos eternamente sentados, olhando o céu, sem nada fazer.

Tolinhos, tolinhos.

Vovó, como sempre, recebeu-me com aquele sorriso. Tia Anna perguntou-me sobre o trabalho e como estava o meu aproveitamento no Educandário de Luz. Fui ao jardim apreciar minhas flores. Dei, a cada uma delas, o nome de alguém querido. Tudo era tão lindo que me considerei no céu de Deus. Era a minha casa, a nossa casa. Como deve ser difícil para o materialista pensar que existe vida após a morte do corpo e que no mundo espiritual os homens trabalham, estudam e lutam pela felicidade. Desfrutei alguns momentos com a família e logo estava novamente no Educandário, encontrando meus amigos, os irmãos de aprendizado.

— Como foram, Luiz, as férias? — perguntou-me Siron.

— Melhor estraga, a gente fica com preguiça de voltar ao trabalho. E você, irmão, mora sozinho? Não me leve a mal, mas qual é o nome da colônia em que mora?

— Não moro sozinho, vivo com minha esposa e nosso filho.

— Que bom, Siron, que você vive com sua esposa e filho.

— Você deve estar curioso para saber como eu, sendo ainda jovem, me encontro com esposa e filho no plano espiritual. Isso se deu, Luiz, porque nós três desencarnamos juntos, em um desastre aéreo.

— Desculpe, amigo, minha curiosidade.

— Não, eu é que faço questão de lhe narrar o fato. Meu filho estava, por ocasião do acidente, com dois anos, mas hoje tem a aparência bem mais velha, por tê-la moldado no pretérito. As lembranças, à medida que vão aflorando em nós, fazem com que assumamos a aparência mais marcante da vida passada.

— Não me diga que seu filho está com aparência de velho...

— Não chega a tanto, um dia o levarei para conhecê-los — falou-me, sorrindo.

— Siron, conheço alguém que não gosta da reencarnação porque, segundo ela, o espírito não fica com a mesma aparência da vida anterior e, ao mudar, sente saudade da encarnação vivida antes.

— Diga a ela, Sérgio, que o Espírito pode trocar de várias roupas físicas, mas sempre guardará as expressões fisionômicas que mais o marcaram, O importante é termos a felicidade de reencontrar aqueles a quem amamos. Existem

esposas em busca dos maridos, e estes bem distantes delas pela evolução, assim como vários filhos perdidos no umbral e, por mais que as mães façam para ajudá-los, eles nem a vêem. E, assim, muitos e muitos desencontros.

— E você, santo, como passou os dias de folga? Foi em casa? — Indagou Luanda, que chegara.

— Luanda — esclareceu Siron —, o Luiz está colhendo informações das nossas vidas para compor o seu livro.

— Não é bem assim. Apenas estou curioso para saber se vocês são felizes como eu sou, junto aos meus avós e outros familiares.

— Luiz — explicou Luanda —, moro com vários irmãos. Antes, morava com minha mãe, mas ela reencarnou como filha de meu irmão, aí fiquei sozinha em nossa casa, vindo a receber companheiros que ainda necessitam trabalhar para adquirir bônus-hora.

— Por falar em bônus-hora, muitos leitores me perguntam como isso se processa. Confesso achar difícil a explicação.

Tomás aproximou-se e esclareceu:

— Não é difícil, não, Luiz Sérgio. O bônus-hora é uma conquista do Espírito.

— Eu posso transferir o meu bônus-hora para alguém que amo, mas que ainda não tem merecimento? — perguntei.

— Não, cada criatura tem de lutar para adquiri-lo. Podemos usar nossos bônus-hora em prol dos sofredores nos umbrais, entretanto, dizer que podemos emprestá-los, como se fossem moedas, não é permitido, assim seria tudo muito fácil. Qual a mãe, portadora de bônus, que não intercederia por seu filho? Ela não pode interferir em sua evolução. Pedir por ele pode, o que não pode é entregar todos os seus bônus para ajudá-lo, pois dessa forma continuaria tudo igual e haveria muitos que se aproveitariam disso, não querendo trabalhar, somente usufruindo do “dinheiro” dos pais. Aqui a justiça resplandece igualmente para todos. Os pais sempre intercedem pelos filhos, mas não têm o poder de lhes transferir evolução. Por isso dizemos aos encarnados: ensinem a seus filhos a dignidade e o respeito a Deus, não os deixem órfãos de pais vivos, mostrem-lhes o respeito à vida, porque no mundo espiritual, por mais evoluídos que sejam os pais, só poderão ajudar os filhos com oração, mas lhes transferir os bônus conquistados por trabalho e renúncia, não.

— Tomás, por falar nisso, onde você passou os dias de folga?

— Aqui mesmo.

— Aqui mesmo?

— Sim, Luiz, não saio do Educandário nas folgas, aproveito para estudar.

— E sua família?

— Está toda no plano físico, cumprindo os desígnios de Deus.

— Há quanto tempo você desencarnou?

— Estou no mundo espiritual há mais de cem anos.

— Cem anos? Como você é velho, bem?

Todos riram.

— Não deseja saber nada da minha vida? — perguntou-me Arlene.

— Você também deve estar aqui há vários anos e ter todos os seus parentes ainda no plano físico, não é mesmo?

— Engana-se. Vivo em uma casa imensa, com pai, mãe, avós, tios, sobrinhos etc. etc.

— Meu Deus, é verdade?

— Sim, Luiz, minha família é imensa e todos trabalham para a renovação da Terra.

— Então, Arlene, toda a sua família é missionária?

— Não digo missionária, mas que estamos engajados no trabalho da reencarnação no plano físico, estamos. Por isso, moro em uma casa bem grande, no Bosque das Flores.

— Você mora no Bosque das Flores? Tenho tanta vontade de chegar até lá!...

— Um dia o levarei para conhecer minha família.

— Você é que é feliz, porque é muito difícil a gente ter uma família que se prepara para viver na espiritualidade.

— Graças a Deus, a fé em Jesus foi tão grande que contagiou todos os componentes da nossa família.

— O que vocês fizeram para merecer o que estão vivendo? — perguntei.

— Meu avô sempre fez caridade, meu pai foi um lutador em prol dos necessitados, minha mãe fundou muitos orfanatos, creches e asilos, e assim toda a família conheceu o Cristo quando ainda no plano físico.

— Arlene, a caridade é um fato verdadeiro. Quem não tiver caridade passará em brancas nuvens pelo plano físico. É pena que, por mais que eu escreva sobre a caridade, poucos a praticam. Para o avaro alguns trocados representam milhões de desculpas que ele dá, acusando sempre aquele que lhe pede. O grande mal do avaro é julgar que os pobres não querem trabalhar. Ele sempre encontra uma desculpa para o seu coração duro.

— Cada ser, Luiz, encontra-se num grau de evolução, torna-se difícil mudar de uma hora para outra quem sempre só pensou em si mesmo — completou Arlene.

— Não sei, não; mas existem tantas pessoas que se modificam com a dor...

— Sim, mas temos visto também várias outras que, quando a dor chega, correm em busca de auxílio, iniciam até a fazer caridade. Mas à medida que a saudade vai diminuindo, vão-se esquecendo dos trabalhos caritativos, sempre dizendo que os pobres são uns vadios — acrescentou Arlene.

— A conversa está boa, mas as aulas nos esperam, alertou-nos Tomás.

* * *

O instrutor falava sobre ectoplasma, essas nuvens vaporosas, semiluminosas, que saem da boca dos médiuns quando estes estão no escuro, e que se vão solidificando. É matéria semiflúida. Já lhe deram vários nomes: ectoplasma, teleplasma, ideoplasma. O ectoplasma foi examinado nos primeiros Espíritos que se materializaram, chegando-se até a queimá-lo, o que produzia um odor nada agradável. Em sua composição foi encontrado cloreto de sódio, fosfato e cálcio. Se ontem as materializações eram estudadas, hoje já são fato normal, tantas já ocorreram. Por que, perguntam, no ontem os Espíritos se materializavam e hoje, por mais que se criem grupos, preparando os médiuns através do jejum, ainda assim são difíceis as aparições?

Será que os Espíritos não estão mais preocupados em se fazerem visíveis? É verdade. Hoje a Doutrina traz tantos conhecimentos que poucos são os espíritas preocupados apenas com os fenômenos. A Doutrina não existe para beneficiar espíritos desencarnados, e sim para mudar um homem endurecido para um homem bom. Será que as aparições mudam alguém? Achemos que não, O que muda o homem é ele mesmo buscar as verdades, por isso as Casas Espíritas têm de retirar dos baús as obras básicas; sem elas o homem permanece em busca dos Espíritos, mas nada faz pela própria alma e esta, impregnada de orgulho, terá dificuldade em galgar o plano mais alto. Hoje os Espíritos podem materializar-se, não para provar coisa alguma e sim para curar os doentes. Grupos somente de materialização ficariam anos e anos em busca dos Espíritos e eles distantes deles. Desde o momento em que esses grupos se propuserem a curar o seu próximo, os Espíritos podem até se materializar. A Doutrina Espírita acompanha a Ciência, mas não podemos ficar para trás, esperando que os Espíritos provem se existem de verdade. Se ontem a mesa era guiada por um espírito, hoje ela tem outra função: a de abrigar os livros e os cadernos, que nos ensinam a nos tornarmos melhores. Se cada um que se diz espírita vestisse a túnica da humildade, logo teríamos as materializações nas Casas Espíritas, não mais para saciar a curiosidade do homem, mas para entrelaçar as responsabilidades e o intercâmbio dos dois mundos, sem precisar amarrar médiuns, acreditando neles por conhecer-lhes as responsabilidades.

Ontem os médiuns eram vítimas da curiosidade; nem propunham que eles estudassem ou não. Os pesquisadores de ontem não elucidavam os seus médiuns, só desejavam deles os seus fenômenos e muitos eram até pagos; mediunidade era quase profissão. Poucos médiuns da época de Kardec procuravam os estudos e faziam da sua mediunidade um sacerdócio. Muitos Centros Espíritas, atualmente, também esquecem que o médium, para ser bom, tem de estudar, porque só o estudo vai discipliná-lo e dele fazer um novo homem. A mediunidade é um instrumento de trabalho e não divertimento para os outros.

Gosto muito de escrever sobre mediunidade. Há dias recebi uma carta na qual um médium perguntava se poderia evocar a qualquer momento o Espírito que trabalha com ele. Recordei-me de uma aula que tivemos sobre a proibição mosaica da evocação dos “mortos”. Nela o instrutor indagava: “Tendo Moisés proibido evocar os mortos, é permitido fazê-lo?” Nessa mesma aula ele nos elucidou sobre a diferença de evocar por simples curiosidade e evocar por necessidade.

— Necessidade? — perguntou-me Luanda.

— Sim. Necessidade não é curiosidade.

— Explique.

— Darei um exemplo. Evocar: o médium sem disciplina chama o Espírito de André Luiz, Bezerra de Menezes ou outro missionário da Doutrina, na hora em que deseja. Familiares buscam o médium para saber notícias dos seus entes queridos, O médium cerra os olhos e logo os está recebendo. Essa evocação Moisés proibiu, e os verdadeiros espíritas devem evitar. Jesus evocou o espírito de Moisés, que se transfigurou com a aparência de Elias, não indo contra a proibição de Moisés, e sim dando à Humanidade a certeza do mundo espiritual. Jesus tinha o poder de evocar o espírito de Elias não para lhe pedir algo ou por curiosidade, mas para que os apóstolos tivessem fé no mundo espiritual. Quando apresentou a Doutrina

Espírita aos apóstolos, Ele, Jesus, evocou por necessidade de elucidar Seus irmãos sobre a vida além vida. Não evocou o espírito de Elias para lhe pedir proteção nem para lhe perguntar qual dos apóstolos o trairia. E essa evocação que não podemos fazer, e hoje muitos médiuns estão evocando espíritos sem critério, pois um Bezerra, Eurípedes, André Luiz ou Scheilla não estão à disposição de qualquer pessoa, principalmente daqueles que não respeitam a Doutrina, querendo que eles os ajudem nas coisas mais banais e pueris. Necessidade é quando um presidente de Centro precisa de orientação na parte espiritual da Casa, como fazer, que medidas tomar. Evocar os mentores para assuntos sérios a serem tratados, esta é a evocação por necessidade. Muitas vezes a diretoria precisa tomar decisões difíceis, que o homem está aquém de resolver, e se a Casa possui médiuns sérios esta evocação é a permitida por Jesus. Quando Ele subiu ao Tabor, fez também cair o véu do mistério que envolvia todos aqueles chamados “mortos”. Ele, Jesus, conversou com os “mortos” em uma reunião disciplinada.

— Será que o seu leitor irá compreender?

— Não sei se entenderá, mas espero que sim. Evocar Espírito é obsidiá-lo. Já imaginou se muitos nos evocassem? O que faríamos? Estudariamos na Universidade, trabalharíamos nos livros espíritas ou atenderíamos, ficando por conta das evocações?

— Tem razão, Luiz. Evocar por curiosidade é atrasar o crescimento do espírito que está sendo chamado. Evocar por necessidade torna-se um ato de intercâmbio de amor e cooperação.

— Tomás, a conversa está boa, mas precisamos dar uma chegada até a crosta da Terra, onde alguns instrutores nos esperam — interrompeu Siron.

Cantando uma bela canção de amor a Deus fomos caminhando, até que chegamos a uma Casa Espírita onde o perfume da caridade exalava por todo o pátio. Muitos doentes estavam sentados na grama e nos bancos, conversando, orando, enfim, era hora da recreação.

— O que eles estão fazendo aqui no Centro? — perguntei a Arlene.

— São irmãos socorridos após o desencarne e que estão aqui para tratamento, até a hora de os levarmos para os hospitais da espiritualidade.

— Não são levados para os hospitais de socorro logo após o desencarne?

— Sim, Luiz Sérgio, mas cada Casa Espírita tem sua própria enfermaria e são nesses postos de socorro que eles recebem os primeiros atendimentos.

Ainda olhei aquele pátio onde muitos irmãos se encontravam. Fui até Germana.

— Olá.

— Como vai, Luiz Sérgio?

— Conhece-me?

— Muito mesmo.

— Verdade, querida? — falei, dando-lhe um beijo.

Com os olhos rasos de lágrimas, confessou:

— Que bom que você veio, Luiz Sérgio. Desencarnei de repente, mas estou muito preocupada. Minha neta está levando uma vida muito triste, de droga e sexo, e tem somente quatorze anos. E o pior: seus pais não acreditam. Quando tentei falar-lhes, zangaram tanto que passei mal e desencarnei. Minha filha e meu genro choram

muito, julgam-se culpados, mas não é isso, não. Meu coração parou porque minha neta colocou dentro dele tristeza e desespero. Quantas vezes, Luiz Sérgio, eu a vi entrar em casa completamente drogada!

— E os pais, onde estavam?

— Sempre saíam à noite e voltavam tarde. Também, quando os alertava, julgavam-me esclerosada.

— Irmã, e por que se encontra aqui, na Casa Espírita?

— Sempre fui uma trabalhadora da Casa e quando desencarnei pedi para ficar um tempo por aqui. Gosto muito deste Centro, ajudei a construí-lo, vi-o crescer. É uma Casa de Jesus, onde a caridade fala mais alto.

— E já foi até o seu lar?

— Não, mas tenho orado muito por você, e também por Enoque, pedindo que olhem minha neta.

Nisso, Tomás me chamou. Beije a irmã e fui juntar-me à turma.

— Tomás, posso depois dar uma chegada até a casa de Germana?

— Podemos ir lá sim, mas antes vamos até o dirigente espiritual desta Casa, que irá iniciar uma luta em prol da vida. Queremos que todos se conscientizem da responsabilidade do Espírito para com o mal que se abate sobre a sociedade: a droga. O espírita não pode ficar inerte, enquanto lá fora a família está-se destruindo. Não pode, também, ficar indiferente, quando outra Casa Espírita passa por momentos difíceis. Todos somos irmãos, como nos esquecer disso?

Fomos adentrando a Casa. A limpeza imperava. Pensei: “muitos espíritas têm de conscientizar-se de que caridade e humildade não significam sujeira, que ser espírita é ir pouco a pouco tornando-se um trabalhador de Jesus; que a Casa que prega a vida após a vida tem de valorizar a vida física, ensinando ao homem o amor e o trabalho. Centro Espírita sujo demonstra que nele não há disciplina evangélica, principalmente o amor e a humildade.”

— Centro Espírita sujo demonstra falta de direção, uma boa diretoria bem administra sua Casa, porque se os espíritas não cuidarem do seu patrimônio, a Casa estará sempre necessitada de reparos. Torna-se preciso que o ambiente seja bem cuidado. É muito triste ver uma Casa Espírita com móveis riscados e sujos, enfim, destruídos por seus próprios frequentadores. A Casa pode usar um mutirão, convocar o seu pessoal para a limpeza e pintar regularmente as paredes. Todos os templos são muito limpos. Por que o espírita, julgando que simplicidade é sujeira, deixa suas Casas com teias de aranha, mais parecendo mal-assombradas?

— Você tem razão, Tomás, há dias visitamos um Centro muito humilde, onde o chão brilhava e tudo nele respirava limpeza.

— Está na hora de sensibilizarmos os espíritas de que humildade chama-se trabalho e na Casa em que todos trabalham teias de aranha não enfeitam paredes. Algumas pessoas julgam que o espírita tem de ficar estático, orando, orando, e não partindo em direção dos sofrendores, para ajudá-los. A droga está destruindo as famílias e ainda encontramos confrades julgando que ela seja problema só da polícia e, de braços cruzados, ignoram que ela possa ceifar sua própria família. O espírita não está isento desse mal do século. Bem, vamos agora até a casa da neta de Germana.

21

JUVENTUDE E FAMÍLIA

Os pais acordavam àquela hora: nove da manhã. Ambiente confortável; a família levava vida de rico, mesa bem posta, com sucos, frutas, geléias, bolos, queijos e presunto. Só o casal fazia a refeição à mesa. A garota Paloma nem apareceu, dormia, assim como o irmão mais velho. A porta do quarto da menina, um espírito mal encarado tentou barrar-me a entrada, dizendo:

— Paloma dorme e velo seus sonhos.

Tomás, Arlene, Siron e Luanda simplesmente passaram por ele. Eu pensei: “e agora, Luiz Sérgio, o que fazer?” Olhei-o bem firme e também entrei.

Já dentro do quarto, ouvimos os gritos, que vinham de fora:

— Saíam daí, seus trevosos, deixem a menina em paz!

Paloma continuava dormindo e junto a ela encontravam-se dois Espíritos do sexo feminino, fantasiados. Não podemos dizer que seus trajes eram roupas de gente normal: uma saia sobre a outra, várias blusas, tudo de péssimo aspecto. Paloma também estava vestida muito estranhamente, nem a roupa de dormir havia colocado, tão doidona se encontrava. Nos seus quatorze anos, Paloma levava vida sexual intensa e experimentava todo tipo de droga. E o pior: seus pais nada percebiam, ou melhor, não queriam preocupar-se, julgavam que era coisa da adolescência. Tomás ministrou um passe em Paloma, que acordou e pôde me enxergar. Aí gritou bem alto, todos os empregados da casa correram para ajudá-la. Tomás continuou em prece. Acorreram os pais e Paloma, completamente drogada, continuava a me ver. Apavorada, julgando que eu fosse um fantasma, gritava como louca. Por mais que os empregados tentassem acalmá-la, continuava furiosa. Neste momento o pai percebeu que a sua criança estava drogada. Chamou um amigo médico e este assustou-se com a violência da droga no organismo da jovem. Ela insistia em dizer que fora vítima de uma alucinação, descrevia-me, dizendo que via um espírito, mas ninguém acreditava; não queriam nada com a espiritualidade, o materialismo era o ar daquela família. O resultado é que Paloma seria socorrida: psicólogo, desintoxicação em clínica especializada.

— Está ótimo, bem, Luiz? Por que não se materializa sempre? — Perguntou Luanda.

— Não brinca, Luanda, ela é que captou minha imagem.

— Faixa vibratória, meu amigo...

Todos riram e saímos. Na porta da casa, esperavam-nos os amiguinhos trevosos de Paloma que, indignados e furiosos, tentaram nos agredir, mas caminhávamos em outro plano; por mais que eles tentassem, não podiam chegar perto. Fomos para a Casa Espírita, dirigindo-nos a uma sala onde o assunto para

debate era “família”. A veneranda Anália Franco orientava sobre o sério problema que está ocorrendo com várias crianças na idade de quatro a quatorze anos, apresentando graves problemas de ordem emocional, psicomotora e de linguagem. Muitas crianças e adolescentes estão com dificuldade em falar, escrever e ler, além do alto grau de agressividade. O mais grave é que a causa desses problemas está no lar. Se conhecermos os pais, logo tiraremos nossas conclusões: são crianças entregues a babás ou a domésticas, com pouco contato materno; outras, por sofrerem agressões de empregadas e também dos pais. Continuamos a ouvir nossa amiga, e com que alegria o fizemos! Era a educadora dando a todos lições de amor cristão.

— Quer dizer que toda dificuldade de ordem social tem uma causa?

— Sim, a criança feliz não agride, ela se sente segura no amor dos pais.

Pena que não posso contar tudo o que ouvi. Um dia vou escrever um livro sobre educação familiar. Luanda completou:

— Vai ser um sucesso, principalmente porque hoje o que mais vemos são jovens órfãos de ensinamentos cristãos, O pai parece temer que o filho descubra o Cristo e o que ele mais faz é abrir os olhos do filho para o materialismo. Dizem que o amor estraga. Errado, O amor é o elixir da gratidão, o filho que recebe o devolve. Porém, mostrar-se fraco diante dos filhos é como fechar os olhos para o dever. A criança bem criada, em um ambiente onde existem valores espirituais e o respeito às coisas da matéria, será livre para fazer a sua escolha e jamais cega para aceitar tudo.

Terminada a palestra, dirigimo-nos à enfermaria e colocamos nossa irmã Germana a par de tudo o que havia acontecido e ela, agradecendo, pediu ao diretor espiritual da Casa que a levasse para um hospital da Espiritualidade, pois se encontrava muito cansada. Despedimo-nos dela e fiquei pensando: “Como é importante saber viver, não jogar fora as horas, segurar bem forte a mão de Deus e pôr-se a caminho da auto-evolução”. Tomás, muito sério, nada falava. Siron tudo fazia para me fazer sorrir, até que lhe falei:

— Como espírito cristão, como posso sorrir se convivemos com tanto sofrimento ao nosso lado?

Permanecemos ainda naquela Casa Espírita alguns dias, socorrendo irmãos recém-desencarnados e os acomodando na enfermaria. O fato que mais me tocou foi o de um garoto de nove anos que desencarnara de overdose com loló. Causa: parada cardíaca. A mãe nem quis cuidar do corpo, sentiu-se até aliviada pela “morte” dele, pois lhe dava muito trabalho, vivia sendo detido pela polícia e levado para os órgãos competentes, mas largar o vício, não largava. Esses dias que ficamos naquela Casa foram muito proveitosos para nós, pois ouvimos muitas palestras de espíritos capacitados. Um Espírito encarregado da evangelização em terras brasileiras falou sobre a Doutrina Espírita, a reencarnação na Doutrina, e João Batista foi muito citado, principalmente nas palavras de Jesus: Dos nascidos de mulher, João é o maior (Lucas, Capítulo 7º, versículo 28). O Cristo foi o Filho do Homem. Fez ver que a Doutrina é do futuro e é ela que nos leva em direção ao plano superior. Muitos não a compreendem, por isso a combatem. Aquele espírito amigo orientava os evangelizadores, batendo na mesma tecla: não basta apresentarmos Cristo para as crianças, o que se torna necessário é que elas se sintam fortes para segurarem na mão do Cristo, e não daqueles que possam levá-las à queda.

Hoje a televisão, os belos brinquedos, o vídeo-game, tudo é convite ao consumismo, por isso as Casas Espíritas que desejam difundir a Doutrina têm de afastá-las um pouco da frente da televisão e dos brinquedos eletrônicos, apresentando-lhes Cristo de uma maneira moderna, através do teatro e dos fantoches, escritos com temas de moral evangélica. As crianças têm de gostar da Casa onde frequentam; nunca devem comparecer às reuniões por imposição dos pais ou por obrigação. O querido irmão, cujas palavras chegaram ao nosso coração como gotas de orvalho, é alguém que irá ajudar o Cristo a construir a Pátria do Evangelho. Uma criança de seis anos fez a prece e ao final falou: “amém”. A outra, de quatro anos, retrucou:

— Amém não, assim seja. Nós somos espíritas e o espírito não fala amém, fala assim seja.

Não pude deixar de sorrir. Como é bela a infância! Olhando aqueles garotos, lembrei-me de certos jovens. Com que tristeza constatamos que dia após dia a juventude está perdendo o viço, as meninas deixando de brincar de boneca, acho mesmo que existem muitas que jamais pegaram em uma. Agora, pergunto: É uma juventude feliz por ser livre? Claro que não. Esta juventude, a qual caminhamos junto a ela, não é livre, é muito mais prisioneira do que a do passado, porque se julga livre, mas na hora de enfrentar a realidade dos seus atos procura encostar ou jogar a responsabilidade da sua tão decantada liberdade nos ombros cansados de seus pais ou avós. O pior é que ainda acham que os pais têm obrigação de criar os seus filhos, porque geralmente não ficam em um só.

— Luiz, mas não é melhor essas meninas terem os seus filhos do que os abortarem?

— Claro que sim. O que não está certo é a tão falada liberdade das mulheres. As meninas julgam que a emancipação da mulher é isso que estamos vendo: meninas engravidando e sendo abandonadas pelos rapazes, tendo os filhos criados pelas mães ou pelas avós, sem a presença do pai; estes, ainda imaturos, correm do compromisso, pois muitos estão ainda estudando e cuidar de mulher e filho requer muita responsabilidade. Existem aqueles garotões que só desejam se divertir, despidos dos valores morais. A criança, por mais que avós, tios e mãe ajudem, vai sempre buscar a figura masculina sem entender por que o Pedrinho tem pai e mãe morando juntos, e ela muitas vezes nem conhece o pai. Uma sociedade não alicerçada nos bons costumes tende a ruir. Nessa queda é que estão os distúrbios emocionais, a doença do século. E ali víamos o irmão querido lutando para regar as sementes divinas com a água do Evangelho.

— Outro fato preocupante — falou Siron —, é a falta de união das Casas Espíritas. Não existe fraternidade entre elas; quando alguém é convidado a visitar a Casa, se o convite partiu da Mocidade, ninguém da diretoria aparece para dizer: seja bem-vindo. A falta de sociabilidade de certas Casas deve ferir as bases da Doutrina Espírita, porque se os companheiros de ideal não se derem as mãos, os outros é que não segurarão as nossas, e cada espírito terá de andar sozinho, ou melhor, tentar segurar as mãos do Cristo. Muitas Casas Espíritas só abrem os braços para receber gente conhecida e famosa da Doutrina; o resto, nem um representante da diretoria comparece nas festas da sua Mocidade. O preconceito ainda existe junto aos

homens, onde a única via da salvação é a caridade, e não podemos tornar-nos caridosos se não conhecemos a fraternidade.

— Há médium que, se convidado para visitar uma Casa Espírita, faz sair gente pela janela, não é mesmo, Luiz Sérgio? — perguntou Luanda.

— Sim, é verdade, mas nós não estamos reclamando dos frequentadores de uma Casa Espírita que não comparecem aos eventos da sua Mocidade, estamos alertando os presidentes e seus pares que, quando visitada por “A” ou “B” de outra Casa, este deve ser recebido por membros da sua diretoria; é uma questão de educação, mesmo que seja um ilustre desconhecido.

— Luiz Sérgio, você conhece bem as Mocidades Espíritas?

— Claro que conheço, todas me respeitam muito e jamais deixarei de lutar pelos jovens, sejam eles espíritas ou não. Amo a juventude e sei como é difícil ser jovem, principalmente jovem sadio, quando a matéria é um grito que deve ser abafado pela fê.

— Bem, amigos, a conversa está boa, mas o dever chama os garotos para uma volta às aulas — interrompeu Tomás.

Avistamos o Educandário de Luz e pensei: “quantos encarnados julgam que os Espíritos estão ao seu dispor, é só chamá-los e, pimba! ali estão eles. Quanta ignorância! Se estudarmos mais, compreenderemos que o Plano Espiritual é um mundo lindo e acreditamos que nenhum espírito que aqui trabalha gostaria de trocar a nossa vida pela vida na terra”.

Reparei o meu corpo perispiritual: músculos, nervos, ossos, enfim, o meu corpo composto de todos os órgãos, e recordei o corpo físico, tão atingido por doenças, e perguntei a Tomás:

— Por que, mesmo sendo o nosso corpo igual ao de quando encarnados, nós não ficamos doentes?

— Porque temos outro grau de vibração, os germes causadores de doenças não podem atingir o corpo perispiritual.

— Que conversa! — falou Luanda —. Qual a razão dessa pergunta?

— É que os leitores desejam saber tudo daqui — respondi —. O interessante é que até parece que aqui nunca estiveram e jamais para cá voltarão.

— É mesmo. A carne é sepultura vedada de tal modo que o encarnado julga que ele tem um corpo eterno, por isso vive aprontando.

As flores pareciam nos dar boas vindas, a brisa beijava nossos cabelos — era o Educandário de Luz que, como pai amoroso, abria suas portas para todos nós.

22

OBSESSÃO: DOENÇA DA ATUALIDADE

O item 60 da Introdução de O Livro dos Espíritos voltava a ser pesquisado e gostei muito deste trecho: Os charlatães não fazem grátis o seu ofício. Logo em seguida: Como compreender-se que pessoas austeras, honradas, instruídas se prestassem a tais manejos? Este item se refere ao início do movimento espírita, quando ocorria o fenômeno das mesas girantes. O assunto foi muito interessante.

— Por que muitos combatem o Espiritismo, mas na verdade têm pavor dele? — perguntou-nos o instrutor.

Foi-nos explicado que, mesmo os nossos acusadores, no fundo, acreditam na existência dos Espíritos mas não desejam envolver-se, por considerar a Doutrina Espírita uma volta à espiritualidade, lugar onde aprendemos a nos tornar bons e onde prometemos que, quando encarnados, cumpriríamos com os nossos deveres. A Doutrina Espírita aguça as lembranças, muitas nada boas. Quem a combate está fazendo com que sérios compromissos sejam adiados. Embora atacando o Espiritismo, sabem que os Espíritos existem e que nada impede a morte do corpo físico. As grandes inteligências que buscaram a verdade espírita no século passado assombraram a sociedade materialista da época; os estudos da Doutrina foram iniciados por homens respeitáveis e de cultura admirável.

Aberto um tempo para perguntas, Luanda acionou o botão em sua cadeira:

— Será que esse medo que alguns possuem não é causado por algumas proibições da Doutrina? Resposta: A Doutrina nada proíbe, ela apenas deve alertar para o perigo dos excessos. Desde que coibimos os espíritos, estamos indo contra a Doutrina do Cristo. Ele nada proibiu, apenas foi um grande professor, e devemos recordar que se Deus nos deu o livre-arbítrio, quem tem condição moral de o negar a alguém?

— Mas já vi Centro Espírita que só falta proibir que seus frequentadores cortem os cabelos — falei. Tudo é proibido, tudo vai contra a Doutrina.

O instrutor, dirigindo-se ao nosso grupo, indagou:

— Podem citar, por exemplo, o que está sendo proibido nessas Casas?

— Constatamos que alguns espíritas são contra certas datas comemorativas, falou Tomás. Como proceder com as crianças e os jovens? Dizer-lhes que o Natal virou comércio? É justo matar o sonho de uma criança porque somos espíritas? Ou proibir um jovem de brincar carnaval porque é uma festa pagã? No dia em que todos os lares festejam a Páscoa, é certo dizer a uma criança que o coelho é uma bobagem? Será que não são essas proibições que fazem com que muitos se afastem das Casas Espíritas? Devemos recordar que o encarnado convive hoje em uma sociedade onde

o consumismo impera. Não é mais prudente, desde a evangelização infanto-juvenil, fazer nascer nos corações ainda jovens os reais valores, sem proibição?

— A Doutrina é límpida, explicou-nos o instrutor, e as idéias dos homens merecem uma análise. Na época em que vivemos, os espíritas precisam buscar as necessidades atuais da juventude, que não é a de cem anos atrás. Hoje o jovem convive com a droga, o sexo, com a liberdade excessiva e ainda mais com uma sociedade materialista. O jovem que está interessando-se pela Doutrina tem de encontrar na Casa informações bem direcionadas, com métodos atualizados, para serem discutidos os temas do dia-a-dia. Para a criança e o jovem de hoje não basta dizer “não pode”. Temos de provar por que eles não podem ter este ou aquele procedimento. Também como o jovem, a criança — não esqueçamos — vive na época da informática e da cibernética, e não será através de proibições que vamos fazer germinar nessas mentes, repletas de jogos eletrônicos, brinquedos violentos, videocassetes, filmes aquém da moral, os valores da Doutrina Espírita. Quê fazer, então? Apresentar a Codificação como ela é, caminhando com Jesus e dando as mãos para o mundo atual, não olvidando que a criança de hoje foi o adulto de ontem e que, devido a múltiplas idas e vindas, muito já aprendeu e maior facilidade encontra para assimilar as bases doutrinárias. Notem bem: sem proibição, apenas apresentando os valores reais da alma, oferecendo lições no sentido de que ser digno não é obrigação nem favor, é um direito que Deus nos outorgou para ser conquistado. Portanto, ser digno é uma conquista própria. As almas indignas, sem valores, são criaturas que não possuem forças para lutar contra as próprias fraquezas. Para lidar com a criança e o jovem necessitamos nos educar primeiro, para depois tentar transmitir-lhes o muito que a Doutrina oferece. Os estudos têm de partir das obras básicas e dos clássicos da Doutrina. Principalmente o jovem, se ele vai adentrar uma universidade, ao chegar nela que o faça buscando como bagagem os reais valores doutrinários; que materialismo algum possa levá-lo a esquecer o que aprendeu na Casa Espírita. Lembramos, nesse item 9 da Introdução de O Livro dos Espíritos, que a Doutrina conseguiu prender a atenção de homens respeitáveis, que não tinham interesse algum em propagar erros nem tempo a perder com futilidades. O jovem inteligente terá uma literatura ao nível do seu intelecto. A Casa terá apenas de ajudá-lo nos estudos. Existe livro mais cativante do que Deus na Natureza, de Camille Flammarion? Este é um livro para ser analisado minuciosamente por jovens que já estão-se preparando para enfrentar a universidade. A Doutrina é muito rica em elucidações, basta seguirmos o roteiro certo. Outro livro muito bom para ser estudado pelos jovens: O Espiritismo perante a Ciência, de Gabriel Delanne, que, juntamente com o de Flammarion, poderá ser encontrado em uma boa livraria espírita. O jovem deve ler e discutir sobre os livros, estudando-os com afinco. Apesar de terem sido escritos há vários anos, seus temas são muito atuais e creio que o jovem estudante da era moderna vai adorar lê-los.

— Não irão achar esses livros muito difíceis? — perguntou Siron.

— Infelizmente, vários dirigentes de Mocidades subestimam o nível intelectual daqueles que as frequentam e fogem desses livros, que são verdadeiras enciclopédias espíritas. A juventude tem de estudar primeiro as obras básicas, depois os clássicos da Doutrina, tendo um jovem ou um dos dirigentes da Casa com capacidade intelectual para bem interpretá-los, consultando dicionários, enfim, não

deixando passar qualquer pergunta sem resposta, linha por linha, parágrafo por parágrafo. Não importa o tempo que vai durar o estudo; o que importa é que seja aprendida a Doutrina.

Ainda falamos muitas coisas sobre os livros dos grandes filósofos e quando encerrou a aula, pensei alto:

— Que pena!

O instrutor Ianá sorriu, falando-me:

— Se desejar, estarei no auditório treze para uma nova aula, terei muito prazer em recebê-lo.

Sacudi a mão, dizendo:

— Obrigado, irmão.

Ao atingirmos o pátio, Siron perguntou-me:

— Você vai assistir a outra aula?

— Claro, você acha que vou perder? Posso, chefe? — perguntei a Tomás.

Ele olhou para os lados e me perguntou:

— Onde está ele?

— Ele quem?

— O seu chefe!

— Desculpe, amigo, esqueci que os grandes Espíritos são simples, os orgulhosos é que exigem deferência. Os humildes são amados e respeitados.

— Não exagere, irmão, e boa aula — falou-me, sorrindo, Tomás.

Fui saindo devagar. Ao olhar para trás todos me seguiam, até Tomás, e recordei o plano físico, quando muitos fogem dos estudos, passam pelo Centro, mas permanecem sem conteúdo doutrinário. São os parasitas das árvores, que podem ser retirados a qualquer hora. No auditório, notamos que o público era diferente, havia muitos encarnados.

— Quem são? — perguntei a Tomás.

— Muitos deles são médiuns ainda longe da Casa Espírita, nem gostam que lhes falem sobre mediunidade.

— Que vêm fazer aqui?

— Estudar a mediunidade.

— Estudar?...

— Sim, estão aqui para estudar, porque hoje vivem bem longe da Doutrina. Bebem, fumam, vivem sexualmente desequilibrados, mas um dia terão de trabalhar, queiram ou não.

— Por que “queiram ou não”? Seus mentores os castigarão caso não o desejem?

— Não, Luiz, é que cada um recebeu o seu talento; se o deixar enterrado, virão as depressões, as doenças. Não que alguém os castigue, é que cada médium recebeu em seu corpo físico muitos fluídos que tem de manipular em favor do próximo. O equilíbrio de quem possui uma tarefa depende da sua maneira de viver, e deve conquistar a mansidão, a humildade, a caridade, o amor, do contrário sofrerá o ranger dos dentes, que quer dizer o remorso das oportunidades perdidas.

Nisso, Ianá iniciou a aula:

— Queridos irmãos, a mediunidade é uma semente que só se desenvolve com a água do Evangelho. À medida que nos vamos evangelizando, matamos em

nós o homem velho e fazemos surgir um novo ser. Quando chegamos à Casa Espírita temos de buscar os seus ensinamentos, não desejando os primeiros lugares, mas procurando na simplicidade os esclarecimentos, jamais querendo chamar atenção sobre nós mesmos.

— Irmão, como devemos proceder quando chegamos à Casa Espírita? — perguntei.

— Devemos seguir certos itens: 1) Procurar colaborar sempre; 2) Contribuir com o máximo que for capaz; 3) Tornar-se gentil com todos do grupo; 4) Jamais endeusar alguém, principalmente dirigentes e médiuns; 5) Não fugir do assunto em pauta; evitar falar de fatos pessoais ou casos de família; 6) Buscar sempre as respostas para as suas indagações; 7) Nos grupos de estudo, não se sentar antes que lhe seja indicado o lugar que deverá ocupar; 8) Ser humilde, simples e amigo; 9) Evitar dar apartes em todos os momentos; 10) Quando o dirigente ou um colega estiver falando, procurar respeitá-lo, evitando conversas paralelas; 11) Não desejar mostrar que sabe mais que os outros; 12) Se alguém estiver fazendo uma exposição sobre qualquer assunto, não interromper, querendo demonstrar que já conhece o que está sendo explanado; 13) Não emitir opiniões pessoais, não criticar nem atacar ninguém; 14) Lembrar-se de que uma Casa Espírita é um hospital de Deus. Se a buscamos é porque nos encontramos doentes, por isso tudo devemos fazer para nos livrarmos da cólera, da avareza, do ódio, da vaidade, do orgulho, do egoísmo, da mentira, da falsidade, da maledicência, da inveja, da falta de fê, do amor próprio, da preguiça etc.

— Obrigado, irmão.

O instrutor continuou:

— Mediunidade não se desenvolve, educa-se. Devemo-nos preparar, pelo estudo, para iniciar as comunicações com os nossos amigos espirituais. Ensina-nos o livro *O Espiritismo perante a Ciência*, em sua quinta parte, Capítulo 2º, que quanto mais fixarmos em nosso perispírito conhecimentos que modifiquem a textura do nosso cérebro, tanto mais capazes seremos de exprimir as instruções dos invisíveis que se interessam pelo nossos trabalhos. Por isso dizemos que mediunidade não se desenvolve, educa-se. Muitos me perguntam: “Como pode um espírito inteligente, ao transmitir a mensagem, esta vir repleta de erros grosseiros? Isso acontece porque o médium é ignorante? Se muitos livros dizem que o espírito atua sobre o braço do médium psicógrafo mecânico, por que os erros de ortografia?” O Espírito atua sobre o médium mecânico com muita rapidez e este não interfere nas idéias do Espírito, mas antes o espírito tem de atuar no cérebro do médium; muitas vezes este possui boa cultura, mas as mensagens são frias e sem conteúdo. Ao contrário, em um médium inculto, mas cujo cérebro já acumulou em vidas passadas grandes conhecimentos doutrinários, podem as mensagens conter erros grosseiros de ortografia mas possuir grande valor doutrinário, e respeitadas devem ser por aqueles que têm acesso a elas. É preferível uma mensagem com erros de ortografia, mas contendo verdades, do que mensagens vazias, antidoutrinárias, mas escritas sem qualquer erro ortográfico. Allan Kardec respeitou as mensagens que passaram pelo crivo de sua razão, e sua cultura era extraordinária. Por isso, não devemos brincar com os escritos dos Espíritos, porque ao examinarmos as mensagens devemos buscar o seu conteúdo, O Espírito prepara o cérebro do médium e quando o encontra

isento de vaidade, de orgulho, de avareza, de egoísmo, ele manifesta suas impressões sem grandes preocupações com a ortografia.

Um dos encarnados presentes perguntou:

— O Espírito age sobre o cérebro do médium para escrever?

— Não somente sobre o cérebro, mas também sobre a mão, mas isto só se dá na mediunidade mecânica: o espírito usa a mão e o cérebro do médium. Entretanto, quando a mediunidade é intuitiva, ele, o Espírito, não guia o médium, ele atua sobre a alma do médium, que dirige a própria mão e escreve os pensamentos que lhe são sugeridos. O médium recebe o pensamento do Espírito e o transmite.

— Irmão — perguntou uma médium em desdobramento — na mediunidade intuitiva, como distinguir se parte de um Espírito a mensagem ou se não é o nosso próprio pensamento que a ditou?

— É muito fácil identificá-la: nossos pensamentos não possuem a simplicidade do pensamento de um espírito bom. Ele nos transmite paz, amor, esperança e caridade.

— Por isso os médiuns não devem assinar as mensagens? — inquiriu um dos presentes.

— Sim. Uma bela mensagem, muitas vezes, é de um amigo espiritual nosso, e por que vamos assinar nomes conhecidos na Doutrina? Precisamos respeitar o que recebemos e por não termos capacidade para diferenciá-las, tudo devemos fazer para deixá-las sem assinatura. Se alguém julgar que ela parece com tal Espírito, assim mesmo deve deixar a sua mensagem sem assinatura.

— O médium mecânico também?

— Sim. Médium iniciante é médium iniciante, motivo pelo qual precisa estudar para não se tornar presa da vaidade. Aconselhamos os médiuns a lerem O Livro dos Médiuns, item 225. Nenhuma Casa Espírita que tenha grupos de estudo de mediunidade, que está preparando companheiros para ter contato com os Espíritos, pode deixar de fazê-los estudar toda a Codificação, sendo obrigatório O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns. Se as Casas Espíritas não tomarem uma atitude drástica, defrontar-nos-emos com casos muito tristes, de médiuns levando ao ridículo a Doutrina, pois muitos dizem estar recebendo tal desencarnado e vivem dando mensagens sem passá-las pelo crivo da razão. Médiuns que podem prestar bons serviços à Casa Espírita estão preocupados em se tornar conhecidos e amados, quando o verdadeiro médium, evangelizado, doutrinado, empenha-se em seus trabalhos, não encontrando tempo para os aplausos. Quem deseja ser conhecido e aplaudido deve buscar outra ocupação, porque à mediunidade deve-se acrescentar outra palavra: humildade. Aos médiuns iniciantes devemos dizer: não se preocupem tanto em ter contato com os Espíritos, mas façam das suas vidas um contato direto com Jesus e Seu Evangelho. À medida que o médium for espiritualizando-se, os mensageiros dele se aproximarão. Notem bem: não serão os dirigentes de grupos nem doutrinadores que desenvolverão mediunidades, quem as irá tornar mais sensíveis serão vocês mesmos, à medida que se forem despojando dos seus erros, O vaso sujo contamina a água nele depositada; o vaso, quando está limpo para receber a água cristalina, jamais a alterará. Entretanto, tudo nos pede renúncia; sem renúncia ficaremos sempre sentados a uma mesa, tentando enganar a quem? A nós mesmos, porque as mensagens dos Espíritos são diferentes, as suas colocações de palavra têm

o perfume do Mundo Maior. Por isso sempre recomendamos: vamos estudar para compreender esta bela Doutrina, que é o remédio ofertado por Deus para nos curar da lepra do orgulho. Mediunidade com Jesus é toda aquela que modifica o homem, dele fazendo uma árvore frondosa, cujos frutos saborosos alimentam os famintos de esperanças. Todos somos médiuns e nas Casas Espíritas encontraremos o trabalho adequado para qualquer tipo de mediunidade que possuímos. Apenas desejar receber espíritos respeitados na Doutrina, ou querer possuir todas as mediunidades, não será pretensão demais? Será que não estamos precisando buscar o estudo? Muitos médiuns são levados à Casa Espírita por amigos ou por alguém da diretoria do Centro e, com pistolão, não passam pelas etapas necessárias. Pulam a primeira, a segunda, a terceira fases. Logo que chegam já estão sentados ao redor de uma mesa. Inquiridos por que não estão estudando, respondem: “Ah! Já sou médium pronto, não preciso mais estudar. Depois, não suporto ficar sentado ouvindo as aulas da Doutrina”, O que pensar de alguém assim? Tem condição de ser um discípulo de Jesus, de tornar-se um trabalhador humilde e amigo dos Espíritos? Acreditamos que não, porque se não respeitamos as leis dos homens, se infringimos as leis de trânsito, e, enfim, burlamos alguém em nossos empregos, estamos desrespeitando a sociedade. Na Casa Espírita não é diferente. Se a adentramos e não respeitamos as diretrizes delineadas em seu estatuto, já estamos começando mal. E como podem os Espíritos confiar em alguém que não sabe respeitar a lei do dever? Por isso desejamos que todos busquem os livros doutrinários, para bem servir. A Doutrina Espírita dá ao homem esclarecimento sobre o mundo espiritual.

O instrutor Ianá fez uma pausa, para depois continuar:

— Na Casa Espírita inicia-se o nosso desprendimento das coisas materiais. Os valores que pouco a pouco vamos conquistando fazem-nos verdadeiros espíritas, e o verdadeiro espírita é um bom combatente. Mesmo encarnado, ele já está vencendo o que dificulta a sua caminhada na via de Jesus. A medida que a Doutrina entra no seu coração, ele estende os braços em direção a todos os seus irmãos, fazendo de cada companheiro um irmão querido. Muitos dizem não ser fácil tornar-se um verdadeiro espírita. Têm razão, requer lutas terríveis contra os maiores inimigos do homem: o amor-próprio, o egoísmo, a vaidade, o orgulho. Por esse motivo temos de lutar muito para vencer a nós mesmos. O espírita não teme o seu próximo, deve temer, sim, seus próprios fracassos como espírita. Se as Casas trabalhassem com a evangelização — quando dizemos evangelização não queremos dizer somente estudar o Evangelho; a evangelização é o estudo sistematizado da Doutrina —, se aquele que busca o Centro Espírita fosse evangelizado, tornar-se-ia manso e pacífico, caridoso e amigo, e logo teríamos menos gente nas filas dos trabalhos de desobsessão. Dessa forma estaríamos criando um preventivo, fazendo com que as pessoas não adoecessem. Na época de hoje fala-se muito da geração saúde, e existirá melhor saúde do que o equilíbrio e a paz? O homem com saúde mental, digno, amigo, companheiro, disciplinado, não será presa da obsessão. As Casas Espíritas precisam cuidar da transformação do homem, fazer com que ele busque não adoecer, porque se estivermos preocupados só com o remédio, sempre haverá doentes. Seria tão bom se as Casas Espíritas se unissem contra a doença chamada obsessão, que aquele que transpusesse suas portas encontrassem um lar,

onde o amor o curasse! Para nós, o que faz bem ao homem é ele tornar-se bom e caridoso.

— Vamos, Casas Espíritas, prevenir-nos contra a doença e não apenas nos preocupar com o remédio! Se cada um der mais atenção ao ser humano, às suas limitações, logo a obsessão será apenas um tratamento na Casa Espírita. Hoje, o que mais se encontra são pessoas obsidiadas. Muitos perguntam: por quê? Simplesmente porque o semelhante atrai o seu semelhante, coração sem amor atrai aqueles que odeiam. Estamos preocupados com as crianças. Muito certo, elas são o nosso amanhã, mas não só as crianças precisam ser evangelizadas e sim todos aqueles que chegam à Casa Espírita, desde o seu presidente até o mais humilde dos trabalhadores. Quem é vaidoso e orgulhoso não é um bom espírita.

Apertei o botão da minha cadeira:

— O que o irmão aconselha a uma diretoria de um Centro Espírita? Muitos julgam que já estudaram tudo e vivem dizendo: “tenho trinta anos de Doutrina”, outros, quarenta anos.

— Quem julga tudo saber da Doutrina já está distante dela, porque a sua literatura, se lida durante cinquenta anos, terá sempre fatos novos. Relendo um livro que já lemos há vários anos descobriremos muita coisa nova, O que não podemos admitir são os espíritas dizerem que já não precisam estudar. O bom seria se a diretoria formasse um grupo de estudo só deles, os grandes conhecedores da Doutrina, e lessem toda a literatura espírita, desde a Codificação, até a dos grandes filósofos, e analisassem os livros novos que estão surgindo, não como críticos, mas como estudiosos. Só buscando os clássicos de ontem terão capacidade de dirigir uma Casa Espírita na era moderna, quando os jovens estão precisando da experiência dos mais velhos. Sem o alicerce humilde não teremos um edifício fraterno para trabalhar em paz. A Humanidade está doente e as famílias desesperadas. Existem vários hospitais espíritas, chamados Casas ou Centros, O que está faltando, então? É que a Casa tenha condição de prevenir a todos os que por ela passam da doença terrível que mais ameaça a Humanidade: a obsessão. Será mais difícil a criatura evangelizada ficar doente, o Evangelho é uma vacina poderosa. Entretanto, não basta somente lê-lo, precisamos viver com o Cristo; e todos aqueles que vivem com Ele fazem caridade.

Outra cadeira acendeu para perguntas:

— Por que a diretoria precisa de um grupo de estudos?

— Se a Doutrina deve caminhar com a Ciência, como podem alguns espíritas, que dirigem uma Casa que várias pessoas buscam, ficarem distantes dos fatos atuais? Se eles formarem um grupo de estudo não só das obras básicas, como para discutir tudo o que hoje acontece no mundo: aborto, tóxico, homossexualismo, prostituição infantil, corrupção, pena de morte, eutanásia, enfim, estarão em dia com os acontecimentos mundiais, podendo até lutar em prol da vida. Agora, se os mais velhos ficarem em casa vendo novela e lendo jornal, sem frequentar um grupo, jamais compreenderão as necessidades daqueles que procuram socorro na Casa Espírita. Hoje existem vários irmãos com setenta anos considerando-se velhos demais para frequentar a Casa onde fazem parte da diretoria, só vão ao Centro em dia de festa ou para tomar passes, enquanto vemos outros irmãos com até noventa anos trabalhando por sua igreja e lutando por ela, assim como alguns políticos. Por

que somente os espíritas se acham velhos para fazer o que faziam quando mais novos? É por causa de alguns diretores aposentados que estamos nos defrontando com fatos desagradáveis que vêm acontecendo nos Centros: muita falta de conhecimento doutrinário e alguns espíritas agredindo-se uns aos outros, cada um desejando tornar-se o dono da verdade.

— O irmão acha que aqueles que não frequentam um grupo da Casa devem participar de algum? — perguntei ainda.

— Sim. Como o bom profissional vive em congressos e jamais deixa de estudar, o bom espírita precisará sempre de um grupo de estudos e outro mediúnico, para não “enferrujar”. Imagino como deve ser bonito um grupo de estudo composto de pessoas que já estão na Doutrina há trinta, quarenta anos! Quanta coisa para recordar e com que facilidade devem dissipar as dúvidas! Acho que se sentirão melhor do que estudando sozinhos.

O instrutor ofereceu novas informações e depois encerrou a aula. Esperei para abraçá-lo:

— Irmão, obrigado pela aula de hoje. A cada dia mais me conscientizo de que o homem que se aposenta para descansar morre de tédio e estaciona no tempo.

Ele me cumprimentou, desejando-me paz. Ainda o olhei até que sumisse entre as árvores.

Graças ao Senhor, aqui estou, escrevendo através de mão amiga.

23

A FONTE CRISTALINA DO ESTUDO

— Gostou da aula? — perguntou-me Luanda que, juntamente com Siron, me esperava no jardim.

— Não só gostei, como aprendi muito com ela.

— Luiz, você tem de tomar cuidado ao escrever sobre o que ouvimos, porque muitos espíritas julgam que chegaram ao máximo do conhecimento e que de nada mais precisam.

— Eles podem rejeitar o escrito de um Espírito, mas terão de aceitar a opinião da maioria. E nada como o tempo para nos mostrar onde está o erro.

— Achei ótimo o que disse o orientador, falou Luanda, porque sabemos que há muitos espíritas com diploma, considerados os doutores do Espiritismo, que só sabem atacar os seus companheiros, nada fazendo pela Doutrina, julgando que todos os que chegam a uma Casa Espírita se encontram obsidiados.

— A obsessão é algo terrível — comentou Siron —, e todo Centro precisa preparar um grupo com médiuns disciplinados, que não derrubem quaisquer objetos, gritem ou se retorçam, para realizar este trabalho. Ninguém está sozinho, os benfeitores desencarnados estão atentos, sustentando o equilíbrio do ambiente e resguardando todos os médiuns. Há muito estamos alertando para o perigo dos grupos de educação mediúnicamente desenvolverem essa atividade. Nenhuma Casa bem assistida espiritualmente coloca médiuns iniciantes em grupos de cura da obsessão. Nos grupos mediúnicos são levados Espíritos doentes para serem socorridos, mas estes não são obsessores. Há uma diferença muito grande entre espíritos sofredores e espíritos maus.

— A Doutrina Espírita nos ensina que conhecimento e fé são forças para o espírito — falei. Acho que todos os espíritas precisam conscientizar-se de que a reforma íntima é o farol da alma; sem ela ficamos no escuro da ignorância, momento em que os Espíritos enfermos se alojam e se sentem em casa. Clareando o interior do homem, a cura ficará mais próxima.

— Acho linda a Doutrina Espírita — completou Luanda —, mas por que no início do movimento as materializações eram mais completas e hoje vemos grupos lutando, sem êxito, para realizá-las?

— Atualmente as materializações completas são muito raras. Os Espíritos não estão preocupados em serem vistos. Quem desejar crer na espiritualidade, que creia; quem não desejar, que espere, e logo em seu próprio lar alguém falará línguas estranhas. A Doutrina não obriga ninguém a crer. No dia a dia fatos insólitos ocorrerão, muitos terão afloradas as lembranças do passado e serão protagonistas de tristes acontecimentos e ódios injustificáveis que somente a Doutrina conseguirá

explicar. A Doutrina é o livro da vida que precisa ser lido pelos homens; enquanto o ignorarem, teremos de presenciar a dor e o desespero. Conquanto haja espíritas-cristãos, existem também os ditos espíritas apenas curiosos, que buscam a Doutrina por medo ou curiosidade. Os presidentes das Casas Espíritas e suas diretorias precisam espiritualizar-se para saberem ensinar, criando grupos de trabalho e estudo, fazendo o que Jesus fez com o judaísmo, infundindo no aprendiz uma nova vida, ressuscitando-os da morte do materialismo para o sol da Espiritualidade Maior. Os espíritas não podem abolir um jota ou um til sequer dos ensinamentos de Jesus. A missão dos espíritas é dar continuidade àquele velho e sábio ensinamento: amar o próximo — que estranhamente foi esquecido pelo homem. E só amamos quando dividimos o que é nosso com quem possui muito pouco. O espírita tem de ajudar a Humanidade a crer na existência de uma outra vida para que a alma, ao deixar o corpo físico pela chamada “morte”, não venha a sofrer no mundo espiritual. É preciso fortalecer-se no corpo físico para lutar contra as fraquezas da alma e vencê-las. Esse é o trabalho espírita: ensinar o homem a se tornar bom. Os Espíritos não vêm ao mundo físico somente para pedir ajuda aos encarnados, mas também para que estes não sofram o ranger de dentes. A Doutrina Espírita pode ser chamada de doutrina da transformação; quem a conhece como ela é, tenta desesperadamente ser-lhe fiel, e feliz do homem que vive a plenitude dos ensinamentos espíritas em uma época materialista, onde o consumismo impera, onde a era moderna dá ao homem tudo de bom e bonito para ele desfrutar, mas mesmo assim, se o deseja, acha tempo para socorrer os que nada têm.

— Luiz, você é demais! — vibrou Luanda.

— Não, sou apenas um pequeno aprendiz amando cada vez mais a Doutrina Espírita, porque ela ensina o marido a não humilhar a esposa, companheira, mãe de seus filhos; ela ensina a mulher a não ser somente a fêmea, mas a dedicar lealdade ao homem que a escolheu por companheira; ela ensina os pais a respeitarem os filhos, mesmo as tenras crianças, dando-lhes o que têm direito, mas elucidando-os sobre os deveres para com a sociedade. A Doutrina ensina o homem a respeitar seus servidores, a ser fiel trabalhador e cumpridor de suas obrigações; contesta os doutores da lei, mas abraça os pobres de espírito, que tudo fazem por ela. Dizer-se espírita e vestir o manto do orgulho e da vaidade denota quão longe nos encontramos do Cristo amigo, pois o espírita é manso e pacífico, tem misericórdia no coração, é pobre de espírito, luta para ser perfeito e faz da caridade a sua meta.

— Tem razão, Luiz Sérgio — falou Tomás. Só aqueles que sofrem uma transformação interior podem dizer: sou espírita. Quem chega à Doutrina e continua presa da vaidade, do orgulho, longe se encontra das verdades espirituais. Os Centros Espíritas são hospitais onde as almas, ao frequentá-los, vão paulatinamente curando-se das imperfeições.

— Mas hoje o que mais se vê, completou Luanda, são aqueles ditos espíritas que estão todos os dias nos Centros, mas vivem também dando trabalho, de tudo sabem, criticam os companheiros, só observam defeitos na diretoria, enfim, são os “reformadores”.

— Coitados — falei —, esses infelizes sentirão o ranger dos dentes, brincam com os Espíritos, não os respeitando.

Tomás acentuou:

— É verdade, Luiz Sérgio, ai daqueles que atirarem pedras e detritos na fonte da vida eterna. Bem, amigos, agora vamos dar uma chegada até o plano físico, onde uma irmã nossa acaba de reencarnar.

— É a Clarisse? O que está acontecendo? — perguntei, curioso.

— Temos de ir, disse Tomás, sem me responder.

No apartamento, deparamos com um casal bem novo. Ela com seus dezoito anos e ele, vinte e um. Clarisse se encontrava no berço, a babá dormindo ao seu lado. Buscamos a mãe e a encontramos preocupada com o seu corpo; adquirira alguns quilos a mais. O pai preparava-se para sair. A jovem Eliana, muito nervosa, implicava com Fábio e ele, pacientemente, a escutava:

— Veja se volta cedo para casa, não suporto mais ficar sozinha. Depois, quero avisá-lo de que logo tiro essa criança do peito. Que horror é dar de mamar! Um ato de violência contra a mulher. É cansativo, e depois nos aleija, pois os seios ficam pavorosos.

— Eliana, não diga tal coisa, os médicos ensinam que o leite materno é o mais completo alimento para a criança.

— Eu odeio dar de mamar, não vejo a hora de dar mamadeira para a Clarisse. Antigamente todo mundo mamava em mamadeira e ninguém morria.

— Engana-se, a mortalidade infantil aumentou muito depois que as mulheres descobriram o leite em pó.

— Coisa de médico naturalista.

— Até mais, querida.

Fábio saiu. Eliana ficou sozinha, reclamando de tudo: da vida, da filha, do marido. Entramos no quarto onde Clarisse dormia e Tomás orou em silêncio. A babá não dava à criança a atenção adequada. Olhei a nossa amiga trancafiada num corpo de bebê, pedindo proteção aos adultos, ela, uma trabalhadora de Jesus. Senti um arrepio, um pavor de ter de reencarnar um dia, passar outra vez pelo corpo infantil. Tomás fitou-me e falou:

— Luiz, estou desconhecendo você, onde fica o seu conhecimento doutrinário?

— No medo de voltar novamente ao corpo físico.

— Não, meu irmão, não pode pensar assim. O corpo físico é um instrumento de trabalho que todos nós, espíritos necessitados, temos de buscar para evoluir.

— Desculpe, Tomás, estava brincando.

Olhamos Clarisse e tentamos fazer Eliana aceitar a filha, pois ela só se preocupava com seu corpo.

— Por que Clarisse nasceu em um lar com pessoas complicadas? — perguntei.

— Simplesmente, para ajudar. Eliana hoje é uma mulher fútil, mas amanhã perceberá quão nobre é sua filha.

Oramos, pedindo por Clarisse e seus pais. Cheguei perto do berço e mexi com ela:

— Bilu, bilu.

Clarisse abriu os olhos e deu aquele sorriso.

Luanda emocionou-se:

— Que gracinha! Não vejo a hora de voltar a ser bebê.

— Vai reencarnar logo?

— Vou, mas acho que você tem muitos e muitos anos pela frente no mundo espiritual...

Nada falei, mas pensei: “ainda bem”.

— O que vimos fazer aqui? Somente ver Clarisse? — perguntei a Tomás.

— Não, não apenas vê-la, vimos orar pela sua paz e a da sua família. Não estamos em trabalho, convidei-o porque na sua família logo também nascerá um bebê.

— Não diga! E quem é ele? Já se encontra no Departamento da Reencarnação? É homem ou mulher?

— Curiosidade é algo que denota indisciplina.

— Conte, Tomás, só para nós...

— Está bem, Luiz, vou-lhe contar logo, espere só dois meses.

Rimos muito e dali saímos para trabalhar em uma Casa Espírita, onde muito se estudava. Em todos os grupos os livros doutrinários eram estudados e analisados. Os presentes discutiam alguns trechos dos livros básicos. Primeiro trocaram idéias sobre o fluído vital, para logo depois falarem sobre o médium, se devemos ou não desenvolver a mediunidade, se um dirigente de grupo tem o poder de fazer um médium escrever ou dar mensagens psicografadas. Enquanto conversavam, nós também falávamos sobre o assunto. Muitos julgam que mediunidade é fato corriqueiro na vida de uma pessoa. Enganam-se; médiuns existem muitos, mas raros são os que renunciam em nome da Doutrina e a favor da mediunidade com Jesus. Todos somos médiuns, mas poucos respeitam os Espíritos, chegando até a brincar com eles. O grupo discutia: é válido um dirigente de grupo desenvolver a mediunidade de seus médiuns? A conversa deles não levava a qualquer conclusão. Eu me encontrava curioso, pois eles falavam, falavam.

— O que você acha? — perguntei a Tomás. Alguém pode ajudar uma pessoa a “desenvolver” a mediunidade?

— Poder pode, mas se a pessoa não possuir uma mediunidade atuante, o orientador nada poderá fazer, somente se atuar sobre o médium, numa ação magnética. Parando a ação do orientador, cessa a mediunidade.

— Entendi, médium de orientador...

Luanda riu gostosamente.

— Por que o riso, boneca? Não é verdade? Cessando a influência do orientador sobre o médium, adeus mediunidade.

Tomás esclareceu-nos:

— Ainda se discute muito sobre mediunidade, mas a mais segura é a natural; quando a pessoa é médium desde criança, a sensibilidade está latente nela e, como uma flor, vai-se abrindo devagar e no tempo certo.

— Agora, que tem nego aí fazendo o coitado do médium “receber” espírito, isso tem. O pior é que tem médium que aceita essas sugestões e a vida toda estremece daqui, estremece dali, e não passa disso. Dizem que são Espíritos sofredores. Não queria estar na pele desses caras. Já pensou brincar com coisa tão séria?

Ficamos assistindo àquele estudo sobre mediunidade e com alegria defrontamos com pessoas equilibradas, espíritas verdadeiros, apóstolos de Jesus. Quando íamos saindo, o dirigente espiritual daquela Casa veio até nós, perguntando-me:

— O que achou do nosso estudo? Sabemos que o irmão se preocupa muito com a mediunidade.

— Sim, é verdade, tenho muita preocupação com os médiuns, principalmente os iniciantes, pois quando procuram elucidar-se, o fazem com a alma repleta de esperança e boa vontade. Se logo encontrarem alguém desequilibrado para orientá-los sobre mediunidade, isso poderá levá-los ao medo do Espiritismo.

Conversamos com aquele irmão e ao nos despedir ele me falou:

— Dê um abraço na irmã, eu a amo muito.

— Eu a amo muito mais — brinquei.

— Desculpe, irmão, nós a amamos.

Estava curioso para saber nosso destino, quando Tomás nos convidou para irmos a um cemitério.

— Cemitério? Por quê? O que vamos fazer lá? — perguntei.

Ninguém me respondeu e logo estávamos em uma capela repleta de pessoas. Falei a Tomás:

— Tomás, eu não gosto de cemitério, sabe por quê? Fico nervoso com os risos e as conversas que demonstram falta de respeito àquele que partiu.

— Tem razão, no dia em que o encarnado comparecer ao cemitério com o coração repleto de amizade e respeito por aquele que deixou o corpo físico, não mais presenciaremos as conversas inadequadas ao momento e os risos. Se todos ficassem orando e cantando, tornaria mais fácil o trabalho das equipes de socorro.

Para surpresa nossa, o irmão desencarnado que repousava no pronto-socorro espiritual estava recebendo uma transfusão de fluidos, graças à esposa que lia trechos evangélicos, orava e cantava. Comovente. E ela não sabia o bem que estava proporcionando ao marido. Aquelas orações e cânticos davam ao doente uma paz interior tão grande que permitia aos Espíritos ajudá-lo. Em outra capela com pesar constatamos que o coitado do doente desencarnado se debatia no pronto-socorro à medida que os encarnados comentavam o que havia acontecido com ele. A família gritava e chorava e os amigos fumavam e conversavam.

Um barulho injustificável.

— A administração dos cemitérios deveria tomar certas medidas para auxiliar a família e aquele que está partindo.

— Ah, Luiz Sérgio, isso é coisa de primeiro mundo — disse Luanda.

— Não sei não, acho que é falta de amor e de fé. Sabe por que existe tanta conversa nas capelas?

Todos me olharam.

— Porque é o dia em que muitos conhecidos se reencontram, aí, fazem a festa. E o pobre do recém-desencarnado que se salve se puder.

— Por que você não escreve um livro pequeno com orientações de como proceder na estação da morte? — sugeriu Luanda. Um livro com preces, cânticos e mensagens evangélicas.

— Engraçadinha, você sabe que já escrevi um livro sobre o assunto e logo será editado. Já tem até nome: Na hora do adeus. São orientações para a família e os amigos que ficam. É tanta a perturbação que nem se percebe que o coitado do viajante se encontra sozinho e desesperado.

— Voltemos ao Educandário, comunicou-nos Tomás, mas antes vamos orar. A oração é uma chuva de bênçãos que envolve carinhosamente quem está orando, mas também atinge até os familiares e amigos. Não orar é como ter no quintal árvores frutíferas e não cuidar delas.

Sáimos daquele lugar que muitos temem, mas que é o abrigo certo para todos os corpos físicos. Logo estávamos no pátio do Educandário. Como é lindo! Corri, gritando:

— Eu te amo, cascata de luz!

Luanda estava junto a mim; bebemos água nas fontes e rolamos no gramado verde, Os outros apenas olhavam. Era o meu lugar querido, onde dia após dia recebo, em doses homeopáticas, as elucidações dos Espíritos superiores. Quando ultrapassamos o pórtico do edifício principal, abracei Inácio, dizendo:

— Querido, que saudade! Sabe que te amo?

— Claro que sei, um menino como você não vive sem amor no coração.

— Só as mulheres é que o compreendem, os homens colocam você no trabalho — falou o bondoso Siron, fazendo-me entrar na sala de aula.

Fizemos uma prece, mas ainda demorou uns minutos para iniciar a aula. Depois o orientador discorreu sobre a Doutrina Espírita e a necessidade de conhecê-la. Como a Doutrina elucida o espírito! Quando encarnados, nada queremos saber da vida além-vida, mas se somos Espíritos, buscamos os meios de adquirirmos a cultura espírita e esta não é difícil de ser assimilada, porque os seus ensinamentos são muito claros. Entretanto, dizer-se espírita e fugir dos livros doutrinários é como chegar perto de uma fonte de água cristalina e só lavar as mãos. Sem estudo não chegamos a compreender a Doutrina do desprendimento. A riqueza da literatura espírita não pode ser esquecida por aqueles que se dizem espíritas.

Naquele centro de cultura, no silêncio do meu espírito, orei a Maria de Nazaré, como fazia o amado Bezerra de Menezes: “Mãe amada, flor de Deus, obrigado pela oportunidade obtida nesta Casa de Deus, onde venho recebendo as elucidações para o meu espírito. Ontem cheguei, estropiado e perdido de saudade, mas hoje, divisando novos horizontes, só posso agradecer por tudo o que venho recebendo. Queira Deus que eu, Seu filho pecador, tenha no espírito a lucidez para não alterar tudo o que venho aprendendo e levar aos meus irmãos ainda no plano físico. Cada alma é um abraço de Jesus, o Mestre em nós, Seus irmãos pequenos. Maria de Nazaré, orai pelos que Vos perseguem e caluniam e fazei de cada um, que aqui vem buscar o conhecimento, um instrumento do Vosso amor e da Vossa paz.

A CONSTRUÇÃO DE TEMPLOS

Terminada a prece íntima, destacava-se à nossa frente outro orientador espírita, que nos falava com muita clareza sobre o perigo da falta de conhecimento doutrinário.

— Tenho encontrado vários médiuns que, apesar de frequentarem os cursos de mediunidade, ainda não conhecem a Doutrina e ficam esperando o término do curso para psicografar ou dar comunicações psicofônicas.

— Irmão Luiz Sérgio, isso é natural, criou-se no Espiritismo o mito de que todos os que iniciam os estudos em uma Casa Espírita têm de obrigatoriamente receber mensagens, mas isso acontece quando o aprendiz não assimilou ainda os ensinamentos ou o curso sobre mediunidade foge das obras básicas. Dificilmente aquele que recebe orientação correta comete tal falha.

— O irmão tem razão, encontramos jovens, senhoras e senhores de cabelos brancos correndo em busca dos Espíritos, não para servir junto a eles, e sim para sobressair, levados pela vaidade. A mediunidade com Jesus é brilhante, não precisamos tocar tambores em praça pública para chamar a atenção sobre nossa pessoa. Em um Centro Espírita existem vários setores de trabalho, todos necessitando de bons médiuns. A medida que aprendemos a servir, os Espíritos amigos nos buscam para tarefas a serem efetuadas no plano físico. No plano espiritual não há pressa, o tempo é a eternidade; os dias, com seus minutos, são oportunidades que não podemos negligenciar.

— Irmão, perguntou Tomás, o que se deve fazer em prol de todos os médiuns?

— Orientá-los no sentido de que O Livro dos Médiuns é a única bússola para aqueles que pretendem trilhar o caminho da mediunidade com Jesus. Livros existem muitos, mas a Doutrina Espírita foi codificada por um homem digno, que recebeu do Alto a missão de transformar o pensamento dos espíritos no grande chamado para a renovação. Negligenciar um livro sequer da Codificação é fugir do caminho do Cristo, é buscar atalhos onde os empecilhos serão enormes, e se ocorrerem quedas, estas deixarão marcas profundas. Não somos contra qualquer religião, somos apenas espíritos, operários de Jesus, tentando levar ao plano físico um pouco de paz. E esta paz, que se encontra dentro de cada homem, é o amor de Deus que precisa espalhar-se à nossa volta, transbordar dos nossos corações, para formarmos a grande família do Senhor. Aqui, no Educandário, cada sala de aula representa um riacho, cujas águas cristalinas tentamos levar ao plano físico para aqueles sedentos das verdades espirituais.

— Irmão, se a cada dia levanta-se um templo, por que, para erguer uma Casa Espírita, lutamos tanto? — perguntou Arlene.

— Aqueles que constroem com facilidade, e até conseguem transformar cinemas, residências e lojas em igrejas é porque possuem força monetária para isso. No entanto, é preferível construir uma igreja a um bar, ou outro lugar de perdição. Levantar uma Casa Espírita é mesmo muito mais difícil; ela é um hospital de Deus, e o encarnado não se julga doente, além disso, o Centro Espírita ensina o homem a ser caridoso, pois a Doutrina é Deus, Cristo e Caridade. O orgulhoso não pode ser discípulo do Cristo, por não conhecer a caridade. Os verdadeiros espíritas constroem templos de luz, de cujos tetos parte luminosidade para todos os que vivem em trevas. Os vaidosos, que desejam construir apenas para terem seus nomes ligados às obras filantrópicas, não são espíritas, longe se encontram das verdades espirituais. É preferível que sejam poucas as Casas, mas que estas estejam aptas a ensinar o caminho que leva a Deus. Um dia todas as igrejas serão abertas, as portas de ferro ou de madeira deixarão de existir e nos tornaremos ovelhas do mesmo Senhor. Deixemos que edifiquem as igrejas, mas os que se dizem espíritas, antes de levantarem as suas Casas, que construam no coração o templo de Jesus, porque na hora da dor, quando o semelhante atrair o seu semelhante, as obsessões serão terríveis. Hoje fala-se muito em depressão, em estresse, não importa a denominação; o que importa é que o homem, cada vez mais sem Deus, adoecerá e os hospitais onde encontrará socorro serão as Casas Espíritas, por isso esses hospitais não podem ser construídos sem o alicerce da caridade. Eles terão de estar equipados para não traírem seus propósitos. Não basta apenas construir um templo espírita, antes de construí-lo temos de convocar os trabalhadores e estes se prepararem para aprender a servir o seu semelhante. Do contrário, em vez de prestarem socorro aos doentes, teremos mais enfermos do que médicos. Todos os que falam em nome do Cristo devem merecer o nosso respeito, principalmente os irmãos de outras crenças.

— Hoje, nessas igrejas eles praticam o exorcismo e muitos recebem o “Espírito Santo” — completou Arlene.

— Enquanto eles dizem receber o “Espírito Santo”, os verdadeiros operários do Cristo abrem seus braços em direção ao próximo, como fazia Jesus. Por isso dizemos: ao espírita não é dado brincar, a mentira não existe no vocabulário dos Espíritos. Quem deseja construir uma Casa Espírita, apenas para ter o seu nome registrado no livro dos homens, que pare para pensar; ali acima do jardim da vida física existe um paraíso de luz, chamado mundo espiritual, que espera o bom e o mau e nele cada um recebe de acordo com suas obras.

— Irmão, por que os espíritas não se unem num só aperto de mão e lutam em prol da nossa Doutrina?

— Porque somos Espíritos devedores e em cada um de nós ainda existem fortes tendências nos afastando da lei do amor. O exercício do amor, pregado na Doutrina, nos dá condição de apertarmos as mãos uns dos outros e, juntos, cantamos um hino em louvor à vida eterna.

Eu não queria que a aula acabasse, mas o nosso amigo despediu-se, encerrando-a.

25

CARIDADE – MOEDA DO MUNDO ESPIRITUAL

— Do jeito que a coisa vai, Tomás, logo os espíritas estarão sendo queimados em fogueiras. Essas igrejas fermentam a dissensão e o ódio. Para eles, os espíritas são o próprio satanás e coitado de quem cai em suas mãos.

— Tem razão, Luiz — concordou Arlene —, tudo o que eles podem fazer para desmoralizar o Espiritismo, eles fazem.

— Mas nada impede a chuva quando ela tem de chegar — obtemperou Siron —, e ninguém, por mais poderoso que seja, tem o poder de apagar o sol, portanto deixemos que Deus opere na hora que desejar; não nos preocupemos com o dia de amanhã. Bastam-nos as grandes preocupações do hoje.

— E o que hoje te preocupa tanto, Siron?

— É o descaso das religiões com a família, quando esta sofre perdas dolorosas. A criança e o jovem são as maiores vítimas do mundo materialista. A droga é cantada em prosa e verso, o erotismo é levado aos lares inclinando as crianças de tenra idade á falta de pudor. Hoje o ser cresce julgando tudo natural, e não é bem assim. Uns dizem: é a evolução dos tempos. Se a Doutrina Espírita fosse a filosofia de vida da maioria, isso não aconteceria, porque o espírita sabe que a criança de hoje foi o velho quadrado de ontem, e o esquecimento é um verniz que a dor lixa, daí o sofrimento. Os considerados pra frente na hora da queda sentem faltar-lhes força para suportar o escândalo: a jovem que defende a liberdade sexual, quando engravida, aborta ou corre atrás do rapaz para assumir a paternidade, e se é desprezada sofre por demais. Por quê? Simplesmente porque o espírito que hoje veste um corpo jovem é o mesmo que ontem viveu a época considerada ultrapassada pelos jovens de hoje. Mudou a veste, mas a consciência é a mesma.

— Ah, não, Siron! É difícil acreditar que o que hoje se vê fazer está sendo feito por espíritos que ontem eram considerados pacatos.

— Não digo pacatos, digo Espíritos que compuseram a sociedade de ontem.

— Ah, entendi! Faziam escondido?...

— Sim, eram pais de família que pregavam a moral, mas aprontavam.

— E que mérito tinham?

— Nenhum. Quero dizer é que esses Espíritos ainda não estão preparados para uma mudança sexual tão violenta como a que está ocorrendo. Eles querem “aprontar”, mas sem assumir a realidade da vida. Muitas meninas, na hora do escândalo, correm para os braços dos pais quadrados, pedindo ajuda.

— E a droga, Siron? Como está tomando conta... Lembro que no meu primeiro livro sobre o assunto — Na Esperança de Uma Nova Vida — ela já se

aproximava. Grupos isolados é que consumiam o tóxico, hoje poucos lares não possuem algum dependente.

— E o álcool? Também é um caso sério e difícil de ser controlado. Foi por isso, amigos, que Jesus prometeu o Consolador, que é a Doutrina Espírita. Só a Doutrina, com sua filosofia de vida bem aplicada, pode salvar a família, disse Tomás.

— Explique, por favor.

— Luiz Sérgio, nos seus livros, muitos Espíritos são às vezes duros quando tratam das Casas Espíritas e seus frequentadores. É que nós, Espíritos, contamos com a boa vontade dos encarnados e precisamos que os espíritas se conscientizem de que a Doutrina existe para orientar o homem, torná-lo digno. Mas atualmente o que mais se vê são os espíritas desejando doutrinar espíritos, os desencarnados, quando ao seu lado tomba, a cada instante, um irmão por não suportar a dor, dor esta que muitas vezes pode ser evitada à medida que a família se auto-educa. Agora, dizer-se espírita e continuar ingerindo álcool, droga e consumindo o tabaco, levando uma vida materialista, não procurando modificar-se para se tornar um ser renovado, demonstra que a Doutrina nada representa para ele. Digo sempre: a Doutrina Espírita ensina o homem a se desprender gradativamente do corpo físico, pois à medida que ele estuda e assimila os ensinamentos, vai-se tornando manso, pacífico, misericordioso e pobre de espírito; procurando amar o próximo no seu dia a dia, ele faz da Doutrina o seu roteiro de vida. Entretanto, somente tomar passes e sentar a uma mesa mediúnica é muito pouco. Quando estamos doentes, buscamos um hospital para sermos curados; para iniciarmos um tratamento, realizamos vários exames, por que não fazemos o mesmo ao chegarmos à Casa Espírita? Se somos avaros, procuremos prestar ajuda aos pobres, pois todas as Casas possuem departamento social. Se somos maledicentes, busquemos a cura nas aulas de evangelização. Se somos orgulhosos, estudemos as obras básicas e, mais ainda, a reencarnação, porque a nossa Doutrina nos ensina que o pobre de hoje pode ter sido o milionário de ontem, e que ninguém tem estabilidade financeira eterna. Façamos um check up, examinando cada defeito como uma doença; para isso é que existe a Doutrina, para melhorar o homem. Ela é o Cristo novamente na Terra e só Ele pode salvar a família. Feliz da Casa Espírita que conquista a criança e o jovem e os resguarda no manto do esclarecimento, porque se o Centro Espírita não cuidar das crianças e dos jovens, teremos templos de pedras, sem risos e sem esperanças.

— E as obsessões, Tomás?

— Elas existem, nada melhor do que o esclarecimento da Doutrina para tratá-las. Passes são necessários, mas o doente tem de se curar, e para curar o seu espírito precisa reclinar-se no poço da vida eterna; só a água da reforma íntima pode livrar das dores o homem.

— Também creio — concordou Siron — que a simples visita à Casa Espírita não leva a nada, ao contrário, leva, sim, às exigências; quem menos trabalha é quem mais reclama e exige.

— Siron — falou Tomás —, o Educandário é uma cascata de luz e cada Casa Espírita tem por dever transformar-se igualmente em um educandário. Os livros estão aí, por que negligenciar os seus ensinamentos? Possuímos um verdadeiro tesouro para elucidar aqueles que têm dúvidas, e ainda vemos iniciantes

correndo atrás de pessoas sem condição de orientá-los, O Livro dos Médiuns dissipa qualquer dúvida. O Livro dos Espíritos é a bússola de quem se encontra perdido. A Doutrina é uma escada que leva para cima e também nos ensina a evitar a queda.

— As vezes acho que muitos não irão gostar deste livro que estou escrevendo — falei.

— Claro, isso é natural, os livros de estudo não são muito apreciados porque nos ensinam a conhecer a Doutrina. E se muitos estão satisfeitos como vivem, para que mudar?

— Mas também quantas pessoas adoram estudar! — exclamou Arlene. E depois, sem conhecimento, como amar e respeitar a Espiritualidade e conviver com ela?

Tomás nos convidou a visitarmos uma Casa Espírita que estava sendo construída. Ao chegarmos, encontramos os grupos trabalhando; poucos davam comunicação psicofônica, mas mesmo assim eram médiuns respeitados pela Casa. Depois da prece inicial acompanhamos o estudo das obras básicas, onde a Doutrina era estudada a fundo. Em seguida passaram à parte prática. Cada médium era um enfermeiro do Cristo, ajudando os Espíritos recém-desencarnados.

Não era um grupo de ajuda aos obsessores, não; ali encontravam-se irmãos trabalhando pelos que acabavam de deixar o corpo físico, espíritos ainda muito terra a terra, vários com apenas vinte e quatro horas de desencarne. E como estes irmãos precisam de socorro! É uma hora difícil para a maioria dos Espíritos. Olhei um deles: Fortunato, que havia sofrido um acidente na estrada, junto com sua família, mas só ele e a filha de dez anos desencarnaram. Desesperado, buscava a família e ainda julgava-se encarnado em um hospital, e não deixava de ter razão; ali, naquela Casa Espírita, o hospital de Jesus amparava os doentes. Ao contato com o médium, ele recebeu fluídos tranquilizantes que o fizeram adormecer. O médium que o socorreu ofertou-lhe o que o seu perispírito recém-desencarnado necessitava. O movimento na parte espiritual era imenso, com espíritos correndo de um lado para outro, prestando socorro.

— Parece até que estamos em guerra, comentei.

— A Terra vive momentos dramáticos, tantos são os desencarnes coletivos.

Nestas horas é que a Casa Espírita tem de formar grupos de apoio aos médicos espirituais. Infelizmente, a maioria ainda julga que só os obsessores precisam de socorro. Aquele grupo, todo iluminado pela luz do Cristo, prestava um grande trabalho à Espiritualidade, nem foi preciso dar passividade. Olhava aqueles irmãos imóveis, sem um gesto de impaciência, enquanto na parte espiritual o desespero dos sofredores era imenso. Mas a disciplina e o amor daquele grupo fazia dos seus médiuns verdadeiros trabalhadores do Senhor. Perguntei a um dos encarregados da parte espiritual:

— Ninguém reclama de não dar passividade ou treinar a psicografia?

— Não, os médiuns desta Casa estão preocupados apenas em servir. Para eles a mediunidade com Jesus é a caridade, só ela é a sua meta e, para bem vivê-la, eles estudam e trabalham.

— E não exercitam a mediunidade?

— Sim, neste grupo vão-se tornando cada vez mais sensíveis e pouco a pouco tendo intuição, vidência, audiência, enfim, médium não é só aquele que dá

passividade. O verdadeiro médium é o que faz da Doutrina o seu sacerdócio, dando bons exemplos não só na Casa a que pertence, como em seu trabalho e no seu lar.

— Confesso que acho difícil alguém frequentar uma Casa Espírita e não ficar ansioso para ter um contato mais direto com os Espíritos...

— Luiz, falou irmã Ana, nesses grupos de cura perispiritual o médium está mais seguro, ele tem contato direto com os Espíritos doentes, necessitados de ajuda. Só o médium vaidoso não vai gostar, pois aqui ele é um humilde trabalhador do Senhor.

Ficamos orando para que os médiuns fossem capazes de atender um maior número de doentes.

— Gosto do silêncio, falou Tomás.

Ninguém se mexia na cadeira, sem se dar conta de que os seus corpos eram uma cascata de luz que tanto aliviavam os doentes. Encerrados os trabalhos, encontramos a mentora da Casa, que nos elucidou sobre os trabalhos espirituais ali realizados. O estudo da Doutrina, os conhecimentos que ensinam o homem a ter disciplina, eram o alicerce de cada médium.

— Somos tão poucos! — falou-nos, mas esperamos que aquele que vier a transpor esta porta sofra uma transformação, deixando lá fora o apego, a vaidade, o orgulho, a maledicência e a mentira, imperfeições estas que geram a indisciplina; que o homem ao buscar a Doutrina encontre a chave da liberdade das coisas materiais; viva no corpo de carne, mas enobreça a sua consciência para que no momento em que alguém se aproximar dele esteja encontrando um fiel trabalhador do Cristo, e que jamais lhe digam: coitado, nem parece espírita! Ou: é isso o que ensinam na Casa que frequenta? Sim, Luiz Sérgio, aqui tentamos dar ao encarnado um roteiro de vida, para que ele compreenda melhor a Doutrina Espírita e faça do seu dia a dia oportunidades para testar as pequenas mudanças que precisam ocorrer para avaliar sua fé e seu conhecimento. De que vale nos dizermos espíritas e continuarmos intransigentes com os erros do próximo, egoístas, avaros, orgulhosos e vaidosos? Por isso os Espíritos desta Casa tentam insistentemente dar ao homem a oportunidade de conhecer a si próprio.

— Irmã, mas é muito difícil o avaro tornar-se caridoso, o orgulhoso ficar humilde, o maledicente buscar a verdade, o vaidoso tornar-se simples, o egoísta tornar-se amigo.

— Sem dúvida, irmão Sérgio, mas a Doutrina Espírita é o terceiro chamado, e se nós, os Espíritos, não dermos as mãos aos encarnados nem o primeiro passo darão. E este aperto de mão significa entregar-lhes as obras básicas, verdadeiras pérolas de conhecimentos doutrinários. Mas não basta somente pedir que as leiam, torna-se preciso fazê-los viver o que esses livros ensinam. A teoria dá ao espírito o conhecimento da ciência universal, mas isso apenas não basta, temos de fazer também com que o homem cresça em moralidade. É à medida que os Espíritos seguram a mão de cada um, falando baixinho nos seus ouvidos sobre a necessidade de crescermos espiritualmente, os ensinamentos doutrinários transbordam dos nossos corações e nos tornamos bons espíritas, dignos trabalhadores do Cristo.

— Irmã, então não basta frequentarmos uma Casa Espírita uma vez por semana, ou uma vez por mês, ou de ano em ano?

— Não, Luiz, não basta batermos no peito, dizendo sermos espíritas; o importante é praticar atos espíritas, atos estes perfumados de moralidade. Inúmeras religiões estão perdendo adeptos porque deixaram os seus seguidores sem disciplina. Muitos apenas dizem: pratico tal religião, mas nada conhecem da sua religião e se perdem no mundo físico, vivendo intensamente a vida física, enquanto em outras crenças as crianças desde pequenas aprendem a amar Jesus e a ficar junto d’Ele através do Evangelho. Por que queremos transformar a Doutrina Espírita em uma religião sem alma?

— Sem alma?

— Sim. Se nós não amarmos a Casa que frequentamos, fazendo parte ativa dos seus trabalhos, arregaçando as mangas e renunciando a muitas coisas do mundo físico, seremos espíritas só na aparência. Somente o verniz de algum conhecimento pode nos dar algum brilho, seja na oratória, seja na vidência, na psicofonia, na psicografia ou na diretoria da Casa, mas não passaremos disso, porque não temos a pobreza de espírito que faz do homem a carta viva de Jesus Cristo — a Doutrina Espírita vivida por Jesus, sim, vivida pelo Cristo, porque Ele conversou com os mortos no Tabor, expulsou os trevosos nos lunáticos, nos perturbados. Ele materializou os peixes e os pães e transformou a água em vinho nas bodas de Caná. Quantas vezes o Cristo teve contato com os Espíritos e ainda nos prometeu o Consolador, Consolador este que é a Doutrina Espírita que está aí consolando aquele que deseja ser consolado, ensinando o homem a se desprender da matéria mesmo ainda no corpo físico; trazendo ao encarnado notícias do mundo espiritual, mas também ensinando-lhe que para ter contato com os Espíritos precisamos também viver em espírito, possuindo um coração caridoso e humilde! A Doutrina Espírita é o Cristo de novo na terra e para compreendê-la e vivê-la temos de colocar nossos passos nas Suas pegadas. Por isso dizemos que não basta alardear: sou espírita, trabalho na Casa tal, colocando muitas vezes a nossa cruz no ombro do companheiro de jornada e ainda julgando que somos os inteligentes. Quantas vezes presenciamos irmãos alquebrados pelo peso de tantos trabalhos e outros companheiros, indiferentes, fingindo não ver o que está acontecendo ao seu redor! É justo este trabalhador dizer-se operário de Jesus? Quando foi que vimos o Mestre indiferente ao trabalho de Deus ou soluçando nos ombros de Seus companheiros? Ao contrário, a História nos mostra um Cristo combatente, carregando a cruz de Barrabás, que simbolizava a cruz da Humanidade. Essa é a Sua doutrina, sem servos, mas de respeito aos amigos. Nunca O vimos criticar a Sua Casa, que era todo o planeta, e tampouco desrespeitá-la. Como dizer-se cristão ou espírita-cristão estando repleto de mágoas, de teorias e nada fazendo para melhorar o espírito ou aplacar o vendaval da dor que hoje agita as ondas do mar da vida? Acreditamos, Luiz Sérgio, que cada irmão que vai em busca de uma Casa Espírita e deseja tornar-se espírita tem de primeiramente conhecer a Doutrina, sem pressa, sem desejar entrar pela janela, como fazem os salteadores, e procurar respeitar as normas do Centro. Muitas vezes aquele que se julga médium tem uma pressa enorme em sentar-se a uma mesa mediúnica e fica indo de Centro em Centro, tentando receber espírito, não querendo estudar, achando perda de tempo. É um grande erro pensar assim. É mais fácil abrir os canais mediúnicos daquele que se aprofunda no estudo, do que daquele que foge dele.

— Irmã, sempre foi assim?

— Luiz Sérgio, estamos quase passando de um século para outro e a Terra vem preparando-se para a grande mudança. A dor e a lágrima se fazem em abundância, sendo assim, o Plano Superior precisa de bons médiuns, os porta-vozes da Espiritualidade, e para se tornar um bom médium torna-se preciso uma auto-doutrinação. Como poderemos confiar naquele que brinca com os Espíritos e que leva a Doutrina ao ridículo? Hoje a Espiritualidade deseja que o médium estude para ter equilíbrio, fortalecendo-se, porque terá de conviver com pessoas por demais sofridas. A Doutrina Espírita, por tratar das questões relacionadas com o espírito e estar falando sempre da morte, amedronta o materialista, que vive aproveitando a vida”. Como é possível o homem que só deseja levar vantagem, sempre passando por cima do seu próximo, julgando-se o dono da verdade, que trata mal mulher, filhos e netos, gostar da Doutrina Espírita, que somente nos ensina a nos tornarmos melhores? Não é de hoje, Luiz, que os Espíritos pedem a melhoria do homem. Se lermos as obras básicas, todas elas nos pedem caridade. O orgulhoso procura qualquer religião apenas por procurar, mas não deseja tornar-se um religioso.

— Para a irmã, todas as religiões são boas? — perguntou Siron.

— Sim, para nós, todas as religiões que falam de Deus, que amam Jesus e que ensinam o homem a se salvar são dignas. Agora, a Doutrina Espírita vai além, ensina o homem a desencarnar.

— Como assim, irmã? — indaguei.

— O verdadeiro espírita morre a cada dia para viver com o Cristo. Ele mata em si mesmo o homem pecador de ontem e procura tornar-se espiritualizado no hoje. Por isso não se concebe chegarmos à Doutrina e não aceitarmos as suas verdades, continuarmos consumindo bebidas alcoólicas, presos no vício do cigarro, alimentarmos a avareza, sermos briguentos, injustos, maledicentes e péssimos pais, esposos, esposas e avós...

— Irmã, notamos que existe uma campanha desmoralizadora da Doutrina em alguns meios de comunicação. O que se deve fazer?

— Se cada um que se diz espírita tornar-se um representante de Deus na Terra, não haverá ataque que atinja a Doutrina. Devemos mudar urgentemente o modo de pensar daqueles que frequentam uma Casa Espírita. Eles precisam inteirar-se de tudo o que ocorre, as dificuldades por que passa a Casa, onde cada um poderá servir. Devem ser criados grupos de doutrinadores, não para doutrinar os Espíritos, e sim para educar as almas que ainda perambulam pela terra. Esses doutrinadores devem não só apresentar as obras básicas, como ensinar a disciplina e o trabalho, principalmente aquele junto aos menos favorecidos. A caridade é importante.

— Qual delas é a mais importante, a moral ou a material?

— Dizem que quando fizeram essa pergunta a Francisco de Assis, ele respondeu: “mas dividiram a caridade?” A caridade, meus irmãos, é o amor ligando as criaturas. Nós, os Espíritos desta Casa, sempre dizemos que a caridade é o perfume e a luz do espírito. À medida que a praticamos, o nosso espírito vai ficando iluminado e vamos perfumando o caminho por onde passamos. O homem que não é caridoso vive em conflito, é áspero, exigente e avaro, pois vive em trevas. A caridade é o único caminho que leva a Deus. O Cristo, com Seu Espírito caridoso e humilde, é o maior representante de Deus na Terra. A caridade, meus irmãos, é a

lixo que pouco a pouco, à proporção que a praticamos, vai retirando do nosso perispírito as deformações pretéritas.

— Irmã, como fazer a caridade de doar aos pobres, se os encarnados lutam contra a carestia da vida, o pouco dinheiro?

— Não somos nós que respondemos à irmã Arlene, e sim Jesus, na parábola do óbolo da viúva. Todos podem praticar a caridade, só não a faz aquele que tem o espírito rico de orgulho e egoísmo. A caridade torna o homem bom, cumpridor dos seus deveres; o caridoso luta para ser justo mesmo diante das injustiças. Se buscarmos a História defrontar-nos-emos com os grandes caridosos, cujos nomes estão grafados não só nos papéis, mas no coração de Jesus como fiéis representantes das verdades divinas. A caridade está tão presente nos Evangelhos que não sabemos como os homens podem negligenciá-la. Na parábola do moço rico, deparamo-nos com o esclarecimento de que a riqueza material não nos acompanha no desencarne. Outra bem elucidativa é a do bom samaritano, quando Jesus abre as portas das casas espirituais levantando um só templo, o do amor e da caridade; a do mau rico, onde Lázaro mendiga as migalhas da mesa do rico. Nesta parábola a Doutrina Espírita brilha com suas verdades. E assim encontramos em muitas e muitas passagens, não só dos Evangelhos como do Antigo Testamento, a caridade como a moeda que circula no mundo espiritual. A religião não pode desejar apenas apegar-se à letra e não fazer como o Cristo, que vestido humildemente buscou levar até o mais pecador a mão amiga. Quem teve contato com Ele O julgou Deus, tanta era a Sua bondade. Ninguém pode duvidar do coração caridoso de Jesus.

— Irmã, muitos religiosos são contra a caridade, dizem que somente a praticando o homem fica sem tempo para estudar a sua religião.

— O homem tem de estudar a sua religião para encontrar a verdade. Não podemos ter uma fé cega. Ela, a fé, tem de buscar explicações para os chamados mistérios e na Doutrina Espírita o conhecimento, mas somente o conhecimento não melhora o homem, temos de viver a Doutrina, ela nos foi trazida pelos Espíritos e eles nos pedem que pratiquemos a caridade.

— Já vi bons cristãos que não gostam de praticar a caridade, irmã.

— Desculpe, Luiz, desde o momento em que não somos caridosos, deixamos de ser cristãos. Como pode um homem cristão passar indiferente por uma criança faminta? Como pode um cristão passar indiferente por um irmão caído na sarjeta? Como pode um cristão passar indiferente por um velho tiritando de frio? Como pode um cristão sorrir e ficar indiferente à miséria e à lágrima de seus irmãos? Não, Luiz Sérgio, creio que não existe cristão verdadeiro que não pratique a caridade. A caridade é o elo que deve unir todas as criaturas.

— Beijo as suas mãos caridosas, irmã, pedindo perdão por todos os que se dizem cristãos e ainda mais por aqueles que se dizem cristãos-espíritas e lutam contra a caridade, achando que ela atrapalha o estudo da Doutrina, esquecidos de que o estudo sistematizado ajuda o homem a se livrar das coisas materiais; e quem não é apegado às coisas temporais tem mais facilidade de fazer a caridade.

— Irmão, feliz daquele que ouve as palavras dos Espíritos e se esforça, ainda no corpo físico, em deixar para trás a túnica da imperfeição. Esperamos que na sua Casa os que a buscarem se conscientizem da grande responsabilidade do trabalho que os espera.

Obrigada, irmãos, desejo que Jesus nos abrace e que Maria, Mãe querida, esteja segurando as nossas mãos para que elas não se fechem jamais diante de alguém que nos pede ajuda. Estaremos sempre orando para que todos os espíritas se conscientizem do valor do espírito e fujam da tentação que pode levar à queda e nos afastar do caminho estreito de Jesus Cristo.

Todos nós cumprimentamos a orientadora daquele Centro Espírita que, olhando bem em nossos olhos, ainda acrescentou:

— A Casa Espírita deve elucidar os homens temerosos da morte no sentido de que o desencarne não é doloroso, principalmente se buscamos o Cristo ainda no corpo físico. A Doutrina Espírita faz com que os seus seguidores compreendam que a morte é como o adormecer. Entretanto, para que esse dormir seja tranquilo, devemos, ainda no corpo de carne, afrouxar os laços que unem a alma ao corpo. A prática da caridade pode diminuí-los, enfraquecê-los, tornando a separação corpo físico-perispírito mais rápida e mais serena. A Doutrina Espírita é a mão de Jesus levando-nos para Deus.

Tendo completado o que precisava passar para nós, despediu-se:

— Com licença, e que Jesus esteja sempre nos nossos corações, dizendo: ama, trabalha e ora!

Todos nós, cabisbaixos, orávamos em silêncio, quando um dos encarregados aproximou-se de nós sorridente e nos acompanhou até o pátio florido e belo.

26

APRENDENDO A DESENCARNAR

— Que bom será quando todas as Casas seguirem fielmente o Evangelho de Jesus, quando as paredes do orgulho despencarem diante da luz da caridade e da humildade! — falou Tomás, quebrando o silêncio. Quando irmãos, com humildade, orientarem a quem os procurar, dentro dos preceitos doutrinários, farão da sua Casa não um lugar de credices e medos, mas uma Casa do Caminho, onde se trabalha, se ama e se ora, como disse a nossa irmã. Se Deus quiser, logo os espíritas, unidos numa só vontade de servir à doutrina do Cristo, lutarão contra a dor e as lágrimas, cientes de que ao abraçarem o próximo é Jesus quem está sendo abraçado. Quando renegamos a Doutrina e reclamamos de tudo, estamos dificultando o trabalho de melhoria da Terra.

Arlene falou:

— Acho muita a responsabilidade de quem levanta uma Casa Espírita, porque a Casa não pode ter somente paredes de concreto, junto a elas deve crescer a construção espiritual, construção feita graças aos construtores da fé e da caridade. Construir por construir a nada leva. Não é raro presenciarmos desavenças e maledicências, onde os presidentes sofrem para mantê-las de pé. É melhor demorar anos para levantar uma Casa, do que fazermos de tudo para edificá-la, sem base sólida e sem condição de darmos, a quem nos busca, mais, muito mais, que passes e água fluidificada.

— Mas enquanto isso — completei —, outras igrejas não estão se expandindo? Em todos os lugares vemos templos substituírem os cinemas, as lojas, enfim, implantando-se nos espaços onde há maior movimento, ao passo que os espíritas encontram dificuldades imensas para levantar suas Casas. Será que eles próprios não são severos demais com a sua Doutrina? Que mesmo o Centro oferecendo somente passes e água fluidificada não é melhor do que vemos os nossos irmãos se armando de ódio e de críticas contra as outras religiões, principalmente a Espírita?

— Não, Luiz Sérgio, não é melhor. Os Espíritos não precisam provar que existem, pois estamos em todos os lugares e nesta época na maioria dos lares alguém está vendo ou tendo contato com os Espíritos. As outras religiões, mesmo aquelas que tanto combatem a Doutrina Espírita, estão exorcizando os trevosos e fazendo curas através dos contatos espirituais, só que com uma diferença: dizem eles que os espíritas têm contato com os trevosos e eles com o Espírito Santo; e outras com os chamados santos. No entanto, será que eles, sem conhecimento da Doutrina dos Espíritos, irão mais além? Será que foi transferida a responsabilidade dos espíritas para outras crenças? Claro que não! Os encarnados não poderão ter o contato com os

Espíritos superiores se não se aprofundarem nas elucidações dos livros doutrinários. Essas religiões estão brincando com algo sério que é o contato com os Espíritos. Dizem expulsar os demônios, fazem campanha contra os espíritas, mas tentam ganhar adeptos através dos fenômenos. Afirmam que eles possuem também o dom do Espírito Santo e criticam o Espiritismo por precisar de médiuns. Vamos encontrar a mediunidade em várias passagens do Evangelho, principalmente na profecia contida em Joel, Capítulo 2º, versículos 28 e 29, e depois reafirmada por Pedro em Atos, Capítulo 3º, versículos 17 e 18: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que eu derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos: até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão.

E Arlene continuou:

— A mediunidade não é privilégio da Doutrina Espírita, nela a mediunidade torna-se respeitada pela disciplina que a Doutrina impõe a quem tem o dom da profecia. Porém, chamar os médiuns de loucos, culpando o Espiritismo, denota falta de conhecimentos divinos. No Novo Testamento a mediunidade chega até o homem límpida e cristalina através dos atos de Jesus que, com Sua mediunidade sublimada, era um operário de Deus em missão: expulsava os trevosos, curava os enfermos, materializava os Espíritos, magnetizava as águas, dava passes, materializava objetos, como na multiplicação dos pães e dos peixes. Por isso é que dizemos, não basta nos tornarmos uma doutrina igual às outras e nos sentirmos poderosos pela quantidade de templos erguidos. Sabemos que só é grande perante Deus aquele que se torna pequeno.

— Se todos buscassem no Cristo a verdade, falei, não andariam em trevas, porque Ele foi quem mais nos ensinou a pobreza de espírito; Ele nos mostrou que nosso próximo não é só aquele que professa a nossa fé, que mora em nossa casa, enfim, Jesus mostrou aos amigos que a verdadeira doutrina é aquela que não faz distinção de raça, cor ou classe. Nosso próximo são todos os filhos de Deus. Se alguém pronuncia o nome de Deus, vive louvando a Jesus, mas ataca os semelhantes com palavras injuriosas e duras, é mentiroso, pois Deus é amor e só quem ama pode dizer: Deus vive no meu coração. Gosto muito da 1ª Epístola de João, Capítulo 4º, versículo 14 e 20: E nós vimos e testificamos que o Pai enviou o seu Filho para ser o Salvador do mundo. Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar o seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.

E acrescentei:

— Acho graça de alguns desses falsos crentes, que batem no peito, dizendo: Cristo, Cristo, mas não fazem o que Ele fez. As maiores vítimas dos ataques são o Espiritismo e os médiuns; francamente, não sei o que eles tanto temem. Quem tem Deus no coração possui uma cascata de amor ao próximo.

Tomás expôs o seguinte:

— Muitos estudam os textos sagrados, mas só ficam na letra. Quando Jesus pregava, alguns fariseus Lhe perguntaram quando havia de vir o Reino de Deus, ao que Ele respondeu: O Reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui e ali, porque eis que o reino de Deus está dentro de nós. Quem desejar

trabalhar junto ao Cristo tem de conscientizar-se de que o reino de Deus não vem com aparência exterior, O fiel seguidor do Cristo nomeia-O o governador da sua vida, em qualquer lugar onde esteja, porque além de tudo o Cristo é o médico, e o Seu amor é suficiente para curar o homem, regenerando seu coração. Hoje a Doutrina Espírita, através dos seus ensinamentos, traz até o homem as verdades espirituais, coisas que no ontem eram cercadas de mistérios. Quem quer que seja, ao se aproximar de um Centro Espírita, terá de buscar por dever o único poder capaz de oferecer ao homem a salvação: o Cristo, só Ele. O instrumento dos Espíritos para que isso aconteça é o ensino das obras básicas. Por que elas? Simplesmente porque os livros doutrinários ensinam o homem a conviver com a morte, e ela é tão real que só mesmo os apegados à matéria não querem aceitá-la. A Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, dá ao homem uma lanterna para que, pouco a pouco, ele consiga visualizar o longo caminho da evolução. Por isso, amigos, a responsabilidade de quem levanta templos espíritas é muito grande. Seria bom se nunca encontrássemos pessoas que em seus locais de trabalho ouvissem tais críticas: “Isso é o que te ensina o Espiritismo? Sabe, ele vive com o Evangelho debaixo do braço, frequenta tal Casa ou tal grupo, mas não segue o que aprende. Sabe que ele ou ela é péssimo esposo ou esposa? Nem liga para os filhos. Deus me livre do Espiritismo, fulano é espírita e nem dá bom dia para pobre. Como chefe, não existe pior...” Que tristeza termos em nossas fileiras uma carta tão mal escrita, e ainda mais, falando em nome de Deus! Hoje, quando alguns dos frequentadores de uma Casa Espírita ouvem uma palestra sobre disciplina ou conduta, ficam aborrecidos, dizendo mesmo: não gostei, a carapuça foi até os pés. Na época de Jesus, tanto os fariseus quanto os herodianos, e outros, também ficavam furiosos, pois o Cristo sempre falava da igualdade entre os homens e que todos eram irmãos. Os fariseus eram rígidos adeptos da tradição, metuculosos nas cerimônias exteriores, diligentes em oblações, jejuns e longas orações. Eram fanáticos e hipócritas. Já os saduceus rejeitavam as tradições dos fariseus. Eles acreditavam na maior parte das escrituras e, como regra de conduta, eram cépticos e materialistas, negando a ressurreição dos mortos e a doutrina da vida futura. A ressurreição, especialmente, constituía assunto de debate entre eles. Os fariseus eram firmes adeptos da ressurreição, mas nessas discussões seus pontos de vista a respeito da vida futura eram confusos. A morte consistia para eles em um mistério. Sua incapacidade para enfrentar os argumentos dos saduceus dava lugar a uma eterna discussão. Das brigas resultavam acirradas disputas, deixando-os mais distanciados uns dos outros do que antes. Hoje muitos não desejam aceitar os Espíritos, principalmente a parte doutrinária, porque ela mostra ao homem a sua pequenez, como ele é diminuto diante da grandeza espiritual. Revela ao homem que, por mais poderoso que ele seja, existe uma força acima dele. Ir ao Centro Espírita ouvir a verdade, para quem não deseja se tornar manso, bondoso, caridoso, humilde, misericordioso, é difícil. Mais fácil é dizer-se perseguido, mal compreendido, e largar tudo ou buscar uma doutrina mais indulgente que diz que a salvação é levantar os olhos, pedir perdão e poder continuar errando e errando.

Siron também ponderou:

— Tem razão, Tomás, e no Espiritismo existem os que não param em lugar algum, achando inimizades em todas as Casas por onde passam — concordou Siron.

Os expositores espíritas buscam nas parábolas de Jesus a melhor maneira para advertir àqueles que desejam ser esclarecidos. Cristo lutou contra a tradição de uma fé cega, diante de um sacerdócio corrompido. O povo se encontrava escravizado. Pena é que muitos ainda desejam a escravidão. Preferem ouvir palavras que agucem a sua vaidade do que olhar no espelho da verdade as suas deformações. Cristo lutou contra a hipocrisia, declarou que maior condenação recai sobre muitos que fazem profissão de piedade, mas sua vida é manchada pela avareza e pelo egoísmo, e todavia lançam sobre tudo isso um manto de aparente pureza. Podem enganar os semelhantes, mas não podem enganar a Deus. Zangar-se porque os Espíritos mostram o verdadeiro caminho a seguir é muito fácil, o difícil vai ser na hora em que tiver de defrontar-se com seus próprios erros. Outros alegam que os espíritos só pedem para fazer a caridade e chegam a ficar furiosos, mas o Cristo nos ofertou a parábola do óbolo da viúva. Já ouvimos algumas ponderações que a viúva devia guardar seus escassos recursos para o próprio uso, ao invés de ofertá-los aos ricos sacerdotes do templo. Que eram aquelas modestas moedas em comparação com as quantias elevadas que ali eram colocadas? Todavia, nessa parábola, Jesus quis nos ensinar que a maior riqueza é a do coração; que para Deus o dinheiro só tem um valor: o de servir ao homem. Para Ele não existe pouco ou muito dinheiro, o importante é a mão que o movimenta; e a da viúva virou um monumento da caridade. O valor é externado, não pela importância da moeda, mas pelo amor para com Deus. É preciso que o homem que gosta de reclamar da vida e do próximo pare um pouquinho e veja onde está o erro: nas pessoas ou no seu coração? Andar de religião em religião, de templo em templo, de nada vai adiantar. O que se torna preciso é encontrar Deus em nós e lutarmos para que nos tornemos bons filhos. O erro não está na Casa que nos decepiona, e sim na nossa alma ainda apegada às coisas materiais. Jesus muito lutou contra a hipocrisia e nada mais hipócrita do que aqueles que pregam a doutrina do Cristo, mas não são Seus fiéis seguidores. Ainda ouvimos a voz de Cristo: Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! (Mateus, Capítulo 23º, versículo 37). A falta de amor é que separa os homens. A verdade que salva é desprezada, porque pede ao homem que dê ao mundo o que é do mundo, e ainda que cada um lute pela própria evolução. A verdade que salva faz com que o seu espírito viva em Deus, porque é eterno.

Quando Siron silenciou, olhamos ao nosso redor: vários irmãos nos ouviam atentamente. Tomás cumprimentou-os e notamos que aqueles Espíritos precisavam nos ouvir, pois eram recém-desencarnados e a nossa conversa lhes deu um pouco de alívio. Uma irmã, aproximando-se, falou:

— Irmão, que Deus o abençoe. Peço que orem pela minha família. Deixei no corpo físico uma família que sempre implicou com a minha fé, chamando-me de fanática, brigando porque eu dava alguns trocados para os pobres. Como sofria para fazer o culto cristão no lar! O álcool e o cigarro eram os alimentos diários deles. Mas hoje, que aqui me encontro, gostaria de me tornar visível para lhes dizer que ninguém segura a morte e que eles precisam valorizar a vida física. Infelizmente, eles nada querem saber sobre o mundo espiritual e os abusos crescem nas faltas do

dia a dia. Fui socorrida, mas reluto em seguir para uma colônia de repouso, sabendo que minha família longe se encontra de Deus.

— Se até hoje a irmã não conseguiu apresentar Jesus para eles, agora torna-se mais difícil — observei.

— Tem razão, a cada um de nós basta a própria consciência — disse-me, sorrindo.

Oramos junto àqueles irmãos e dali partimos em busca de novos aprendizados.

— Para onde vamos? — perguntei.

— Ao Educandário de Luz. Ele nos espera, respondeu Tomás.

E assim, vislumbramos a nossa cascata de luz, onde o sol do esclarecimento pouco a pouco vai dissipando as impurezas da nossa imperfeição. Os alunos, uns entravam, outros partiam, todos convictos da responsabilidade assumida.

A maioria dos encarnados pensa que seus entes queridos que se encontram no mundo espiritual estão mortos, inertes, descansando. Não sabem eles que a vida continua, mas infeliz daquele que não procura o estudo e o trabalho. A Doutrina é para isso: fazer com que o homem, ainda no corpo físico, não se distancie do espírito, que ele aproveite a encarnação, porque o mundo físico é a grande escola onde temos de aprender a ser dignos. Há quem julgue que orar e buscar um trabalho espiritual é atestado de bobeira. Assim pensa quem jamais buscou inteirar-se dos livros esclarecedores. Bendito seja Jesus Cristo, que deixou aberta a porta do túmulo para que os ditos mortos possam dizer a quem desejar: a morte não existe, a vida é eterna.

Chegamos à sala de estudos. Ela agora me parecia maior. Logo o irmão iniciou a explicação de O Livro dos Espíritos, questão 264: Que é o que dirige o Espírito na escolha das provas que queira sofrer? “Ele escolhe, de acordo com a natureza de suas faltas, as que o levem à expiação destas e a progredir mais depressa. Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e provações, objetivando suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar pelas paixões que uma e outros desenvolvem; muitos, finalmente, se decidem a experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contato com o vício.

— Notem bem neste Capítulo 6º, Parte 2ª, de O Livro dos Espíritos — Escolha das provas. Aqui encontramos a resposta para tudo aquilo que ainda achamos absurdo. Neste Capítulo está muito bem explicado o porquê de tudo o que acontece no mundo físico, que nós é que pedimos aquilo que hoje vivemos. Quando o homem desconhece o mundo espiritual, ele julga Deus um tirano que maltrata, faz sofrer e mata. A Doutrina é a voz dos Espíritos falando sobre a vida. Mas é tão verdadeira que amedronta e faz com que aqueles que não gostam de pensar no amanhã a ataquem e tentem ridicularizá-la. No prólogo de seu livro, Jó, num diálogo, indaga por que sofria, se fora bom. Os interpelados responderam que ele padecia “porque errou, pois não se pode admitir injustiça em Deus”. Ainda no mesmo livro afirma que Deus o ressuscitará na pele sobre a terra, para recobrir essas coisas, pois ao lado do senhor, essas coisas estão tinidas a ele. Capítulo 19º, versículo 26: A sua carne se fez de novo fresca como a de um menino. Encontramos

mais esclarecimentos sobre a chamada morte e o perdão de Deus, através da reencarnação, em Jó, Capítulo 12º e Capítulo 32º, versículos 26 e 30. Como podemos observar, não foram os Espíritos que inventaram a morte, a dor e a reencarnação. Os espíritos apenas adentraram a biblioteca espiritual, em busca das respostas que até no ontem eram mistério. Estamos citando o Livro de Jó, porque o aluno deve buscá-lo quando estiver estudando a Parte 2ª, Capítulo 6º, de O Livro dos Espíritos. Mas este livro é muito importante para os que desejam saber algo sobre a reencarnação. O iniciante que vive em busca do esclarecimento necessário para as suas dúvidas indaga sempre, como no item 263: O espírito faz a sua escolha logo depois da morte? “Não, muitos acreditam na eternidade das penas, o que, como já se vos disse, é um castigo.” Mais uma vez chamamos a atenção para a necessidade do conhecimento. Os que acreditam na eternidade das penas ficam a perambular pelos vales de sofrimento. Os que julgam que a morte e o fim gemem de dor, de remorso, por não se terem preparado. A Doutrina Espírita é a voz não que “clama no deserto”, mas que tenta despertar consciências. Esta aula tem por fim alertá-los para a responsabilidade de tudo o que escreverem ou levarem até a Casa Espírita. Cada encarregado de elucidar os encarnados deve fazê-lo alicerçado nas bases doutrinárias, caso contrário levaremos o pânico e nada de proveitoso se fará nas almas que nos buscam com sede de esclarecimentos. As horas que um encarnado dedica à Casa Espírita são tão poucas que os encarregados da Casa não podem perder um minuto com vã filosofia ou opiniões próprias. A Doutrina é concreta, tem base sólida; só que ao nos aprofundarmos nela nos tornamos trabalhadores braçais, porque temos de construir primeiro o templo de Deus no coração, para que a luz da Doutrina o ilumine por inteiro. Isso é trabalho e requer de cada um muitas horas de renúncia. Cada irmão encarregado de elucidar os encarnados deve dedicar-se com afinco ao estudo, para saber como agir quando tiver de lidar com a mediunidade intuitiva, mediunidade esta sujeita a interferências anímicas. O estudioso da Doutrina tem de agir de maneira racional, de modo que os novos adeptos se sintam felizes em aprender, antes de pensar em “desenvolver a mediunidade”. O Educandário dá a cada um de nós folhas em branco, onde teremos de escrever as mensagens que os médiuns, intuitivos ou não, terão de captar, mas para isso teremos de pedir ajuda à Casa Espírita, para que sejam criados os grupos de estudo, onde todos precisam por ele passar; onde a primeira lição terá de ser a da humildade; elucidando os frequentadores sobre a importância de se conhecer O Livro dos Espíritos, fazendo dele leitura obrigatória de todos os dias. Nele o encarnado vai conhecer o mundo espiritual e as necessidades do mundo físico. Mas por que estamos falando de provas e de mediunidade? Muito simples: porque alguns irmãos chegam à Casa Espírita julgando que bastando frequentá-la cessam os problemas. Vendo que isso não acontece, inicia-se o desencanto. O Livro dos Espíritos dá as respostas, mas para ser melhor compreendido ele deve ser estudado em grupo, não apegado a uma leitura rápida, mas decifrando item por item, partindo em busca de outras revelações no Antigo Testamento e nos livros dos grandes filósofos, como também em toda a Codificação. O estudo fica interessante e cada um vai sendo beneficiado. Após esse conhecimento, dificilmente um estudioso culpará a Casa Espírita pela provação por que está passando. No mesmo Capítulo 6º, Parte 2ª encontramos no item 257: O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária

desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é suscetível de congelar-se, nem de queimar-se... Este item é bastante extenso, mas vale a pena ser inteiramente consultado. Muitos não desejam procurar as respostas nos livros respeitáveis e, sim nas pessoas que, muitas vezes, nada têm para elucidá-los verdadeiramente. O trabalho no hoje como no ontem é fazer com que os frequentadores não se deslumbrem com os médiuns que recebem este ou aquele espírito nem com o palestrante ou com os seus dirigentes de grupo. Busquem somente as suas respostas na jóia de real valor: a Codificação. E que estudem para compreender os “dois mundos”, mundos estes entrelaçados pelo laço da responsabilidade. Jamais um espírito ou médium algum poderá sentir-se feliz em ser endeusado. A responsabilidade que pesa nos ombros daqueles que têm por dever pregar a verdade deve ultrapassar qualquer sinal de vaidade, pois do contrário a obra não se completaria. Ao espírita não é dado brincar com as coisas espirituais. Ao espírita basta o chamado. À medida que nos aproximamos de uma Casa Espírita cresce a nossa responsabilidade com as coisas espirituais. É preciso se faz que todos lutem para que o homem, ainda no corpo físico, encontre a paz de uma consciência tranquila. Lá fora, distante da Casa Espírita, muitas vezes o chamado materialista Lhes cobre a visão, mas quando olhamos para o alto e cremos que além da matéria existe um outro mundo, não temos o direito de ficar distante dele, negligenciando saber o que existe de verdade em tudo o que nos cerca e que infelizmente a matéria não nos permite enxergar. Amanhã teremos nova aula, onde cada um de nós atentamente buscará em O Livro dos Espíritos o saber que tanto nos enobrece o espírito. E cremos que cada leitor desse livro também será beneficiado. Que a paz esteja em nós para hoje e sempre.

Olhei o orientador com tanto carinho que ele me sorriu. Virgílio era o seu nome, nome querido por todos nós, pelas proveitosas aulas a nós oferecidas. A brisa embalava os nossos cabelos. Era Deus, que nos dava o Seu ósculo de Pai amoroso.

27

OCAJ, A ENCICLOPÉDIA DO AMOR

À medida que ganhávamos o pátio, sentia-me o mais feliz dos homens.

Com os braços levantados, corri pelos belos prados, orando, eufórico: “Deus, Pai amado, eu Te amo na dor e na alegria! Força de amor que embala meus sonhos, eu Te amo, Deus, porque como meu Criador nunca me decepcionaste. Sempre foste a luz da minha vida. Eu Te amo, meu Deus, porque és o grande amigo de Teus filhos. Pai amado, sinto Tua presença nesta árvore que abraço, nesta tenra hera que me beija os pés. Eu Te sinto ao meu lado, no perfume destes jasmims que, junto ao verde, formam um harmonioso quadro; nas cascatas de águas cristalinas que ao tocarem ao chão cantam uma cantiga de louvor a Ti. Eu Te encontro em toda parte: no sol que me aquece, nas estrelas do céu, na lua serena que nos convida a sonhar! Como Te amo, meu Deus, ao sentir o solo firme deste mundo onde estou e que muitos encarnados julgam não existir! Como Te amo, meu Deus, por tudo: pela brisa refrescante, pelas florestas sombrias, pelo cantar dos pássaros, pelo perfume das flores, por isso e, mais ainda, pela vida. Eu vivo, meu Deus, porque sou Teu filho. Ao caminhar pelos vales da morte sinto igualmente a vida que emana de Ti. Obrigado, meu Deus, por me teres consentido divisar este Educandário, cercado de montes floridos, de lagos e fontes, onde as flores, beijadas pela brisa, cantam felizes. Pai amado, eu Te amo!”

— Ele também nos ama muito.

Parei de pular e rodar, pois havia esbarrado em Ocaj, também chamado de Jacó, mas seu verdadeiro nome ele guarda em seu coração humilde.

— Como vai, amigo? — perguntei.

— Feliz, por encontrá-lo louvando a Deus na natureza.

— Irmão Jacó, como pode o encarnado julgar que, ao deixar o corpo físico, o homem morre? Que seria da Humanidade se o irmão houvesse morrido de verdade, pois existem em cada século poucos homens igual ao amigo.

— Luiz, é mais fácil ignorar a verdade do que enfrentá-la. O materialismo é tão grande que o homem foge dos fatos espirituais, porque estes o convidam a ir deixando pouco a pouco o corpo físico; e o materialista é escravo dele.

— Fico muito triste quando vejo amigos meus ainda encarnados dizerem: “coitado do Luiz Sérgio, morreu tão moço!...”

Irmão Jacó sorriu:

— Comigo acontece o mesmo; muitos dizem: “coitado, por que o mataram? Ele já estava tão velho, logo ia morrer mesmo!...”

— Sei que é um sonhador, para o irmão não existe homem mau. O que me diz do Brasil, onde o tráfico de drogas arrebatou o troféu de campeão do mundo?

Onde o traficante se esconde em ricos palacetes, fazendo vítimas a cada dia, sendo as crianças as mais atingidas?

— Luiz, o Brasil é a pátria do futuro, e logo o Pai vai dar um basta. Veremos cair as pedras das encostas, as casas levadas no vendaval, o mar com suas ondas bravias jogando para o alto a imoralidade. Os trovões e relâmpagos serão tão fortes que o homem se sentirá impotente e verá quanto tempo perdeu ficando longe de Deus. Os gritos serão tantos!... Mas Deus estará presente e uma nova aurora de esperança e paz reinará no país. Onde estiver alguém tentando usar a violência, estático ficará, porque o poder de Deus irá manifestar-Se. As folhas cairão das árvores, o vento será forte e eles, os ímpios, verão que o dinheiro não salva, principalmente suas almas e, desesperados, abraçados com a droga e os milhões acumulados, nada poderão fazer, porque crescerão à sua frente os obstáculos. Mas o homem do povo, aquele que com seu suor batalhou para sustentar a família, estará salvo, porque Deus é justo. Depois da varredura virá a festa, quando o país deixará para trás os corruptos, os traficantes, os enganadores e eles, em grito, clamarão: Senhor, Senhor! Mas o Pai, bondoso que é, os alojará num novo barco, em nova ilha, onde terão de trabalhar para se salvar, ou melhor, manterem-se vivos. Tudo isso acontecerá antes do ranger de dentes, antes que o calendário complete o ciclo.

— Não sabia que fazia previsões, irmão Jacó!

— Não faça previsões, Luiz, mas sei que a lei é implacável para com todos os que traem os planos de Deus.

— O irmão está coberto de razão. A turma está abusando, o tráfico está ultrapassando todas as barreiras morais da sociedade. A imoralidade toma conta, fazendo suas vítimas. A falta de respeito é tanta que não sabemos mais onde está a família. Os pais, estupefatos, não sabem como segurar seus filhos, porque hoje tudo é permitido e o modismo está aí. Se eles são contra isso, geram a revolta, são taxados de quadrados e até de ignorantes.

— É isso mesmo, Luiz, tudo hoje é permitido, poucos ainda buscam a família como o pão de cada dia. Estava te procurando e só agora te encontrei — falou Tomás, que chegava acompanhado de Siron e Arlene.

— Julgamos que ainda te encontravas voando, voando nas asas dos sonhos — brincou Siron.

Todos cumprimentaram Jacó e ele, com seu belo sorriso, observou:

— O menino Luiz Sérgio cantava um louvor a Deus. Inebriado, curvei-me diante dele, e agora estávamos a conversar.

— Conversar com o irmão é o mesmo que consultar a enciclopédia do amor — expressou-se Arlene, com carinho.

— Minha face se contrai diante do elogio, mas meu coração bombeia o sangue e logo coroo de vergonha por consultar minha consciência e lá encontrar ainda muitos defeitos no meu espírito.

— Irmão, qual deve ser a luta de um governante contra a miséria? — perguntei.

— Quando encarnado, fui convidado para o lançamento da pedra fundamental de uma universidade e lá estavam as autoridades do país. Fiquei consternado ao ver marajás vestidos de seda e colares de pedras preciosas, braceletes de ouro, enfim, as autoridades estavam vestidas de acordo com o que recebiam.

Apercebi-me de que ali estava a causa da escravidão e da miséria reinantes, O que deve fazer um governante para que seu povo viva dignamente? Não deixar que o prestígio, a riqueza e o poder esmaguem o homem. Em quase todos os países a miséria caminha lado a lado com o poder.

— O que o irmão acha disso? — inquiri.

— Não cesso de orar para que surja neste mundo um grande espírito que derrube as fronteiras, que salve as vidas, que tenha piedade dos miseráveis e que lute pela paz da Humanidade.

— E o anti-Cristo, quando chegará?

Ele sorriu e ficou alguns segundos em silêncio. Confesso que estava ficando impaciente.

— Ele aí está, há muito vem crescendo em poder, primeiro humano, depois econômico, e cada vez mais penetrando todos os países e estes o menosprezando, porque jamais o julgam capaz de levantar exército, mesmo assim ainda o ajudam. E ela vem, a Besta, gerando as guerras e desejando dominar o mundo.

— Irmão, isso não vai ter fim?

— Sim, no dia em que a Humanidade entregar-se a Deus. Até lá, escrava do consumismo, ela sentirá o fogo caindo do céu e as águas correndo pelas alamedas.

— Quê fazer, irmão?

— Dar ao homem o que ele muito necessita: elucidações sobre Deus. O homem precisa urgentemente buscar Deus e, em comunhão com Ele, orar para que as águas dos rios mudem de direção, que as aves de fogo joguem rosas em vez de bombas. Precisamos orar para que a Terra destrua o poder da Besta. Enfraquecida, ela não terá meios de dominar o homem. Sopra o vento no oriente, multiplicam-se as sementes por ele jogadas no mundo todo. Mas a Besta, soprando fogo como se dragão fosse, pode ter barrados os seus passos por almas ligadas ao Cristo. Só o amor entre os povos poderá fazer cessar o crescimento da Besta.

— Irmão, o povo, cada vez mais sofrido, espera tanto! Não será por demais cruel só pensar em coisas más para o futuro?

— Menino Luiz, desde que o mundo é mundo o homem não está contente com o que tem. Os países ricos ou gananciosos lutam para aprisionar as nações mais humildes.

E os países onde a miséria é um fato triste levam o seu povo à descrença e aí ele busca a cultura de outro povo. É desastroso se esta cultura aprisiona, mata e destrói a liberdade. Cada governo deve tudo fazer para o bem social de seu povo. Amor, trabalho e esperança são armas poderosas contra a miséria e o fanatismo ideológico.

— No seu país a miséria é algo assombroso — disse Luanda.

— É verdade. Mas a irmã se refere à miséria do país onde vivi a minha última encarnação, porque hoje meu país é a Terra e minha família o Universo. Lá, mesmo tropeçando nos miseráveis, a conscientização do dever para com eles existe, nem que seja em uma minoria de autoridades sonhadoras. Em outros países pobres a miséria toma conta não só do pobre, mas da classe média e também da rica. Sabem por quê? Muito distantes se encontram de Deus: o pobre não aceita a pobreza, a classe média foge da pobreza e luta para se tornar rica, e a rica cada vez mais dependente do materialismo.

— O irmão acha certo gostar de ser pobre?

— Pobreza não é demérito quando se luta pela dignidade. Existem muitos pobres dignos e essa dignidade de que falo é aceitar-se viver com o que se tem. Os assassinatos muitas vezes partem da revolta daqueles que têm muito pouco.

— Como é problemático esse assunto! Sempre pensei que o tóxico era a Besta tão falada no Apocalipse, e agora o irmão diz que ela já está começando a dar os primeiros passos. Será um governante, ou uma nação?

— O tóxico, Luiz, existe, porque existe a ganância. O traficante é incapaz de em qualquer momento pensar que o tóxico mata e aleija a sociedade, ele só pensa no lucro que a droga lhe dá. Mas com o fortalecimento da família, da busca da espiritualidade, o tóxico deixará de ter essa força que tem hoje. Na hora em que a juventude se conscientizar da vida presenteada por Deus e buscar n'Ele o refúgio, os traficantes cairão diante da força das verdades espirituais. Até lá, defrontar-nos-emos com o sexo e o tóxico de mãos dadas, ceifando muitas vidas.

— Onde foi que o irmão conseguiu dados sobre o domínio da Besta?

— Na Universidade Maria de Nazaré, onde as portas do saber se abrem para os Espíritos de boa vontade. Em Lucas, Capítulo 11º, versículo 28, encontramos: Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a praticam. Se a terra desse ao homem o conhecimento da sua origem e este constatasse como é frágil o seu corpo físico, talvez se respeitasse mais. Então as guerras não existiriam. Sei que os irmãos estão querendo saber mais sobre a Besta do Apocalipse. No Apocalipse, Capítulo 12º, versículo 4: E o dragão parou diante da mulher, que estava para dar a luz, afim de devorar o seu filho, logo que ela o tivesse dado a luz. O grande dragão vermelho representa o controle da natalidade.

— Irmão Jacó, quantos ensinamentos encontramos no Antigo e no Novo Testamento! Prometo-lhe estudar o Apocalipse para compreender mais as suas palavras.

— Sendo um grande e respeitado pacificador, falou Tomás, é por isso que estuda tanto o futuro da Humanidade? E no seu grupo de abnegados Espíritos que lutam contra a não-violência não estão fazendo algo para conter a Besta?

— A programação final está traçada e será colocada em prática brevemente. Se os homens buscarem a moralidade e o amor, um novo caminho surgirá, um caminho bem aventurado e glorioso. Mas hoje a Humanidade está diante de uma encruzilhada: ou busca o caminho da justiça com Deus, onde o crescimento moral nos leva a Ele, ou o caminho da injustiça, onde, prisioneira dos vícios, escrava do sexo e do consumismo, caminha rumo à dor e ao desespero. O Capítulo 20º, versículo 7, diz: E quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá e seduzirá as nações que estão nos quatro ângulos da terra, a Gog e a Magog, e os juntará para a batalha, o seu numero é como a areia do mar.

— Esta passagem simboliza o país de onde sairá a Besta. Gog e Magog são os símbolos dos chefes de todos os pagãos. Leiam bem este Capítulo. A Besta surgirá de uma nação não-cristã. Primeiro o país é prisioneiro da sua cultura e da sua política, depois seduzirá as nações que estão nos quatro ângulos da terra, e economicamente chegará até os confins da Terra. Muitos fogem de Deus, por praticar iniquidades; buscar a oração e o trabalho em prol do próximo é, para eles, fanatismo, mas será muito bom para a Humanidade se ela descobrir o Consolador, a

Doutrina que explica a vida e a morte, que reduz o homem à sua insignificância quando encarnado e o eleva à sua grandeza como espírito imortal. Se cada ser conscientizar-se do seu valor como filho de Deus, uma nova luz descerá sobre a Terra. Os espíritos chamam o homem para a busca da verdade, mas mesmo assim muitos dos que se encontram na Doutrina dão muito pouco para Deus. E a Doutrina Espírita é o último chamado para a transformação do ser, enraizado no erro do ontem. Queira Deus os espíritos se preocupem mais em orientar os homens, pois é o dever de todos aqueles que adentram este educandário de luz, que é a Doutrina Espírita. Ela veio para que o homem se tornasse cada vez mais liberto do corpo físico. Se todas as Casas Espíritas converterem ao menos algumas almas para Deus, Ele, como Pai amoroso, ficará muito feliz.

— Irmão — falou Arlene —, a Doutrina é muito atuante só no Brasil, e seria preciso que toda a Humanidade se tornasse espírita...

— Irmã, em vários países a Doutrina germina em muitos lares e mesmo aqueles que não seguem os preceitos doutrinários crêem na imortalidade da alma, na obsessão, na reencarnação e possuem conhecimento da lei de ação e reação, portanto já estão tentando tornar-se verdadeiros filhos de Deus.

— Muitos julgam difícil ter uma vida espiritualizada vivendo na matéria. O que o irmão pode dizer a essas pessoas?

— Se a nossa fraqueza nos faz cair muitas vezes, não percamos a fé, um dia encontraremos força para dominar a carne e saberemos saborear o gosto da vitória. É bem comum o nosso espírito nos impelir numa direção e a carne nos impelir em direção contrária. Todavia essa libertação pode ser obtida através da vontade de servir a Deus. Hoje a Terra enfrenta dias e horas de terror, os vícios tomam conta da Humanidade, principalmente das crianças e dos jovens, e recebem como denominação “tempos modernos”. Assustada — porém passiva — a sociedade vive momentos dramáticos. O sexo é um dominador arbitrário que faz com que suas vítimas sejam levadas ao ridículo. Por que isso está ocorrendo? Realização das profecias? Claro que não, O que está acontecendo é que o homem em vez de se libertar da matéria, deslumbrado com os prazeres da carne, se apega a ela, e está cada vez mais distante do mundo espiritual. Mas a dor, que caminha passo a passo com o corpo físico, aí está: cruel e implacável. Para o homem encarnado atingir a libertação, ele terá de crucificar a carne, para que o Espírito se liberte. Enquanto a carne dominar, impregnando o Espírito de luxúria e egoísmo, o homem viverá como mendigo das coisas espirituais. A busca das verdades do Espírito deve tornar-se um dever de toda a Humanidade. Como é possível tornar-se inteligente se desconhece a razão da própria vida? Buscar a verdade é um dever de cada homem. Ele tem de saber como se processa a vida física, como ocorre a morte, quem faz florir os campos, quem é o Arquiteto do Universo. Por mais inteligente seja o homem, ele se torna um inseto, sem sabedoria diante da grandeza da Criação. Não precisa muito, basta meditar no desenvolvimento físico de um recém-nascido, na beleza do Universo. Mas ele ainda não medita sobre a vida e sobre a morte. Se isso ocorresse, o bom senso nos ajudaria a perceber que não devemos emaranhar-nos em coisas que não podemos compreender mas que temos por obrigação buscar o princípio de tudo para chegarmos ao final da estrada.

— Irmão, explique melhor.

— Sérgio, muitos homens dizem-se espiritualistas, mas por comodidade vão-se emaranhando por caminhos tortuosos, dizendo-se em busca da verdade, quando as coisas do Espírito são tão claras, nada detém o seu brilho. O nosso dever está em viver de acordo com a verdade na medida em que a percebemos. Mas ninguém tem o direito de obrigar outros a viverem assim como eles a enxergam.

— Complicado... — falei.

— Não, irmão, não é complicado. O homem é que complica tudo, devido à imperfeição que carrega. Às vezes, buscando a verdade, deixamos de ser verdadeiros. Sou de parecer que todos nós podemos nos sentir filhos de Deus quando deixamos de ter medo dos homens e buscamos a verdade n'Ele. A vida me ensinou que para um adepto da verdade o silêncio faz parte da disciplina espiritual.

— Hoje, com pesar, constatamos que existem muitas divergências entre alguns ditos espíritas — falou Siron.

— Divergências de opiniões não devem ser motivo para hostilidade. Se assim o fosse, não teríamos lares e, sim, hospícios. Tive vontade de rir, lembrando de alguns lares que conheço que basta a mulher dizer: é preto, para o marido retrucar: é branco.

— Creio, irmão Jacó, que essas divergências atrapalham o Espiritismo, observou Luanda, quando ele veio para abrir a porta do túmulo. Não chegam os ataques das outras religiões contra os espíritas, e ainda os próprios espíritas são trucidados pelos próprios irmãos? Essas brigas a que levam, irmão Jacó?

— Peçamos a Deus que purifique os nossos corações retirando a mesquinhez, a vileza e a fraude, e Ele certamente atenderá ao nosso pedido. É muito triste nos considerarmos os donos da verdade e para provar isso levantarmos a mão para esbofetear o nosso próximo. Na Doutrina não deve existir isso; se não nos unirmos, logo sentiremos a bandeira de Jesus indo para outras mãos, onde a união pela fé é cada vez mais forte.

— Ah, não!... Eles são tão fanáticos e intransigentes, chegam a pensar que são os únicos filhos amados por Deus...

— É verdade, Luiz, mas em igreja onde não reina a paz Deus não Se manifesta. Ele não seria Deus, se permitisse que as Suas criaturas brigassem por Sua causa. Por isso digo: os espíritas precisam se unir e as Casas adotarem normas de busca à verdade, deixando para segundo plano o contato com os ditos mortos. A vida espírita é uma série de responsabilidades, e nem sempre é fácil praticar o que na teoria se enxerga como verdade. As brigas religiosas são muito violentas e tudo o que gera violência não é de Deus. O verdadeiro espírita deve estar disposto a renunciar em defesa dos princípios doutrinários, mas isto não lhe dá o direito de praticar a violência, seja escrita ou falada, porque logo teríamos pesando sobre nós uma campanha cruel de desmoralização, e os espíritas seriam pegos de surpresa, guerreando entre si, deixando a porta aberta para os opositores do Espiritismo. Quando o espírita for incapaz de praticar o mal, quando nenhuma palavra áspera ou arrogante abalar, por um momento sequer, o seu mundo mental, ele estará apto para falar dos Espíritos e dizer à Humanidade: a morte é a vitória do espírito para que ele viva eternamente. Enquanto não possuímos essas conquistas morais, não poderemos atirar pedras nos frutos da árvore da Doutrina, mesmo que estes frutos estejam estragados. Só os covardes são violentos. Os filhos de Deus são humildes e

não fogem do perigo, embora atacados e menosprezados pelo ideal que carregam no coração.

— Irmão, me dá uma tristeza presenciar tantas brigas! De um lado, os intransigentes; do outro, os polêmicos, os donos da verdade, os briguentos. E os que ficam nesse fogo cruzado não sabem o que fazer...

— Quem trabalhar com esforço não perecerá. Quem tem uma fê raciocinada confia no dia de amanhã, e nada melhor que o tempo. É ele que faz mover os ponteiros do relógio, é ele que dá ao homem a juventude e a velhice, é ele, o tempo, que mostra os escolhidos de Deus. Podemos olhar com piedade os que brigam em defesa do Cristo, mas jamais devemos levantar uma espada em nome d’Aquele que foi o mais humilde dos homens: Jesus Cristo. O tempo é senhor da razão, deixa-o passar e fica o que tem de ficar. Palavras, palavões, muitas vezes gritos violentos, são como o trovão: amedrontam, mas logo passam. Desejo a todos vocês, os que trabalham na Doutrina Espírita, buscando a orientação neste Educandário, também aos seus leitores, Luiz Sérgio, que estão em busca de orientações espirituais, que todos, ao encontrá-las, lembrem-se de que Deus é o Senhor que faz com que no Universo todos sejamos irmãos; como Pai amoroso Ele usa o perdão infinitamente e graças a Ele não somos assassinados nunca, nem pela doença nem por mãos violentas nem por fraqueza da alma. Ele, sendo vida, deseja que tenhamos vida eterna. Mas para não morremos de vergonha pelas oportunidades que nos são oferecidas e não aproveitadas, devemos buscar no hoje o remédio para a não-violência. Esse remédio está bem ali, mais perto do que imaginamos, é só buscá-lo e depois ter o cuidado de ir tirando pouco a pouco cada imperfeição da nossa alma. Esse remédio são os esclarecimentos que a Doutrina Espírita oferece àqueles que a buscam. Diga aos seus leitores que os livros são como estrelas na noite escura da nossa alma; mas que ao lê-los temos por obrigação pôr em prática todo o amor que eles nos dão.

— Irmão Jacó, e a Besta do Apocalipse? — voltei a indagar.

Ele nos sorriu, em reverência, mas antes citou:

Um dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres, nas cabeças sete diademas. Fez reverência e buscou o silêncio dos bosques. Quando ele sumiu, orei bem alto:

— Por favor, Deus, afastai da Humanidade a besta do ódio, da ganância, dos vícios e principalmente das guerras. Deus, tende complacência para com todos os que perambulam pelos vales da vida e da morte. Por favor, Deus, tende piedade de todos os que não Vos conhecem. Nós Vos amamos muito.

LINGUAGEM, NATUREZA E IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

— Luiz, por que vocês o chamam de Ocaj ou Jacó? — indagou-me Arlene.

— Acharmos que o seu nome poderia causar polêmica, e a mensagem do espírito é a sua identidade.

— Mas muitos julgam que ele é velho, marajá, oriental, de turbante e tudo.

— Coitadinho, a sua humildade jamais permitiria que usasse turbante adornado de pedras. Ocaj é um cajado de flores que deixa o seu perfume por onde passa. Foi na Terra um grande lutador pela liberdade dos oprimidos.

Tomás chamou-nos à realidade:

— Depois dessa aula sobre o Apocalipse, é muito justo que busquemos o Educandário.

— Você viu, irmã, como a corda arrebenta onde a gente não espera? — comentei, acercando-me de Luanda.

— Sempre ouvi dizer: “corra dos bois mansos que livre estará dos bravos”, retrucou Luanda.

Fomos caminhando, cantando esta canção:

*Educandário de luz,
Força da nossa Doutrina,
Aqui, com Jesus,
Ele nos ensina,
A viver melhor,
Sempre em busca,
Do nosso ideal,
Educandário amado,
Precisamos de ti,
Os livros procurados,
Encontramos aqui,
Os livros procurados,
Encontramos aqui.*

Quem mais cantava era eu. Chegamos quase na hora do início das aulas. Paramos, oramos, só então adentramos o salão. A beleza daquele auditório me fez pensar: “na Crosta existe o primeiro mundo, sonhado por muitos países atrasados, mas ele nada é diante do verdadeiro mundo, o espiritual, com suas belezas naturais, com o avanço tecnológico, enfim, só mesmo vivendo aqui para compreender a grandeza de Deus”. A aula teve reinício: estudo da Introdução de O Livro dos Espíritos, item 10: Quem se reportar ao resumo da doutrina, acima apresentado, verá

que os próprios Espíritos nos ensinam não haver entre eles igualdade de conhecimentos, nem de qualidades morais, e que não se deve tomar ao pé da letra tudo quanto dizem. As pessoas sensatas incumbe separar o bom do mau. Deste trecho o orientador deverá extrair o mesmo assunto da Parte 2ª, Capítulo 1 — Diferentes ordens de Espíritos, questão 96: São iguais os Espíritos ou há entre eles qualquer hierarquia? “São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição a que tenham alcançado.” Daqui o orientador partirá em busca de O Livro dos Médiuns, Capítulo X: Da Natureza das Comunicações, estudando todo o Capítulo, assim como em O Livro dos Espíritos, a Escala espírita, questão 100. E o orientador pode ainda buscar em A Gênese, Capítulo 1º, item 10: Só os Espíritos puros recebem apalavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências. (...) Depois, para que o grupo aprenda a pesquisar, o dirigente pode procurar também no livro No Invisível, de Léon Denis, parte 2ª, Capítulo 21º — Identidade dos Espíritos. Se o orientador gostar do seu trabalho, deve ir mais além, mas note bem: só serão consultados os livros respeitáveis da Doutrina. Poderá estudar também o item 11 até o 15, da Introdução de O Livro dos Espíritos, que são a continuação do 10. No item 14: Passariamos de longe sobre a objeção que fazem alguns cépticos a propósito das falhas ortográficas que alguns Espíritos cometem. (...) Neste item encontramos muitas explicações. Uma delas: Para os Espíritos, principalmente para os Espíritos superiores, a idéia é tudo, a forma nada vale. Mais informações iremos buscar em outras obras. Em O Livro dos Médiuns, Capítulo 19º, encontramos muito esclarecimento sobre as comunicações espíritas. Quando desejamos criticar o espírito, gostamos de ridicularizar os médiuns. Agora, por que os espíritas não deixam as críticas para as outras religiões? Hoje, até mesmo através da televisão presenciamos ataques ao Espiritismo. E quando dizemos ataques ao Espiritismo, incluímos todos os que fazem as comunicações plano físico-plano espiritual. Nessas agressões, não procuram diferenciar Doutrina Espírita do espiritualismo. O que devem fazer os espíritas? Unirem-se, através do Evangelho, buscando o estudo em O Livros dos Médiuns. É nele que Erasto nos adverte, no Capítulo 20º: Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Para viver em verdade, precisa o espírita banhar-se de luz, luz esta que pouco a pouco irá queimando os miasmas da imperfeição, porque quando o espírita é egoísta, avaro, orgulhoso não busca a verdade, acha-se o dono dela, e isso só prejudica o seu espírito. Muitos espíritas, em vez de cuidar da sua Casa, plantando paz e amor, vivem atirando pedras na Casa do próximo. Em O Livro dos Médiuns, encontramos a continuação do parágrafo, também de Erasto: Efetivamente, sobre essa teoria poderíeis edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas claras e logicamente, mais tarde um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade. Muitos criticam os médiuns e quem o faz na maioria das vezes são os próprios ditos espíritas. Como pode crescer uma doutrina onde a divisão se faz dentro dela? Criticar erros ortográficos demonstra falta de conhecimento. O Espírito sopra onde quer e fala do modo que deseja. A velocidade da psicografia muitas vezes leva o médium a alcançar outra dimensão, onde a

ortografia fica esquecida porque, na velocidade com que escreve, torna-se quase impossível uma maior preocupação com ela. Na Introdução, item 14, de O Livro dos Espíritos: Para os Espíritos, principalmente para os Espíritos superiores, a idéia é tudo, a forma nada vale. Livres da matéria, a linguagem de que usam entre si é rápida como o pensamento... O item 15º trata ainda do mesmo assunto e deve ser estudado com critério. Basta de sermos chamados de loucos. Muitas vezes a culpa é dos espíritas sem conhecimento, que semeiam o medo, culpando o Espiritismo por tudo de mal que lhes acontece. E nem tudo é obsessão, muitas vezes a chamada obsessão é falta de disciplina, de amor ou mesmo de educação. No final deste item da Introdução, encontramos: Bem frágil seria a religião se, por não infundir terror, sua força pudesse ficar comprometida. Felizmente, assim não é. De outros meios dispõe ela para atuar sobre as almas. Mais eficazes e mais sérios são os que o Espiritismo lhe faculta, desde que ela os saiba utilizar. Ele mostra a realidade das coisas e só com isso neutraliza os efeitos de um temor exagerado. Sim, a Doutrina Espírita é alegria, porque liberta. Ela não pode mandar ninguém para o inferno, como fazem outras religiões. A Doutrina dá ao homem condição de conhecer-se a si mesmo e procurar mudar para ser feliz. A consciência é despertada à medida em que a Doutrina a ilumina. A loucura pode ser consequência de um desequilíbrio espiritual, mas pode também ser causada por uma predisposição orgânica do cérebro. Chamar os espíritas de loucos não deixa de haver certa razão, o verdadeiro espírita torna-se um missionário da fé e da humildade, e todos os missionários foram chamados de loucos e mentirosos, o maior deles: Jesus Cristo.

Preparei-me para fazer algumas indagações, mas o orientador continuou:

— Ainda encontramos no item 16 da Introdução de O Livro dos Espíritos um estudo para os médiuns: Segundo a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos seriam apenas efeitos magnéticos. Como pode o médium ter a certeza de que parte dele ou dos assistentes todas as manifestações produzidas nele? Buscando o estudo. E existem melhores livros do que O Livro dos Médiuns, O Livro dos Espíritos, enfim, toda a Codificação? Devemos também consultar o livro No Invisível, de Léon Denis, Capítulo 25º, O Martirológio dos Médiuns. Os medianeiros terão ainda por muito tempo de sofrer pela verdade. Os adversários do Espiritismo continuarão a difamá-los, a lançar-lhes acusações, procurando fazê-los passar por desequilibrados, por enfermos, e por todos os meios desviá-los do seu ministério. O orientador deve estudar todo esse capítulo do livro de Léon Denis. Hoje, principalmente no Brasil, quase todos os médiuns são desacreditados. Poucos são aceitos, os outros são “o resto”. E não é verdade. Chegam a dizer que a Espiritualidade Maior já disse tudo o que tinha para dizer, que nada mais o mundo espiritual tem para revelar e que, com o desencarne dos médiuns conhecidos, junto com eles vai a mediunidade. Que disparate! Bem sabemos que o Espiritismo acompanha a Ciência. Justamente hoje, que o mundo vive a era da transformação, somente o Espiritismo nada tem para apresentar de novo? Outros ainda dizem que a mediunidade está no fim e não aceitam nem os médiuns conceituados, chegando a atacá-los até sem os conhecer. Quando fazemos isso na Doutrina, estamos indo contra ela e a favor de outras seitas que hoje usam os meios de comunicação para atacar o Espiritismo, levando à televisão médiuns desequilibrados e doentes. Enquanto isso, no próprio movimento espírita se levanta

uma nova inquisição de caça às bruxas, ajudando mesmo essas seitas, que tudo fazem para desmoralizar o Espiritismo. Se existem médiuns desequilibrados, a culpa é da falta de amparo a eles, as Casas Espíritas são os hospitais que podem ajudá-los com o remédio poderoso do aprendizado. Arrancar a semente que está germinando, sem antes colocar o adubo, é não ajudá-la a tornar-se uma árvore frondosa, é falta de conhecimento da Doutrina. Este Educandário tem por finalidade fazer brilhar em todas as bibliotecas, espíritas ou não-espíritas, os livros da Codificação, mas para isso, para que eles sejam compreendidos por pessoas simples, necessitamos daqueles que mais experiência e tempo têm de aprendizado. A preocupação é imensa, pois o Brasil recebeu uma auréola como o país do Evangelho, o celeiro do mundo, e estamos sentindo os espíritas portando-se como estavam os apóstolos na hora da traição de Judas: desiludidos e temerosos. Caifás, Pilatos e Anás riam e festejavam a vitória, enquanto Jesus, sozinho, caminhava para o suplício. Pedro O negara e todos haviam fugido. O Cristianismo só cresceu no dia em que os apóstolos se uniram, crendo na doutrina do Cristo como o Caminho, a Verdade e a Vida. Para muitos espíritas, o Cristo ainda está na cruz e o medo de se comprometerem com o estudo os está levando a se dividirem. Precisamos urgentemente que cada um tome conta das Casas do Caminho e que todos falem um só idioma: o do Cristo. Só assim o Espiritismo, baseado na Codificação, tornar-se-á uma doutrina compreensível tanto aos simples quanto aos cultos, todavia se uma parte do templo estiver tombado, dificilmente a pátria do Evangelho será perfumada pelos espíritas. Não existe vitória com exército dividido, brigando entre si, procurando desmoralizar os seus soldados e só tendo valor os que têm o peito coberto de estrelas de ouro ou de aplausos. No exército do Cristo todos somos iguais, pois todos temos direito ao trabalho e recebemos d'Ele o talento, que ninguém tem o direito de destruir. Ainda no Capítulo 26º, do livro de Léon Denis, encontramos: A cada página da Bíblia, encontramos textos que afirmam a mediunidade sob todas as formas e em todos os seus graus. Está nas mãos dos espíritas sérios, estudiosos, conhecedores do Espiritismo orientar, ajudar, esclarecer os médiuns iniciantes, sem conhecimentos doutrinários ou obsidiados, e não os queimar com o fogo do descrédito, da crítica, do ridículo. Deixemos isso para as outras seitas, que o farão com muito prazer. A responsabilidade é de todos os espíritas. Se em alguns o peso em seus ombros é maior, é porque têm por tarefa difundir a Doutrina, levando ao povo, aos Centros Espíritas, o conhecimento das obras básicas, ensinando como se faz com uma criança, segurando em suas mãos, com método didático, para que todos compreendam a beleza que Jesus entregou a Allan Kardec — a Codificação, e não fiquem trancafiados em suas belas bibliotecas, colocando a luz embaixo do alqueire, deixando de abraçar um confrade, mesmo que ele hoje ainda nem conheça o estudo sistematizado da Doutrina. Mas, quem sabe, o abraço não seja a Introdução de O Livro dos Espíritos, que irá tirar dos seus olhos a venda que ainda o distancia da Doutrina.

MEDIUNIDADE DISCIPLINADA

No Capítulo 17º de A Gênese, de Allan Kardec, item 59, lemos: Nos últimos tempos, diz o Senhor, espalharei do meu espírito por sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos.

Este trecho foi tirado do Ato dos Apóstolos, Capítulo 2º, versículos 17 e 18, e do Antigo Testamento, Joel, Capítulo 2º, versículos 28 e 29. Ainda em A Gênese, item 61: É a predição inequívoca da vulgarização da mediunidade, que presentemente se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; a predição, por conseguinte, da manifestação universal dos Espíritos, pois que sem os Espíritos não haveria médiuns. Isso, conforme está dito, acontecerá nos últimos tempos; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas, ao contrário, à época da sua regeneração, devemos entender aquelas palavras como indicativas dos últimos tempos do mundo moral que chega a seu termo.

Os médiuns não foram criados pelo Espiritismo, eles sempre existiram, desde os primórdios da Humanidade; todavia, a Doutrina Espírita veio para orientá-los, evangelizá-los, torná-los disciplinados, enfim, trabalhadores do Senhor, buscando a verdade e expulsando dos seus espíritos, embrionários nos erros, as tendências inferiores do orgulho, da avareza, do egoísmo, da vaidade. Hoje os médiuns são mais felizes, eles têm meios de saber por que são médiuns, qual a sua tarefa, por que têm de ser dignos tarefeiros do Cristo. Médiuns desequilibrados são os que não se interessam pelo estudo, pois a Doutrina Espírita coloca nas mãos de todos eles a bússola que os leva ao final do caminho, sem desvios ou atalhos. Mas, infelizmente, por falta de conhecimento doutrinário, algumas Casas fazem da mediunidade um tabu, ora desmoralizando-a, ora endeusando-a. Sem dar ao médium iniciante elucidações certas de como deva proceder, somente lhe dizem que ele tem um, ou todos os tipos de mediunidade; e o coitado vai tateando no escuro, longe do roteiro certo, que é o estudo sistematizado da Doutrina.

Uma luz foi acesa. O jovem Tadeu perguntou:

— Por que as Casas Espíritas não dispõem de um método único de estudo da mediunidade? Cada Casa estabelece o seu sistema e os dirigentes dos grupos os seus roteiros de trabalho.

— Irmão, a Casa deve adotar as obras básicas, com orientadores capazes — é bom que se frise bem isso: os orientadores das Casas Espíritas têm de possuir muito conhecimento doutrinário, para evitar que coloquem o seu próprio raciocínio, podendo conduzir os iniciantes à fé não raciocinada.

— Como fazer? — indagou, ainda, o jovem.

— Seguir sempre a orientação doutrinária, continuando o estudo junto ao seu grupo com livros da Codificação e complementares, sem jamais procurar desmoralizar quem quer que seja, mesmo se no seu grupo surgir alguém em desequilíbrio. Lembremo-nos de que os pais se preocupam muito mais com os filhos problemáticos do que com os saudáveis. Assim, o orientador deve dar ao doente o que ele necessita: amor e remédio, e nos livros da Codificação o médium irá encontrá-los. Voltamos a dizer: se os espíritas não se unirem, logo serão apedrejados pelas seitas fanáticas que ora crescem no Brasil. Os umbandistas, os de candomblé, os espíritas, cada um deve fortalecer as suas federações e, sem dogmas, sem autoritarismo, sem divisões, lutarem para bem apresentar suas convicções espirituais. Não somente os adeptos da Doutrina Espírita hoje estão divididos, muitos outros também; cada grupo religioso pensa e age de uma maneira. E o umbandista que é sério, digno pregador da caridade e do amor, vê-se atacado, porque em outros grupos com a mesma filosofia não há um procedimento cristão. Os de candomblé também, uns falam a língua de Cristo, outros o seu próprio idioma. E nós, os espíritas, será que em todas as Casas o estudo está em primeiro lugar? Porque quem estuda e compreende a Doutrina sabe que a caridade moral é nosso dever; ou pensamos que só devemos estudar a Doutrina e nunca fazer caridade? A caridade não cobre a multidão de pecados? Uns dizem que ela não tem nada a ver com a Doutrina, esquecidos de que em O Evangelho Segundo o Espiritismo ela está presente em quase todos os seus capítulos. Outros gostam de afirmar que a mais importante é a caridade moral. Lembremos aqui que a caridade moral é dever de cada cidadão, e a caridade pregada por Jesus, tirada do exemplo do óbolo da viúva, é o único meio que o homem encontra para se salvar, porque o caridoso vai pouco a pouco desapagando-se da matéria. O caridoso que se preocupa em dar o alimento ao faminto e em vestir o nu, que se preocupa com a miséria do seu próximo, está não só cumprindo com o seu dever de cidadão, como fazendo a caridade, que é a ponte que nos liga a Deus. Como vimos, muitas Casas Espíritas também estão desunidas, e por causa disso vamos ficando apertados em um corredor estreito. Poucos terão condição de sair dele, só aqueles para os quais a Doutrina é uma lição de vida.

— Irmão, não entendo por que tanta briga entre confrades...

— Um dia todos estarão na mesma estação e aí a verdade vencerá. Feliz daquele que o orgulho e a vaidade não o transformar em um falso profeta, porque o reino de Deus pertencerá aos que souberam despir-se desses atributos negativos. Os atos de condenar e jogar pedras são a repetição dos mesmos que o povo e os sacerdotes de ontem fizeram a Jesus, aos apóstolos e aos cristãos. Nenhuma pessoa que maltrata outra em defesa da sua religião tem o nome escrito com a letra do amor no livro da História. É só compararmos com os bárbaros armados e queimando os que não pensavam como eles, e do outro lado os simples servos do Senhor saindo pelas estradas, curando, levantando os caídos e secando lágrimas, não tendo onde reclinar a cabeça, mas possuindo a consciência em paz. Jesus nos alertou a respeito dos falsos profetas. O Evangelho nos ensina a defender e a lutar pela verdade. A Doutrina nos revela a verdade e nos mostra o caminho da humildade, porque só os pobres de espírito trabalham para Jesus. Os ricos de orgulho servem somente aos templos de pedra e são escravos da sua própria vaidade. Os libertos jamais

condenam este ou aquele por não pensarem nem procederem como eles. São apenas um farol de luz onde se apresentam.

— Nos tempos modernos não é difícil nos tornarmos um espírita nesses moldes, irmão?

— Não, porque a mansidão e a humildade não tornam o homem imbecil. A imbecilidade se chama fanatismo e covardia. O verdadeiro espírita é um apóstolo de Cristo lutando pelo seu semelhante, mas antes de tudo se auto-educando. O item 17º da Introdução de O Livro dos Espíritos deve ser estudado pelo grupo por muito tempo, não interessa por quantos meses. O importante é o orientador não deixar quaisquer dúvidas. Sobre este item muitos livros da Doutrina podem ser consultados. Vejamos o item 16: A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento.

E mais adiante, referindo-se à Doutrina Espírita:

O mérito que apresenta cabe todo aos Espíritos que a ditaram. Esperamos que dará outro resultado, o de guiar os homens que desejem esclarecer-se, mostrando-lhes, nestes estudos, um fim grande e sublime: o do progresso individual e social e o de lhes indicar o caminho que conduz a esse fim. Este final da Introdução deve ser lido e relido por todos os estudiosos. O Livro dos Espíritos é a bússola que os espíritas têm em suas mãos, bússola esta que não os deixa prisioneiros no mundo do ridículo e das crendices. Ajudar um espírita iniciante a manusear este livro é o dever de cada Casa Espírita. Ai daquela que não respeitar os livros doutrinários, sentirá o ranger de dentes, pois Jesus não dá pérolas aos porcos. Quando tratarmos o chão, poderemos jogar a semente. O médium só se tornará disciplinado se buscar nas obras básicas a orientação.

O médium sem estudo é o mesmo que mastro sem bandeira.

O médium sem estudo é uma folha que o vento sopra e cai onde ele deseja.

O médium sem estudo doutrinário está sujeito ao ridículo, pois não tem condição de diferenciar o embuste da verdade.

O médium sem estudo se envaidece dos ditados dos Espíritos e nem os analisa.

O médium sem estudo usa os nomes conhecidos da Doutrina para ornamentar as mensagens por ele recebidas.

O médium sem estudo julga que nada mais tem para aprender e crê que tudo já sabe, apenas porque tem contato com os Espíritos.

O médium sem estudo é uma vidraça suja de vaidade e falta de conhecimento, que dificulta a compreensão da Doutrina.

O médium sem estudo gosta de ser endeusado.

O médium sem estudo longe se encontra da disciplina.

O médium sem estudo é como uma lâmpada sem eletricidade.

O médium sem estudo gosta de doutrinar os Espíritos e os companheiros.

O médium sem estudo é um caminhante tentando andar mil léguas, mas sem condição de andar dez passos.

O médium sem estudo é uma semente plantada em lugar pedregoso.

O médium sem estudo é um pássaro de asas cortadas.

Em O Livro dos Espíritos, Parte 2ª, Capítulo 10º, encontramos a questão 573: Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados? “Em instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as instituições, por meios diretos e materiais. As missões, porém, são mais ou menos gerais e importantes. O que cultiva a terra desempenha tão nobre missão, como o que governa, ou o que instrui. Tudo em a Natureza se encadeia. Ao mesmo tempo que o Espírito se depura pela encarnação, concorre, dessa forma, para a execução dos designios da Providência. Cada um tem neste mundo a sua missão, porque todos podem ter alguma utilidade”. A Doutrina veio para ajudar os encarnados a cumprir a sua missão. Ela não é só informação do mundo espiritual; a sua finalidade é melhorar o homem, é dar-lhe condição de compreender a cadeia da carne, e para que a Humanidade não sofra os Espíritos tentam dizer ao homem que vivam com o Cristo, que façam do seu coração o seu templo e da sua vida uma lição de amor ao próximo.

O instrutor fez uma prece e se despediu. Segurei a mão de Arlene, nós dois tínhamos os olhos rasos de lágrimas. Era o meu coração que eclodia em agradecimento a Deus por tanto aprendizado. Peguei O Livro dos Espíritos e com ele junto ao coração fui saindo devagar. Olhei aquele belo e acolhedor auditório e pensei: “como seria bela a vida se em todos os lares os seus ocupantes vivessem com o Cristo! Como seria bela a vida se os homens se amassem uns aos outros! Que bom seria!” Ao chegar ao pátio os outros já me esperavam. Tomás comunicou-me:

— Estamos chegando ao fim deste trabalho que tem apenas a finalidade de orientar os que vão a uma Casa Espírita com sede de conhecimento e muitas vezes são colocados em uma mesa mediúmica sem preparo algum. Este livro tem apenas a intenção de ajudar os humildes, que sentem dificuldade em manusear as obras básicas.

— E agora, aonde vamos? — perguntei.

— Ficaremos algumas horas livres e depois os esperarei na Ala Trinta e Três para nos despedirmos.

— Que pena! Estava tão feliz no Educandário!

— Mas a Ala Trinta e Três é também do Educandário...

— Eu sei, só que não quero é ir embora daqui.

— Isso já era de se esperar — falou Arlene. Aonde você chega não gosta mais de sair.

— É mesmo, eu sou como gato, adoro os lugares onde moro.

— Vem cá, meu gatinho... — chamou-me Luanda.

Todos riram. Dei até logo e já ia saindo, quando Siron perguntou:

— Aonde você vai?

— Navegar no lago da esperança. Por quê? Deseja acompanhar-me?

— Não, obrigado, também vou navegar, mas no lago do servir. Darei uma chegada aos postos de socorro que estão lotados. São tantos os desencarnes! É assassinato, suicídio, overdose, aborto; os samaritanos, os enfermeiros, enfim, todos os socorristas estão bastante atarefados, pois são muitos os sofredores que chegam do plano físico!

Parei.

— Sabe, Siron, não vou mais navegar, vou acompanhá-lo.

— Ó, Luiz, não é preciso. Eu é que gosto de dar plantão quando estou de folga dos estudos. Pode ir fazer o que você deseje.

— Olha bem para minha cara. Veja se sou homem de deixar meus amigos queridos com excesso de trabalho. Ninguém mais do que nós para sabermos o quanto é triste largar o fardo pesado no ombro do próximo, quando nós podemos aliviá-lo.

— Venha, Luiz, vamos até um dos pronto-socorros.

Logo estávamos todos bem junto à Crosta. Olhei aquele pequeno hospital espiritual e com pesar constatei que estava repleto de irmãos recém-desencarnados e todos por suicídio inconsciente. Em alguns, o excesso de álcool os havia levado a se excederem no trânsito, outros haviam desencarnado com overdose. Olhei aquelas crianças e pude ver que muitos meninos haviam sofrido parada cardíaca. Aproximei-me de um, com apenas doze anos, que babava muito.

— O que ele teve? — perguntei a um dos enfermeiros.

— Misturou maconha com álcool e cocaína.

— E ainda dizem que maconha não faz mal...

— É, não faz mal a quem consome, assim dizem eles. Agora, olhe: todos eles conviveram com ela e veja a que estado chegaram!

O olhar daquele menino era de pânico, pavor mesmo, dos pais saberem que ele era usuário de drogas. As horas que antecederam ao seu desencarne foram de terror. A falta de ar, a língua enrolando e o asfixiando; ninguém pode imaginar o sofrimento por que passa o espírito numa overdose. É terrível! O seu estado emocional é dos piores. E ali estava aquela criança com poucos anos de vida no corpo físico, desencarnada de maneira cruel. Olhei todos aqueles doentes, mas antes de me aproximar fui chamado por Leôncio, que me mandou segurar a mão de Marcela. Ela chorava:

— Papai, mamãe, perdoem-me, perdoem-me. Não quero morrer. Não quero morrer...

Tentei ajudá-la, mas o seu estado era desesperador. Ficamos algum tempo e depois partimos para um hospital recém-criado, o Hospital dos Aidéuticos. Nesse lugar a assistência é somente para os desencarnados com AIDS. Percebíamos alguns irmãos muito revoltados, tendo no perispírito as marcas da doença. Outros estavam mais conformados. Cheguei perto de Regina. Ela me sorriu tão tristemente!

— Como vai, querida? — perguntei.

— Bem melhor. Depois que cheguei já melhorei muito.

— Graças a Deus.

— Sabe, moço, não sei como peguei essa doença. Estava casada há um ano, quando Murilo começou a passar mal e logo soubemos que estava contaminado. Depois me dei conta de que também eu estava doente. Por que, moço, ele fez isso comigo? Por quê?...

— Perdoe, Regina, ele também deve estar sofrendo.

— Não creio que esteja sofrendo, pois morreu em pouco tempo. Eu, sim, sofri, cheguei até a ficar cega. Nunca fiz mal a ninguém, por que o meu próprio marido fez isso comigo?

Orei muito, muito mesmo, procurando acalmá-la. Quando cerrou os olhos, beijei seus cabelos e fui até um jovem de seus vinte anos. Pensei: “como estão

desencarnando pessoas jovens! Brevemente o Brasil será um país de poucos jovens, tanto são os desencarnes.

Ali, na minha frente, Carlos Henrique chorava baixinho. Segurei sua mão, mas ele a retirou:

— Deixe-me em paz, detesto beato! Não basta quando estava vivo e vocês não me deixavam em paz no hospital, tentando me salvar?

— Engana-se, irmão, quero apenas servi-lo. Está precisando de alguma coisa?

— Não. Deixe-me em paz.

Ia saindo, quando ele me chamou:

— Venha cá. Você me parece um cara legal e depois, é bem jovem. A maldita também o pegou? — e deu uma gostosa gargalhada. Acho é graça desses carolas e das propagandas mandando usar preservativos. Coitados, estão por fora. Quem lembra de usá-los na hora das orgias sexuais? E geralmente é por causa desses momentos que a gente entra bem. Difícilmente um casal bem comportado deixa de usar preservativos. Nos embalos da pesada, quando corre solta a droga, o sexo, o álcool, quem lembra de usá-los? Só um trouxa. Quase todo mundo os carrega na bolsa e na carteira, mas dificilmente um grupo que está desfrutando do prazer lembra de buscá-los para uso.

Estava a ouvi-lo, quando ele me empurrou, dizendo:

— Sai daqui, não quero ver a piedade nos teus olhos. Morro de inveja ao encontrar jovens sadios. Gostaria que todos morressem, como estou morrendo.

— Irmão, a morte não existe, tanto é que você se encontra aqui, mesmo já tendo deixado o corpo físico.

Ele apalçou seu corpo, procurando tocar as bolhas que ainda estavam no seu perispirito. Eram bolhas arroxeadas.

— Veja se morri, seu trouxa, elas estão aqui.

— É tão fácil o irmão sarar! É só pedir a Jesus, Ele é o Médico dos médicos.

— Jesus, o coitado da cruz? Se ele fosse de fazer alguma coisa, iria se safar dos caras. E o que aconteceu? Pregaram ele naquela cruz e ainda lhe tocaram um punhal no peito.

— Seus pais não lhe contaram que Ele também foi colocado no túmulo e de lá saiu? Que Ele jamais morreu, porque nós não morremos? Tanto é que você aqui se encontra e já não tem um corpo de carne.

Ele tocou seu corpo mais uma vez e depois sorriu:

— Que bom que já morri e não morri, ou melhor, que morri!

Apertei sua mão e ele apertou a minha com mais força ainda, pedindo-me:

— Volte aqui mais vezes, venha ajudar-me a sair do fundo do poço, onde me joguei de pára-quedas sem saber saltar.

— Voltarei sim, e que Deus nos ajude.

Logo estava ao lado de Viviane, que chorava e gemia muito.

— Irmã — alisei seu rosto — por que chora?

— Porque sou uma besta quadrada.

— Não diga isso, por favor, você é linda.

— Por ser linda é que estou neste estado. Vou contar-lhe a minha vida.

— Não precisa, estou aqui para prestar-lhe ajuda, e não como curioso.

— Isso vai me fazer muito bem. Desde os dez anos já desfilava. Eu era linda. Minha mãe incentivava-me a viver a vida. Tornei-me modelo, depois queria ganhar muito mais e comecei a sair com rapazes, fazer programas. Bem depressa estava no meio de um grupo de pessoas sem pudor. Cada vez mais me tornava escrava do sexo. No início exigia preservativo, mas gostava de embelezar-me, e depois de alguns copos de bebida, ninguém liga para mais nada, só procurando o prazer e ele vai-se tornando cada vez mais difícil. O álcool gera a frigidez e a impotência. Quanto mais se agrava essa situação, mais você parte para novas turmas de orgias, até que chega a sua vez.

— Irmã, então os preservativos não são usados?

— São, quando se está lúcido. Mas quem fica lúcido com uma turma da pesada?

— Você não tinha religião?

— Religião, eu? Claro que não. Minha mãe só me ensinou a me amar e a cuidar do meu corpo. Olhei aquele corpo debilitado, se nós podemos chamá-lo de corpo; emagrecera tanto que deveria pesar uns vinte quilos. Nada tinha de belo, como ela dizia.

— Você tem razão — falei —, é muito bonita, mas espero que logo esteja bem de saúde.

— Que nada! A AIDS não tem cura, e depois, eu vou é para o inferno. Você, como beato, não sabe disso?

— Não, na Doutrina Espírita conhecemos um Deus bom e amigo, que nos perdoa e nos ama.

— Peça por mim, sim?

Beije sua testa e dali saí. Os outros esperavam-me, impacientes.

— Luiz, já está na hora de voltar ao Educandário, aqui estamos a passeio.

Olhei-os, baixei a cabeça e saí andando.

— O que aconteceu, amigo? — quis saber Siron.

— Nada, apenas gostaria de gritar para todos os pais: “pelo amor de Deus, salvem seus filhos, não os deixem distantes de Cristo, levem-nos para uma Casa Espírita, onde irão aprender a se respeitar, a cuidar da sua alma. Os jovens estão morrendo, as meninas estão sendo estupradas pela sociedade, porque o lar não é mais um educandário de luz, tornou-se apenas uma casa composta de paredes, pisos e telhados, vazia de sentimentos e de respeito, onde se juntam almas somente para comer e dormir, mas todos vivendo a sua própria vida, sem diálogo, sem Cristo, sem verdades. Lar? Que lar é esse, onde ninguém renuncia em prol do outro? Onde todos querem levar vantagem, onde os pais, acovardados, presenciam o suicídio lento dos seus filhos, mas se julgam impotentes para lhes deter os passos que os levam à morte?” Gostaria de gritar bem alto: “a Doutrina Espírita tem de lutar pelas crianças e pelos jovens e tentar dar-lhes um mundo mais justo, porque estão sofrendo. Em quase todos os colégios a droga entra livremente. Ela está nos barzinhos, nos grandes clubes, enfim, em todos os lugares onde uma flor chamada juventude está-se abrindo”. Tenho vontade de aliviar os pobres pais que estão sendo agredidos não só moralmente, mas também fisicamente; as mães que passam as noites acordadas à

espera dos filhos que o traficante adotou. O que fazer, Tomás, por esses infelizes?
— perguntei, chorando.

— A oração é a única arma contra a dor e o desespero.

A ÁRVORE DO ESPIRITISMO

Voltamos para o Educandário de Luz, lugar que sempre me emociona. Como seria diferente se todas as pessoas que agridem, que caluniam, tivessem uma só aula nesta bendita casa! Fomos entrando. Caminhamos por suas imensas galerias, repletas de retratos dos grandes homens que escreveram a história de amor ao próximo no plano físico. Parei diante de Allan Kardec e pedi a Deus por todos os espíritas, principalmente aqueles que ainda não deixaram que o perfume da humildade se alojasse em seus corações.

— Luiz Sérgio — falou Tomás —, vamos para a ala trinta e três.

E assim os acompanhei. Era um auditório redondo, o palco composto de painéis eletrônicos. Depois que nos acomodamos, foi sendo mostrada a vida dos grandes espíritas, a luta de cada um para cumprir sua missão. Quantos exemplos de vida! Em um dos painéis, brilhava: Deuteronômio, Capítulo 6º: Preceito de Amor a Deus. Em outro apareciam os grandes espíritas e suas obras — obras estas que devem ser consultadas por todos — : William Crooks, Camille Flammarion, Paul Gibier, Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Alexandre Aksakof e muitos outros. As partes mais importantes para a Doutrina eram colocadas no painel. Fiquei deslumbrando com o livro Cristianismo e Espiritismo, de Léon Denis, Capítulo VIII: Decadência do Cristianismo: O Cristianismo tinha por missão recolher, explicar, difundir a doutrina de Jesus, dela fazendo o estatuto de uma sociedade melhor e mais feliz. Soube ele desempenhar essa grande tarefa? “Julga-se a árvore pelos frutos”, diz a Escritura. Reparai na árvore do Cristianismo. Verga ela ao peso de frutos de amor e de esperança? A árvore, indubitavelmente, conserva-se sempre gigantesca, mas, na ramaria, quantos galhos não foram decepados, mutilados; quantos outros não secaram, infecundos? Pensei: “a igreja fez isso com o Cristianismo. Queira Deus os espíritas não mutilem a árvore da Doutrina. O amor deve ser o único caminho de um espírita, e quem busca a Doutrina quase sempre está muito carente. Os livros eram ali expostos, assim como referências sobre os autores e suas vidas de dedicação. Logo apareceram os livros: O Livro dos Espíritos, 18 de abril de 1857; depois O Livro dos Médiuns, 1861. O Evangelho Segundo o Espiritismo, 1864. O Céu e o Inferno, 1865 e A Gênese, 1868, que constituem o Pentateuco Espírita. Neles estão organizados os ensinamentos revelados pelos Espíritos, formando uma coleção de leis. Estes livros foram escritos pelos Espíritos. Allan Kardec não criou o Espiritismo, ele foi o seu Codificador; Allan Kardec escreveu O que é o Espiritismo, Introdução ao Estudo Espírita e O Principiante Espírita. Obras Póstumas reúne os escritos e apontamentos seus, que deixou inéditos. O que é o Espiritismo foi editado no ano de 1859; Obras Póstumas, no ano de 1890. Com que

emoção apreciávamos as partes mais importantes de O Livro dos Espíritos serem iluminadas, e as letras, como que sopradas por uma brisa de amor, dançarem brilhantes diante de nossos olhos. Eram as pérolas do colar do saber que nós precisávamos e tentamos passar para você. Mas os nossos livros são muito simples, principalmente diante dos clássicos da Doutrina. Se neles existe algo que nem a todos agrada, não é culpa da Doutrina Espírita, que tanto amamos, mas deste espírito recém-desencarnado, que luta para dizer aos que ficaram alguma coisa do mundo que encontrou. Mas quero que os grandes estudiosos se conscientizem de que não existe doutrina alguma baseada na desunião. Nestes dias que estivemos no “jardim de infância” do Educandário de Luz, pudemos compreender o quanto é grande a responsabilidade dos que desejam ser os donos da verdade, porque, como o Cristianismo, a Doutrina nos foi entregue límpida e cristalina. Ninguém tem o direito de destruí-la. Não são livros simples, de linguagem pobre, que irão maltratar a árvore da Doutrina. Muito pior são as cortantes lanças que, sem piedade, os maus espíritas arremessam contra o alicerce da fraternidade e do amor da Doutrina. Todos somos responsáveis pela continuidade da Doutrina e jamais este espírito teve a pretensão de se dizer escritor. Íamos mandando o consolo aos nossos pais, depois tentamos contar o que nos estava acontecendo. E assim os nossos livros foram chegando às suas mãos, leitor amigo. Posso dizer, sem demagogia, que nós os escrevíamos para você, para consolá-lo ou alertá-lo, principalmente se você é jovem. Mas não podem nos exigir uma linguagem rebuscada. Impossível, pois estávamos conversando com você, como fazíamos quando encarnado. Este livro, o seu objetivo, é levá-lo até a cascata de luz, que vem a ser a Doutrina Espírita, onde somos apenas um raiozinho de sol, mas agradecidos a Deus, porque sabemos que os raiozinhos de sol são importantes para os que estão em trevas.

Hoje nós o convidamos a descobrir as belezas da Doutrina. O que narramos aqui é bem pouco, diante do muito que ela tem para nos oferecer. Os que se dizem espíritas têm de tomar cuidado para não deixarem cair uma folha sequer da árvore redentora. A Primeira árvore foi recebida por Moisés; a Segunda árvore plantada por Cristo, cujos frutos os pobres, os leprosos, os oprimidos, enfim, todos os saborearam. Ele, o Mestre dos mestres não deixou ninguém sem socorro. Mas muitos, julgando defender a Doutrina do Cristo, armaram exércitos e quantos desencarnaram nas guerras religiosas! Quantos foram queimados pelos ditos cristãos, defensores do Cristo, quando o exemplo que Ele nos deixou foi de mansidão e amor. Allan Kardec recebeu a semente e com humildade e fê a plantou e a viu germinar e tornar-se a Terceira árvore, cujos frutos a Humanidade tanto necessita: o consolo. A responsabilidade é muito grande, a árvore nos foi entregue. Não vamos arrancar os seus galhos, colocar enxertos, negar-lhe a água da caridade e do amor. A doutrina do Cristo, a doutrina consoladora não tem soldados armados que ferem e matam sonhos e esperanças. O soldado do Cristo é um lutador que usa a arma do bom senso e do conhecimento, enfrentando os inimigos da Doutrina ou aqueles que não a conhecem, com a maior das armas deixadas por Jesus: os exemplos.

Ali, na minha frente, brilhando de luz: O Livro dos Espíritos, Prolegômenos: Ocupa-te, cheio de zelo e perseverança, do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois esse trabalho é nosso. Nele pusemos as

bases de um novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade (...). Não te deixes desanimar pela crítica. Encontrarás contraditores encarniçados, sobretudo entre os que têm interesse nos abusos. Encontrá-los-ás mesmo entre os Espíritos, por isso que os que ainda não estão completamente desmaterializados procuram frequentemente semear a dúvida, por malícia ou ignorância. Prossegue sempre. Crê em Deus e caminha com confiança: aqui estaremos para te amparar e vem próximo o tempo em que a Verdade brilhará de todos os lados.

A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará nascimento a opiniões dissidentes. Mas, todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão num só sentimento: o do amor do bem e se unirão por um laço fraterno, que prenderá o mundo inteiro. Estes deixarão de lado as miseráveis questões de palavras, para só se ocuparem com o que é essencial. E a doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem comunicações de Espíritos superiores.

Tudo era luz, a introdução trazida como Prolegômenos nos convidava a refletir sobre os ensinamentos dos Espíritos. Uma chuva de pétalas de rosas caía sobre todos os presentes e suave música nos acariciava. Foi quando se iniciou uma preleção. O orientador falou que o espírita não pode relutar em responder quando inquirido qual é a sua religião e jamais dizer: sou kardecista. Devemos responder: sou espírita. Muitos dizem: baixo espiritismo, alto espiritismo, espiritismo de mesa, espiritismo elevado, O exemplo ainda é o nosso cartão de visita. Todas as religiões devem ser respeitadas, principalmente quando acreditamos na nossa. Muito nos foi mostrado: que todos os que desejam ser os donos da verdade ferem companheiros e jamais serão úteis a alguém; que, se cada espírita não procurar atrapalhar a Doutrina, já a estará ajudando; que Jesus jamais Se denominou Mestre e quanta humildade Ele transmitiu; que não basta dizer não faça isso, não faça aquilo nem criar ídolos, como fizeram com o Cristianismo; que somos uma doutrina sem sacerdotes e sem ornamentos; que as vestes brancas devem ser as que nos cobrem o espírito e o nosso perispírito; que não temos talismãs nem orações milagrosas ou amuletos, porque o nosso coração é nosso escudo, quando nele mora o amor; que o espírita não alimenta o vício do álcool nem o do fumo, porque precisamos estar lúcidos para apreciar a beleza da vida; que o incenso, a mina, as velas, não são adotados nas nossas Casas, porque são coisas materiais e nós usamos a prece para nos sustentar o espírito. Casamento espírita não o fazemos, porque não adotamos rituais, nem batismo. Aquele que se diz espírita precisa de muita fé para deixar para trás o materialismo, que nos dificulta a caminhada.

Muitas coisas nos foram ditas ali no auditório da ala trinta e três. Ao encerramento, o instrutor cumprimentou a todos nós pelo estudo que fizemos no Educandário de Luz. Depois da prece final, despediu-se. Mas em todos os painéis do auditório, apareceu: Isaías, Capítulo 61º, versículo 1: O Espírito do Senhor repousou sobre mim, porque o Senhor me ungiu. Sabemos que Jesus leu esta passagem na Sinagoga de Nazaré e a aplicou a Si mesmo e à Sua missão de arauto de outra libertação maior e mais importante, da escravidão do orgulho. Encontramo-la também em Lucas, Capítulo 4º, versículos 16 a 23. Fui o último a sair. Cabisbaixo, despedi-me, tocando cada poltrona, olhando aquele lugar lindíssimo, onde muito me

foi ensinado. Quando cheguei ao jardim, o grupo me esperava e nos abraçamos, emocionados. Foi quando Palário, o meu bom amigo, apareceu, convidando-me a acompanhá-lo. Despedi-me de cada companheiro com o coração repleto de agradecimento.

Tomás entregou-me um livro, dizendo-me:

— Felicidades, amigo, nós amamos você.

Arlene e Luanda abraçaram-me forte. Saí, ligeiro, enlaçando os ombros de Palário. Este, em silêncio, fitou-me com o mais belo olhar de carinho.

Caminhamos pelos jardins floridos do Educandário e, como Zaqueu, buscamos um sicômoro, não de Jericó, a perfumada, mas do Educandário belo e majestoso, uma árvore cujas folhas são parecidas com as folhas da amoreira e cujos frutos são bastante parecidos com os figos. As raízes aparecem por fora da terra e unem-se ao tronco formando arcos, permitindo assim que nela se suba com facilidade, o que eu fiz. Palário, olhando para o alto, falou-me:

— Eu não sou Jesus, mas quero que hoje leve-me para sua casa.

— Palário, terei todo prazer em recebê-lo, não sou Zaqueu, dele só tenho a estatura diminuta, mas me sentirei feliz em levá-lo à minha casa, porque há muito o meu coração o abriga com carinho.

Desci ligeiro e assim fomos buscando nas alamedas do Educandário o caminho de volta à nossa Casa. Enquanto estava no alto do sicômoro, pude divisar o Educandário de Luz e sorri de felicidade, pois nós fomos um dos chamados e, se Deus quiser, lutaremos para ser um dos escolhidos. Palário comentou:

— Luiz, existem os que seguem e os que param. Os que dizem “não tenho nada com isso”, e os que se sentem responsáveis por tudo e por todos. Os que só sabem criticar e os que estão presentes no sofrimento que hoje invade a Terra. Os que não matam esperanças, que não fazem mal a ninguém, e aqueles que só criticam e maltratam. Os que são covardes, por isso contra a caridade, e os que se ocupam com o sofrimento alheio. Há também os que procuram os livros doutrinários e os que os ignoram, porque os levam à verdade. Os que seguem, seguem e seguem.... buscando sempre aprender, e os que julgam que tudo sabem. A vida é uma estrada de quilômetros e mais quilômetros, mais do que suficientes para dividir os homens em duas categorias: os que seguem e os que param.

— Palário, obrigado por tudo.

— Agradeça a Ele — falou, olhando para cima.

Contemplei o céu, agradecido, e suas nuvens brancas formaram uma cascata de bênçãos. Sorri, acenando para cima, dizendo:

— Obrigado, meu Deus!

www.luzespirita.org